

JOÃO FERNANDO DE MORAES TROIS

**A TRAVESSIA DA LINGUAGEM
NA OBRA DE JACQUES LACAN:
UMA LEITURA**

**PORTO ALEGRE
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO**

**A TRAVESSIA DA LINGUAGEM NA OBRA DE JACQUES LACAN:
UMA LEITURA**

**JOÃO FERNANDO DE MORAES TROIS
ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES**

Texto preliminar de Tese de Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso apresentada como requisito parcial para a qualificação junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE (RS)

2007

À Nise, pelo carinho.

Ao Bernardino, pela presença.

Ao André, pelo essencial onde meus projetos se cruzam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Valdir do Nascimento Flores, por sua orientação e ensino nas letras – por sua seriedade que faz série – e por sua presença, generosidade e apoio em minha travessia pela linguagem.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa pela preciosa interlocução. Nomeadamente: Elisabete Vieira, Fabiana Oliveira, Fabio Aresi, Jefferson Lopes Cardoso, Leandro Dieter, Luiza Milano Surreaux, Maria Angélica Zamora Xavier, Paula A. Nunes, Tanara Zingano Khun.

Agradeço a Professora Doutora Marta D’Agord do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS por me aceitar como aluno do PPG em Letras da UFRGS em seu Seminário de Psicanálise e lógica: a relação de contradição. Agradeço a Professora Doutora Kathrin Rosenfield do Programa de Pós-Graduação em Letras na área de Estudos de Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, pela disciplina ministrada sobre as “Configurações do real e do imaginário nas literaturas estrangeiras modernas: literatura e filosofia”. Agradeço a Professora Doutora Margareth Schäffer da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Linha de Pesquisa: Ética, Alteridade e Linguagem na Educação. Temática: Educação, Subjetividade e Linguagem. Por me permitir participar de sua disciplina sobre “Prática de Pesquisa”, por sua leitura atenta e dedicada com a qual constrói suas aulas que muito contribuíram com meu trabalho.

Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca examinadora desta tese de doutorado: Professora Doutora Ana Maria Medeiros da Costa; Professora Doutora Marlene Teixeira; Professora Doutora Simone Rickes; Professor Doutor Mário Fleig.

Agradeço ao PPG de Letras da UFRGS pelo acolhimento nesta casa.

A linguagem e a vida são uma coisa só.

João Guimarães Rosa.

RESUMO

Este trabalho visa construir uma reflexão sobre a linguagem, tomando como ponto de partida determinados rastros deixados ao longo das elaborações teórico-clínicas de Jacques Lacan. Parte da hipótese de que não só é possível depreender uma teoria da linguagem da leitura da obra de Lacan, como também se pode encontrar, nessa obra, a presença dos recursos operatórios necessários a tal leitura.

Para tal, busca rastrear as modalidades como a linguagem comparece em diferentes momentos da obra de Lacan, para que, a partir daí, possam ser depreendidas considerações sobre a existência de uma teoria da linguagem em Lacan. Considera, ainda, que as diferentes formas e os diferentes momentos da presença da linguagem na obra de Lacan apresentam um eixo comum relativo ao campo da clínica psicanalítica. Definindo tais momentos como retornos enunciativos de Lacan sobre seu próprio fazer clínico, que lhe permitem elaborar sua obra no movimento de voltar a enunciar determinadas questões clínicas desde outro lugar.

Tendo como *corpus* de análise os próprios textos de Lacan presentes em seus *Escritos* e *Seminários*, este trabalho sustenta a pertinência de recortar a obra de Lacan em três momentos lógicos de leitura, realizando uma leitura *a posteriori* desses momentos na forma de séries significantes encadeadas. Na primeira série destaca o conceito de *significante* para formalizar a lógica do conceito de *inconsciente*; na segunda destaca o conceito de *letra* relacionado ao conceito de *lalíngua*; e na terceira, o conceito de *Sinthoma* ao operar sobre o conceito de *Real*. Sendo que, estes retornos enunciativos são acompanhados por uma pergunta que orienta a leitura: que teoria da linguagem se depreende no decorrer desse processo?

Conclui-se desta leitura que a *travessia da linguagem na obra de Lacan* inicia-se pelo jogo de significantes, transformando-se posteriormente na integral de equívocos operacionalizada pela criação do conceito de *lalíngua*, e se estende, se dobra e se anota produzindo a topologia dos nós, que pelos encaixes e desencaixes de uma língua na outra, retorna à prática textual de Freud via Joyce através da noção lacaniana de *saber-fazer-com-a-linguagem*.

Palavras-chave: epistemologia – estrutura – enunciação – lingüística – língua – linguagem – *lalangue* – metáfora – metonímia – psicanálise – paradigma – sujeito – significante – signo – sintoma – *sinthoma* – topologia.

RESUMEN

Este trabajo constituye una reflexión sobre el lenguaje, teniendo como punto de partida determinados rasgos dejados a lo largo de las elaboraciones teórico-clínicas de Jacques Lacan. Parte de la hipótesis de que no sólo es posible deducir una teoría del lenguaje de la lectura de la obra de Lacan, como también sí puede encontrarse en su obra la presencia de los recursos operatorios necesarios para tal lectura.

Para tal, busca rastrear las modalidades en las cuales el lenguaje comparece en los diferentes momentos de la obra de Lacan, para entonces deducir sus consideraciones sobre la existencia de una teoría del lenguaje en Lacan. Considera, además, que las diferentes formas y los diferentes momentos de la presencia del lenguaje en la obra de Lacan tienen un eje común relativamente al campo de la clínica psicoanalítica. Definiendo tales momentos como retornos enunciativos de Lacan sobre su propio hacer clínico, que le permite elaborar su obra en el movimiento de volver a enunciar determinadas interrogaciones clínicas desde otro lugar.

Teniendo como *corpus* de análisis los propios textos de Lacan presentes en sus *Escritos* e *Seminarios*. Este trabajo sustenta la pertinencia de recortar la obra de Lacan en tres momentos lógicos de lectura, realizando una lectura *a posteriori* de estos momentos en la forma de series significantes encadenadas. En la primera serie destaca el concepto de *significante* para formalizar la lógica del concepto de *inconsciente*; en la segunda destaca el concepto de *letra* relacionado al concepto de *lalíngua*; en la tercera, el concepto de *Sinthoma* al operar sobre el concepto de *Real*. Sendo que estos retornos enunciativos son acompañados por una pregunta que orienta la lectura: ¿qué teoría del lenguaje puede deducirse en el curso de este proceso?

Concluye de esta lectura que *la travesía del lenguaje en la obra de Lacan* comienza por el juego de significantes, transformándose posteriormente en la integral de equívocos operacionalizada por la creación del concepto de *lalíngua*, y se extiende, se dobla y se anota produciendo la topología de los nós, que por los encajes y desencajes de una *língua* en otra, retorna a la práctica textual de Freud por Joyce a través de la noción lacaniana de *saber-hacer-con-la-lengua*.

Palabras-chave: epistemología – estructura – enunciación – lingüística – lenguaje – lengua – *lalangue* – metáfora – metonimia – psicoanálisis – paradigma – sujeto – significante – signo – síntoma – *sinthoma* – topología.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO: INICIANDO A TRAVESSIA - UM PORTO DE PARTIDA..... | 11 |
| 1.1 PRINCÍPIOS DO TRABALHO..... | 11 |
| 1.2 DA JUSTIFICATIVA DO ESTUDO..... | 17 |
| 1.3 DO CORPUS..... | 21 |
| 2 EM BUSCA DE UMA TEORIA DA LINGUAGEM EM LACAN | 24 |
| 3.POR UMA MODALIDADE DE LEITURA DA OBRA DE LACAN: DA LEGITIMIDADE DE RECORTAR A OBRA DE LACAN EM TRÊS MOMENTOS LÓGICOS DE LEITURA..... | 36 |
| 3.1 EXPOSIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE RECORTE A PARTIR DA LEITURA DE LEITORES DE LACAN..... | 37 |
| 3.2 EXPOSIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE RECORTE A PARTIR DA LEITURA DOS TEXTOS DE LACAN..... | 40 |
| 3.3 OPERADORES DE LEITURA – O PAR ORDENADO E O OITO INTERIOR..... | 42 |
| 4. LEITURAS DE LACAN: TRAVESSIA PELO LADO EXTERNO DA D’OBRA...46 | 46 |
| 4.1 UMA LEITURA DO RETORNO A LACAN ATRAVÉS DO DIZER DE LACAN – DE SEU DIZER “QUE NÃO” | 47 |
| 4.2 UM RETORNO DE LEITURA A LACAN “ATRAVÉS DO ESPELHO” | 51 |
| 4.3 UM RETORNO DE LEITURA A LACAN A PARTIR DO SINTHOMEM..... | 53 |
| 4.4 UM RETORNO DE LEITURA A LACAN A PARTIR D’A TERCEIRA..... | 55 |
| 5 LEITURAS EM LACAN: TRAVESSIA PELO LADO INTERNO DA D’OBRA.....59 | 59 |
| 5.1 RETORNO I – A TRAUMDEUTUNG E A POÉTICA: A LINGUAGEM E O SIGNIFICANTE. | 61 |
| 5.1.1 A LINGUAGEM E O SIGNIFICANTE | 63 |
| 5.2 RETORNO II – A TRAUMDEUTUNG E A GRAMÁTICA: A LINGUAGEM E A LÓGICA DO FANTASMA..... | 80 |
| 5.2.1 A LINGUAGEM E A LÓGICA DO FANTASMA | 83 |
| 5.3 RETORNO III – A TRAUMDEUTUNG E O FAZER LITERÁRIO: A LINGUAGEM E O SINTHOMEM..... | 98 |
| 5.3.1 O FAZER CLÍNICO E O FAZER LITERÁRIO: A LINGUAGEM E O SINTHOMEM..... | 100 |

| | |
|--|------------|
| 6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA LINGUAGEM QUE SE DEPREENDE DA OBRA DE LACAN..... | 112 |
| 6.1 DO PRIMEIRO RETORNO: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM..... | 115 |
| 6.2 DO SEGUNDO RETORNO: O INCONSCIENTE É UM SABER FAZER COM LALANGUE.. | 129 |
| 6.3 DO TERCEIRO RETORNO: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UM NÓ QUE NOMINA..... | 136 |
| 6.3.1 A LINGUAGEM COME O REAL..... | 138 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A TRAVESSIA DA LINGUAGEM EM LACAN. O FECHO SE FECHA – UM PORTO DE CHEGADA..... | 142 |
| 8 PARA CONCLUIR | 172 |
| 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 174 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1: ESQUEMA DO A POSTERIORI..... | 15 |
| FIGURA 2: UMA VOLTA A MAIS..... | 15 |
| FIGURA 3: BANDA DE MOEBIUS..... | 27 |
| FIGURA 4: DOBRA DO OITO INTERIOR..... | 28 |
| FIGURA 5: OITO INTERIOR DE E. PORGE..... | 49 |
| FIGURA 6: O PENTE INVERTIDO DE FREUD..... | 70 |
| FIGURA 7: GRAFO 1 DA SUBVERSÃO DO SUJEITO..... | 73 |
| FIGURA 8: GRAFO 2 DA SUBVERSÃO DO SUJEITO..... | 74 |
| FIGURA 9: GRAFO 3 DA SUBVERSÃO DO SUJEITO..... | 76 |
| FIGURA 10: GRAFO ESQUEMÁTICO..... | 77 |
| FIGURA 11: GRAFO COMPLETO DA SUBVERSÃO DO SUJEITO..... | 78 |
| FIGURA 12: ANAMORFOSE – ESCHER: <i>THIS ONE IS "ESCHER I: DOUBLE (...)</i> | 121 |
| FIGURA 13: O FURO NA LINGUAGEM | 149 |
| FIGURA 14: MÃOS DESENHANDO-SE – ESCHER: <i>DRAWING HANDS</i> | 162 |

1. INTRODUÇÃO: iniciando a travessia - um porto de partida.

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas (João Guimarães Rosa. Grande Sertão: veredas).

1.1 Princípios do trabalho

Este trabalho visa a construir uma reflexão sobre a linguagem, tomando como ponto de partida determinados rastros deixados ao longo das elaborações teórico-clínicas de Jacques Lacan. Parte da hipótese de que não só é possível depreender uma teoria da linguagem da leitura da obra de Lacan, como também se pode encontrar, nessa obra, a presença dos recursos operatórios necessários a tal leitura.

Esclarecemos de imediato que, ao invés de fazermos uma pergunta direta a respeito do que vem a ser linguagem para Lacan, buscaremos rastrear as modalidades como a linguagem comparece em diferentes momentos de sua obra, para que, a partir daí, possam ser depreendidas considerações sobre a existência de uma teoria da linguagem em Lacan.

Destaca-se, ainda, que, independentemente da forma ou dos deslocamentos a partir dos quais a linguagem comparece nos diferentes momentos das construções teóricas de Lacan, devido a seu fundamento clínico, a linguagem é sempre convocada como um conceito complexo, sendo utilizada tanto em sua dimensão tópica quanto funcional. Nesse sentido, podemos dizer que suas funções metafóricas e metonímicas não serão efetivas se não estiverem referidas a um lugar de articulação que permita deduzir deste enlace um sujeito. Não apenas um sujeito cujo lugar de enunciação esteja dado na língua (cf. Benveniste. PLG II. 1989: 81-90¹), mas um sujeito cujos rastros correspondam a sua marca inconsciente (Lacan. [1966]1998).

Seguir a travessia² das elaborações teóricas de Lacan sobre a linguagem é acompanhar as construções que ele realiza sobre o campo psicanalítico. Sendo este, um campo onde a *práxis* passa a habitar o seio da *theoria*. O que nos permite dizer que, na psicanálise, o universo da linguagem deve estar referido ao diverso da experiência clínica.

¹ Os dois volumes de *Problemas de lingüística geral*, de Émile Benveniste, serão referidos no texto da tese através das notações PLG I e PLG II seguidas de data e página. As referências na íntegra às obras encontram-se em *Referências Bibliográficas*.

² Travessia é tanto o ato quanto o efeito de atravessar o campo da linguagem. Cf. cap 6.1

Podemos dizer, ainda, que na psicanálise o que é demandado pelo domínio conceitual do saber está determinado pelo domínio conceitual do fazer³. Dito de outra forma, o critério epistemológico da psicanálise pode ser definido através de uma “relação entre teoria e técnica tal que a técnica se entende como aplicação prática de uma teoria e que a teoria se entende como teoria dessa técnica” (Bouquet. 1997: 40). Essa definição corresponde a um dos princípios de Alexandre Koyré⁴, trabalhado por Simon Bouquet (1997) nas considerações que faz a respeito da epistemologia da lingüística, e por Jean-Claude Milner (1987), em suas reflexões epistemológicas sobre a psicanálise lacaniana.

Porém, cabe avisar, não trataremos da dimensão propriamente científica da obra de Lacan. Este trabalho é tão-somente a proposta de uma leitura possível da trajetória da linguagem na obra de Lacan, não se configurando, portanto, em uma leitura totalizante. Nosso visor não é nem científico, nem epistemológico. O que buscamos em Lacan não é exatamente uma abordagem da linguagem que esteja relacionada à lingüística, mas também uma linguagem que seja poética, seja literária, seja topológica. Em outras palavras, formas da presença da linguagem as quais apresentam um eixo comum que as define e que pode ser denominado de um saber-fazer-com-a-linguagem relativo ao campo da clínica psicanalítica, elaborado por Lacan. É isso que estaremos denominando de teoria da linguagem na obra de Lacan.

Tendo esclarecido a noção de teoria que estamos mobilizando resta definir que noção de obra supõe-se estar aí implicada.

Milner (1996), referindo-se à noção de obra para falar dos textos escritos e transcritos de Lacan, diz que “A obra não é uma matéria, é uma forma e é uma forma que organiza a cultura” (p.12), ao introduzir nela diferenciações. Vale lembrar que Milner utiliza o vocábulo *cultura* em sua acepção francesa⁵, ou seja, como elemento da civilização. Ora, se a obra é forma⁶ e não conteúdo, então não se trata tanto de erudição (*civilite*), mas de um modo de se relacionar com o saber (um saber insabido, inconsciente). O que, a nosso ver, se aproxima mais da definição alemã de *Kultur*, tal como a utiliza Freud, por exemplo, em *O mal estar na*

³ Sendo deste lugar que a psicanálise irá interrogar a linguagem – de seu fazer.

⁴ Alexandre Koyré (1892-1964) pertence à tradição francesa da história das ciências. Seus comentários sobre o cogito cartesiano influenciaram diretamente a teoria do significante de Lacan.

⁵ Sobre a história e diferenciação dos conceitos de cultura e civilização, confira-se o trabalho do historiador Norbert Elias: *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. (1939) Publicado em 1990, no Brasil, por JZE, com apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro.

⁶ Rede relacional que define determinados elementos por suas relações combinatórias.

*cultura*⁷: o que podemos colher (cultura = *colere* = colher, juntar, congregar, recolher) do espírito de uma época. Assim, se a obra é aquilo que se escreve como elemento de cultura, para ser lido, ela também traz um estilo. Uma forma própria de articular esses elementos de cultura.

Milner (1996) apresenta o exemplo de Ferdinand de Saussure:

O sucesso dos editores deve-se justamente ao fato de que o singular se impôs a todos (dizemos o Curso); a partir daí, existe de fato uma obra de Saussure, constituída pela associação de um nome de autor e de um texto, entendido como unitário; a partir daí, Saussure ingressa nas fileiras da cultura (Milner.1996: 13).

Ao que Milner acrescenta: Freud e Lacan fizeram esta opção por si mesmo e escreveram seu nome na cultura situando-se assim “fora-da-ciência” (Cf. Milner. 1996:13).

Sem discutirmos o mérito das análises de Milner (1996), destacamos em seu argumento que, se uma obra se define ao inscrever na cultura a associação de um nome à unidade de um texto, logo se trata de um nome de autor, no sentido que Michel Foucault dá a esse termo, ou seja, o de um fundador de discursividade. Alguém que introduz na cultura a possibilidade e a regra da produção de novos enunciados. Assim, se “ler Lacan é ler o que está escrito” (Milner. 1996:25), – numa referência aos *Escritos* (Lacan. [1966]1998) – este escrito também diz do lugar de sua enunciação (em referência aos *Seminários* proferidos por Lacan). A obra surge nesse “lugar de fratura” (Milner. 1996:25). Não se trata de buscar o complemento de um no outro, tentando esclarecer os *Seminários* pelos *Escritos* ou interpretar os *Escritos* através dos *Seminários*.

Tais considerações cumprem a função de esclarecer que, ao abordarmos a obra de Lacan, não faremos diferenciações ou estabeleceremos qualquer hierarquia de valor entre os *Escritos* e os *Seminários*. Ambos compõem nossa leitura, assim como farão parte de nosso *corpus* de análise.

Diremos, então, que nosso recurso, ou método de leitura da travessia da linguagem na obra de Lacan, parte dos seguintes pressupostos:

⁷ Apesar de Freud utilizar ambos os termos em sua obra não se detendo nas diferenças entre cultura e civilização. O termo alemão “Kultur” é a forma germanizada do latim “Cultura”, derivado etimologicamente de *collere* (ou *colere*) que tem os sentidos básicos de: a) juntar, colher, congregar, conseguir, recolher, e b) atar. Conforme o *Dicionário Latino Português* de J. Cretelha Júnior e G. De Ulhôa Cintra. Confirmam o trabalho de Pereira “Das unbehagen in der kultur”. In: Revista *Che Vuoi?* Psicanálise e cultura. Ano II nº6. Outono de 1989.15-17. São Paulo-SP / Porto Alegre-RS.

1º) Da pertinência em recortar a obra de Lacan em três momentos lógicos (cf. Infra Cap.3). Referimos-nos a eles como momentos lógicos por não estarem necessariamente atrelados a uma cronologia evolutiva do texto lacaniano podendo estabelecer diferentes correlações no interior da obra, *Seminários* e *Escritos*.

2º) Da realização de uma leitura *a posteriori*⁸ desses momentos na forma de séries significantes encadeadas. 1ª série: refere-se ao conceito de *significante* para tratar do conceito de *inconsciente*; 2ª série: trata o conceito de *letra*⁹ relacionando-o ao conceito de *lalangue*; 3ª série: estabelece o conceito de *Sinthome* para repensar o conceito de *Real*.

3º) Da utilização de determinados correspondentes topológicos (também utilizados por Lacan em diversos momentos de sua obra) para abordar esta leitura como, por exemplo, a figura da *Banda de Moebius* e o *oito interior*.¹⁰ (Cf. Infra 3.3).

A referência à topologia é constante e intrínseca à obra de Lacan. Marca seu início, com o “movimento de retorno” aos fundamentos freudianos, e seu fim, com o “nó” do *sinthoma*.¹¹ Entre o início e o fim, Lacan produz uma série de retornos enunciativos que lhe permite elaborar sua obra no movimento de voltar a enunciar desde outro lugar (tal como descreve a dupla volta no *oito interior*). Se este movimento de retorno pode ser lido com o recurso da *superfície moebiana* e do *oito interior*, então temos um operador de leitura que é oferecido pelo próprio Lacan. Assim, podemos ler a obra através de suas dobras internas¹². Este retorno enunciativo é acompanhado pela pergunta que orienta nossa leitura: que teoria da linguagem se depreende no decorrer desse processo?

⁸ Confira-se a figura nº 1 do índice de figuras.

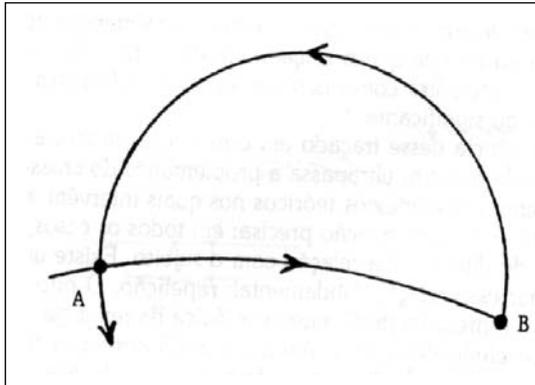
⁹ É necessário distinguir a letra que é derivada do significante, que corresponde ao primeiro momento das elaborações de Lacan, da letra como objeto teórico autônomo, relativa a este segundo momento da obra de Lacan (cf Milner. 2003:152).

¹⁰ A figura topológica da *banda de moebius* se produz ao tomarmos uma faixa inicialmente bilátera – frente / verso – realizando uma meia torção na faixa, seguida de um movimento de translação que possibilite colar suas extremidades. Transforma-se, dessa forma, a superfície anteriormente bilátera da faixa em uma superfície unilátera. O trajeto iniciado em um lado da folha desliza pelo seu avesso retornando novamente ao direito quando uma volta se completa. (Cf. Granon-Lafont. 1990) Confira-se, no índice de figuras, a figura nº3.

¹¹ O *Sinthoma* foi o último seminário proferido por Lacan, antes de ser tomado pela afasia. No dizer de Harari, “Talvez o *Seminário 23* constitua o último momento, ao longo do ensino lacaniano, em que se privilegia uma rigorosa unidade interna” (2003:25).

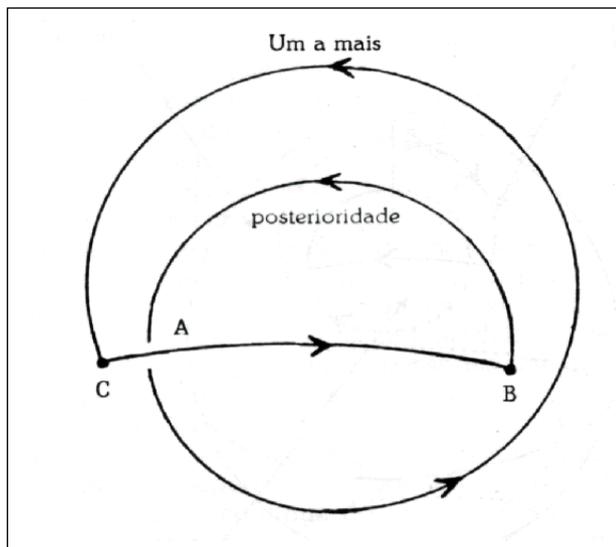
¹² Afastemos de início qualquer semelhança com a noção de dobra presente nas últimas pesquisas de Foucault sobre uma topologia geral do pensamento, assim descritas por Deleuze (1995): “Pensar é dobrar, é duplicar o fora com um dentro que lhe é coextensivo.” Ou seja, o exterior ao dobrar-se se produz um interior, uma zona de subjetivação. A dobra a que nos referimos neste trabalho é de outra ordem. Refere-se a experiência topológica da *Banda de Moebius* (Cf. nota 2) que nos permite pensar determinadas trajetórias relativas ao espaço do plano projetivo, assim como o “oito interior” nos permitirá pensar seu correspondente no espaço de superfície. Em suma, trata-se da possibilidade de figurar o movimento da estrutura, relativo ao fazer psicanalítico. Suporte intuitivo, como nos dirá Lacan (Seminário. Livro 14. [1967] inédito).

Podemos iniciar a acompanhar a construção desse modelo a partir do esquema do *a posteriori*, onde B retroage sobre A constituindo uma relação.



[Figura 1: Esquema do *a posteriori*]

Num segundo momento, que corresponde a um segundo movimento, temos a constituição da dupla volta a que nos referimos com sendo um retorno enunciativo, um voltar a dizer.



[Figura 2: Uma volta a mais]

Em resumo: se nossos recortes são lógicos e não cronológicos, não se trata de ler Lacan a partir de uma linha do tempo que seria recortada demarcando uma descontinuidade ao interromper um determinado período para iniciar outro. Também não se trata do movimento em espiral, dialética que buscaria uma espécie de síntese totalizante a cada período que se reabriria a novas sínteses em busca de sua forma plena. Também não se trata de confinar a obra de Lacan em perímetros circunscritos pela investigação histórica. Ao contrário, trata-se de realizar uma leitura de Lacan através dos próprios conceitos que ele fundou. Também não se trata de dizer que Lacan abandona determinadas referências no decorrer de sua obra, tais como as referências à lingüística, à filosofia, à matemática. Se pensarmos em termos de referência, talvez seja o caso de situá-las na clínica. É deste lugar

que seus conceitos são constantemente renovados. Ou seja, seus conceitos têm o estatuto de serem tecidos na mesma linguagem da prática psicanalítica.

Freqüentemente Lacan faz corresponder à sua lógica uma topologia que permita demonstrar certo tipo de relação entre os conceitos, elevando-a, assim, ao estatuto de representação dessa própria relação. Com isso, permite renovar a compreensão dos conceitos, uma vez que estabelecemos outras formas de relações. Assim, a referência à topologia permite pensar que, de certa forma, não há diferentes conceitos de linguagem em Lacan, mas um conceito de linguagem que se repete e que é, a cada vez, renovado, produzindo novas relações e produzindo-se nelas. Assim, talvez se possa dizer que existe na obra de Lacan uma trajetória da linguagem e uma teoria que se pode apreender dessa trajetória.

Cabe considerar, também, que usamos a referência à topologia como uma espécie de pauta musical, na qual se expressam as “variações” dos conceitos, assim como a forma musical em sua função melódica obedece ao princípio de “mudar, em cada repetição, um ou alguns de seus elementos constitutivos (ritmo, compasso, etc.)” para permitir ao ouvinte reconhecer o tema original (Ferreira. 1986:1754), em nosso caso, a linguagem.

Dessa forma, buscamos situar na obra de Lacan três momentos de renovação conceitual que indicam novas formas de relação com a linguagem. A cada um, corresponde uma torção (ou dobradura) cuja representação topológica indica sua própria trajetória. Como diz Lacan, em *A terceira*: “... a linguagem é verdadeiramente o que não pode avançar sem se torcer e se enrolar, sem se contornar de uma maneira da qual não posso dizer que não dê aqui o exemplo” (Lacan. 1986[1974]: 35).

Assim como será feita referência à topologia como operador que orienta nossa leitura, ilustraremos as análises elegendo um paradigma que mostre esses movimentos da linguagem na obra de Lacan. Nosso paradigma de análise será o sonho (*Traumdeutung*) situado em três retornos – dobras –, de forma a organizá-los em séries significantes, ou seja, em um conjunto de textos que, ao serem constituídos por determinados traços de leitura, produzem uma determinada articulação no interior da obra.

Em suma, este trabalho estrutura-se da seguinte forma:

Parte das hipóteses de que:

- 1) A linguagem comparece de diferentes formas e em diferentes momentos da obra de Lacan. O que permite rastrear sua trajetória;

- 2) As diferentes formas e os diferentes momentos da presença da linguagem na obra de Lacan apresentam um eixo comum relativo ao campo da clínica psicanalítica.
- 3) Esses momentos correspondem a retornos enunciativos de Lacan sobre seu próprio dizer que renovam sua teoria e sua clínica psicanalítica.
- 4) Depreende-se das hipóteses anteriores que existe uma teoria da linguagem em Lacan que é gestada ao longo de suas elaborações teóricas e clínicas, presentes e formalizadas tanto em seus *Seminários* quanto em seus *Escritos*.

Essas hipóteses apresentam-se, no corpo do trabalho, na seguinte disposição: Explicitam-se, num capítulo inicial, os pressupostos que conduzem à busca por uma teoria da linguagem na obra de Lacan. Num segundo capítulo, trata-se de definir esta busca. No capítulo três sustenta-se uma modalidade possível de leitura da obra de Lacan. No capítulo seguinte, “Leitura de leituras de Lacan”, apresentam-se quatro trabalhos de leitura, realizados por psicanalistas lacanianos, a respeito da obra de Lacan. Trata-se, portanto, de leituras externas à obra de Lacan¹³. Na seqüência, lê-se o capítulo cinco, “Leituras em Lacan”, onde se apresenta uma leitura interna à obra de Lacan organizada em três momentos lógicos. Chega-se assim ao sexto capítulo, onde são estabelecidas considerações sobre a teoria da linguagem que se depreende da leitura que realizamos da obra de Lacan. E deste ao capítulo sétimo, de fechamento, compondo as considerações finais do trabalho.

Passemos agora às justificativas deste estudo.

1.2 Da justificativa deste estudo.

Este estudo pode ser justificado em três direções.

- 1) Ser uma tese no campo das letras.

O fato de ser uma tese no campo das letras, mas que trata de uma noção de linguagem que é operacionalizada em outro campo, justifica-se por um duplo contínuo, externo e interno a este campo. Mesmo sendo externa ao campo das letras, a psicanálise de Lacan teve como suporte inicial de sua escrita o texto de Saussure. Lacan retorna a Freud com Saussure. Em outras palavras,

¹³ Externas no sentido em que estamos posicionados em relação a elas, já que nosso objeto primeiro de leitura é a obra de Lacan, são textos que se configuram como objetos de leitura secundários em relação a nossa leitura da obra de Lacan, porém também se constituem como objetos primários, se pensados a partir da leitura que deles realizamos.

Lacan escreveu com seus significantes, imprimindo seu estilo (stilo) na folha de papel saussureana. Os significantes lacanianos, em contato com os significantes saussureanos, reviram a superfície da folha produzindo sua dobra (sua meia torção); opondo-se produzem sua translação; reunindo-se em sua diferença colam suas pontas; o movimento que os relaciona e os reverte os faz passar um no outro produzindo o jogo da diferença; produzindo o novo (Trois. 2004:134).

Esse “novo” campo teórico, Lacan o forjou para pensar sua clínica psicanalítica. Entretanto, o movimento realizado por Lacan permite também que se retorne ao campo lingüístico produzindo novas possibilidades de relações conceituais. Assim constituindo sua justificativa interna,

(...) abrindo-se a novas interrogações, e a outras possibilidades de pensar o “fazer-com-a-língua”, a prática com a linguagem, relacionando-a a outras cenas enunciativas, como as da clínica, por exemplo, alargando seu horizonte expressivo e sua capacidade de produzir novas interrogações (Trois. 2004:134).

2) Sustentar a pertinência de estudar a teoria da linguagem que se depreende da presença da linguagem na obra de Lacan.

Três perguntas se impõem quanto a essa segunda direção da justificativa que é aqui esboçada: por que, para quem e para que estudar uma teoria da linguagem em Lacan? Procuraremos sustentar que, além de alguma possível contribuição que este trabalho possa ter – ao menos nos termos em que está sendo proposto – quanto a aspectos da clínica, há implicações epistemológicas e lingüísticas lhes são decorrentes. Dessa forma, espera-se colaborar para que psicanálise e lingüística tornem-se menos refratárias.

Para a psicanálise, nos parece claro que qualquer estudo sobre a leitura dos textos de Freud e de Lacan deve contribuir de algum modo com o campo da psicanálise, nem que seja pelo fato de se inserir num debate que renove as condições de enunciação desse campo ao ser sustentado (este debate) a partir de uma posição de leitor que explicita o que essa leitura contribuiu em sua compreensão e elaboração deste campo. Ao implicar-se nesta leitura, não é raro ver o texto alçar-se à condição de alteridade, produzindo a inversão entre emissor e receptor na experiência de receber sua própria mensagem advinda da leitura do texto¹⁴.

¹⁴ Talvez seja importante ressaltar aqui um posicionamento ético que se deriva de uma modalidade de leitura enunciativa, ou seja, que qualquer movimento de leitura que implique um leitor, torna este leitor também um autor: o autor de sua própria leitura.

Para a lingüística, dependerá da posição ocupada por seu leitor para que este trabalho seja lido no percurso que vai da lingüística à psicanálise e que retorna à lingüística, resignificando seu campo, com categorias psicanalíticas que possam auxiliar no tratamento da linguagem, tais como, por exemplo, as noções de sujeito e de inconsciente, ou mesmo de *lalíngua* ou de *sinthoma*.

Sobre as considerações epistemológicas, podemos citar Jean-Claude Milner (1996) como exemplo de um lingüista que soube tirar conseqüências epistemológicas de leitura da psicanálise, retornando à lingüística como um procedimento de orientação epistemológica possível no trabalho com a linguagem.

Mas disso não deriva o fato de a lingüística exigir um ideal de ciência implicar que a psicanálise também o exija.

Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. É aí, no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra (Lacan. Escritos. 1998:873).

A psicanálise não demanda da ciência que lhe constitua um ponto ideal de referência, pois ela estrutura internamente suas próprias proposições. Se o campo da psicanálise é regulado por uma exterioridade científica, não faz sentido apresentarmos uma ciência como modelo a seguir, pois: “não há ideal de ciência para a psicanálise tampouco há para ela ciência ideal. A psicanálise encontrará em si mesma os fundamentos de seus princípios e métodos” (Milner. 1996:31).

Também não se trata de inverter as posições e construir para ciência um ideal da análise, chegando assim ao que corresponderia à sua forma de análise ideal, isto é, ajustando a ciência ao modelo da psicanálise.

Milner sabe escapar dessa armadilha, a de constituir a psicanálise como ciência ideal. Na leitura que faz de Lacan, o que encontra não é propriamente uma ciência, mas o que denomina de um *Doutrinal de ciência*, isto é, um conjunto de proposições sobre a ciência e de proposições sobre o sujeito. Esse doutrinal é o que permitirá a articulação da ciência ao sujeito. Assim, a ciência passa ao domínio da contingência quando a *práxis* psicanalítica passa a habitar o seio da *theoria*. É a partir de um fazer que podem ser jogados os dados de um domínio conceitual.

Assim, cabe ao lingüista dizer como seu campo pode ser afetado positivamente por essa contingência.

3) Defender a pertinência em se adotar esse percurso.

Por que adotar esse percurso? Por que não fazer um estudo conceitual do termo linguagem? Provavelmente um percurso dessa ordem nos levaria partir de um dos campos – lingüístico ou psicanalítico – para definir seus conceitos e as formas de relação interna e externa a cada campo, com suas decorrentes conseqüências epistemológicas e de método. Muito provavelmente esse procedimento nos levasse a sustentar a possibilidade de estabelecer um metadiscurso, segundo o termo proposto pelo lingüista M. Arrivé (1994), que articulasse a lingüística e a psicanálise. Não acreditamos nessa possibilidade e sustentamos que os possíveis pontos de contato entre esses campos não são pontos de identidade.

Também não é nossa proposta acompanhar as diferentes relações estabelecidas entre os conceitos teóricos implicados nos diferentes campos para demonstrar seus pontos de contato e delimitar suas condições de validade. Isto acarretaria perguntar sobre a compatibilidade entre as teorias; sobre a possibilidade de se produzir um mesmo “vocabulário” de base; sobre se este “vocabulário” partilharia dos mesmos conceitos fundamentais e, finalmente, em que sentido e em benefício de qual disciplina se efetuariam as devidas implicações teóricas, etc.

Dessa forma, esclarecer as homonímias entre os campos tornar-se-ia uma tarefa central, além de confrontar definições, interrogar sobre as terminologias para desfazer as ambigüidades e mesmo tentar estabelecer suas relações de homologia. Enfim, o problema e a solução esboçados pertenceriam a um método comparativo (interno e externo) relativamente às disciplinas. Ainda seria preciso um passo a mais que permitisse passar dos conceitos propriamente ditos ao discurso que os integra.

Se se procede a uma pesquisa terminológica é natural que as palavras sirvam de via de acesso ao exame do aparelho conceptual. Mas, (...) na prática, cada um parece proceder diferentemente. É menos na palavra que nos apoiamos do que na sua estrutura de recepção; menos no elemento (o significante, a sílaba, a frase, etc.) do que no nível integrante e na operação, denominada sintagmatização por E. Benveniste, que tornou possível a transferência. De nível em nível o significante e a palavra, para ficar com os tipos usados neste livro, integram-se num discurso, quer dizer – e é a acepção semiótica do termo – numa organização transfrásica

relacionada com uma ou várias instâncias de enunciação (Coquet. In: Arrivé. 1994: xiii).

Provavelmente concluiríamos que a homonímia adquire sua significação em um determinado discurso e passaríamos a incluir em nossas perguntas o questionamento sobre quais seriam as condições de enunciação necessárias para que determinado discurso ou metadiscurso se articulasse.

Porém, como dissemos, nosso enfoque não é especificamente epistemológico, no sentido de ordenar, classificar e distinguir conceitos (Cf. Milner. 1987:41). Mesmo que seja inevitável tocar essas questões no decorrer do trabalho, não é a partir delas que construiremos nossa abordagem analítica. Não se trata de articular nada, nem lingüística à psicanálise ou vice-versa, nem procedimentos analíticos ou teóricos mobilizados por esses campos. Por isso, não estabeleceremos uma investigação epistemológica que pretenda elaborar uma teorização articulada a uma concepção de linguagem que permita conferir aos conceitos lingüísticos e psicanalíticos algum estatuto metateórico.

Trata-se apenas de estabelecer certas relações de implicação entre essas duas redes de relações – da lingüística e da psicanálise –, que se implicam, mas não se recobrem, compondo na própria linguagem, em seu saber-fazer-com-a-linguagem. Esperamos, a partir disso, situar que linguagem é esta da qual fala Lacan. É o que pretendemos construir neste percurso.

1.3 Do Corpus

Utilizamos como *corpus* de análise os próprios textos de Lacan, tanto os que constam em seus *Escritos* (1966) quanto às transcrições de seus *Seminários* (proferidos entre 1953 e 1977). Desse conjunto de textos que formam a grande elaboração de sua obra, foram escolhidos os considerados mais representativos a respeito da presença da linguagem. É sobre esse conjunto de textos que é formulada nossa hipótese de trabalho, anunciada acima, a saber: verificar qual teoria da linguagem pode ser apreendida da leitura da obra de Lacan.

Nosso procedimento analítico parte do princípio segundo o qual Lacan não abandona em sua obra a referência à linguagem como fundamento da teoria psicanalítica. Essa leitura que fazemos se sustenta a partir do destaque dado a três momentos lógicos das elaborações teórico-clínicas de Lacan. Tais momentos, por sua vez, se apóiam no paradigma estrutural da linguagem reformulado a partir de reelaborações internas que constituem o sistema de

pensamento conceitual de Lacan. Assim, tem-se: o inconsciente é estruturado: (1) como uma linguagem; (2) como *lalangue*; (3) como um nó que nomina.¹⁵

Portanto, pertencem ao *corpus* determinados textos da teoria psicanalítica de Jacques Lacan, escolhidos devido à ênfase que têm na conceitualização em torno da presença da linguagem. Por exemplo, a teoria do *significante*, a concepção de *sujeito do desejo inconsciente*, o conceito de *letra e lalíngua*, assim como suas referências à topologia e ao *sinthoma*.

A relação entre tais momentos da teoria serve de suporte de leitura para o estabelecimento da teoria da linguagem presente nos diferentes momentos da obra de Lacan, assim como para as possíveis correlações internas - a serem estabelecidas retroativamente - entre esses três momentos lógicos de leitura.

Algumas palavras, ainda, sobre os critérios de recorte da obra em três momentos lógicos.

Falar em recortes evoca descontinuidades, o que pode levar a supor a existência de uma contradição com a idéia de dobra, evocada acima, que opera uma continuidade. Essa suposta contradição comprometeria o desenvolvimento da tese da existência contínua da presença da linguagem na obra de Lacan. Porém, esclarecemos de início que chamamos de “recortes” os momentos lógicos. Com isso, queremos evocar que se trata de três tempos de modulação do pensamento lacaniano. Tomados isoladamente, cada um desses momentos realiza uma noção de linguagem. Ao tomá-los em seqüência, queremos mostrar que a noção de linguagem se transforma e se exprime em novos conceitos, através de outras exigências formais. Ainda, ao tomá-los em seu conjunto, podemos evidenciar que cada um, na passagem ao seguinte, é reabsorvido e revitalizado ao ser incluído em novas configurações. Assim, são movimentos lógicos ligados entre si.

Sustentamos ainda que, em Lacan, esses momentos lógicos correspondem a “viradas” na forma de conceber a prática clínica. Sendo assim, partimos do princípio homólogo segundo o qual a tessitura conceitual de Lacan é clínica, por isso não se trata de perguntar pelo significado da linguagem, mas por seu uso, por suas modalidades de funcionamento, sua estrutura, ou ainda, pelas formas de saber-fazer-com-a-linguagem em análise.

¹⁵ Usamos o termo nomenclatura, pois não se trata apenas de designar o nome (como no caso da nomeação), mas de criar um nome. Segundo o dicionário Aurélio (1986), nomenclatura é “figura pela qual se dá nome a uma coisa que não o tem” (p.1198).

Dito de outra forma, a presença da linguagem em Lacan é constante, porém renovada, pois “a experiência da psicanálise reelabora o saber clínico” (Allouch. 1995:09). Corresponde aos momentos de giro dos conceitos ao retornarem à experiência. A linguagem tornada significante vai tornando-se letra (que fixa a experiência clínica), move o inconsciente, evoca a poesia, torna-se um saber-fazer-com-a-letra. O conceito, ao ser aberto à sua práxis, vai tornando-se operacional, diz da sua própria transformação, torna-se estrutura, depois topologia. A linguagem deixa de ser um produto da lingüística. Essa noção – de produto da lingüística – torna-se um mito (da ciência), como o espírito que deixa seu corpo e busca novas formas para se reencarnar. Mas a linguagem também não é um produto do inconsciente, mas sua modalidade de estrutura. A operação analítica não é lingüística (nem religiosa ou mística).

Retomando nosso argumento, numa palavra, para finalizar esta introdução: os “recortes” que estamos propondo não afetam a linguagem como forma. Caso o leitor continue a se perguntar sobre os critérios dessa “divisão”, respondemos, desta vez, pela negativa, dizendo que não se trata de dar exemplos, mas de colocar ênfase na função da obra implicando seu autor na busca de compreender algo de seu fazer-com-a-linguagem, para daí podermos dizer algo ao concluir.

Dito isso, o leitor perceberá que nosso “corpus de análise” é um “corpus teórico”, e pode nos (ou se) perguntar: Como se pode tomar uma teoria como “corpus”? Respondemos, parcialmente, para não nos precipitarmos em concluir, que se estamos tomando a obra de Lacan pelo que ela diz da linguagem, talvez o gesto de recortar a obra seja homólogo ao gesto de recortar a linguagem.

Que status teria uma tese assim? É o que pretendemos responder ao longo deste trabalho. Por ora, levemos as questões conosco. Aguardemos o tempo necessário para que ao deixarem de ser impessoais (vemos que / elas), passem a ser recíprocas (compreendemos / eu-tu), para que possam, então, vir a ser assim enunciadas (concluo que / eu).

2. EM BUSCA DE UMA TEORIA DA LINGUAGEM EM LACAN

O sertão está em toda parte (João Guimarães Rosa).

Sem dúvida, Lacan é um homem de letras. E talvez se pudesse dizer mesmo das Belas-Letras. Enquanto psicanalista foi leitor engenhoso e atento ao espírito da letra freudiana. Enquanto escritor foi um inventor atento ao fio da palavra. Com sua glosa inventiva mergulha a linguagem no espaço topológico, situando-se fora da situação literária (artística) – expressão criativa – ou lingüística – expressão inventiva –, mas fazendo retornar sobre ela(s) sua marca, sua letra, regenerando seus significantes e, num mesmo lance, criando novos conceitos referentes à situação clínica – "é toda estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente" (Lacan [1957]1978:225).

Parafraseando Eduardo Coutinho (1991), em seu trabalho sobre Guimarães Rosa¹, diríamos que Lacan realizou na travessia² de sua obra um verdadeiro "processo de revitalização da linguagem". Esse processo põe em relação dois aspectos.

O primeiro diz respeito à relação entre a linguagem e a clínica psicanalítica. Há – do lado do analisante – uma potencialidade inventiva da linguagem presente no processo de "associação livre" referido – do lado do analista – a uma escuta escansiva e criativa que o modula. Um associa significantes; outro altera significantes. Aqui Lacan retorna a Freud no mais alto estilo. No sentido das observações do teórico suíço da literatura Walter Muschg (1930), sobre o estilo da escrita de Freud:

A maneira como ele domina o teclado dos acordes, consonâncias e associações sonoras que resvalam internamente umas nas outras, o modo com é capaz de acompanhar o mais tresloucado jogo espirituoso de palavras (Wortwitz), os caprichos do som em liberdade; com ele, um irmão de Morgenstern e dos Surrealistas, dedilha o plano microtonal da linguagem, isso deixa em todo leitor uma forte impressão a

¹ Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. Eduardo F. Coutinho. In.: Col. Fortuna Crítica. p.202-242. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. RJ. 1991.

² Lacan renovou a tal ponto a psicanálise (freudiana) que talvez pudéssemos dizer, com Lacan, que a trajetória de análise (intimamente relacionada com a trajetória da re-construção de seu campo conceitual) é uma aventura. Uma aventura comparável às grandes aventuras produzidas na literatura tais como, por exemplo, as de um Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas – ou de um James Joyce – Ulisses ou Finnegas Wake. Daí poder dizer que a psicanálise tanto como prática quanto como teoria é, ela mesma, uma verdadeira travessia da (e pela) linguagem. É trecho de um caminho e ato de passagem. "O trabalho com a palavra liga a psicanálise à literatura" (Harari. 2003.p.25), ou roseanamente falando: "A linguagem e a vida são uma coisa só".

respeito de sua capacidade de fantasia lingüística (Sprachphantasie). A esse capítulo segue merecidamente aquele como outro sobre a reprodução das relações sintáticas no sonho, que todo poeta receberá com fascínio. Só alguém com profunda vivência da linguagem poderia escrever tudo isso (Muschg. In: Campos. 1997: 10).

O segundo aspecto diz respeito à linguagem conceitual (re)criada por Lacan, a partir de sua *práxis* clínica. Aqui, Lacan também segue Freud em sua postura perante a linguagem. Homem de ciência atento aos recursos do idioma alemão ao fabricar seus conceitos fundamentais da análise (*Analytische Grundbegriffe*).

Ambos são aspectos – clínico e teórico – de um mesmo processo no qual a linguagem não é apenas um meio, mas também um fim – já que é tanto um meio de intervenção cultural da psicanálise quanto meio e fim para um tratamento psicanalítico. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma teoria da linguagem em Lacan relativa à(s) forma(s) como a linguagem atravessa sua obra.

É na linguagem que Lacan realiza seu percurso de volta ao precursor (seu retorno a Freud) revitalizando o discurso analítico. A travessia que Lacan realiza na e pela linguagem se dá entre um ponto (texto) de partida (Freud) e um ponto (texto) de chegada (Joyce)³. Encontro feliz (Freud = Joyce = alegria⁴) do significante em "função de transferência" (*Übertragung*) que marca simbolicamente lugares discretos de inscrição na obra. Transferência da letra freudiana à letra lacaniana que se implica num sistema de trocas (dar/receber), sustentado pela dádiva simbólica (retribuir) que faz circular o espírito (significante) da coisa dada (cf. Marcel Mauss. 1974).

Mas se a travessia que Lacan realiza pela psicanálise e pela linguagem pode ser uma metáfora de seu percurso, os traços que ela deixa não o são. Eles aí estão para serem lidos. Uma leitura na qual não há simetria autor / leitor, sendo a própria leitura um movimento de retorno enunciativo a um texto primeiro (fundador). Entre um e outro há o sulco que a palavra no campo da linguagem. Entre cada ato (leitura; escrita) um hi-ato. Lá onde a travessia encontra sua dobra. “Este traço é semelhante à marca deixada pela linha que se volta por cima

³ Lacan dedica-se ao comentário da escrita de Joyce em seu *Seminário 23* para formular seu conceito de *sinthome* e sua última teorização sobre sua concepção de um final de uma análise.

⁴ Ambos os nomes, Freud e Joyce significam alegria em suas respectivas línguas de origem (Alemão e Inglês). Lacan refere-se ao fato do nome de Joyce fazer eco ao de Freud em sua hipótese do porque Joyce não teria se analisado com Jung.

dela mesma” (Granon-Lafont. 1990:36). A dobra implica um vazio em seu interior. O inominável impele a uma escrita que não o repele.

Essa travessia mostra o movimento próprio da d’obra. Nesse neologismo que condensa obra e dobra – ao referir-se ao perpétuo movimento de retorno sobre o próprio dizer – uma obra se escreve no perpétuo re-ato enunciativo de um dizer. Sendo que este “próprio” do dizer encontra-se cifrado no enigma de um nome próprio, representante representativo da singularidade do lugar de um dizer – ou de um lugar que se faz (ao) dizer. Nesse caso, trata-se da D’Obra de Jacques Lacan.

Assim, pode-se dizer que Joyce sempre esteve presente no horizonte das elaborações teórico-clínicas de Lacan, já que podemos re-ler Lacan através de suas últimas elaborações sobre o *sinthoma* flexionando-o sobre si mesmo. Lá onde Lacan retorna a Freud com Joyce.

A travessia da linguagem realizada por Lacan tem muitas margens que passam pela lingüística, pela filosofia, pela lógica, mas sem deixar de ser poesia. Passagens que podem ser apreciadas como paisagens onde a linguagem se faz poesia; onde a linguagem se faz língua – pois existe mesmo um conceito de língua em Lacan, ou talvez se pudesse dizer uma língua *a la Lacan*, uma *Lalíngua*⁵ (Lacan. [1972-73]1982). Passagens onde a linguagem se faz sujeito (*parletre*⁶) que se faz letra e música (*significante*) (Lacan. [1966]1998). A linguagem também se faz Homem (*Sinthomem*⁷) (Lacan. [1975-76]). Torna-se o próprio "fazer" do Homem de letras (Joyce). A linguagem é onde o Homem a Caminho Está (HCE⁸). É Obra em

⁵ Lacan, no *Seminário Livro 20* (cap. *O rato no labirinto*. 1973) expõe o que entende por este neovocabulo Lalangue. “Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação”. Mantivemos a tradução transcritiva de *Lalíngua* de acordo com a leitura de Haroldo de Campos que não concorda com a tradução proposta para o português de Alíngua. “Diferentemente do artigo feminino francês (La), o equivalente (a) em português, quando justaposto a uma palavra, pode confundir-se com o prefixo de negação, de privação (...) Assim, alíngua poderia significar carência de língua, de linguagem, como alingüie seria o contrário absoluto de plurilingüie (...) equivalendo a “deslinguado”. Ora, LALANGUE, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação de língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tencionada pela “função poética”, uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação” (Haroldo de Campos. In.: *O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua*. 1997:19).

⁶ Neologismo criado por Lacan, através da condensação de *parole-être* e por assonância *lettre* (fala-ser-letra).

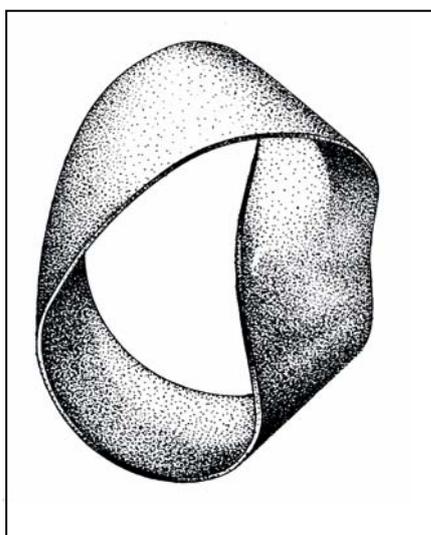
⁷ Numa referência ao *Seminário 23. Le Sinthome* (1975-76).

⁸ HCE é um “personagem” que comparece em vários momentos da última obra de Joyce, *Finnegans Wake*, que trata do morrer e renascer de Finnegan. São letras de um nome próprio que se degradam em diversos significantes no decorrer do livro. Os sentidos concorrem entre si, e não esgotam sua leitura. Entre eles: o Homem a Caminho Está... Segundo Donald Schüler: “A sigla HCE, originária das iniciais encontradas em manuscritos, aparece freqüentemente repetida em nomes próprios e comuns: Howth Castle and Environs; Here Comes Everybody; Haveth Children Everywhere; How charmingly exquisite; Humme the Cheapner, Esc; hod, cement, and edifices; Haroun Childeric Eggenberth... A personalidade de HCE se forma e se dilui” (Schüler. 1999:17)

andamento. *Work in progress*. Lacan com Joyce volta a Freud ao relermos a linguagem onírica (*Traumdeutung*) como uma escritura que se oferece para ser ouvida⁹.

Se no meio da d’obra há travessia, procuraremos situar alguns momentos que consideramos fundamentais e que constituem suas dobras de entrada (interioridade) e de saída (exterioridade), as conjunções e as disjunções na teoria da linguagem de Lacan¹⁰.

Essa dobra corresponde, no espaço topológico, a *Banda de Moebius*¹¹, que, por sua vez, permite situar o espaço da “transferência” (Lacan-Freud-Joyce) na obra, representado por outra dobra, presente no movimento do “*oito interior*”¹².



[Figura 3: Banda de Moebius]

A figura do *oito interior* se produz ao dobramos a parte superior de um oito sobre a parte inferior de si mesmo, traçando uma curva dupla. É a representação plana da tridimensionalidade da *Banda de Moebius* (comprimento, largura, altura), cuja dobra encontra-se representada pelo cruzamento (por cima - por baixo) da linha sobre ela mesma, formando o trajeto interno da dobra do oito. Esta trajetória interna da linha do *oito interior* ou

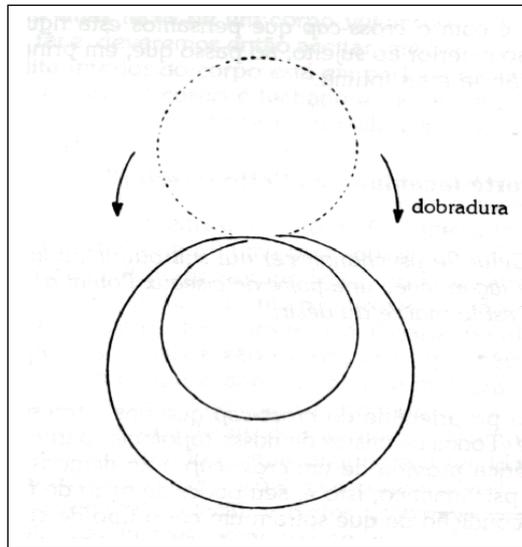
⁹ Como experiência textual de linguagem escrita que se transforma em diferentes possibilidades de leitura ao ser lida em voz alta (que se da a ouvir) confira-se o livro “Galáxias” do poeta concretista Haroldo de Campos, que abordaremos no item 6.1 deste trabalho.

¹⁰ Conjunções e disjunções em sentido lógico; não estamos nos referindo aqui às modalidades da gramática.

¹¹ A topologia em geral pode ser definida como o estudo do espaço e de suas propriedades (Cf. Granon-Lafont. 1990:12). A figura topológica da banda de Moebius pode ser tanto um objeto físico construído à mão quanto uma escrita produzida na planificação de um desenho. Confira-se nota 6.

¹² O que Lacan chama de “oito interior” é o traçado de uma curva que se fecha sobre si mesma, como vemos na figura de um oito dobrado, na qual, “o anel superior do oito é dobrado no interior do anel inferior” (Nasio. 1991:146). “Lacan a nomeia de ‘curva dupla’”. (Cf. Granon-Lafont. 1990:27). Assim, a dobra da faixa de Moebius fica indicada no “oito interior” pelo cruzamento da linha que se curva sobre ela mesma (no traçado por cima - por baixo). Confira-se Figura nº. 2, no índice de figuras.

da dobra na *Banda de Moebius* escreve o momento temporal de “retorno” (no *a posteriori*) que estamos nos referindo neste trabalho.



[Figura 4: Dobra do Oito interior]

A obra de Lacan é marcada por esse constante “movimento de retorno” aos fundamentos do texto freudiano. Sua “(...) tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam seu sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem (...)” (Lacan. [1966]1978:111) Mas para que este “retorno” se produza, é preciso:

(...) ater-se à topologia do sujeito, a qual só se elucida em uma segunda volta sobre si mesma. Tudo deve ser redito em uma outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade. Sem dúvida, foi de uma sutura praticada por um momento nessa articulação que se assegurou àquilo que de ciência logramos em termos absolutos (Lacan. [1966]1998:369).

Assim, retornar é voltar a dizer desde outro lugar, ou seja, é poder questionar tudo novamente, é ler “[...] não oferecendo certezas, mas exigindo do leitor que ele ‘coloque de si’” (Souza. 1985:13). Este retorno enunciativo, ao implicar um ponto de torção que se estrutura numa *superfície moebiana*, constitui a noção de dobra como um operador de leitura. Dispositivo que é oferecido pelo próprio Lacan, em vários momentos de sua obra¹³. Talvez isso nos autorize a flexioná-lo sobre ele próprio para, a partir da Dobra em Lacan, ler a Obra

¹³ Podemos citar, por exemplo, entre outros, o Seminário 9. *A identificação* (1962), onde Lacan apoia as leis do significante sobre a banda de Moebius; o Seminário 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), onde situa o campo do desejo no espaço da dupla volta do “oito interior”; o Seminário 14. *A lógica do fantasma* (1975), quando Lacan trata do retorno da repetição inscrita sobre o traçado do “oito interior”. Etc. A partir do seminário da Identificação os exemplos da topologia de Lacan se multiplicam. Enfim, a referência à topologia não somente é constante na obra de Lacan como é intrínseca a seu pensamento.

de Lacan – em nosso caso, visando buscar qual teoria da linguagem é gestada no decorrer dessa obra.

Se nosso operador de leitura é a dobra, nosso paradigma de análise é o sonho (*Traumdeutung*). Ora, não seria o modelo do sonho o que levou a psicanálise a produzir uma outra função da linguagem, a que permite enunciar o desejo? Teria ela relação com a função poética de Roman Jakobson? Seriam relações de parentesco? De consangüinidade ou de afinidade?

Não esqueçamos o que diz Lacan, em sua aula no dia 11 de janeiro de 1956: “a poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo” (Lacan. [1956]1981:94). Evocando, dessa forma, sua noção de *poiesis*, enquanto processo ou ato de criação com a palavra, define a experiência psicanalítica através desse manejar “a função poética da linguagem para dar ao desejo sua mediação simbólica”.

Esse paradigma (“onírico”) permite apresentar os três momentos de retorno enunciativo realizados por Lacan. Cada qual correspondendo a uma série significante, a partir de um conjunto de textos que produzem uma determinada articulação no interior da obra, e que constituem nossos traços de leitura. Leitura que é operada pelo próprio ato de dobradura configurado pelo modelo de retorno a Freud¹⁴.

Retorno I – Num primeiro momento Lacan retorna a Freud via Saussure para enunciar um Freud que num mesmo lance inventa a psicanálise e escreve “um verdadeiro tratado de lingüística”, quando realiza suas análises do inconsciente. Tendo como exemplo *príncipes* o destaque dado por Freud ao modo de funcionamento da linguagem na “Interpretação dos Sonhos”.

Como diz Lacan em suas “conversações” com Paolo Caruso (1969):

Quando realiza uma análise do inconsciente, a qualquer nível, Freud sempre faz uma análise de tipo lingüístico. Freud havia inventado a nova lingüística antes de que esta nascesse. Você me pergunta em que me distinguia de Freud: nisto, no fato de que eu conheço a lingüística. Ele não a conhecia, e portanto

¹⁴ Cabe ressaltar que, a dobra é uma forma de escrita que, por sua vez, permite uma modalidade de leitura das marcas deste “movimento de retorno” enunciado por Lacan. Com Philippe Julien (1993), podemos ler deste retorno a Freud realizado por Lacan que: “Não se trata mais do que se efetuava, de um retorno a Freud, pouco a pouco, no dia a dia, *com* Lacan. Não há mais Lacan. De agora em diante, trata-se de dizer o que é para nós o retorno a Freud, não mais com Lacan, mas *de* Lacan. Ora, isto depende de nosso dizer. Decorre disso que este retorno seja por si mesmo freudiano, quer dizer, uma aliança fracassada, não um fracasso qualquer, mas o do inconsciente freudiano, enquanto que a causa inconsciente “é uma função do impossível sobre a qual se baseia uma certeza” (p.xv).”.

não podia saber que o que fazia era lingüística, e a única diferença entre sua posição e a minha esta no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é lingüística. Posso dizê-lo porque a lingüística apareceu poucos anos depois da psicanálise. Saussure a começou pouco depois de que Freud, na Interpretação dos Sonhos, houvesse escrito um verdadeiro tratado de lingüística. Esta é minha “distância” de Freud. (In: Caruso.1969: 112)

Dessa forma, Lacan busca ler “as estruturas freudianas” constituindo um “campo de linguagem” que lhe permita analisar “as formações do inconsciente”¹⁵. Seu aforismo: *o inconsciente está estruturado como linguagem*.

Com isso, Lacan não está unindo Saussure a Freud – superfícies textuais diversas (lingüística e psicanálise) –, mas produzindo uma superfície unilátera de leitura referente ao texto freudiano (psicanálise) ao mergulhar Saussure no *espaço moebiano* (não orientável) de seu retorno a Freud.

Cabe ressaltar que é impossível para o lingüista produzir uma interpretação dessa dobra (seu Real é outro; não toca a realidade do inconsciente que é sexual), pois isso implicaria cortar a *Banda de Moebius* retornando à bilateralidade inicial lingüística/psicanálise. Ou, ainda, ao cortá-la, reproduziria *in absentia* (com seu gesto reproduzido no ar) o próprio movimento da dobra (constitutivo da banda) realizada anteriormente. Só lhe resta, então, produzir sua própria dobra e mergulhar seus “objetos” no espaço moebiano de seu próprio campo enunciativo.

Nesse primeiro momento ou movimento de retorno, Lacan mobiliza a topologia, a retórica e a poesia, para dar conta da experiência psicanalítica, da qual apresenta os fundamentos enraizados na estrutura da linguagem. Uma linguagem com estrutura própria. Uma linguagem própria ao desejo. Uma linguagem cifrada na estrutura do significante (criacionista) que se impõe à estrutura da linguagem. Dobra que duplica a linguagem nela mesma articulando-se pelos conceitos e concepções de linguagem em Lacan. Adiantamos que este é o momento onde predominam suas teorizações sobre o significante e o inconsciente.

¹⁵ Um breve lance de olhos sobre os títulos dos *Seminários* de Lacan, durante esse período de seu ensino, nos indica um movimento de leitura que vai no sentido da elaboração da estrutura do pensamento freudiano – Os *Escritos* técnicos de Freud (1953-54); O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55); A estrutura freudiana das psicoses (1955-56); A relação de objeto e as estruturas freudianas (1956-57); formando o contexto de elaboração dos conceitos de inconsciente e desejo, que encontramos nos dois *Seminários* seguintes: As formações do inconsciente (As estruturas freudianas do espírito) (1957-58) e O desejo e sua interpretação (1958-59).

Retorno II – Lacan retorna ao paradigma freudiano da *Traumdeutung* (*A interpretação dos sonhos*) para demonstrá-lo em sua própria lógica. Se, no primeiro retorno, Lacan produz sua teoria da linguagem na diferença com a linguagem poética, no segundo, essa diferença se constitui pela comparação com a gramática. O sonho, nosso paradigma, se apresenta como paradoxo¹⁶, já que para ler a linguagem dos sonhos é preciso buscar uma lógica da não-contradição. Um exemplo: Freud diz que “não há conjunções nos sonhos”. Como imaginar um texto ou um relato (do sonho no caso) sem conjunções? É preciso produzir outra teoria da escrita que permita “ler” o que o sonho mostra. Uma teoria que consiga separar a lógica da gramática que a envolve. Lembremos que a lógica gramatical não suporta a não totalização de um conjunto dado (a língua). Logo, não pode sustentar qualquer coisa que a exceda e que configure a idéia de “não-todo”. Assim, exclui a noção de incompletude (castração) que conceitos como o de desejo, por exemplo, exigem. Essa outra lógica Lacan irá nomeá-la de “lógica do fantasma”. Fantasma de completude para gramática, tela do desejo para o sujeito. Destacamos as re-elaborações do conceito de letra e indicamos o fundamento do conceito de *lalangue*, neste momento. Numa paráfrase homóloga ao aforismo do retorno I: *o sonho está estruturado como lalangue*.

Retorno III – Da poética à gramática chega-se ao artístico e literário (James Joyce). Pontos de contato e não de identidade; por isso permitem escrever a diferença e sustentar que há uma teoria da linguagem em Lacan. Nosso paradigma toma outra configuração. O texto onírico de Joyce: *Finnegans Wake*. Lacan volta a Freud pela via de Joyce. Assim como o sonho, o escrito de Joyce apresenta-se com um impasse à leitura.

Nas palavras de Edmund Wilson, em seu “Raízes da criação literária”:

Ulysses de James Joyce foi uma tentativa de apresentar diretamente os pensamentos e os sentimentos de um grupo de dublinenses durante todo um dia de verão. Finnegans Wake é uma tentativa complementar para apresentar as fantasias de um sonho e as sensações semi-inconscientes experimentadas por uma única pessoa no decurso do sono de uma noite (Wilson. Inédito. s/d:191.)¹⁷

¹⁶ Guimarães Rosa, ao falar de sua escrita com Lorenz, seu editor alemão, nos diz que “os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras”.

¹⁷ Cap. VI. O sonho de H.C. Earwicker. Edmund Wilson. Raízes da criação literária (s/d).

Lacan, em “A função do escrito” ([1972-73]1982), fala desse impasse de leitura em Joyce:

O que é que se passa em Joyce? O significante vem recheiar o significado. É pelo fato de os significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem – leiam Finnegans Wake – que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que nós analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler – o lapso. É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes. Mas é precisamente por isso que se lê mal, ou que se lê através, ou que não se lê. Mas esta dimensão do ler-se, não é ela suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico?

O de que se trata no discurso analítico é sempre isso – ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa (Lacan. [1972-73]1982:51-52).

O significante abre-se a uma verdadeira galáxia de significantes. A letra transforma-se em literal e o literal em *litura* (rasura). A linguagem se transforma em *lalíngua* que se alonga e desliza de uma língua a outra. Até que Joyce transforma-se na prática textual de Freud.

Joyce pode-se aqui dizer, fica sendo o Freud da “prática textual”, o paradigma daqueles escritores que não se contentam com a literatura beletrística e, ao invés de dissimular os bastidores do engendramento do texto (como, segundo repara Poe, gosta de fazer o “histrião literário”), põe a nu esses processos de produção (Campos. 1997:13).

Esse trabalho, com a própria materialidade da linguagem, com a potência inventiva da linguagem que faz soar outra coisa que não o sentido (cf. Harari. 2003), permite a Lacan reelaborar o fazer analítico, que não mais “reside em interpretar o inconsciente, mas em que “toque em pedaços do real” (prefacio de Souza: Harai.2003:11). A teoria da escrita transforma-se em um “fazer-com”, um escriturar com os nós, com as franjas do Real, já que “(...) Lacan pretende justamente ensinar como o Real se manifesta por pontas” (Harari. 2003:248). A partir deste Real (sem sentido) que interroga o sujeito, é preciso fazer algo. Produzir um saber-fazer-ali-com ... a linguagem, a língua, *lalíngua*. Um saber-fazer-com-o-*sinthoma*.

O *sinthoma* torna-se assim esse *significante novo* que talvez permita a Lacan retornar em busca do teor¹⁸ de sua concepção de linguagem.

Sem dúvida, o campo da lingüística não sai isento dessa tomada da linguagem “realizada”¹⁹ por Lacan²⁰. Sendo assim, cabe ressaltar que se perguntar sobre a presença da linguagem em Lacan implica necessariamente passar por alguns pontos relativos à subversão da lingüística feita por Lacan em função da clínica. O que não significa que estejamos estudando a presença de alguma teoria lingüística em Lacan ou as possíveis relações entre dois campos conceituais específicos. São questões bem diferentes. Apesar do “método” clínico da psicanálise passar pela linguagem e pressupor uma teoria da linguagem seu objeto não é lingüístico.

Sabemos que um grande lingüista (Milner) e talvez um dos melhores leitores (entre os psicanalistas ou não psicanalistas) da obra lacaniana disse que Lacan, a partir das elaborações presentes em seus últimos *Seminários* a respeito do conceito de *Sinthome* (cf. *Seminário 22 e Seminário 23*), abandona a lingüística como referência clínica (seguindo-se o abandono da filosofia e da matemática). Porém, nosso interesse é diverso. Sustentamos que existe uma teoria da linguagem em Lacan que é gestada ao longo de suas elaborações teóricas e clínicas presentes em seus *Seminários* e formalizadas em seus *Escritos*.

Que essa teoria da linguagem tenha elementos que possam servir ao campo da lingüística, talvez caiba ao lingüista dizer. Porém, lembramos que Lacan decalca a lingüística de sua base empírica, permitindo que se construa algo que seja simultaneamente da ordem do geral e do específico, e que se interrogue sobre a possibilidade de uma “lingüística” do singular – uma forma singular de fazer-com-a-linguagem, de fazer-com-a-língua²¹. Forma na qual a linguagem se faz presente no 3º momento (lógico) do pensamento lacaniano, tal como

¹⁸ Teor: texto de uma escrita; norma, regra; termo; proporção num todo de uma substância determinada. Segundo dicionário Aurélio.

¹⁹ Assim como o inconsciente se realiza no decorrer de uma cura. Confira-se o Sem. 11 de Lacan.

²⁰ Aliás, talvez nem a filosofia ou a matemática também saiam isentas, porém estas são questões que, para serem desenvolvidas, nos demandariam a escrita de outro trabalho. Deixemos apenas duas breves indicações. Uma apoiada na leitura do livro de Porge sobre *Os nomes do pai em Jacques Lacan* (1998). Se num primeiro momento podemos ler Freud com Lacan via Saussure, num segundo momento, a partir de 1963, mais especificamente, Lacan “(...) prega um novo retorno a Freud por intermédio de Descartes, ao afirmar que o percurso de Freud é cartesiano” (p.69). Talvez, então, a partir daí também fosse possível acompanharmos o percurso e o teor das concepções filosóficas e lógico-matemáticas de Lacan. Outra apoiada na leitura de Žižek (1991), ao sustentar que Lacan não abandona, mas renova a reflexão filosófica. “A nosso ver, Lacan é essencialmente hegeliano, mas sem o saber; certamente não o é onde se espera, ou seja, em suas referências explícitas a Hegel, mas precisamente na última etapa de seus ensinamentos, na lógica do não-todo, na ênfase colocada no real, na falta do Outro” (p.15).

²¹ Este fazer-com-a-linguagem implica em um fazer-com-a-língua que a renove, pela criação de novas formas de expressividade na língua, tal como o fazer poético nos fornece um exemplo. Poderíamos citar ainda, como exemplo, o trabalho de revitalização de “elementos da herança cultural do falante” (Souza.1997:04).

explicitaremos mais adiante neste trabalho. A nós interessa menos estabelecer as homônias entre os campos do que procurar descrever de que forma determinados "significantes" (sejam eles provenientes do campo da lingüística ou não) integram-se no discurso psicanalítico, relacionando-se com as instâncias de enunciação decorrentes das interrogações clínicas que o constitui.

Dessa forma, a abordagem que propomos diferencia-se também das modalidades de leitura que se apóiam na referência aos conceitos de metalinguagem e metadiscurso – como faz M. Arrivé (1994), por exemplo – para dar conta da elucidação das relações existentes entre os campos da lingüística e da psicanálise (e vice versa). Nosso "visor" de leitura não se reduz a "uma pesquisa terminológica" onde "as palavras sirvam de via de acesso ao exame do aparelho conceptual" (Coquet. In :Arrivé.1994: xiii), seja da lingüística, seja da psicanálise.

Também não se trata de colocar em relação dois objetos (linguagem e inconsciente) abordados a partir de dois discursos – lingüística e psicanálise. Isso já foi feito por Arrivé (1999) a partir de dois métodos: um cronológico, em que estuda as influências de um discurso sobre o outro a partir da história, e um que chamou de "problemas", em que examina três problemas: a) o "não há..." laciano (metalinguagem, relação sexual, etc...), b) o estilo, e c) o sentido oposto das palavras primitivas.

Relativamente a esses pontos nossa contribuição se dará apenas de forma indireta. Pois nosso vetor de leitura vai no sentido de seguir a presença da linguagem (e não da lingüística) em Lacan, acompanhando as diferentes viradas lógicas da teoria que desenvolveu. Teoria que se constitui através de uma seqüência de releituras, marcadas pela presença de recriações e nomeações conceituais, decorrentes das (re)formulações referentes à clínica psicanalítica.

Em uma palavra, nossa leitura será realizada do interior da obra laciana. É desse ponto que tentaremos acompanhar como a teoria da linguagem de Lacan produz suas dobras e convoca suas exterioridades e exclusões internas.

Para tal, propomos abordar a obra de Lacan em três momentos lógicos, por não estarem necessariamente atrelados a uma cronologia evolutiva do texto – *Seminários* e *Escritos* – laciano, podendo estabelecer correlações com diferentes momentos de sua obra, constituídos da seguinte forma:

1º momento: onde Lacan refere-se ao conceito de *significante* para tratar do conceito de *inconsciente*;

2º momento: em que trata do conceito de *letra* relacionando-o ao conceito de *lalangue*; e, finalmente,

3º momento: no qual Lacan enuncia seu conceito de *Sinthome* para repensar o conceito de *Real*.

Três momentos singulares que se correlacionam em seu *a posteriori* de leitura.

A linguagem, ao “traduzir” a (ou ao “traduzir-se” na) experiência analítica, comporta na trajetória da obra lacaniana, um triplo critério: uma poética do significante, uma lógica da gramática do fantasma e uma concepção literal do literário. Assim, o significante alça a linguagem a sua condição de equívoco (essência da poesia, condição do sujeito), e a letra ao se tornar veículo dessa mensagem (que vem do Outro, da linguagem), torna-se também seu próprio objeto (que ata o sujeito à linguagem).

Assim, a linguagem ao ser tomada no significante, faz deslizar o equívoco que nos permite trabalhar a dupla relação do significante à letra e vice-versa, que nos possibilita chegar na operação realizada com sua materialidade literal (corpo sutil da linguagem, na expressão de Lacan).

Parafraseando Lacan (em *A terceira*), podemos dizer que nossa hipótese assim se traduz: a linguagem é como uma linha que se estende, dobra-se sobre si mesma e, ao dobrar-se, inscreve-se numa determinada forma.

Poderíamos, ainda, nos perguntar sobre qual lugar na linguagem essa dobra se produz. Talvez esse lugar possa ser situado pelo próprio corte que interpreta e significa, representa ou designa esta dobra. A cada corte uma nova determinação se produz (uma nova dobra). Assim, ao situar-se na própria linguagem, a primeira dobra nos diz que “a linguagem é a estrutura”. A segunda dobra nos diz que “a linguagem é topológica”. E a terceira, que “a linguagem é um saber-fazer-com (o significante, a letra, *lalangue*, o *sithome*)”.

Passemos agora a apresentar como pensamos em realizar nossos três recortes situando seus lugares no “lençol de linguagem” da obra lacaniana, definido as três “formas” de presença da linguagem na obra de Lacan, assim como determinados elementos de sua teorização, para daí podermos depreender uma possível teoria da linguagem em (e de) Lacan.

3. POR UMA MODALIDADE DE LEITURA DA OBRA DE LACAN: da legitimidade de recortar a obra de Lacan em três momentos lógicos de leitura

Ler uma obra é o mesmo que fazer um trabalho: há sempre uma questão que persegue a gente a propósito desse ou daquele texto (Melman)¹.

Este capítulo deve ser lido como um preâmbulo do seguinte. Em outras palavras, a condição de leitura do capítulo 4 (cf. infra) é que se aceite o que está formulado aqui, no capítulo 3. É uma espécie de *a priori*.

Já anunciamos na introdução deste trabalho que faremos, no próximo capítulo, uma incursão em diferentes leituras da obra de Lacan com o propósito de validar nossa hipótese segundo a qual é possível, ao observar a presença da linguagem em Lacan, derivar dessa presença uma teoria da linguagem. No entanto, isso somente se tornará possível se aceitarmos que recortar a obra de Lacan em três momentos lógicos é um procedimento válido. Logo, este capítulo atende, simultaneamente, a um duplo propósito: a) justificar o procedimento adotado e b) proceder à introdução do capítulo seguinte.

Como se pode notar, há, neste trabalho, um embricamento entre as partes que é, em si, significativo. Partimos do pressuposto da legitimidade de recortar a obra de Lacan em três momentos lógicos para situar suas elaborações sobre o conceito de linguagem. Isso foi feito tomando por referência leituras da obra de Lacan feitas por leitores qualificados (suas publicações circulam no meio social e cultural da psicanálise lacaniana) e que participaram de diferentes momentos de seu ensino e cuja abordagem da obra lacaniana defende a pertinência de se recorrer a recortes lógicos de leitura².

Em suma, como alguns desses leitores situaram epistemologicamente seus recortes de leitura da obra de Lacan, recorreremos a eles para compor um contexto de leituras que permita justificar a pertinência do terreno onde situamos a nossa modalidade de leitura. Com esse objetivo, incluímos uma breve vista panorâmica em torno de algumas leituras da obra Lacan.

Será o tempo de uma excursão de cruzeiro. Não descenderemos a campo para explorar as nuances das paisagens locais. Nossa parada está mais adiante. Buscaremos apenas apreciar a paisagem com a qual nos vai apresentando os tons da cultura local: sua linguagem. Se não

¹ Charles Melman. 1991: 141.

² Esses leitores e suas respectivas leituras serão apresentados no capítulo seguinte (Cf.cap.4). Por ora, queremos apenas justificar a presença dos recortes feitos.

compreendermos bem as particularidades culturais de cada região de leitura, ao menos nos sentiremos em boa companhia e, com sorte, descobriremos que não estamos sós na questão que nos persegue a propósito da presença de uma teoria da linguagem própria ao texto de Lacan.

3.1 Exposição dos critérios de recorte a partir da leitura de leitores de Lacan.

Uma das características comum aos textos que escolhemos dos leitores de Lacan e que destacamos é o fato de todos buscarem seu enquadramento de leitura num critério de periodização não linear da obra de Lacan. É isso que propõe Porge (1998), por exemplo:

Há uma diferença entre estabelecer e ressituar as citações de Lacan em seu contexto e uma periodização propriamente dita, que consiste em colocar em evidência uma razão na seqüência dos enunciados, quer seja esta feita de transformações, de rupturas, de retomadas ou de continuidade. A periodização é um procedimento mais exigente, porque se arrisca a imprimir na leitura de Lacan critérios que não são os seus e que permanecem exteriores ao texto. Mesmo que cada leitor se entregue a isso pouco ou muito, desde que se ponha a seguir um tema em seus rastros, é indispensável neste exercício encontrar um ponto de acordo entre critérios internos e externos ao texto de Lacan (Porge (1998:87).

São esses pontos de acordo que destacamos, em especial quanto ao que eles definem como critérios de não periodização e como modalidades possíveis de leitura. Pensamos que esse modelo de leitura - de *encontrar um ponto de acordo entre critérios internos e externos ao texto de Lacan* - ao ser ancorado na figura topológica do “oito interior”, como o fará Porge (1998), ganha um sentido mais amplo. Dessa forma, compreendemos que o “ponto de acordo” torna-se o “ponto de torção” da passagem do exterior do texto – lugar do leitor – ao seu interior – lugar do autor – e vice versa, já que o *oito interior* é figurado por uma linha que corresponde à borda da *Banda de Moebius*. Assim, podemos dizer que o ato de ler (assim como o de enunciar) implica (e está implicado em) uma *superfície moebiana*.

Logo, o que lemos e como lemos o que lemos deve ser tomado como um exercício de enunciação, onde o leitor deve implicar-se nos “novos” efeitos possíveis de sua leitura (mesmo que inusitados). Não é uma leitura aberta a todos os sentidos, mas suficientemente implicada e “regrada para produzir novos efeitos de sentido” (Porge. 1998:87). Produz-se

assim uma espécie de “diálogo” enunciativo, onde cada leitor possa traduzir, transcrever e transliterar (cf. Alouch, 1995) sua forma de leitura própria em conceitos (significantes)³.

Sustentamos que ler é estar implicado no movimento de abertura e fechamento de sentidos presentes na própria linguagem. Ler é também poder sustentar os efeitos dessa implicação. É no movimento de “retornar a” que realizamos uma segunda volta no interior de determinado campo sêmico para reabri-lo com nossas perguntas e, posteriormente, para voltarmos a fechá-lo, a partir de nossa posição de leitura – lugar singular de enunciação – renovando a significação desse campo.

Não se trata de um exercício de hermenêutica (não está aberto a todos os sentidos, como dissemos anteriormente), mas de um retorno enunciativo que instaura um vazio (uma abertura) no interior desse campo. Um vazio que pode ser representado pelo questionamento que esse campo provoca no leitor, ou pela leitura que mantém o questionamento como possibilidade de sustentação de uma alteridade com o texto. O espaço vazio convoca, assim, um sujeito a preenchê-lo e, com isso, mantém a diferença entre a primeira e a segunda volta nesse campo, inscrevendo (e inscrevendo-se), um (num) lugar singular de produção.

A unidade de leitura, assim constituída, não consiste em conteúdos temáticos mais ou menos próximos (que relacionaria lingüística e psicanálise, por exemplo), mas se liga a um estilo, uma forma específica de lidar com determinados axiomas⁴, ou seja, às proposições de base, que definem determinado campo, em nosso caso, o da psicanálise.

Essa forma de pensar, Dany-Robert Dufour a definiu, em seu livro *Os Mistérios da Trindade*, como sendo a de um “estilo implicado” de operar sobre as definições. Concluimos, para nosso propósito, baseado nas proposições desse autor, que ao flexionar os conceitos sobre si mesmos, submetendo-os a seus próprios princípios, estamos produzindo não “explicações”, mas, sim, novas questões de leitura. Texto e leitor constituem-se, assim, como alteridades que compartilham entre si determinadas interrogações a partir das quais acabam implicando-se, um e outro.

³ Dito de forma alusiva, pois não pretendemos aplicar aqui esta modalidade de leitura elaborada por Alouch, que nos levaria a outros percursos e modalidades de análise.

⁴ Compreendemos como axiomas as proposições de base (simples e pouco numerosas) que referem a determinado objeto e que não requerem ser demonstradas. O exercício do pensamento se dá pela ação de um operador sobre determinados axiomas. Segundo Dufour (2003) um operador se refere à metalinguagem a ser construída e o axioma é uma proposição sobre o objeto. Em nosso caso, diremos que se trata de uma forma de trabalho com o Real pelo Simbólico.

Em lugar da explicação encontra-se uma implicação (...) uma dobra do pensamento que nunca deixa de suscitar o espanto e a desorientação. É um modo faltoso com referência a lógica clássica. Apresenta-se como um não-senso; um enigma; uma nova questão (elevada ao quadrado) (...) A dobra é o lugar onde se urde um insaber (...) parcialmente ligado ao não-saber (Dufour. 2003:39).

Dessa suposta “unidade” de leitura que se forma, somente se pode adquirir um saber pela falta, o que possibilita questionar a outricidade radical da escrita de cada campo teórico. Isso é especialmente visível ao pensarmos que leitor e texto encontram-se na alteridade que estabelecem com a própria linguagem.

Resumidamente, trata-se de perguntar sobre o “Real” implicado em cada leitura, entendido como um resto que não pode por ela ser simbolizado. É dado, assim, lugar a um vazio que será ocupado pela função do que não se inscreve no quadro de determinadas definições, a não ser pela dupla negação. Como aquilo que não cessa de não se escrever. Resto sobre o qual se realiza um trabalho, na experiência de um “movimento de retorno”.

Propomos, então, apresentar nossa vista panorâmica de como nossos leitores de referência realizam seu “movimento de retorno” a Lacan, situando o “ponto de acordo” de sua “implicação” de leitura sustentado pelo “lugar vazio” (que diz respeito à enunciação de cada leitor) que organiza suas interrogações.

Certamente, não se trata de dizer o que é o “lugar vazio” de cada leitor, pois esse desvelamento nada mais seria que nosso próprio lugar de enunciação. Como temos dito, trata-se de um lugar que fornece as condições de uma articulação. Está remetido à forma, não ao conteúdo. E se enunciar evoca o equívoco condicional / conclusivo “se ... então” ao dar forma à linguagem; se ler é enunciar; se enunciar é um ato singular; então essa forma configura-se numa (e configura uma) singularidade implicada nessa leitura.

Assim, o que lemos nos leitores de Lacan? Buscamos apreender neles (e com eles) as manifestações, os efeitos de suas leituras de Lacan, que, de certa forma, sustentam a transmissão de um ensino. E se, como dissemos anteriormente, cada leitura é uma leitura, elas podem constituir-se numa série. Inserir-se nessa série como sujeito leitor é, em certa medida, exercitar a capacidade de invenção, de recriação, a partir do que sua leitura lhe permitiu enunciar.

De nossa parte, a escolha desses autores se justifica, em sua aparente arbitrariedade: ajudaram-nos a pensar e a articular melhor nossas questões sobre o que lemos em Lacan. Passaremos, a seguir, a expor nossos critérios de escolha da leitura de determinados textos de Lacan.

3.2 Exposição dos critérios de recorte a partir da leitura dos textos de Lacan.

Retomemos, em linhas gerais, nosso percurso para, a partir disso, sinalizar ao leitor quanto às formas de encaminhamento deste trabalho. Escolhemos ler determinados textos de Lacan com o propósito de: 1) Acompanhar a presença da linguagem na obra de Lacan e 2) depreender dessa leitura uma “teoria da linguagem” presente nas elaborações de Lacan. De certa forma, ambos são pressupostos que têm como princípio articulador as interrogações teóricas a respeito da linguagem, as quais podem ser depreendidas de um fazer clínico de Lacan e da formalização desse fazer.

Disso, propomos um princípio de leitura que guia nossa forma de entrada na obra, a saber, que a travessia da linguagem na obra de Lacan é homóloga à travessia da linguagem no processo psicanalítico de uma cura. Em função disso, a obra é lida a partir de três momentos lógicos, marcados pela referência à linguagem em articulação a determinados conceitos fundamentais da psicanálise.

Destacamos três instâncias da linguagem que foram trabalhadas exaustivamente por Lacan. Todas partem do princípio de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Derivam desse princípio as instâncias do significante, do sujeito e da letra.

Destaca-se, num primeiro momento, o conceito de significante como o que representa um sujeito para outro significante. Trabalharemos, nesse momento, mais diretamente os textos publicados nos Escritos ([1978]1966): *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953); *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957); *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960). Faremos referência também ao *Seminário* de 1957-58, *As formações do inconsciente, Livro 5*. Assim como, nos apoiaremos eventualmente, na leitura do *Seminário* de 1964, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Num segundo momento destaca-se o conceito de sujeito relacionado ao conceito de letra. Trata-se da escritura de uma função lógica do sujeito que, não sendo articulável pela lógica gramatical, necessita de uma outra lógica, uma "lógica do fantasma". Os textos trabalhados serão: *O seminário - livro 14: A lógica do fantasma*. ([1966-67] inédito), *O seminário - livro 15: O ato psicanalítico* ([1967-68] inédito).

Na passagem ao terceiro momento, a linguagem dá lugar a *lalíngua*. O inconsciente é um saber que se articula de *lalíngua*. Nesse momento, o significante retorna como letra. Trata-se, então, de decifrar a letra que fixa o sujeito na linguagem através de seu sintoma. O sintoma (sofrimento) dá lugar ao *sinthoma* (modo singular de invenção). Os textos trabalhados serão *Lituraterra* ([1971]1986), *O Aturdito* ([1973]2003), *A terceira* ([1974]1986), *O seminário - livro 20: Mais, Ainda*. ([1972-73]1982); *O seminário - livro 23: O sinthoma*. ([1975-76] 2007).⁵

A partir da leitura realizada sobre esses textos buscaremos demonstrar que existe uma teoria da linguagem que se depreende da travessia que Lacan realizou em sua obra, através da linguagem. Tal demonstração será realizada através da metodologia de análise proposta neste trabalho que se apóia na referência às figuras topológicas, trabalhadas extensamente por Lacan, da *Banda de Moebius* e do *oito interior*.

Como dissemos anteriormente, a partir do princípio do retorno sobre o próprio texto de Lacan, demarcando três momentos lógicos de leitura de sua obra, organizaremos nossa análise através da introdução de um paradigma na linguagem, que ilustramos pela referência a *Traumdeutung*. Assim, a noção linguagem ao retornar sobre esse paradigma produz a cada vez uma abordagem nova. Se revoluções na linguagem correspondem uma subversão no fazer, então, talvez possamos dizer que, a presença da linguagem em Lacan é sempre uma presença subversiva. Lê-la é poder surpreender-se ao ver surgir na evocação desse fazer subversivo as próprias letras com as quais formalizou seu fazer (subversivo) com a linguagem: R-S-I.

Passemos, então, a nossos operadores de leitura.

⁵ Esses são os textos que escolhemos para trabalhar mais detidamente, porém, nos apoiamos em várias passagens de outros textos de Lacan, tais como: *O seminário - livro 3: As psicoses*. ([1955-56]1985); *O seminário - livro 6: O desejo e sua interpretação*.([1958-59]1998); *O seminário - livro 8: A transferência*. ([1960-61]1992); *O seminário - livro 9: A identificação*. ([1961-62] inédito); *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. ([1964]1979); *O seminário - livro 16: De um Outro ao outro* ([1968-69] inédito); *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise*. ([1969-70]1992); *O seminário - livro 18: De um discurso que não seria do semblante*. ([1971]1996); *O seminário - livro 22: R.S.I.* ([1974-75] inédito) Assim como determinados textos presentes nos *Escritos* ([1966]1978) e em *Outros Escritos* (2003).

3.3 Operadores de leitura – o par ordenado e o *oito interior*.

Temos dito que a leitura que estamos propondo trata de agrupar determinados textos de Lacan a partir de certos axiomas, que possibilite organizar esses textos em séries que sejam representativas desses axiomas. Ou seja, tais textos definem-se como participando de determinado conjunto, cujos elementos são articulados pelo axioma em questão. Assim, cada axioma estaria representando um subconjunto da obra. O que estamos chamando de momentos lógicos da obra representa-se nesses axiomas. Esses axiomas não são excludentes. Apoiam-se num paradigma estrutural (cf. 1.3): o inconsciente esta estruturado: (1) como uma linguagem, (2) como *lalangue*, (3) como um nó que nomina. Trata-se de reformulações a partir das reelaborações internas que constituem um sistema de pensamento, ou seja, a obra de Lacan. Além disso, esses axiomas têm como referência comum sua relação à linguagem, assim como suas proposições incluem o conceito de inconsciente.

Dessa forma, ler Lacan seria acompanhar a lógica interna desses axiomas. Cada um estabelecendo uma nova cadeia significativa, cujo funcionamento por retroação introduz uma relação estruturada, tal como a do par ordenado da teoria dos conjuntos.

Esses subconjuntos formariam, assim, um conjunto de textos de Lacan representativos de uma seqüência lógica (de leitura) estabelecida por sua obra, que, por sua vez, nos indicaria uma possibilidade de leitura coerente da obra relativa a esta seqüência. A esse conjunto de textos corresponde um conjunto de leituras possíveis. Estabelecendo, assim, uma forma específica de relação entre os conjuntos de textos e de leituras. Estruturado tal como o modelo do par ordenado, como indica Marc Darmont (1994):

*Sendo dados dois conjuntos a e b, o conjunto $\{ \{a\}, \{a,b\} \}$ é um par ordenado. Nesta recordação elementar da teoria dos conjuntos, vemos que o par ordenado relaciona um dos conjuntos **a** não com o outro conjunto **b**, mas com a relação entre o primeiro e o segundo, sendo esta própria relação um conjunto (cf. Darmont. 1994:215).*

A partir do que diz Darmont, e utilizando o seguinte sistema notacional temos:

- 1) a = o conjunto dos textos de Lacan (que constituem uma leitura possível de sua obra);
- 2) b = o conjunto de determinados conceitos mobilizados por esses textos (que compõem nosso léxico de leitura);

- 3) $c = o$ uso que fazemos desses conceitos para expressar nossa leitura (nossa “competência” de leitor), e que representa essa relação.

Considerado o raciocínio acima, tem-se: que o uso que fazemos desses conceitos para expressar nossa leitura (nossa “competência” de leitor) representa a relação de $\{a\}$ com $\{b\}$, consistindo no esquema seguinte: $c = \{\{a\}, \{a, b\}\}$. Trata-se, então, de tomar a própria relação de leitura que estabelecemos no interior de determinado conjunto da obra de Lacan, ela mesma, como um significante.

Assim, o ato de ler (Lacan) torna-se um significante desse conjunto constituído pela relação de par ordenado Autor – Leitor. Um significante que representa a própria relação estabelecida nesse ato de leitura.

Vale lembrar, algo que já enunciamos anteriormente neste trabalho: não existe simetria entre autor e leitor. Trata-se de uma relação de alteridade em que as posições de enunciação não são recíprocas, pois elas diferem entre si. Dito de outra forma, a relação de leitura não é uma relação intersubjetiva. Há disparidade subjetiva. O autor constitui-se como alteridade ao leitor. Ao ser lido o texto se encontra fora (de si) no interior de si mesmo (assim como o sujeito ao enunciar está em relação de exclusão interna a língua). Como leitor, a enunciação se suporta das questões que no texto o interrogam e que orientam sua leitura desse texto. Busca-se no texto determinados significantes que possam conferir alguma significação a essas questões. Ler é fazer passar essa exterioridade do texto (outro) numa interioridade de leitura (eu leitor = eu enunciativo).

Esquemáticamente, tem-se:

Texto de Lacan = (Leitor de Lacan (Leitor de Lacan (Leitor de Lacan, Texto de Lacan))).

Onde o Texto de Lacan refere-se à relação (c) estabelecida em uma modalidade de leitura enunciativa (leitor – texto), na qual o Leitor de Lacan refere-se tanto a $\{a\}$, um conjunto de leituras possíveis desses textos⁶, quanto a $\{b\}$, um conjunto de leitores de Lacan⁷: $c = \{\{a\}, \{a,b\}\}$.

⁶ Em nosso caso um conjunto de textos que se organizam ao tomarmos como referente o paradigma “O inconsciente está estruturado como”: linguagem (subconjunto 1); *lalangue* (subconjunto 2); nó (subconjunto 3). Representado pela seguinte relação: O inconsciente é estruturado (como Linguagem (como *lalangue* (como nó (O inconsciente é estruturado – Teoria de Lacan))))

⁷ Em nosso caso trata-se dos trabalhos elencados no capítulo referente aos leitores de Lacan, assim como nossa própria leitura que estamos propondo no decorrer deste trabalho.

Então, o que é ler Lacan? É acompanhar o movimento de “retorno a” seu texto. Ler é realizar uma segunda volta no interior do conjunto constituído pela obra de Lacan. Essa segunda volta representa o movimento de enunciação que o leitor realiza ao reabrir com suas perguntas o texto – o sistema teórico de Lacan –, para posteriormente, a partir de sua posição de leitor, voltar a fechá-lo – produzindo sua própria teorização através dessa leitura (em continuidade com o texto).

Dessa forma, este trabalho procura enunciar sua própria leitura no interior do campo teórico estabelecido por Lacan. Acreditamos que essa modalidade de leitura, que assume um lugar singular de enunciação colocado em ato pelo leitor, permite renovar a significação do texto a partir da abertura a novas interrogações.

Como dissemos anteriormente, essa modalidade de leitura não deve ser confundida com uma hermenêutica. Trata-se de um retorno enunciativo que instaura uma alteridade de leitura no interior do próprio campo lacaniano. Alteridade esta que pode ser representada por um vazio e que pode, por sua vez, ser representado pelo questionamento que esse campo provoca no leitor. Uma leitura que mantém o questionamento como possibilidade de sustentação de uma alteridade com o texto. Esse espaço vazio, ao convocar um sujeito (leitor) a preenchê-lo, mantém a diferença entre a primeira e a segunda volta nesse campo – entre o texto de Lacan e a leitura que realizamos no interior do campo lacaniano – inscrevendo, assim, um lugar singular de produção.

Também não devemos confundi-la com uma leitura metalingüística, que buscaria estabelecer o catálogo dos catálogos e que formaria a “classe dos catálogos que se contém a si mesmo”. Ao contrário, sustentamos que uma leitura é possível quando o leitor se move dentro do texto (em exclusão interna a esse), quando para ler é necessário reconhecer-se nos elementos já inscritos no conjunto estabelecido pelo texto. Não é um procedimento de isolar elementos que estejam dentro ou fora deste conjunto, mas de estabelecer uma relação “ordenada” ao próprio conjunto (dentro / fora).

Essa modalidade de leitura não se dedica a perguntar se a linguagem, enquanto conceito lingüístico pertence ou não ao sistema teórico lacaniano. Ao invés disso, nos pautamos pela pergunta sobre as diferentes “formas” e noções que a linguagem se atualiza, ao comparecer como um elemento significante, em determinado conjunto de textos que compõe a obra de Lacan. Uma leitura que considere e preserve sua essência metonímica, ao dar lugar a uma cadeia que se constitui em séries que se repetem no transcurso da obra lacaniana.

Acreditamos que essa leitura seja coerente com o “movimento de retorno” que foi teorizado por Lacan para dizer de seu retorno a Freud. Para que ele se produza, é preciso:

(...) ater-se à topologia do sujeito, a qual só se elucida em uma Segunda volta sobre si mesma. Tudo deve ser redito em uma outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade (Lacan.[1966]1998: 369).

Fechamento que é também reabertura. Retorno sobre um dizer que ata as condições de possibilidade de uma leitura. Esse retorno tem seu correspondente topológico na figura do *oito interior*.

Como poderemos ver, em nossa leitura das “leituras de Lacan” destaca-se a referência ao *oito interior* (que se repetirá explicitamente nas três primeiras e implicitamente na última através da própria noção de repetição que faz série).

O que gostaríamos de enfatizar é que essa relação de leitura é homóloga à relação de transferência na análise, enquanto operação que a palavra efetua no sujeito. Ou ainda: é necessário que a leitura esteja fundada sobre a noção de desejo. É preciso desfazer as idealizações de leitura da obra para se deixar interrogar por ela. Somente assim a travessia da linguagem poderá encontrar-se com a travessia da análise, no momento de concluir. Lacan ao trabalhar com o *oito interior*, ao referir-se ao desejo do analista, situando-o como sendo a dobra que sustenta a reabertura da demanda – que deixa sempre um resto – ou o manutenção do desejo. Sendo o desejo metonímico “somente ele pode assegurar a coesão dos elementos descontínuos que são as palavras. É para um sujeito desejante que a frase se fecha num sentido” (Granon-Lafont. 1990:84).

Diríamos o mesmo da obra de Lacan. É para uma leitura enunciativa que ela tem sentido. Se ler é uma enunciação, é para um sujeito dividido por esse ato que essa leitura tem seu sentido.

Busquemos então realizar nossa travessia de leitura pelo lado externo da obra de Lacan e posteriormente ao lado interno da obra quando passarmos ao conjunto de textos que destacamos como representativos de nossa leitura de Lacan.

4. LEITURAS DE LACAN: TRAVESSIA PELO LADO EXTERNO DA D'OBRA.

Aprender a ler é um exercício de estilo, pois implica um lidar com o equívoco e oferecer-lhe uma saída possível (Souza).

Escrever é reaprender a errar a língua (Manoel de Barros).

Na escrita deste trabalho, duas questões insistem em luzir como um farol indicando possíveis lugares de navegação sobre o rio corrente da linguagem presente na obra de Lacan. Como ler Lacan e o que seria leitura para Lacan.

Se lermos Freud através (da leitura) de Lacan, como lermos Lacan senão através dos pressupostos de leitura que ele mesmo lançou, na modalidade de seu “retorno” ao texto freudiano? Talvez ler Lacan seja um movimento de retorno à letra de Lacan através de determinados significantes de leitura, onde nossas próprias interrogações se fazem enigma que conduz a leitura (mantendo-se o equívoco de “conduzir a”). Sendo o grau de alteridade que estabelecemos com o texto o responsável pela forma que lemos, transformando sua letra em significante. Se a palavra mata (a coisa) o espírito vivifica. Assim:

Se a leitura de Lacan é impossível, no sentido de que os Escritos não são para serem lidos, o valor mesmo do escrito lacaniano tem que ser considerado em um meio-termo de ler-escutar (o escrito e a si mesmo, pelas ressonâncias), onde a recorrência tópica, numa ação constante, vai produzir no sujeito a articulação de um Saber. Forma de recolocar o sujeito da enunciação, que do escrito foi elidido, e Lacan vai reforçar isto quando fala a seu auditório: “eu voz falo como analisante” (Souza. 1985:16).

No presente capítulo, apresentamos uma leitura (a nossa) de outras leituras de Lacan. São leituras que, a nosso ver, permitem renovar (manter vivo) o texto de Lacan, demonstrando como ele opera em outra enunciação e permitindo que seus autores lidem com os conceitos lacanianos de maneira própria. O que esses autores disseram sobre o texto de Lacan permite explicitar um dos pressupostos de leitura que defendemos neste trabalho, a saber, o de que os conceitos forjados por Lacan tanto advêm, quanto retornam ao campo de sua experiência clínica. “A leitura da obra é um ensino para a práxis da psicanálise, pois é homóloga, em suas manifestações, às operações do conceito e seus operadores” (Souza. 1985:21). Isso, por si só,

pode indicar a partir de qual lugar devemos embasar a leitura (ou nossa leitura de sua leitura). Esse lugar – que é “topos-lógico” – buscamos situá-lo numa estrutura (topológica) cujo movimento de retorno permita apreender uma “teoria” específica da linguagem. Assim, lê-lo-emos num primeiro retorno referente à produção de sua *teoria do significante*, num segundo relativo à conceitualização da *lalíngua* e num terceiro a invenção do *sinthomem*.

Sustentamos ainda que esses movimentos sejam homólogos ao movimento da própria análise (teoria e tratamento) “já que Lacan” assim os elaborou, a partir de sua práxis. Dessa forma, voltamos à pergunta, reformulando-a, ao dizer que o lugar de leitura é sempre um lugar enunciativo.

Assim, trazer aqui essas modalidades de leitura estabelece uma rede de trocas relativas a determinados textos que permitem pensar uma série de questões e tentar expor ao leitor quais foram as articulações de leitura que a leitura desses leitores de Lacan nos permitiu. Dessa forma, nos situamos criticamente em relação àqueles que pretendem subir aos ombros de determinado leitor (autor), supondo imaginariamente com esse gesto estarem vendo mais longe ou chegando mais cedo em algum suposto horizonte hermenêutico de leitura.

Sendo assim, passamos a apresentar nossa leitura de determinados leitores de Lacan. Uma leitura de uma leitura. Enunciar é incluir-se numa contagem. Como diz Lacan (1964):

O importante para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecendo-se ali como contador. Lembremos a topada ingênua em que o medidor de nível mental se esbalda com sacar o homenzinho que enuncia – Tenho três irmãos, Paulo, Ernesto e eu. Mas é muito natural – primeiro são contados os três irmãos, Paulo, Ernesto e eu, e depois o eu no nível em que se diz que eu tenho que refletir o primeiro eu, quer dizer, o eu que conta. (Lacan. [1964]1979:26)

Contemos, então, nossa leitura.

4.1 Uma leitura do retorno a Lacan através do dizer de Lacan – de seu dizer “que não”.

Em Porge (1998), o “ponto de acordo” (p.87) que sustenta sua leitura da obra de Lacan demarca-se pela interrupção realizada por Lacan de seu seminário *Os nomes do pai* (1963).

Segundo Porge, a suspensão desse seminário, ao ser lembrada reiteradamente por Lacan no decorrer de seus *Seminários*, permite-lhe “fazer ato desta interrupção”, ou seja, “fazer disso um dizer” ou, mais precisamente, “um dizer que não”, que “não haverá o seminário Os nomes do pai”. Lugar vacante (ou “vazio” como dissemos acima) que dará lugar ao trabalho com o conceito de Nome-do-Pai. Assim, então,

O Nome-do-Pai não é somente um tema de exposição, ele produz efeitos, no retorno, de contagem e de escansão sobre o ensino de Lacan (Porge. 1998:88).

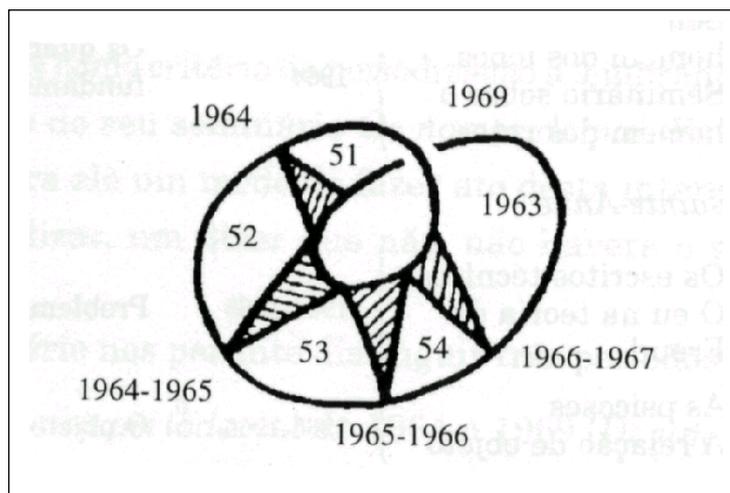
A partir desse critério, Porge propõe distinguir três períodos na obra lacaniana: o primeiro período, de 1964 a 1969, que perfaz do Seminário *Os fundamentos da psicanálise*¹ ao Seminário *De um Outro ao outro*. O segundo período, de 1970 a 1975, que vai do Seminário *O avesso da psicanálise* ao Seminário *RSI*. O terceiro período, de 1976 a 1980, correspondente ao Seminário do *Sintoma* até a *Dissolução*. Esses três períodos – cada um correspondendo a um conjunto de seminários de Lacan – constituem, ao serem tomados em sua totalidade, um conjunto possível da obra de Lacan. Esse conjunto inicia com os questionamentos levantados pelo Seminário interrompido dos *nomes do pai* (1963). A partir desse conjunto, Porge lerá retroativamente os seminários de Lacan anteriores a esse acontecimento.

Seguindo as proposições do próprio Lacan, em *O ato psicanalítico*² (29 novembro 1967), a leitura de Porge se apoiará no trajeto da figura topológica do “oito interior”, tomando o seminário de 1963 como “ponto zero” (lugar da dobra, diríamos) a partir do qual sua contagem se ordena. Dessa forma, os *Seminários* posteriores a 1964 passam a representar uma Segunda volta após a primeira, que vai de 1951 a 1963. Retorno a partir do qual cada novo seminário, posterior a 1964, passa a corresponder a dois *Seminários* referentes à volta anterior compreendida entre o começo dos *Seminários* e 1964.

¹ Publicado sob o título de “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”.

² “Como, depois de quatro anos que falo aqui, uma certa correspondência poderia ser feita de cada um destes anos com dois, e na ordem dos anos, do que foi meu ensino precedente, chegaríamos portanto no nível deste ano quarto a algo que responde ao sétimo e oitavo anos de meu seminário precedente, fazendo eco de certa maneira ao ano sobre a ética, o que bem se lê no próprio enunciado do ato psicanalítico e no fato de que este ato psicanalítico seja algo de absolutamente ligado essencialmente ao funcionamento da transferência. Eis o que permitirá, a alguns pelo menos, se situarem numa certa marcha que é a minha”. J. Lacan. O ato psicanalítico, 29 de novembro de 1967, Inédito. (In: Porge.1998: 88)

Visualmente:



[Figura 5: Oito interior de Porge]

Resumidamente, a obra de Lacan se caracterizaria por suas reelaborações, recriações e novas nomeações teóricas relativas às questões levantadas (mas não necessariamente resolvidas) sobre Os nomes do pai.

No primeiro período pontuado por Porge, colocar-se-iam duas concomitâncias: de um lado, “a desamarração da questão do Sujeito Suposto Saber e a suspensão de Os nomes do pai” e, de outro lado, “uma solução dada à formalização do Sujeito Suposto Saber e uma retomada da reflexão sobre o Nome-do-Pai” (Porge. 1998:91). Essa dupla concomitância teria proporcionado, segundo Porge, uma “tensão fecunda” entre a problemática do Nome-do-Pai e a do Sujeito Suposto Saber. O Nome-do-Pai deixa de se referir apenas à metáfora paterna e o “saber” passa a ser formalizado pela escrita do significante S_2 , assim como esse significante passa a ser nomeado “saber”.

No segundo período de suas *pontuações*, com a teorização lacaniana sobre o “nó borromeo”, soluciona-se o problema levantado pela articulação do Nome-do-Pai e de RSI. Assim, Lacan pôde retomar o plural “os nomes do pai”, adiantado em 1963, reelaborando-o de outra forma. Um plural referido a três: nominação real (angústia), nominação simbólica (sintoma), nominação imaginária (inibição).

No terceiro período, Lacan continuaria a falar do Nome-do-Pai, sem fazer, porém, referência alguma ao seminário interrompido de 1963. Segundo Porge (1998), essa lembrança teria perdido o sentido depois do achado do “nó borromeano”, ao permitir a Lacan formular uma solução ao que “(...) estava em jogo na lembrança do Seminário interrompido (...)” (p.91), dissolvendo a pertinência desta interrogação. O Nome-do-Pai passa a ser identificado a quarta consistência do *nó borromeano*, por sua função de nominação.

É a partir do quarto elo que uma distinção se introduz entre os três outros elos, que se lhes pode dar nomes diferentes: real, simbólico, imaginário, nomes do pai. Este quarto elo é, portanto o suporte de uma função de nomeação (Porge. 1998:160).

O plural ‘os nomes do pai’, aos quais são identificados real, simbólico e imaginário, significa esta conjunção, cujo operador é o Nome-do-Pai (Porge. 1998:160).

O “pai” passa a ser um “nome” que articula uma “função” referente ao próprio ato de anulação. Temos, assim, uma definição do conceito por homofonia: pelo nó me do(u) pai.

O que fundaria o caráter simbólico do Nome-do-Pai não seria forçosamente oriundo do simbólico, mas do modo de associação com uma dimensão, que comporta uma nomeação das duas outras dimensões. Esta triplicidade oferece uma pista para a interpretação da expressão Nome de Nome de Nome (Porge. 1998:170).

Talvez pudéssemos, assim, forjar uma correspondência desse Nome de Nome de Nome com uma leitura em três períodos da Obra de Lacan. Três períodos que corresponderiam ao próprio movimento do *oitavo interior*, ou seja, que não são um simples retorno sobre o mesmo – que implicaria uma volta completa de 360°, retorno que equivaleria a um movimento que implica em não sair do mesmo lugar – , mas em voltar sobre um dizer – um dizer “que não” nesse caso. Dupla volta que implica manter uma enunciação, um voltar a dizer, não necessariamente referida a um ponto de partida, a um *a priori*, mas a uma trajetória, viagem, travessia que se faz ao dizer.

O sério em Lacan, sendo aquilo que faz série, permitindo uma leitura, que, talvez, possa ser então enunciado num *joke* a la Joyce – “[...] o fechamento de Joyce abre justamente a questão lacaniana (in: Harari. 2003:215)” – e a travessia de Lacan talvez possa ser definida em suas próprias palavras. É possível prescindir do Nome-do-Pai, com a condição de nos servirmos dele.

Continuemos em nossa seqüência de leitura das leituras de Lacan.

4.2 Um retorno de leitura a Lacan “através do espelho”.

Philippe Julien também recorre à figura do “oito interior” em seu *O retorno a Freud de Jacques Lacan*. Seu “ponto de implicação” na leitura de Lacan será o texto do estádio do espelho. O “vazio” que organizará suas interrogações, seu guia de leitura da obra de Lacan, será representado pela suspensão e pelo retorno desse texto em suas diferentes significações no decorrer da obra de Lacan.

Segundo Julien, o procedimento de Lacan foi o de tomar o texto freudiano como um dizer de Freud e se deixar interrogar por este dizer enquanto analista, respondendo essas interrogações a partir do próprio texto, lendo-o analiticamente segundo as regras de inscrição do inconsciente, no sentido no qual “a única oportunidade de reabrir o inconsciente é nomear em que ele se fecha” (Julien. 1993: xv).

Se o texto interroga é porque não diz tudo. E por não dizer tudo o texto nos interroga mais do que nós a ele. Mas a interrogação que ele evoca, não sendo qualquer, ao mesmo tempo em que abre também fecha. Nomear em que ela se fecha é delimitar um campo de leitura. Assim, Lacan abre um novo campo de leitura do texto freudiano através do retorno a Freud de Lacan.

É nisso que o retorno a Freud de Lacan teria sido em si mesmo freudiano. Lacan o sustentava com sua presença, realizando-o em ato na temporalidade vivida de sua enunciação dos efeitos produzidos por seu ensino. Hoje, estaríamos no tempo de engendramento do “terá sido”. Trata-se de sustentarmos pelo próprio dizer o que é para nós o retorno a Freud de Lacan e não mais com Lacan. Assim, com o ouvinte tornado leitor, o texto de Lacan situa a tarefa de o tomarmos em sua historicidade. Sendo essa a posição que Julien assume em seu livro ao demonstrar os obstáculos de Lacan em seu retorno a Freud nos diversos períodos de seu ensino.

Mas, assim como Porge situa sua ancoragem de leitura da obra e Lacan a partir do Seminário não-realizado dos nomes do pai, Julien lerá a obra de Lacan através da “retenção” (outra modalidade de não-realizado) do texto de Marienbad sobre o *estádio do espelho*³, referindo-se ao XIV Congresso Internacional da International Psycanalytical Association (IPA) de Marienbad em 1936, onde a exposição de Lacan é interrompida por Ernest Jones ao

³ “Expressão cunhada por Jacques Lacan, em 1936, para designar um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho” (Roudinesco e Plon. 1998:194).

término de alguns minutos (c.f. Roudinesco e Plon. 1998. p.195). Lacan não entregará sua comunicação para o resumo do congresso, retomando-o em diferentes momentos de seu ensino (de seu “retorno a Freud”).

O tema do estádio do espelho foi objeto de uma nova comunicação no congresso da IPA realizado em Zurique, em 1949, sob o título “O estádio do espelho como formador da função do Eu (Je), tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (Roudinesco e Plon. 1998:195).

Segundo Julien, essa “retenção” teria gerado um vazio que provocou uma longa série (não uniforme) de (re)apresentações do *estádio do espelho*. Para Julien, esse seria o traço que, ao fazer série na obra de Lacan, permite-lhe identificar uma periodicidade significativa na qual situar seu “recorte de leitura”.

Três períodos se definem. Um antes de 1953 onde, de 1938 a 1952, Lacan expõe a especificidade de seu conceito de “imaginário”. Outro, de 1953 a 1960, em que o efeito do simbólico sobre o imaginário modifica o *estádio do espelho* submetendo-o ao simbólico, que será formalizado com a escrita do esquema ótico. E um terceiro período, que se inicia em 1964 estendendo-se até 1980, no qual Lacan dá ao *estádio do espelho* uma escrita topológica com a introdução do olhar como *objeto a* em lugar do *Outro*.

Predomínio do *Imaginário*, seguido do predomínio do *Simbólico* que dará lugar ao predomínio do *Real*, quando o *Imaginário* passa a ser concebido com esburacado. Buraco que ao ser “aplicado ao espelho” (ao modo de uma colagem de Matisse) traça a ausência deixada pelo rastro de seu contorno.

Essas três apresentações do *estádio do espelho* correspondem a três períodos determinados pela leitura que Lacan fez do texto de Freud. Resumidamente. De 1932 a 1953, Lacan liga o Eu freudiano ao narcisismo, depois à imago e posteriormente à paranóia, passando pelo primado do simbólico (até 1964) e chegando ao conceito de Real.

Dessa forma, Julien sustenta que o ensino de Lacan foi do início ao fim um debate com o Imaginário, sendo através de sua aplicação ao espelho que o Imaginário irá sofrer uma série de transformações e (re)elaborações até chegar à estrutura topológica com a qual Lacan qualificará a consistência do texto freudiano e a experiência psicanalítica.

Assim, ao acompanharmos a série de leitura, proposta por Julien, da conceitualização de Lacan, encontramos sua seqüência **ISR** aplicada ao espelho **RSI**. Então, talvez possamos

dizer que ler Lacan é acompanhar as reviravoltas que ele produz na teoria pela forma como manipula os conceitos em seu saber-fazer-com-a-letra, que lhe permite ler as (de)nominações da escrita de sua clínica.

Passemos agora a investigar outra modalidade de leitura da obra de Lacan através do conceito de *sinthoma* (grafado em itálico para demarcar sua diferença com a noção de sintoma, como veremos mais adiante na seqüência deste trabalho) elaborado em seus últimos seminários.

4.3 Um retorno de leitura a Lacan a partir do *Sinthomem*.⁴

Com a leitura de Harari, seguimos com a referência ao “*oito interior*”, seu respectivo ponto de implicação (torção) e sua questão norteadora. Esse autor sustenta que há três cortes na clínica (e pelos quais podemos ler a clínica) de Lacan. Utilizando-se dos indicadores lacanianos do tempo lógico⁵, diz que devemos apreender a obra de Lacan:

a partir de sua conclusão, ou seja, a partir de seu momento de chegada, devem ser interrogadas as questões propostas em seus instantes e tempos “prévios” (Harari. 2003b: 95).

Porém, mantendo um ponto de vista didático, defende a apresentação da obra em sua sucessividade cronológica “uma vez que ela permite delimitar os âmbitos e os *impasses* clínicos de cada corte, de acordo com um critério, então, de periodização no *oito interior*” (Harari.2003b:96).

Dessa forma, Harari propõe uma leitura subversiva da obra lacaniana, realizada no *a posteriori* de suas últimas elaborações clínicas tal “como se depreende dos ensinamentos de Lacan nos *Seminários 23 e 24* (isto é, respectivamente, *Le Sinthome* e *L’insu*)” (Harari. 2003b: 119).

O argumento desse autor nos interessa de perto, quando sustenta que “ditos *Seminários* põem em ato uma revisão subversiva da teoria lacaniana da linguagem” (Harari. 2003b:119). Consoante com a tese que sustentamos neste trabalho, sobre a presença constante e subversiva da linguagem na obra de Lacan.

⁴ A tradução *O sinthomem* para “*Le sinthome*” (grafia do francês antigo) é adotada por Harari para sua edição brasileira. Espécie de palavra valise que possibilita vários jogos de homofonia que são utilizados por Lacan para tratar deste conceito.

⁵ Onde se lê a seqüência: instante de olhar, tempo para compreender, momento de concluir. Confira-se “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – um novo sofisma”. J. Lacan. *Escritos*.

Em sua leitura, o primeiro corte na obra de Lacan corresponde ao *instante* em que define a primeira concepção de sintoma enquanto metáfora. Nessa concepção, o sintoma teria a função de uma metáfora criadora de sentido pelo jogo substitutivo da linguagem em sua operação poética. Segundo Harari, essa concepção seria insuficiente para dar conta da dimensão do irreduzível que é gerado na operação metafórica.

Concordamos e destacamos que se não é suficiente é necessária, pois “prepara” o terreno para as elaborações que advirão. Quanto a isso, basta lembrar das características do significante, enunciadas por Lacan em seu seminário de 1957-58 – As formações do inconsciente – que é onde se encontram articuladas a topologia, a retórica e a poesia, definidas como sendo “as da existência de uma cadeia articulada [...] compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis [...]” (Lacan 1999[1957-58]:34). Anéis que retornarão dezoito anos mais tarde no seminário *Le sinthome*.

O segundo corte de leitura refere-se ao *tempo* em que Lacan centra-se no fantasma. Ao sintoma (público e deslizável) interpretável, faz corresponder o fantasma (privado e imóvel) não-interpretável que deve ser atravessado (Máscara do vazio ou tamponamento do *Real*). Harari (2003b) situa este momento, da teorização sobre o fantasma, como insuficiente, no que se refere a “pontuar a posição subjetiva obtida no fim de análise” ou “para situar o fim de análise para além da noção de ‘temperança’ do gozo” (Harari. 2003b: 97).

Cabe destacar a importância desse seminário de Lacan para situar as relações da linguagem com o inconsciente em sua formalização de uma lógica do fantasma que subverte o funcionamento gramatical da língua, preparando o solo para as elaborações posteriores sobre o ato analítico onde Lacan demonstra a especificidade da noção de enunciação para a psicanálise.

Harari define como terceiro recorte o momento de concluir, onde Lacan “introduz a *identificação com o sinthoma conjuntamente com o gozo mental⁶ que lhe é próprio*” (Harari. 2003b: 97). Aqui não importam mais as falências imaginárias (dos ideais) que reanimam as demandas pelo sentido. Apenas uma operação singular: saber-fazer-ali-com o que deu lugar ao sintoma, “[...] manejo (*maniement*) ético-inventivo gozoso da letra (o qual desenha para tratamento, e para cada fim da análise, um *artifício* singular)” (Harari. 2003b:103).

⁶ Confira-se J. Lacan, S. 19, lição de 08.03.72, inédita.

Finalizamos essas colocações parciais sobre “As dissipações do inconsciente” com as palavras de Aurélio de Souza, em sua introdução a outro texto de Harari (2003) – “Como se chama James Joyce?”.

Em “Como se chama James Joyce?”, Harari nos convoca a compartilhar essa noção de que as realidades, à medida que vão sendo construídas no espaço-tempo da análise, incitam o sujeito a deixar essa posição de reserva onde guarda uma esperança na realidade (Realität), para fazer com o saber uma arte que essa realidade (Wirklichkeit) operativa lhe impulsiona realizar.

Dito de outra forma, o sujeito faz sua arte como o LOM “faber”. Um artífice que inventa sua arte através de um saber fazer com... (“savoir-faire avec”) pedaços do real e com o saber inconsciente. Através de uma constelação da “falas impostas” que não necessitam ser elucubradas, nem mesmo compreendidas, vai produzir o sinthomem, um elemento novo que institui efeitos de estrutura. Ou seja, o “sinthome” ganha o estatuto de um “significante novo” que não está ligado à história do sujeito, mas a algo que o LOM produz com sua arte como invenção (Souza. In: Harari. 2003:20)

Fio que retomaremos para sustentar com esse “significante novo” a presença da linguagem no terceiro período da obra de Lacan. Antes, porém, passemos à leitura de nosso próximo autor.

4.4 Um retorno de leitura a Lacan a partir d’A Terceira.

Partindo de sua leitura de “A Terceira” de Lacan (publicado no boletim interior da *Escola freudiana de Paris* nº. 16, nov. 1975), Souza situa o que denominará de “três séries distintas, mas complementares”. Essas séries constituirão seu “ponto de acordo” a partir do qual fornecerá as razões de sua leitura. A escolha desse texto sustenta-se em sua afirmação de que: “Acreditamos ser *A Terceira* e posteriormente *O Sinthoma*, os maiores documentos clínicos deixados por Lacan no seu extenso ensino” (Souza. 2004:86).

Congruente com a concepção que defende da clínica psicanalítica, Souza pontuará “com liberdade poética” sua leitura do percurso lacaniano como *lírico* (Imaginário), *épico* (Simbólico) e *realista* (Real). O traço que se repete e que nos permite contar essa série em primeira, segunda e terceira é o significante “Roma”, que se enuncia em discurso ao elaborar-se em estilo: lírico, épico, realista. Vejamos como Souza situa seus invariantes.

A primeira série é nomeada como sendo “a de Freud”: seu percurso inicia-se na viagem de Freud a Roma e seu escrito sobre Moisés de Miguelangelo (1934); segue-se no

“Discurso de Roma” de Lacan (1953); continuando através de seu segundo discurso de Roma (21 anos depois do primeiro) – como Lacan chamou sua conferência “A Terceira”.

Destaca-se, nessa série, o significante “Roma” como um lugar eminente tanto para Freud como para Lacan. Um lugar de enunciação? É o que parece que se pode depreender. Mas não somente, pois, na seqüência de seu livro, Souza (2004) dirá que também existe nesse texto freudiano uma teoria da leitura⁷ onde Freud faz “da escultura uma escrita (...) cujos detalhes permitiram a organização de um texto” (p.87). Teoria que aparecerá em Lacan “pela questão posta pela *letra*, através de marcas (...) inclusive com a noção de traço unário. Lacan dirá mesmo que o conceito de Inconsciente implica o analista, que é a quem se dirige para ser lido” (Souza. 2004: 87).

Assim, uma segunda série (ou “volta”, “retorno a”, para usar as expressões que vêm aproximando os textos que viemos comentando até aqui) se prepara.

A segunda série é “a de Lacan” e inicia-se em seu “Discurso de Roma” (1953); passando pela Fundação da *École Freudienne de Paris* (1964); chegando também n’A *Terceira* (1974). Nessa seqüência, o Significante “Roma” destaca-se primeiro como uma “forma de abordagem da linguagem” (em 1953), depois no “surgimento da *École*” em 1964 e finalmente no “retorno a Roma” em 1974. Esse significante que retorna é fundado num mesmo princípio, onde a palavra e a linguagem dão lugar ao significante, a letra e posteriormente *Lalíngua* (*lalangue*).

A terceira série é a da seqüência dos conceitos de Imaginário, Simbólico e Real na obra lacaniana. Inicia-se em 1953 com o começo da amarração do *nó borromeu*. Passa por reformulações lógicas do conceito de inconsciente, apoiadas primeiramente no conceito de significante e posteriormente no conceito de letra, chegando, na década de 70, a criação de seu novo conceito de *Lalíngua* seguido do conceito de *Sinthoma*. A “metapsicologia lacaniana” conclui-se assim através de um percurso inverso ao de *ISR* (como vimos em Julien). Uma nova topologia se estabelece, primeiramente através do anolamento de *RSI* que, posteriormente, se entrelaça com o *sinthoma* possibilitando a escrita do *Sinthomem* (conforme nossa leitura de Harari).

⁷A expressão “teoria de leitura” é de nossa responsabilidade. O que é leitura? Podemos dizer que é um exercício de estilo relativo a uma determinada forma de estar na linguagem e de fazer com a língua. Ou ainda, que é um movimento enunciativo (singular) a partir de algo – um enigma – que é situado como já estando contido numa escritura e que nisto vai produzir um efeito de sujeito pela articulação de um saber. Uma leitura implica em situar a estrutura enigmática de um escrito fazendo-o trabalhar. Encontramos uma importante reflexão sobre esta questão em outro texto de Souza: Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo). Porto Alegre. Artes Médicas. 1985.

Assim, talvez possamos dizer que, se as séries primeira e segunda iniciam no primeiro Discurso de Roma (*Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise*) e desembocam no segundo Discurso de Roma (*A Terceira*), a terceira série alonga-se para além d'A Terceira, desembocando no Seminário XXIII: *O Sinthoma* (1975-76).

Segundo Marini (1991) é n'A *Terceira* (1975) que, “pela primeira vez, o sintoma é claramente definido como “o que vem do Real” : o inconsciente é um saber que se articula de “alíngua”, mas o corpo que aí fala não está anolado senão pelo real do qual ele goza” (Marini.1991:280). Sendo também do *Sinthoma* que se depreende esta outra forma de lidar com o Real através de um *saber-fazer-ali-com*.

Nessa leitura recursiva de Souza que vai do *Sinthoma* à Roma o que permanece é a recorrência a renovadas formas de lidar com a linguagem. Diríamos que o autor segue uma renovação da “função da fala no campo da linguagem em psicanálise” (1953) através de *um-novo-fazer-com-a-lingua* onde “o imperativo do verbo na partitura da linguagem não mais fará obstáculo, muro, mas absorve as palavras que serão como notas musicais”. Para “dai podemos ter o murmúrio ou a melodia da vida” (Souza. 2004:138).

Leitura que, a nosso ver, é totalmente coerente com a noção de dobra. Ler a obra (lacaniana) através de uma dobra que localize o campo de repetição de suas marcas remete ao próprio exercício (enunciativo) de um dizer, onde “não existe outra diferença do que repetir a mesma operação” (Lacan. [1967-68] S.15. inédito).

Assim, ao lermos essas leituras de Lacan não podemos ficar indiferentes a forte presença da linguagem em sua obra. É uma presença que ressoa no texto a todo o momento e, nesse ressoar, constrói suas bases teóricas. Ou seja, a linguagem em Lacan não é uma exterioridade, mas faz parte do próprio texto, de sua tecedura conceitual (em sua tessitura significante). O que evoca o princípio de Lacan de que não há metalinguagem. O que há é uma interdependência formal das diversas particularidades da linguagem trabalhadas por Lacan. A linguagem torna-se essa espécie de configuração rítmica onde se dá a aplicação do movimento dos conceitos referidos à prática clínica. Tanto em sua maneira de conceber o sujeito enquanto efeito de seu movimento de retorno sobre a própria linguagem (quando um significante o representa para outro significante) quanto à produção do sentido pensada topologicamente como um modo de estar no tempo e no espaço.

Os conceitos portadores da experiência psicanalítica tornam-se formas de expressividade na linguagem. A palavra pode adquirir uma presença quase física. O silêncio

pode se transformar em momentos de inominável. Surgem significantes que não se deixam plasmar na representação, porém, não deixam de ser linguagem. A experiência psicanalítica nos previne contra a intolerância aos resíduos que permanecem incompreensíveis por não caberem nas palavras. O inominável faz retornar suas marcas ao ser captado pela denegação. Assim, a obra de Lacan constitui-se nesse movimento textual, que é constantemente tecido em sua escrita que, por sua vez, se apoia em sua enunciação oral que foi sustentada por sua presença física. Esse movimento torna-se uma escritura, cujos traços se conservam e podem ser reatualizados em novos ritmos, em novas enunciações.

A linguagem em Lacan não é uma noção que possa ser mostrada parada. Ela aparece através da seqüência de seu vir a ser. Em seu dinamismo em ação presente no espaço do texto. Talvez fosse preciso uma teoria do ritmo para dar conta dessa idéia. Assim como o que nos testemunha Valéry sobre a gênese da criação poética surgindo de uma forma vazia: “Ele nasceu, como a maior parte de meus poemas, da presença inesperada, em meu espírito, de um certo ritmo (...)”. Aos poucos, as palavras se fixavam nele e o poeta trabalha “para manter condições musicais constantes”(Valéry. 1975, tomo I: 1503. In.: Trocan. 2005:115). Temos, em Lacan, uma linguagem que vai além da dimensão lingüística propriamente dita. Uma linguagem que permite a interpenetração de diversos traços (visuais, sonoros, sinestésicos, etc.) que se configuram numa temporalidade e numa espacialidade que vão muito além do signo compreendido como código.

O leitor de Lacan vê a linguagem se desenrolar diante de si, ele a vive, e comunica esta experiência como pode, e da forma que lhe for “apropriada”. Porém, é preciso controlar seus efeitos de assonância, suas aliteraões, paranomásias. É preciso estabelecer um operador de leitura que nos permita dizer como ele (Lacan) está ligado a ela (linguagem).

Questões que passaremos a desenvolver no capítulo a seguir.

5. LEITURAS EM LACAN: TRAVESSIA PELO LADO INTERNO DA D'OBRA

Comentar um texto é como fazer uma análise (Lacan. 1954).

Se formos “leitores de Lacan”, o estilo de sua fala nos chega através de sua escrita. Dessa forma, é possível dizer que o texto de Lacan se produz lá onde ocorre algo da ordem de uma correlação entre sua fala (proferida em seus *Seminários*) e sua escrita (de seus *Escritos*) na articulação de uma leitura. Somos, então, ouvintes-leitores do texto de Lacan. Mas, sendo esse (o texto de Lacan) um texto que demonstra estar implicado num constante processo de (re)criação com a palavra, que demanda de seu leitor que escute sua *poieses*. Ou seja, que além de sua materialidade pictográfica considere suas pontuações, entonações, gestos, silêncios, etc. Dimensões vivas de um texto que foi composto a partir de uma tessitura enunciativa na linguagem onde fala e silêncio se articulam em escansões ao produzirem determinadas pontuações de leitura.

Nossa leitura se realiza, assim, através de (re)aproximações contínuas da obra de Lacan em seu movimento de vai-e-vem (como aquele da pulsão), que ou se renova ou torna-se enfadonho. Ao renovar-se o significante torna-se letra pelo grau de alteridade que estabelecemos com o texto. E a letra, por sua vez, ganha um corpo próprio ao ser lida como significante. O que fala a fala do ser que fala? É possível separar a fala daquilo que fala e do que é falado? A letra se traça ao redor do som de uma voz que deixa seu traço para ser lido, mas qual voz ou quais vozes vem ressoar no texto de Lacan?

Deixar-nos-emos conduzir brevemente pelas palavras poéticas de Robert Dufour em *O Espelho Sofiânico de Bohème*:

... para mim, o imenso interesse de Lacan não reside, pois, nem um pouco, no estabelecimento de um texto monológico que jamais existiu como tal e nenhuma repetição litúrgica desse texto, mas no fato de que Lacan é um desses lugares excepcionais onde grandes vozes da cultura em geral, depois as grandes vozes deste século agora terminado, se encontram para produzir afastamentos, efeitos de sentido, resultados inesperados. Em resumo, não posso ler Lacan sem me dizer que Lacan era um lugar, uma espécie de “casa vazia” , para retomar uma das metáforas preferidas dos estruturalistas, onde todas as vozes de pensamento em ação podiam vir falar – filosofia, literatura, poética, lingüística, teologia, matemática, topologia ...

Tendo chegado a este ponto, parece-me possível conjecturar que se o sujeito do ato fundador do lacanismo, Lacan (o nome próprio), é um sujeito que, no ato, não está, é muito provavelmente porque muitos outros nele estão entre os quais Boéhme.

Ainda as voltas com estas questões, eu explicava há pouco a um amigo lacaniano que, quando leio Lacan, nele ouço, mesmo não nomeadas, muitas vozes e autores diferentes e esse amigo me diz então: “Sim o próprio Lacan talvez não soubesse, mas eles estão ali mesmo”.

Depois nos calamos, tempo de perceber o que a homofonia proclamava: “eles são Lacan mesmo” (Dufour. 1999:58-59).

“Ils sont là quand même” – “eles estão ali assim mesmo – “Ils sont Lacan même” – eles são Lacan mesmo”. Ao ressoar da homofonia, iniciemos nossas conjecturas de leitura pela D’Obra de Lacan.

Já adiantamos que nosso operador de leitura se dá a partir do recorte em três momentos lógicos da obra de Lacan. Com isso, pretendemos mostrar as diferentes formas como a referência à linguagem se apresenta na obra de Lacan. Nesse primeiro momento, que passaremos agora a apresentar, estaremos nos referindo à forma como Lacan estabelece o conceito de *significante* para tratar do conceito de freudiano de *inconsciente*.

Trata-se aqui da importância que a linguagem tem como presença constitutiva na obra de Lacan. Defendemos, em nossa leitura desse primeiro momento da obra de Lacan, que a referência à linguagem se apresenta a Lacan como uma “heterogeneidade constitutiva”¹. Isso se deve ao fato de a proposição de leitura de “retorno a Freud” ser operacionalizada através da leitura de Saussure (definição de inconsciente, etc.) e, posteriormente, em interlocução com Jakobson (função poética, metáfora e metonímia, funcionamento sincrônico e diacrônico da linguagem, etc.) ou ainda em suas referências a Benveniste (sujeito da enunciação). Essa modalidade de leitura acompanhará Lacan nas diferentes reelaborações e (re)criações e em suas renovadas concepções sobre a clínica psicanalítica.

Dessa forma, nesse momento da obra, podemos situar o texto de Saussure como suporte da escritura lacaniana. Como já dissemos anteriormente:

¹ Termo cunhado pela lingüista Jacqueline Authier-Revuz, que utilizamos aqui como sinônimo da presença de uma alteridade teórica fundamental constitutiva do pensamento lacaniano.

Podemos dizer que Lacan escreveu com seus Significantes, imprimindo seu estilo (stilo) na folha de papel saussuriana. Os Significantes lacanianos, em contato com os Significantes saussurianos, reviram a superfície da folha produzindo sua dobra (sua meia torção); opondo-se produzem sua translação; reunindo-se em sua diferença colam suas pontas; o movimento que os relaciona e os reverte os faz passar um no outro produzindo o jogo da diferença; produzindo o novo (Trois. 2004:134).

Passemos, então, a abordar esse primeiro movimento de retorno para acompanhar a prática com a linguagem realizada por Lacan nesse momento de sua obra.

5.1 Retorno I – A *Traumdeutung* e a poética: a linguagem e o significante.

A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo (Lacan. 1956).

Como dissemos na introdução deste trabalho, Lacan pode ser descrito como um homem de letras. Para além da qualidade de sua escrita, a forma como Lacan orienta seu texto não se reduz a um simples exercício de retórica ou de estilo. Tomemos como exemplo o título de seu escrito “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953)². Ao acompanharmos a leitura desse texto, refletindo sobre as questões que nele estão propostas, podemos retornar (no *a posteriori* de leitura) ao seu título para reler, em sua cifra, tratar-se da função da fala no campo da linguagem. O título apresenta-se, então, como uma condensação do próprio texto em questão, enunciando, entre outras coisas, a própria leitura da metáfora (como condensação) e da metonímia (como deslocamento) trabalhada (ou proposta) no interior do texto.

As leis do inconsciente (condensação e deslocamento freudianos) encontram seu correspondente estrutural nas leis da linguagem. O sintoma apresenta-se como um procedimento metafórico (processo de substituição que opera por similaridade) e o desejo como um movimento metonímico (processo de composição que opera por contigüidade).

² Também chamado “Discurso de Roma”, apresentado em 26 e 27 de setembro de 1953, em Roma, como sendo o texto psicanalítico inaugural do ensino público de Lacan.

Nesse momento, Lacan constrói seu texto na referência à eficácia da fala (da palavra) ao recortar o campo da linguagem. Eficácia sustentada pela presença de uma práxis³ psicanalítica, na qual tanto o conceito de sujeito quanto o conceito de objeto são permanentemente subvertidos.

A introdução da fala do sujeito na linguagem de seu desejo através da experiência psicanalítica, na qual um objeto incerto (pois o que demandamos encobre o que desejamos) articula-se a um sujeito evanescente, remete-nos ao questionamento constante sobre o lugar de enunciação. Forma de presença subversiva da conexão do sujeito ao desejo, demarcada no título do escrito de Lacan de 1960, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, onde formalizou o grafo do desejo construído no decorrer de seu seminário sobre *As formações do inconsciente* (1957).

Ao compor seu texto com a linguagem de seu fazer clínico – com as interrogações que se depreendem desse fazer –, Lacan convida a ler em seus significantes uma “teoria da linguagem” que conduza a uma concepção de sujeito estruturado de modo desejante. Dessa forma, Lacan situa o sujeito do desejo (inconsciente), nos primados de seu ensino, a partir do conceito fundamental de significante (em suas funções de constituição metafórica e deslocamento metonímico).

[...] não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa – muito precisamente, daquilo que falta, a, o objeto perdido primordialmente na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado. Da mesma forma não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica (Lacan.1999 [1957-58]:16).

O sujeito é capturado no movimento do significante em direção ao desejo. Sujeito e significante são os dois termos fundamentais a partir dos quais Lacan constrói seu sistema teórico inicial, o que lhe permitirá deslizar da estrutura da linguagem à estrutura do significante. A lei do homem é a lei da linguagem. O desejo se articula na e pela linguagem através do significante. Prosapoética.

³“O que é uma práxis? (...) É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário”. (Lacan.[1964]1985:14)

5.1.1 A linguagem e o significante.

Para compormos a representação desse momento teórico de Lacan, destacamos três de seus textos publicados nos *Escritos*⁴ ([1978]1966): *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953)⁵; *A instanciada letra no inconsciente ou a razão desde Freud*⁶(1957); *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960)⁷. Assim como nos remetemos, em alguns momentos, ao Seminário de 1957-58, *As formações do inconsciente, Livro 5*.

Iniciemos por *Função e Campo*, também conhecido por *Discurso de Roma*. Uma breve localização da produção desse texto na história da psicanálise na França (Roudinesco, 1986), já indica, como uma possibilidade de leitura, tratar-se de uma resposta interpretativa de Lacan à sua destituição da Presidência da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Se privilegiarmos o ponto de vista teórico, ele situa os fundamentos por onde Lacan traçará seu percurso, no qual “as noções de Simbólico, de Imaginário e Real começam a se articular, não ainda em nó, mas em corredor de passagem, para que a palavra, recortando a linguagem, possa fundar uma possibilidade de se pensar a psicanálise sob novas bases” (Souza, 1985:47).

Milner (1996) o definiu como um “verdadeiro manifesto”, constituindo o que denominou de “primeiro classicismo lacaniano”, apresentado como uma articulação de um conjunto de textos cujo desenvolvimento progressivo e quase sistemático se estendeu até o final dos anos 60.

Elizabeth Roudinesco (1968) destaca o estilo barroco do “discurso de Roma”, como sendo o de um Lacan já maduro (“já passando dos cinquenta”⁸). Situa esse momento de Lacan na “Idade Clássica” da fundação de uma nova ortodoxia, em que “o mestre dá a luz uma teoria resplandecente”.

⁴ Utilizaremos diferentes traduções dos *Ecrits* (1966) de Lacan. Nesta parte estamos trabalhando com a tradução resumida da editora perspectiva (1978) realizada pela professora Inês Oseki-Depré em contato direto como o Autor, e a revisão científica do texto foi realizada por Regina Schnaiderman e Miriam Schinaiderman de Almeida. No final deste item utilizaremos a versão castelhana revisada por Juan D. Nasio, oportunamente indicado em nota de rodapé. Posteriormente, trabalharemos com a edição brasileira da Jorge Zahar.

⁵ Relatório ao congresso de Roma realizado no Instituto di Psicologia della Università di Roma nos dias 26 e 27 de setembro de 1953.

⁶ Escrito para revista *La Psychanalyse*, volume 3. Baseado na palestra realizada no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, no dia 9 de maio de 1957, solicitada pelos estudantes de filosofia da Federação dos Estudantes de Letras.

⁷ Comunicação realizada no Congresso de Rayaumont nos dias 19 a 23 de setembro de 1960, aos cuidados dos Colóquios filosóficos internacionais, sob o título de “A dialética”, a convite de Jean Wahl.

⁸ Lacan nasceu dia 13 de Abril de 1901.

Em 16 de junho de 53 Lacan rompe com a Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP. Em 26 de julho de 53 encontra-se abrindo a reunião inaugural da Sociedade Francesa de Psicanálise – SFP que não fundou. Narra, então, seu texto “O Simbólico, O Imaginário e O Real”, primeira exposição de sua tópica que desenvolverá durante os próximos quase trinta anos.

Podemos ler já no prefácio desse texto, que “O discurso que se encontrará aqui merece ser introduzido por suas circunstâncias. Pois ele traz delas a marca ([1953]1978:102⁹)”. Trata-se de uma crítica à SPP. É preciso, diz Lacan, “[...] renovar em sua disciplina os fundamentos que ela toma na linguagem ([1953]1978:102)”. Tarefa nada fácil, já que “[...] deveria comportar a consequência de tornar nosso propósito primeiro, se não único, a divulgação das teses pela elucidação dos princípios ([1953]1978:102)”.

Quais teses? Aquelas que fundamentam a prática clínica da psicanálise, que se encontravam reduzidas ao dispositivo ritualístico institucional. Mas, justamente nisso, encontra-se o problema, segundo Lacan, pois “[...] ao confrontar os princípios em que cada um de nós acredita fundar sua experiência, nossos muros se dissolveriam bem depressa na confusão de Babel ([1953]1978:104)”.

Como, então, estabelecer esses princípios? Restabelecendo as bases da psicanálise freudiana fundamentada na experiência da fala e da linguagem. Relembrando o método instaurado por Freud e batizado por Anna O de *talkig cure*.

Pode-se seguir no fio dos anos passados essa aversão do interesse quanto às funções da fala e quanto ao campo da linguagem. Ela motiva as “modificações de objetivo e de técnica” que são confessadas no movimento (...) (Lacan [1953]1978:106).

Lacan distingue três aspectos relativos aos problemas atuais da psicanálise em 1953.

*A) **Função do Imaginário** (...) das fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes fases do desenvolvimento psíquico. O impulso veio aqui da psicanálise de crianças e do terreno favorável que oferecia as tentativas como as **tentações dos pesquisadores o estudo das estruturas pré-verbais**. É lá também que sua culminação provoca agora um **retorno colocando o problema da sanção simbólica a dar as fantasias em sua interpretação**.*

⁹ *Função e Campo*. (1953) In.: *Escritos*. Ed. Perspectiva. [1966]1978: 101-187.

*B) Noção das relações libidinais de objeto (...) desemboca sobre uma fenomenologia existencial. Ai também uma reação nítida se exerce em favor de **um retorno ao eixo técnico da simbolização.***

*C) **Importância da contratransferência** e, correlativamente, da formação do analista (...) indica-se o ser do analista como elemento não negligenciável nos efeitos da análise (Lacan [1953]1978:107)¹⁰.*

Lacan resume esses três problemas a partir de um traço que apresentam em comum: “[...] a tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala, e isso justamente em domínios onde seu uso requereria mais do que nunca seu exame ([1953]1978:107)”.

Problemas que devem ser “corrigidos por um retorno a função da fala ([1953]1978:108)”.

*Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, e, portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. **Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam seu sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão ao se ordenarem à função da fala.** (Lacan [1953]1978:111)*

Lacan critica seriamente os analistas por terem esquecido a evidência clínica de que “a psicanálise só tem um meio: a fala do paciente ([1953]1978:112)”.

O analista, ao se tornar ouvinte da fala do paciente, transforma seu silêncio numa escuta. Vazio que não deve ser preenchido por nenhuma realidade a ser procurada num para além da fala. Também não se trata de qualquer fala, já que este vazio pode ser pleno – ao gestar a verdade evocativa do sujeito – ou a fala pode tornar-se vazia.

A arte do analista deve ser a de suspender as certezas do sujeito, até que se consumam suas últimas miragens. E é no discurso que deve se escandir sua resolução. (Lacan [1953]1978:116).

Trata-se de um sujeito que é produto de seu próprio discurso ao implicar nele um ouvinte que desfaz suas camuflagens imaginárias. Assim, o analista deve buscar a “pontuação feliz”, que ao escandir o discurso adquira “o valor de uma intervenção” ao precipitar um momento de concluir.

¹⁰ Os grifos em negrito nas citações são nossos.

A escuta torna-se a leitura de uma “partitura constituída por esse discurso ([1953]1978:118)”.

Sejamos categóricos, não se trata na anamnese psicanalítica de realidade, mas de verdade, porque é o efeito de uma fala plena reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades a virem, tais como as constitui o pouco de liberdade por onde o sujeito as faz presente (Lacan [1953]1978:121).

A verdade do sujeito nasce em sua fala nos momentos de concluir, que precipitam o sentido a decidir. A “intersubjetividade” na cena analítica se esclarece por um terceiro (se fala com um personagem que não está em cena, um Outro). Hiância operatória onde o salto analítico se precipita para além da dialética intersubjetiva.

O inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente (Lacan [1953]1978:123).

O inconsciente é esse capítulo de minha história que marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar (Lacan [1953]1978:124).

A verdade está escrita em algum lugar. Mas de que lugar (ou lugares) se trata? O sintoma histórico pode nos fornecer um exemplo, pois em sua estrutura de linguagem, mostra que essa verdade pode estar escrita em seu corpo. Nesse ponto, Lacan considera que determinadas metáforas, fundamentais à história do sujeito, podem perder seu valor metafórico ao sofrerem deslocamentos simbólicos colocados em jogo pelo sintoma.

Na segunda parte do “Discurso de Roma”, Lacan retoma a *Traumdeutung* freudiana, para lembrar (aos analistas a quem seu discurso se dirige) que:

[...] o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, a nos atermos à sua letra, de um enigma, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que no adulto reproduz o emprego fonético e simbólico ao mesmo tempo dos elementos significantes, que se reencontra nos hieróglifos do antigo Egito assim como nos caracteres cujo uso a China conserva (Lacan [1953]1978:132).

Lacan atenta para a retórica do sonho, destacando dentre suas figuras de linguagem os deslocamentos metonímicos e as condensações semânticas onde o desejo encontra seu sentido.

Linguagem na qual Lacan buscará os *nós* da estrutura do sujeito, onde “o sintoma se resolve inteiramente numa análise de linguagem, porque ele próprio é estruturado como uma linguagem, que ele é linguagem cuja fala deve ser libertada ([1953]1978:133)”.

O homem fala porque o símbolo o fez homem, diz Lacan. Na loucura, ele é falado por seu inconsciente sem poder falar nele. Na neurose, é falado por seus sintomas recalçados em sua consciência de sujeito. Na modernidade, não se reconhece na desordem que denuncia no mudo.

Lacan finaliza essa segunda parte elencando um “triângulo epistemológico” – que seria digno dos fundamentos de um *cursus* para formação do analista – composto das matérias da retórica, da gramática e da poética. Destaquemos da terceira parte do texto o que Lacan diz sobre a função da linguagem – sua função evocativa acima de sua função informativa. “O que eu procuro na fala, é a resposta do Outro. O que me constitui como sujeito, é minha questão ([1953]1978:163)”. Resta ao sujeito saber por que e para quem faz sua pergunta.

E assim encerramos esta síntese de leitura:

A experiência psicanalítica reencontrou no homem o imperativo do verbo como a lei que formou à sua imagem. Ela manipula a função poética da linguagem para dar a seu desejo sua manifestação simbólica. Que ela os faça compreender enfim que é no Dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois é pela via desse Dom que toda a realidade veio ao homem e por seu ato continuado que ele a mantém (Lacan [1953]1978:186).

Finalizaremos este tópico com um breve comentário das seguintes palavras de Lacan (Escritos [1966] 1989¹¹):

Quando os Devas, os homens e os Asuras, lemos no primeiro Brâhmana da quinta lição do Bhrad-âranyaka Upanishad, terminavam seu noviciato com Prajapâti, eles lhe fizeram essa súplica: “Fala-nos”.

¹¹ A tradução, de nossa inteira responsabilidade, foi realizada diretamente da edição em espanhol dos *Escritos* de Jacques Lacan, em dois volumes com tradução de Tomás Segovia, do original em Francês, revisada com a colaboração do autor e de Juan David Nasio.

“Da”, disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os **Devas** responderam Tu disseste: “Damyata, **domai-vos**” - querendo o texto sagrado dizer que as potências superiores submetam-se à lei da palavra.

“Da”, disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os **homens** responderam: “Datta, **dai**” – querendo o texto sagrado dizer que os homens se reconhecem pelo dom da palavra.

“Da”, disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os **Asuras** responderam: “Tu nos disseste: Dayadhvam **perdoai**” – querendo o texto sagrado dizer que as potências inferiores ressoam à invocação da palavra.

Então ai, a voz divina faz-se ouvir no trovão: Submissão, dom, perdão. Da, Da, Da. Pois Prajapâti a todos responde: “Vós me ouvistes?” (Escritos I.[1966]1989:310).

Assim, o psicanalista é ouvidor que ao posicionar determinados significantes que lhes são endereçados (“Da, Da, Da”) permite que a linguagem se realize (“Submissão, dom, perdão”) ao representar o sujeito (“Devas, Homens, Asuras”). Um significante (“Da”) representa um sujeito (“Devas, Homens, Asuras”) para outro significante (“Submissão, dom, perdão”). Mas, se o significante representa um sujeito, é porque o sujeito lá não está senão deduzido. Ele se acha dividido – entre significantes – em sua própria representação. O que resta, então, é o trabalho do próprio significante.

Desse trabalho depreendemos tanto o campo quanto a função da linguagem na psicanálise. Passemos, assim, à leitura do segundo texto de Lacan: *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*¹².

Logo no início desse texto – situado entre o escrito e a fala¹³ – Lacan refere-se a *universitas litteratum*, para falar da importância do objeto literário na formação do analista. Digamos diretamente: a importância das letras. Letra que irá adquirir sentido ao somar-se ao mesmo campo da linguagem onde a fala encontrou sua função na experiência psicanalítica – “[...] é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente ([1957]1978:225)”. “Nós designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto empresta à linguagem ([1957]1978:225)”. Esta “letra” retornará dezesseis anos mais tarde em “Lituraterra” (1973).

¹² Texto de 1957. *Escritos*. Ed. Perspectiva.[1966]1978: 223-259.

¹³ Este texto foi escrito a partir de uma Conferência proferida no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, para estudantes de filosofia.

Não podemos esquecer que o termo francês *lettre* significa tanto carta quanto letra. O que indica sua relação com outro texto da Lacan: *La lettre volée* (A carta – letra – roubada).

Texto onde Lacan mostra que uma “carta-letra” não apenas veicula uma mensagem, mas é também seu próprio objeto, ou seja, por onde passa deixa suas marcas, sua escrita a ser decifrada. Também encontraremos essa *lettre*, por transposição translingüística, em *litter* (lixo) no seminário de Lacan sobre Joyce. São algumas das insistências da letra no texto lacaniano.

Em *Instância da letra* (...) encontramos a seguinte definição de letra: “Estrutura essencialmente localizada do significante ([1957]1978:232)”. Podemos, a partir disso, considerar que se trata de uma forma de localizar o significante na estrutura do inconsciente, na estrutura da linguagem, como indicaria a seqüência do título (*Instância da letra...*) “no inconsciente (...)”. Letra que nos mostra “(...) a razão desde Freud”. Razão a partir da qual é possível reler Descartes: há pensamento inconsciente.

Não se trata de saber se eu falo de mim conformemente ao que eu sou, mas se, quando eu falo de mim, sou o mesmo que aquele de quem falo. E não há aqui inconveniente algum em fazer intervir o termo ‘pensamento’. Pois Freud designa por este termo os elementos em jogo no inconsciente; isto é nos mecanismos significantes que eu acabo de aí reconhecer (Lacan. [1957]1978:247-248).

Continuemos com a estrutura. “O sonho é um enigma em imagens ([1957]1978:240)” que depende de uma estrutura literal – uma escrita – para ter abalizados seus significantes no discurso. Lacan, seguindo “a razão desde Freud”, dirá que tais imagens têm o mesmo estatuto dos hieróglifos egípcios, ou seja, o de serem uma escrita figurativa. Se o sonho é ciframento do inconsciente, então, para ser decifrado é preciso que seja da mesma “natureza” (estrutura) que a linguagem. “Que o sonho disponha da fala tanto faz, visto que para o inconsciente ela não passa de um elemento de encenação como os outros ([1957]1978:242)”.

Talvez possamos dizer que o sonho não tem outro conteúdo senão sua própria estrutura. Em outras palavras, não se trata de buscar um sentido do sonho, pois ele não pode ser semanticamente interpretado. O sonho não é outra coisa senão seu próprio instrumento (linguagem) que rege seu próprio regente. Seu ser (*l’être*) é sua letra (*lettre*).

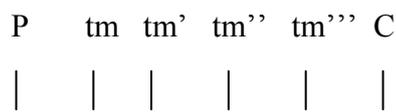
Assim, o sonho encontra a função poética da e na linguagem. Tanto o sonho quanto a poesia postulam a impossibilidade da tradução, é o avesso da tradução. E é dessa impossibilidade que ambos – sonho e poesia – tiram a capacidade de criação para exprimir o

inexprimível, para “traduzir” o intraduzível (o que é não-linguagem). Apenas demarcam o lugar onde se dará o trabalho de recriação – lá onde a cifra da letra encontra seu tom ou seu tônus original; alteridade que submete a língua a outras dicções. Lá onde a letra (*lettre*) é outra (*l'autre*), a encontramos na outra cena, na cena do sonho.

Ao concluir nossos comentários acerca da *Instância da letra* em Lacan, destacamos, a título de estabelecimento de alteridade teórica no campo das letras, alguns tópicos de uma breve leitura que realizamos do texto da lingüista francesa¹⁴ Jacqueline Authier devido à consonância argumentativa e temática com o que estamos tratando. Evidentemente, o recurso à teoria de Authier tem, aqui, uma função ilustradora, não exigindo, portanto, que se faça uma apresentação detalhada de sua teoria das “não-coincidências do dizer”. Interessa tão-somente destacar dessa leitura o movimento realizado pela autora em direção ao que chama de fala heterogênea e da sua relação com a psicanálise lacaniana.¹⁵

A “fala heterogênea” é do mesmo estofa daquela com a qual trabalha o psicanalista ao fazer ressurgir os conflitos esquecidos pelo analisante. Segundo Freud, essa é uma “tarefa do analista” que consiste em “construir o que foi esquecido a partir dos traços deixados por esses esquecimentos (in: Authier. 1982:41)” .

Seu correspondente figurativo encontra-se neste resumo esquemático do pente invertido de Freud.



[Figura 6: O pente invertido de Freud]

Lê-se, a partir do esquema:

P = percepção; Tm = traço mnêmico; C =consciência.

As palavras deixam traços que retornam no presente através de determinados significantes que aprisionaram o desejo inconsciente. “A linguagem é a condição do inconsciente” (Authier. 1982:54). A prática da análise, ao trabalhar a “talking-cure”, aparenta-se a escrita poética, pois ambas promovem a “transgressão das leis da conversação” dando a

¹⁴ Trata-se da parte 3 do texto: Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. De Jacqueline Authier-Revuz.

¹⁵ Jacqueline Authier é uma lingüista que considera em suas análises da linguagem as noções da psicanálise lacaniana tomando-as como uma exterioridade teórica que lhe auxilia a teorizar sobre as não-coincidências do dizer. Seus trabalhos sobre heterogeneidade enunciativa são um belo exemplo de como a lingüística pode tirar proveito da psicanálise mantendo-se em seu próprio campo enunciativo, constituindo-se, assim, ambas, lingüística e psicanálise, em heterogeneidades teóricas que possam se informar mutuamente, renovando nossa “forma” de lidar com a linguagem.

iniciativa às próprias palavras¹⁶. A eficácia dessa linguagem, segundo Authier (1982), está fundada em três princípios negativos:

1. “Não há um discurso do inconsciente (...). O ICS age no discurso normal (p.43)”;
2. “Não há o terceiro ouvido ou segunda vista do psicanalista que lhe possibilitaria um acesso direto ao inconsciente (p.43)”;
3. A escuta analítica do discurso “Não é um comentário, uma interpretação, um a mais, a partir daquilo que é dito (p.43)”.

Princípios estes que, relacionados entre si, definem uma proposição positiva de seu conjunto: “O Lugar da interpretação analítica é a linguagem (Authier. 1982:44)”. Deduz-se dessa posição, a crítica de que um sentido manifesto – veiculado por uma “palavra-instrumento” – possa ser traduzido (ou ser comentado) por um sentido oculto.

Concordamos com Authier (e com sua leitura de Lacan), quando considera que o trabalho de escuta realizado pelo analista é um recorte (pontuação) que se efetua sobre a própria materialidade da cadeia falada. Posição que faz eco à fala de Lacan, no momento em que diz que o inconsciente não é da ordem do profundo, mas que se encontra na superfície da linguagem, ou ainda ao dizer que do inconsciente temos acesso apenas a sua costura, uma superfície que encontra seu correspondente topológico na *Banda de Moebius* (como temos sustentado no decorrer deste trabalho).

Moebianamente a linguagem é duplicada, por ela mesma (pela mesma linguagem), em uma dupla cena. Primeiro, como um movimento de torção no qual a linguagem supostamente comunicacional, regulada por códigos (cena 1), é, segundo, duplicada pelas rupturas escansivas produzidas na própria linguagem (na cena 1), revelando-se em sua outra cena (cena 2).

Produz-se um avesso do discurso que não é um outro discurso, mas o discurso do Outro. Essa articulação de um discurso com seu avesso se dá pela localização de seus traços na cadeia falada: o que é dito do desejo, sem que se saiba, na fala. “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve (Lacan. 2003:448)”.

Reencontramos aqui “nossa” Letra no dizer de que é preciso tomar “o inconsciente ao pé da letra”. Mas se a letra mata o espírito vivifica. E é na letra do discurso, enquanto base do

¹⁶ Como nos diz Jakobson, ao definir as seis funções da linguagem, contrariamente à função comunicativa, na função poética pegamos carona no movimento metafórico e metonímico estabelecido no jogo da linguagem.

significante, que se detém a escuta analítica. É no funcionamento latente do significante que ressoa o dizer que faz apelo à escuta analítica, onde a retórica que trabalha no nível do significante é acionada inconscientemente no funcionamento normal do discurso.

Se a situação analítica é “anormal”, a língua “normal” não é uma língua “analítica”. Sua prática se renova como numa escritura poética. Evoquemos como exemplo a escrita que advém do fazer poético de Manoel de Barros em sua *Gramática Expositiva do Chão* (poesia quase toda): “Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem” (1990: 252).

O trabalho poético tem em comum com o trabalho analítico o fato de ambos praticarem a “regeneração do significante” ao estruturarem a proliferação dos harmônicos de uma palavra.

Juntamente com a prática da letra, Lacan dá destaque às duas grandes funções significantes da linguagem: 1) metonímia – a palavra por uma palavra – função de conectar significantes entre si; 2) metáfora – uma palavra no lugar de outra – substituição de um significante por outro significante, produzindo um efeito de significação. Mas é no trabalho da letra que encontramos a lei secreta e permanente do desenvolvimento de toda a palavra. Seja nos exemplos tirados do registro cotidiano, como demonstrou Freud¹⁷, seja nos exemplos literários das “palavras-valise”, seja nos *lapses lingue* (“nach Hose / nach Hause”). Poderíamos elencar a propósito disso, ainda, a lógica da quarta proporcional¹⁸ (“x” está para “y” assim como “w” está para “z”) no jogo que atravessa os significantes inconscientes do discurso de um paciente ou a polissemia e a homonímia que encontramos no fundamento do chiste. Ou ainda nos ecos ou nos recortes evidentes que se impõe em sua própria palavra ou na do outro.

E, certamente, como exemplo *princeps*, temos a “Interpretação dos sonhos”. Sonhos que devem ser lidos como um enigma (e não com uma chave interpretativa *a priori*). Imagens que, através de associações, transformam-se em sílabas ou palavras.

Toda essa localização dos traços do discurso inconsciente realizada na trajetória de análise leva à afirmação de que todo discurso é polifônico e deve ser lido tal como o registro de uma partitura musical.

Já dizia Freud, em seu *Wunderbloc* (Bloco mágico), que o inconsciente é um texto escrito em baixo. É a estrutura material da língua que permite que, através da linearidade da

¹⁷ Psicopatologia de la vida cotidiana. S. Freud. Obras Completas. Tomo I. Quarta Edición. 1981. Biblioteca Nueva. Madrid – Espanha.

¹⁸ Confira-se Pommier. O desenlace de uma análise.

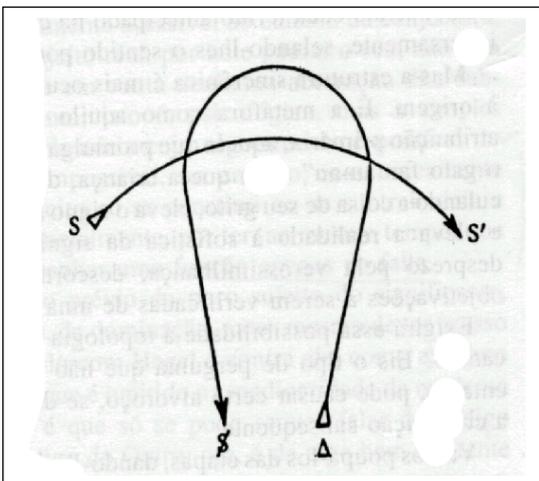
cadeia falada, se inscreva a polifonia de um discurso. Numa frase: “A língua (letra) é a condição do inconsciente”.

Passemos agora à leitura de outro texto de Lacan, que dá seqüência à série de subversões implicadas em sua modalidade de compreensão da linguagem. Dedicar-nos-emos a partir de agora a *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* ([1960]1978)¹⁹.

Nesse texto, Lacan comenta extensamente o grafo do desejo, desenvolvido por ocasião de seu seminário “As formações do inconsciente” ([1957-58]1998) no qual busca formalizar as leis do inconsciente através de um esquema topológico (grafo) que apresenta as relações do sujeito ao significante. Lacan divide essa relação em três etapas que correspondem à estruturação do sujeito, a partir da leitura do Édipo como instauração da metáfora paterna, sua mensagem como interdição e o nascimento do Ideal de eu.

Na “Subversão (...)” Lacan inicia o primeiro esboço do grafo com a entrada do sujeito na linguagem. Grafa com a letra delta (Δ) um primeiro momento que, na linguagem, corresponderia ao indeterminado, a algo que pré-existe ao sujeito.

Na outra extremidade dessa linha vertical em curva iniciada no delta (Δ = ponto zero), seguindo sua trajetória da direita para esquerda (movimento que tem seu correspondente temporal no conceito de *a posteriori*), encontramos o grafema do sujeito barrado ($\$$). Esse sujeito surge somente quando a linha que parte de delta (Δ) cruza duas vezes com a linha horizontal da cadeia significante ($S - S'$), enlaçando-a. Dessa forma, Lacan apresenta “onde se situa o desejo em relação com um sujeito definido graças a sua articulação pelo significante ([1960]1978:287)”.



[Figura 7: Grafo 1 da Subversão do sujeito]

¹⁹ Comunicação no Congresso de Royaumont “Colóquios filosóficos”. 1960. *Escritos*. Ed. Perspectiva. [1966] 1978: 275-311.

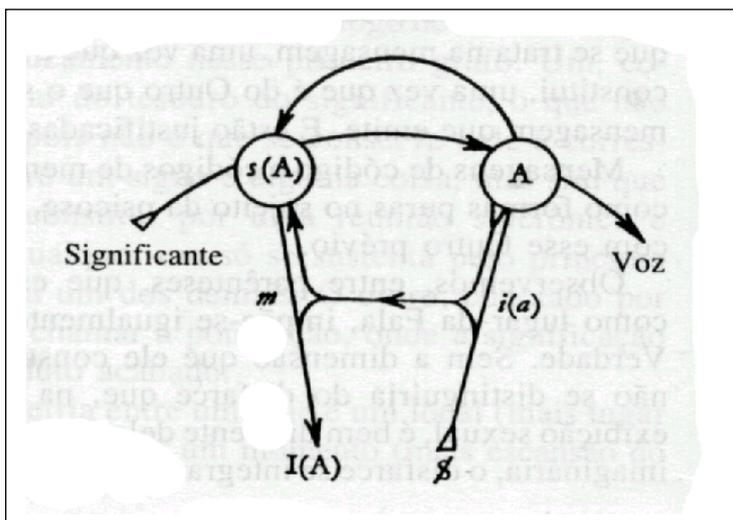
Trata-se de um enlace nomeado por Lacan de ponto de estofo (*point de capiton*) que detém o movimento de deslizamento indefinido da significação.

Podemos dizer que a própria estrutura da linguagem, enquanto pura articulação de elementos, no movimento de seu jogo diferencial, permite que se derive desse jogo a suposição (e a posição) de um desejo que produza um endereçamento ao sujeito ($\$$). Se, de um lado, há um indeterminado na linguagem (Δ), de outro lado, temos um sujeito ($\$$) (ainda indeterminado) que, diante desse lugar (posição, diferença operando na linguagem), destacará um traço para se constituir a partir de algo que a linguagem lhe endereça: Há desejo na linguagem.

Lacan fornece a função dos dois pontos de cruzamento desse primeiro gráfico:

Um, conotado A , é o lugar do tesouro do significante, o que não quer dizer do código, pois não se conserva aí a correspondência unívoca de um signo a alguma coisa, mas que o significante se constitui apenas por uma reunião sincrônica e enumerável em que cada um se sustenta apenas pelo princípio de sua oposição a cada um dos outros. Outro, conotado $s(A)$, é o que se pode chamar de pontuação em que a significação se constitui como produto acabado (Lacan. [1960]1978:288).

Como no esquema correspondente no grafo:



[Figura 8: Grafo 2 da Subversão do sujeito]

De um lado, temos um lugar – um oco de recepção – e, de outro lado, um momento (uma duração) – perfuração para saída ($\rightarrow O \rightarrow O \rightarrow$) Movimento de abertura e fechamento da linguagem aonde o sujeito vai se inscrever numa combinatória possível.

(...) o sujeito não se constitui senão ao subtrair-se-lhe e a descompletá-la essencialmente para ao mesmo tempo dever contar-se e somente funcionar como falta. (Lacan. [1960]1978:289).

O sujeito se conta na sua própria subtração. O sujeito está incluído no campo da linguagem (cujos elementos permitem uma combinatória infinita), onde vai retirar seus significantes (na produção de uma combinatória finita), mas somente pode contar-se nele descompletando a cadeia – como sujeito ex-centrico, fora da cadeia, exatamente por ser efeito dela.

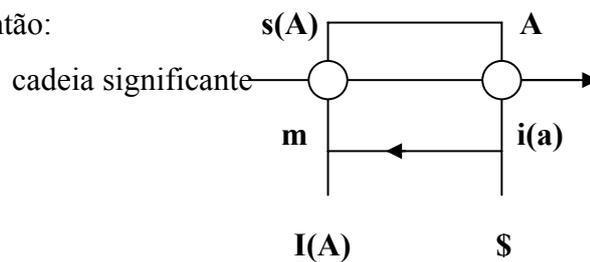
Vemos esboçarem-se os elementos mínimos do universo de linguagem: um momento no qual um sujeito poderá advir ao tomar a palavra (enunciar) a partir do lugar onde sua mensagem se forma.

A submissão do sujeito ao significante, que se produz no circuito que vai de $s(A)$ a A para retornar de A a $s(A)$, é propriamente um circuito com a condição de que a asserção que aí se instaura, por não se fechar sobre nada mais do que sua própria escansão, em outras palavras, por falta de um ato em que ela encontraria sua certeza, não remeta senão a sua própria antecipação na composição do significante, em si mesma insignificantemente (Lacan. [1960]1978:289).

Ao enunciar, o sujeito se submete aos significantes que se encontram em A , ou seja, no campo do Outro. A relação do sujeito com a linguagem não se dá através de um controle egóico, mas através da submissão ao significante. O sujeito é produto dessa potência da linguagem. “O dito primeiro decreta, legifera, aforisa, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade (p.290)”. Nesse momento, Lacan realiza, a partir de um movimento de rotação, a primeira modificação no grafo: onde estava o delta (Δ) surge o sujeito barrado ($\$$) onde estava o sujeito tem-se o Ideal de Eu ($\mathbf{I(A)}$).

Este processo imaginário que da imagem especular ($i(a)$) vai à constituição do Eu pelo caminho da subjetivação pelo significante, está significado em nosso grafo pelo vetor $i(a) \rightarrow m$ numa única direção, porém articulado duplamente, uma primeira vez em curto circuito sobre $\$ \rightarrow I(A)$, uma segunda vez em via de retorno sobre $s(A) \rightarrow A$. O que mostra que o Eu só se consoma ao ser articulado não como Eu do discurso, mas como metonímia de sua significação (o que Damourrette e Pichon tomam como a pessoa “rica”²¹ que opõem à pessoa sutil; esta última não é senão a função acima designada como shifter (Lacan. [1960]1978:292).

Tem-se, então:



[Figura 10: Grafo esquemático]

Mas, cabe lembrar, não há demanda ao outro que não passe pelo Outro (A), que não seja mantida pelos significantes de um universo de linguagem. É a partir da linguagem que o desejo encontra sua forma. “O inconsciente é o discurso do Outro ([1960]1978:297)”.

[...] o desejo do homem é o desejo do Outro, onde o do dá a determinação dita pelos gramáticos subjetiva, a saber que é como Outro que ele deseja (o que dá o verdadeiro alcance a paixão humana).

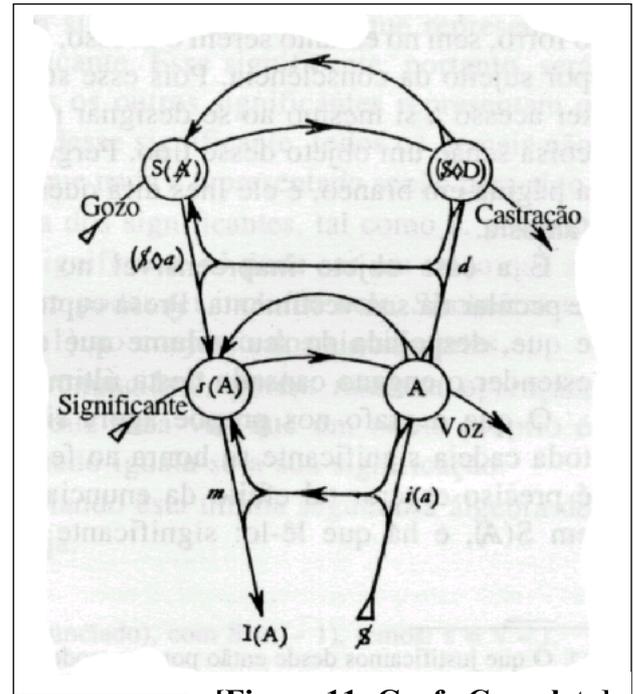
Eis a questão do Outro que retorna ao sujeito do lugar onde ele espera um oráculo, sob a fórmula de um: Che Vuoi? Que queres? É aquela que conduz melhor ao caminho de seu próprio desejo [...] (Lacan. [1960]1978:297).

A necessidade articulada à demanda de amor dá lugar ao desejo que encontra no Outro, na linguagem, sua forma. O desejo do homem é o desejo de ser reconhecido no desejo do Outro. Para ser, deve ser reconhecido no desejo. É desejo de desejo.

Com a demanda e o desejo chegamos ao terceiro piso do grafo.

²¹ Étoffé = densa.

$S(\overline{A})$ = Significante da falta no Outro
 $\$ \diamond D$ = Demanda
 $\$ \diamond a$ = Fantasma
 d = Desejo
 $s(A) - A$ = (cadeia significante)
 $s(A)$ = Significado do Outro
 A = Outro (tesouro do significante)
 $m - i(a)$ = relação especular
 m = ego
 $i(a)$ = imagem do outro
 $I(A)$ (Ideal de Eu)
 $\$$ (Sujeito barrado)



[Figura 11: Grafo Completo]

Desejar é procurar um lugar no desejo do Outro. É assim que, ao situar uma falta no Outro ($S(\overline{A})$), o sujeito ($\$$) produz sua verdade – “que quer ele de mim, o Outro?” – enunciando seu desejo (d) velado por um querer.

O processo que se compõe pela seqüência de se supor uma demanda no Outro ($\$ \diamond D$) para, então, formular-se algo para satisfazer essa demanda, é um movimento que corresponde à construção do fantasma ($\$ \diamond a$), ou seja, à posição de objeto (excremento, olhar, voz, etc.) que o sujeito ocupa frente a essa demanda (isso permite determinar essa demanda e a posição de objeto de desejo do Outro).

[...] esse sujeito que acredita poder aceder ele mesmo a se designar no enunciado, não é outro que o tal objeto. Interroque o angustiado da página em branco e ele lhes dirá quem é o excremento de seu fantasma (Lacan. [1960]1978:301).

Esse objeto não se encontra no espelho, mas a imagem especular lhe dará sua vestimenta ($i(a)$). O sujeito se constituirá da falta-para-ser, situada no campo do Outro²².

²² A clínica psicanalítica parte não de fenômenos objetivados diretamente, mas desta própria estrutura de linguagem. O diagnóstico que estabelece é fundado na forma como uma relação transferencial se amarra discursivamente. Dito de outro modo, é relativo à posição que o sujeito falante ocupa ao dirigir-se ao analista e ao lugar que o coloca quando lhe fala de sua queixa (que pela escuta analítica se transformará em demanda articulada ao desejo). Na estrutura neurótica o sujeito responde a esta demanda do Outro com palavras, onde sua posição de objeto é mediada por um saber. Este saber sobre o desejo se organiza como uma metáfora que fornecerá uma estrutura de significação ao sujeito. Na psicose essa mediação falha e seu próprio corpo se torna o objeto investido.

Trata-se, é claro, de uma função de linguagem e não de uma operação (intencional) do sujeito. O sujeito será, ele mesmo, um efeito dessa operação.

No grafo é possível ver como a série significante é recortada no lugar do Outro para se articular retroversivamente ao sujeito. Esse efeito de pontuação, parada, escansão na diacronia da fala, é um também um efeito de divisão do sujeito. É seu dizer que emerge do lugar do Outro.

Nessa estratégia de falação o sujeito busca fazer-se reconhecer pelo Outro – guardando-se o equívoco dessa expressão: que o Outro o reconheça para que ele se (re)conheça através do Outro. O sujeito se constrói a partir da imagem que faz do Outro, buscando se fazer conforme essa imagem. O sujeito se “conforma” à imagem (que lhe dá sua forma, sua imagem): **m – i(a)**. E não se conforma quando, por algum motivo, essa imagem não se sustenta. Eis a garantia de sua consistência egóica, garantia que eclipsa sua ex-sistência enquanto ser de linguagem.

O analista, ao não (co)responder desse lugar (de **i(a)**), remete o sujeito a sua relação de alteridade com a própria linguagem. A imagem do Outro apresenta falhas pelo próprio efeito da linguagem de produzir limites no discurso através de suas marcas escansivas. Tais falhas remetem à forma singular do sujeito estar na linguagem – e de como ele constrói sua estratégia de enunciação.

A experiência discursiva da análise leva o sujeito a constatar que a demanda com a qual ele constrói suas figuras de Outro é um efeito imaginário do desejo, pois o significante que produz o desejo não é o significante do Outro, mas, sim, o significante da falta no Outro, o que corresponde no grafo a **S(A barrado)**. O inconsciente se enuncia desse significante da falta no Outro (**S (A barrado)**), “[...] significante para o qual todos os outros significantes representam o sujeito [...] ([1960]1978:302)”, pois, “[...] todo discurso toma seus efeitos do inconsciente (1960]1978:311)”.

Se o sintoma angustia, o desejo interpela o sujeito a encontrar os elementos significantes que determinaram seu sintoma, que, para além de sua manifestação clínica, é tecido dos significantes que constituíram a sua história.

Essas são as palavras com as quais finalizamos esta parte de nosso seu texto. O que dissemos até aqui permite enunciar que, em um primeiro momento da Obra de Lacan, o sujeito da enunciação refere-se ao sujeito do desejo inconsciente – forma evanescente que se mostra por sua costura nas formações do inconsciente. Um sujeito representado pelo

significante. O inconsciente estruturado com linguagem permite “ler” a linguagem em sua relação com o significante. Sendo o sujeito (do desejo inconsciente) um efeito dessa relação.

Assim, Lacan retorna a Freud – para, com a segunda tópica freudiana, denunciar a autonomia do sujeito livre – via Saussure (de onde elabora sua teoria do significante) para situar o inconsciente como causa formal: A linguagem é a condição do inconsciente.

Mas, como Lacan lê Saussure via Freud, ao situar o sujeito como um efeito de linguagem e o Outro como um lugar (“estranho”) de onde emana todo discurso, podemos dizer que o efeito de linguagem é a função da causa introduzida no sujeito. O sujeito não sendo uma entidade homogênea, mas o resultado de uma estrutura complexa: o inconsciente é a condição da linguagem.

Assim, para o sujeito não há centro fora da ilusão do fantasma. Porém, ainda é preciso que reconheçamos a realidade desta ilusão. Para isto temos que levar em conta o não-dito (da lingüística): A linguagem é atravessada pelo desejo.

É deste enlace da linguagem e da língua com o inconsciente que passaremos a tratar em nossa leitura do segundo retorno à obra de Lacan: A *Traumdeutung* e a gramática: a linguagem e a lógica do fantasma.

5.2 Retorno II – A *Traumdeutung* e a gramática: a linguagem e a lógica do fantasma.

Até este momento situamos, através da referência ao grafo da *Subversão do sujeito*, a necessidade de que algo falte no campo da linguagem para que a fala exerça sua função de articular um sujeito de enunciação. Vimos também que este sujeito, para surgir, deve estar relacionado ao desejo inconsciente. Desejo este relativo às condições de enunciação de um sujeito.

Como dissemos em outro trabalho²³, a localização deste desejo deve-se a uma *função dita paterna*, que será responsável por definir o lugar da falta na estrutura, regrada por uma operação simbólica chamada *castração*. Essa falta será simbolizada por um significante a partir do qual a significação dos lugares na estrutura (da língua, da cultura, dos laços sociais e pessoais) vão se organizar. Sendo um significante da falta na estrutura, será tanto externo a ela – pois a funda como possibilidade – como interno – pois está destinado a designar os efeitos de significado em seu conjunto. Esta “lei da castração” é o que permitirá tanto a existência da

²³Cf. Trois (2004).

linguagem como a do sujeito – *função* que sustenta que todos os lugares tomem sua significação. Em termos da presença de um sujeito na linguagem, quando alguém vai falar, fala do lugar que lhe é permitido e outorgado por esta *função*. Fala-se em nome desta *função* que lhe outorgou um lugar na estrutura da linguagem e que organiza essa própria estrutura, isto é, fala-se em *nome do pai*.

Para ser falante, é necessário referir-se a essa *função*. Para falar, é preciso ocupar esse lugar. Mas esse lugar não é um lugar vazio, ele é constituído de uma série de traços que são os traços ideais supostos a essa *função*. Por isso, Lacan situa o sujeito falante, como sendo aquele que aceitou ocupar o lugar que vai se constituir como o *Ideal do Eu*. Assim, o lugar de onde o sujeito fala é lugar do *Ideal do eu*.

A partir disso, podemos considerar que enunciar é falar desde o lugar que o *Outro* outorgou na estrutura. Se for desse lugar na estrutura que um sujeito assume a palavra, o projeto de completude da linguagem comunicacional situa o sujeito como uma imagem ideal (virtual) no espelho da linguagem, que corresponderia a uma miragem de completude relativa ao par “locutor-ouvinte”. Assim, na linguagem comunicacional, o trajeto do sujeito na estrutura da linguagem é comandado pela necessidade de corresponder à idealidade. Isso se deve ao falante querer ocupar este lugar de (ser) *Eu ideal*, preso na busca de ser reconhecido como portador dos significantes da imagem virtual idealizada. É, pois, uma miragem imaginária da realização do fantasma de completude na linguagem que corresponde a um sujeito ascético, puro, não-marcado, no sentido dado por Jakobson ao modelo fonético.

Teríamos, então, dois percursos do sujeito na linguagem: um percurso do lado do *Ideal do eu*, que comanda o caminho do sujeito pelo Simbólico e um percurso do lado do *Eu ideal*, que comanda o caminho do sujeito pelo Imaginário.

As duas posições do sujeito na estrutura não existem separadamente, pois uma não existe sem a outra. Elas correspondem, de certa forma, ao movimento de abertura e de fechamento da linguagem, ou àquele da constituição das “certezas” que dão consistência ao sujeito e seus momentos de ruptura ou de relativização que reduzem o sujeito a um lugar na estrutura. No primeiro, o sujeito busca conhecer no outro os traços ideais a partir dos quais procura reconhecer-se a si mesmo nesses traços – estabelecendo uma trajetória de continuidade entre o eu e o outro. No segundo, a consistência dá lugar à existência. O sujeito pode reconhecer, no *a posteriori* de sua fala, o conjunto de traços que lhe permitiram enunciar, ou seja, de que lugar (de sua estrutura subjetiva languageira) organizou-se determinado dizer.

Não basta apenas um lapso, um tropeço na linguagem, para dizer que algo falou no lugar do sujeito, as expensas de sua vontade, mas é preciso articular “isso” que surgiu inesperadamente, aos significantes que fazem série na história do sujeito. Assim, consistir imaginariamente na continuidade (eu – outro) e “ex-sistir” simbolicamente na alteridade (eu / outro) são duas modalidades de um mesmo sujeito na estrutura. É a falta que os articula.

Ao consistir imaginariamente o sujeito busca seu sentido, “seus” significados, conjugando-os com os significados que supõe compartilhar com os outros, numa solução de continuidade – aqui nada vem a questionar este contínuo, pois o sujeito não percebe que busca seu sentido no outro. Mas se, para ser, o sujeito busca seu sentido no outro é porque não o tem. Algo lhe falta para ser. É preciso ter um lugar no (desejo do) outro para ser. É preciso ter um atributo nomeado pelo outro para ser.

Uma vez que o sujeito “tem” esse atributo (tem um sentido), o outro “é” e por “ser” pode fornecer o sentido – onde há “ser” no outro há “ter” no sujeito e onde há “ter” no outro há “ser” no sujeito. Duas faltas se recortam: uma falta de ser e uma falta de sentido. Assim, a partir desse movimento de descontinuidade, entre o eu e o outro, a falta vem ao ser pela perda da completude – ele não mais faz um com o outro (completude imaginária do modelo comunicacional). Pode-se dizer, então, que o sujeito é falta-para-ser. É através de sua relação de alteridade com a própria linguagem que o sujeito poderá estar ausente e presente ao mesmo tempo. Que ele poderá estar ausente, mas representado por um significante que o fará presente.

É desse fantasma que trataremos nesta parte. A partir da qual seguiremos com a referência ao *Sinthoma*, destacando um sujeito em sua capacidade de “(re)inventar-se” continuamente na linguagem, a partir do que sua estrutura lhe impõe através de seu *Sinthoma*.²⁴ O que lhe possibilitará simbolizar sua falta-para-ser ou o buraco que encontra na linguagem. Como vimos, Lacan decanta de suas referências lingüísticas muitos de seus próprios conceitos.

Não trataremos aqui do que se precipita dessa relação por saturação. Nossa via se define mais em seu movimento de sublimação. Assim, se na lingüística procuramos um sujeito de pura enunciação, uma concha vazia a ser preenchida, na psicanálise encontramos uma enunciação composta na linguagem e na língua com os traços cunhados em uma estrutura subjetiva formados em uma estratégia discursiva composta por um *Ideal de eu* e

²⁴ *Sinthoma* retoma a antiga grafia francesa de sintoma para expressar a forma de lidar com o desejo inconsciente, diferenciando-se da concepção de um sinal de doença.

sustentada em seus projetos identificatórios. Posteriormente, em Lacan, esses traços definirão um estilo, uma forma de compor com a linguagem, uma modalidade de “fazer-com-a-língua”, isto é, um *Sinthoma* – aquilo que fala na estrutura.

Passemos, então, à fórmula do fantasma.

5.2.1 A linguagem e a lógica do fantasma.

Se a lógica clássica encontrou seu ponto de partida na gramática – ancorada no fantasma de perfeição da língua –, as leis do inconsciente, que Freud descreve em sua *Traumdeutung*, exigirão outra lógica que dê conta de outra modalidade de relação com a linguagem. Ou seja, sendo a lógica clássica regida pelo princípio de não-contradição – que pode ser enunciado da seguinte forma: dadas duas proposições, uma das quais é a negação da outra, uma delas é falsa – como ler o enunciado freudiano de que "O inconsciente não conhece a contradição"?

Sabemos que na lógica em que o inconsciente se articula, ou naquela que articula o que o inconsciente demonstra, pode ocorrer que uma proposição e sua negação sejam ambas verdadeiras. Poderíamos deduzir daí uma "primeira" definição geral da lógica proposta pela psicanálise? A saber, uma lógica que possa dizer do inconsciente é possível se nela for verdadeira uma tese incompatível com a lógica clássica?

Tal lógica, a que permite formalizar a teoria psicanalítica do inconsciente, dispensaria a lei da contradição, ou seja, dispensaria o princípio da não-contradição. O que Popper diria ser impossível. Um impossível que Lacan formalizou, partindo do texto "A negativa" de Freud. Como diz Nassif, no contexto do seminário proferido por Lacan sobre *o ato analítico*²⁵, na aula de 28 de fevereiro de 1968:

*Creio que se o seminário do ano passado se intitula "lógica do fantasma" é porque tenta produzir uma nova negação que permita escutar e colocar a fórmula de Freud: O inconsciente não conhece a contradição (Lacan [1968] S.15: 20)*²⁶.

²⁵ A tradução desse seminário é de nossa responsabilidade. Utilizamos como texto fonte a tradução em língua espanhola realizada pela Escola Freudiana de Buenos Aires.

²⁶ Estas referências correspondem aos parágrafos relativos à transcrição do seminário, realizada pela Escola Freudiana de Buenos Aires. Não constam as referências das páginas. S15-11-03/131 de 28fev68. Desde ya puedo decir en qué sentido esto me produce satisfacción; en primer lugar por el puro y simple hecho de haber preparado este trabajo, que preparé de forma competente estando perfectamente al tanto de lo que yo he dicho el año pasado; y además ocurre que lo que él ha extraído, quiero decir lo que ha destacado, separado, en relación al

Jacques Nassif que, respondendo a uma solicitação de Charles Melman, havia realizado o resumo do seminário de Lacan sobre a Lógica do Fantasma para o Boletim da Escola Freudiana de Paris, foi convidado por Lacan a apresentar a "rede lógica" que destacou do conteúdo enunciado por Lacan em seu Seminário de 1966-67²⁷. Segundo D'Agord (2005), o objetivo de Nassif foi o de "isolar as diferentes negações que o termo contradição recobre (na frase freudiana: o inconsciente não conhece a contradição)"²⁸. Arriscaremos sintetizar as idéias apresentadas por Nassif, na tentativa de compreender a produtividade desses conceitos na psicanálise.

Jacques Nassif divide sua exposição em sete partes, para isolar cinco diferentes negações que o termo contradição recobre na psicanálise de Lacan.

Intitula a primeira parte de *o tema da negação*. Inicia apontando a diferença formal entre os domínios da lógica e da gramática, localizando o funcionamento do sentido corrente da negação em nível da gramática. Assim, a afirmação formal de que "Há universo de discurso" não pode se sustentar sem contradição. Por quê? Porque caracterizar uma classe por determinado predicado ("negro", por exemplo) implica designar, por exclusão, o que não carrega a atribuição desse predicado ("o que não é negro", neste exemplo), logo não pertence a essa classe – o que na afirmação supracitada corresponderia a "há o que não seja universo de discurso".

Essa forma da negação que funciona em nível gramatical é nomeada de "negação complementar". Já que uma negação gramatical funciona, em determinado universo de discurso, como complemento de uma afirmação predicativa que define uma determinada classe. Sustenta-se da contradição de que afirmar algo implica em negar algo.

Diríamos que a *negação complementar* busca construir uma imagem de perfeição da língua. Exigência de completude que se reflete na idéia de totalidade relativa a critérios internos à língua. Dessa forma, a língua seria uma e a gramática representaria sua completude

contenido de lo que dije el año pasado, es propiamente hablando la red lógica y especialmente su importancia, su acento, su significación en lo que quizás está definido, indicado como la orientación de mi discurso, su objetivo, su fin para decir la palabra

²⁷ "Desde ya puedo decir en qué sentido esto me produce satisfacción; en primer lugar por el puro y simple hecho de haber preparado este trabajo, que preparé de forma competente estando perfectamente al tanto de lo que yo he dicho el año pasado; y además ocurre que lo que él ha extraído, quiero decir lo que ha destacado, separado, en relación al contenido de lo que dije el año pasado, es propiamente hablando la red lógica y especialmente su importancia, su acento, su significación en lo que quizás está definido, indicado como la orientación de mi discurso, su objetivo, su fin para decir la palabra". Lacan. S15-11-03/131 de 28fev68. Versão da Escola Freudiana de Buenos Aires.

²⁸ Texto proferido pela professora Marta D'Agord, no seminário de psicanálise e lógica: a relação de contradição. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRGS.

ao permitir apenas arranjos que não sejam contraditórios. A questão é que a linguagem não se sustentaria, em sua dimensão inventiva, numa forma de complementaridade.

Segundo Nassif, o que se entende por essa forma de negação "não é outra coisa que o que funciona no desconhecimento narcisista a partir do qual o sujeito se aliena no imaginário (Lacan [68] inédito: 28)". Diríamos que o desconhecimento narcisista implica a noção de um sujeito pleno, um *eu* autônomo que se toma como sendo a causa primeira do sentido, portador da palavra homogênea e preferivelmente unívoca.

Para Nassif, trata-se de **negar este desconhecimento**, instaurando o fantasma como tela do desejo. No que podemos ler: **se** para o sujeito não há centro fora da ilusão do fantasma, **então** se trata de reconhecer a realidade dessa ilusão, levando em consideração o que ela não diz. Esse não-dito é correlativo à instauração de um sujeito dividido, efeito de linguagem e portador da palavra heterogênea, polissêmica e potencialmente equívoca. Nas palavras de Nassif, tal negação, mesmo ao funcionar ainda em nível gramatical, é o que permite instaurar o sujeito como referente da falta. Cito:

Esta negação, uma vez redobrada na denegação freudiana, a que se poderia definir como desconhecimento do desconhecimento, permite, com efeito, que aflore a nível do simbólico e que jogue como tal a função lógica do sujeito, a saber (lhes recordo a definição) "o que representa um significante para outro significante" (Lacan[1968] S.15: 30).

É a forma na qual Lacan vai inscrever a função lógica do sujeito da enunciação, para além da noção de um sujeito simetrizável do enunciado.

Nesse ponto, Nassif entra na segunda parte de seu argumento, ao sustentar que a "... função lógica do sujeito só pode surgir se a escritura é tematizada como tal (Lacan [1968] S.15: 31)". Trata-se, então, de separar a lógica da gramática que a envolve. A lógica se decalca da gramática.

Temos, nesse caso, a escritura de uma função lógica do sujeito que não é articulável pela lógica gramatical e que necessita uma outra lógica, uma "lógica do fantasma". Ou seja, é preciso que uma escritura lógica advenha no lugar da escrita gramatical. Lembremos que a lógica gramatical não suporta a não-totalização num conjunto qualquer, logo ela não suporta o conceito de falta, castração, ou de desejo como pura abertura.

A lógica psicanalítica de um sujeito da enunciação colocaria, assim, o seguinte paradoxo à "lógica lingüística (gramatical)": se, em análise, a língua se transforma na medida de seu próprio dizer, que teoria da linguagem permitiria entender teoricamente essa língua de pura enunciação? Uma língua que é inventada e reinventada a cada vez que é falada?

Dito de outra maneira: se a noção de Universal ("todo x") implicada na lógica gramatical da língua só é possível a partir de um ponto que a excetua ("não todo x"), os enunciados de uma língua se enunciam de um ponto de exceção, que corresponde ao seu lugar de enunciação ("não todo"). É um ponto preciso no qual o sujeito se articula e onde o sujeito pode, então, cessar de remediar uma ausência de significação (já que a significação remete ao significante e o sujeito é efeito dessa articulação).

Já não se está mais com a lógica clássica, pois não se trata de distribuir sujeitos ou predicados nas proposições – o Universal como complemento do Existencial torna-se uma falácia – mas de distribuir a própria negação como indicam as categorias da lógica modal:

- **Possível:** o que cessa de se escrever (onde um vazio deve ser negado para que o sujeito passe a existência, ou seja, para que o sujeito enuncie);
- **Necessário:** o que não cessa de se escrever (Imaginário; que permite conferir atributos que determinam a existência de um sujeito);
- **Contingente:** o que cessa de não se escrever (Simbólico; forma singular do sujeito advir na linguagem em seu nome próprio);
- **Impossível:** o que não cessa de não se escrever (Real; fora da linguagem que institui a falta radical).

Assim, o conceito de negação torna-se o operador lógico das modalizações. A língua é possível – como pressuposto universal – porque o homem fala e ao falar está submetido às leis da linguagem. Ou seja, para passar a existência o homem fala e ao falar nega o silêncio ou vazio da indeterminação e toma para si as leis da linguagem.

Voltemos ao comentário de Nassif. Diz o autor:

O sujeito é, com efeito, a raiz da função da repetição em Freud, e a escritura a posta em ato desta repetição, que busca precisamente repetir o que escapa, a saber, a marca primeira que não pode redobrar-se e que desliza necessariamente fora de alcance (Lacan [1968] S.15: 131).

A isso, acrescenta Nassif: "não existe outra diferença do que repetir a mesma operação", onde "o traço unário fica necessariamente oculto em todo universo de discurso".

Desdobremos a questão, para melhor compreendê-la, em parte e, por partes.

1º) Há uma relação essencial entre a lógica e a escritura. Lembremos que já não estamos mais com a lógica gramatical, logo não se trata de uma "escrita", mas de uma escritura lógica. Não sendo da ordem de uma narrativa, mas de um registro, de uma cifra;

2º) Essa relação surge a partir do sujeito. O sujeito não é, aqui, o sujeito gramatical ou o sujeito do enunciado, mas um sujeito da enunciação, efeito da articulação de uma cadeia de significantes;

3º) O sujeito da enunciação é sempre evanescente, pontual, mas suas palavras deixam um traço, significantes nos quais ele busca consistir através dos efeitos de significação que lhe permitam dizer de sua existência. Por isso, repete. Mas cada enunciação é sempre nova, a cada vez é sempre outra. É o próprio exercício de um dizer. Assim, "não existe outra diferença do que repetir a mesma operação".

4º) O traço unário fica necessariamente oculto em todo universo de discurso porque ele constitui uma escrita, uma cifra do sujeito da enunciação.

5º) Assim: "A escritura é o campo de repetição de todas as marcas". É o que nos permite "ler" estas marcas "como se a segunda vez fosse sempre a mesma".

Se a escritura, definida como campo de repetição de todas as marcas, pode diferenciar-se do universo de discurso que tem por característica fechar-se, é também só através da escritura que um universo de discurso pode funcionar, excluindo algo que justamente será colocado como não podendo sustentar-se por escrito (Lacan [1968] S.15: 36).

Talvez possamos dizer que esse universo de discurso seja necessário, mas não suficiente. Já que as leis que regem a língua não são suficientes para expressar o universo do desejo, que nos mostra que tropeçamos na língua, em seu equívoco, ali onde a verdade não pode ser toda dita.

Por isso, Nassif indica que, para falarmos dessa outra lógica, é necessário que sejam elucidadas suas relações com o conceito de verdade. Iniciando, assim, a terceira parte de sua exposição com o título: *Lógica e verdade; o "não sem" ("pas sans")*.

Trata-se mais uma vez de mostrar a insuficiência da lógica clássica ou da gramática de um universo de discurso para definir o conceito de verdade próprio à psicanálise. Mais uma vez a negação será o operador que permite a passagem de uma lógica à outra.

Terceira forma de negação, nomeada por Nassif de "o não sem" cuja fórmula correspondente se lê: "não há verdadeiro sem falso".

Nassif sublinha que

[...] a lógica clássica, que não é outra coisa que a gramática de um universo de discurso [...] consiste em perguntar-se como devem encadear-se as proposições com respeito ao verdadeiro e ao falso para implementar uma relação de implicação (a prótesis e a apódosis) que permita estabelecer que o verdadeiro não possa implicar o falso sem impedir que do falso se possa deduzir tanto o falso como o verdadeiro (Lacan[1968] S.15:39).

Esse paradoxo da implicação pode ser elucidado pela negação que nele funciona. Basta inverter a ordem da proposição "p implica q" para ver surgir ali uma negação: "se não p, não q". Não se trata de uma negação complementar, pois não joga no nível do predicado senão no nível do que Aristóteles chama de **próprio**.

Lembremos que a definição pelo próprio refere-se, por exemplo, a buscar o que é próprio ao homem (uma definição por compreensão, conotativa, que se ramifica por bivalência; é diacrônica), mas não define o ser homem, a essência do homem (uma definição por extensão, denotativa, onde o princípio de bivalência não está posto em questão; é sincrônico).

Segundo Nassif, essa terceira negação permite circunscrever perfeitamente o **problema do ato** tal como se expressa, podemos dizer, nesta simples frase: não há homem sem mulher. Ou seja, o ato de enunciar "você é minha mulher" implica como lugar desta enunciação "eu sou teu homem".

Mas esse lugar, ele mesmo, não é enunciado, ele permanece no desconhecimento e só pode ser deduzido como a verdade que fala e se insinua como efeito no enunciado. Essa definição pela enunciação, nada predica. Não se trata de confrontar o dito como alguma suposta realidade senão que se trata da verdade implicada no ato mesmo de um dizer. Faz parte da Dimensão (mansão – casa, morada – do dizer) do dizer.

Assim, diz Nassif:

O essencial não é tanto saber se um acontecimento teve realmente lugar ou não, mas descobrir como pode o sujeito articulá-lo como significante, ou seja, verificando a cena por um sintoma onde isto não ia sem aquilo e onde a verdade participa ligada com a lógica (Lacan [1968] S.15: 46).

O ponto de articulação entre lógica e verdade se dá através do conceito de repetição. O que o sujeito vai repetir é um modo de articulação que, por sua vez, irá expressar sua forma própria de enunciação, de estar na linguagem. Isto permite passar ao modelo da negação mais fundamental, a que funciona em relação à disjunção ("não a" ou "não b") entre a ordem da gramática (tudo o que no discurso é não eu) e a ordem do sentido. Relação que implica na noção de conjunto vazio, aquele que não contém nenhum elemento.

Nassif nomeia, então, a 4ª parte de sua exposição de o *Modelo vazio da alienação: S (A barrado)*.

Esse modelo da alienação como eleição impossível entre o *eu não penso* e o *eu não sou*, implica uma negação por disjunção: "não a" ou "não b".

Nassif argumenta que se "a" e "b" designam o "eu penso" e o "eu sou" deve-se admitir que "esta negação fundamentalmente faz surgir o Outro, conseqüentemente o rechaço da questão do ser que instaura o cogito, exatamente como o que é rechaçado no simbólico reaparece no real (S.15-11-50/131 de 28 fev. 68)". Trata-se de uma disjunção entre dois não-sujeitos (do não-penso e do não-sou), deste rechaço do ser surge o Outro.

*Esta verwerfung primordial, que instaura a ciência, instaura uma **disjunção exclusiva** entre a ordem da gramática em sua totalidade que se faz assim suporte do fantasma, e a ordem do sentido que resulta excluído e que advém como efeito e representação da coisa (Lacan [1968] S.15: 50)²⁹.*

A ordem gramatical que se referencia ao sujeito do enunciado – eu penso – e ao sentido – a certeza de si do "eu sou" – recusa o sujeito da enunciação – sujeito do desejo. O sujeito do inconsciente é precisamente o que está ausente no sujeito do enunciado.

²⁹ Verwerfung = forclusão; rejeição.

Da equivalência entre o "eu penso e eu sou" e "ou eu não penso ou eu não sou", Nassif se deterá sobre o primeiro termo para distinguir entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação.

*Se com efeito "logo eu sou" tem que poder colocar-se entre aspas depois do eu penso, é em primeiro lugar porque a função do terceiro é essencial ao cogito. É com um terceiro que eu argumento, fazendo-o renunciar uma a uma a todas as vias do saber na primeira meditação, até **surpreendê-lo** em uma virada decisiva fazendo-o confessar que é necessário que eu (je) seja eu (moi) para fazer-lhe recorrer este caminho, de tal modo que **o eu sou não é outra coisa em definitivo que o conjunto vazio posto que se constitui por não conter nenhum elemento. O eu penso não é de fato mais que a operação de esvaziamento do conjunto do eu sou** (Lacan [1968] S.15: 52).*

Assim, o sujeito não se encontra somente em posição de agente do *eu penso*, mas em posição de sujeito determinado pelo ato mesmo em questão – vazio de conteúdo, pura enunciação.

Lá onde o *penso* cartesiano não se distingue do próprio pensamento, em Freud haverá pensamentos (*Gedanken*) recusados pela consciência, que produzem a matéria prima dos sonhos (ou as representações de coisa, referidas na citação anterior de Nassif). São esses pensamentos inconscientes que constituem o desejo. Desta forma, no lugar do "penso, logo sou" teremos "desejo, logo sou", com a condição de não confundir aquele que deseja com quem enuncia que deseja. Dito de outra forma, o desejo é vazio de substância, pois se caracteriza pelo próprio ato de desejar. O desejo não confere identidade ao sujeito, pois não há um significante que diga do sujeito. O inconsciente não é nem ser nem não-ser é da ordem do não-realizado, dirá Lacan no Seminário da ética (1959-60). Seu vazio é pré-ontológico.

Se o sujeito determina-se em seu próprio ato de enunciação, todo ato poderia formular-se nesses termos, já que o meio em uma língua designa essa falha entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Mas, para Descartes, é essencial ao cogito poder ser repetido em cada um dos pontos da experiência, a cada vez que for necessário. Então, pode ser que tenhamos aí algo do **negativo em todo ato**.

Pode-se pensar, nesse caso, no movimento de balança entre enunciado e enunciação no processo de análise em que os enunciados do analisante demandam uma compactuação do analista à relação eu – tu. O analisante situa o analista numa posição de reversibilidade imaginária pedindo-lhe que (co)responda a seus questionamentos e que lhe aceite em sua

demanda. O analista não respondendo do lado da demanda – demanda de amor, demanda de reconhecimento, demanda de ser amável pelo analista, etc. –, o analista, então, ao não responder deste lugar, constrói um ponto de inversão, onde o analisante fica confrontado a sua relação ao grande Outro. Demonstrando com isso como constitui suas figuras de Outro. Produz-se, neste lugar, um interrogante, um ponto de captura, de implicação do sujeito. Este é o ponto onde o sujeito perde sua certeza na produção do engano (ali onde ele pode se enganar). Momento em que o espelho cai e desaparece a ilusão eu – tu. Lá onde o neurótico obsessivo confessa desconhecendo pedir punição, produzindo um Outro que o censura; lá onde a histérica se engana, não diz tudo, "esquece" e desconhece que produz um Outro que engana (Cf. Lacan.([1964]1979) *O Seminário - Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*).

O cogito é, de um lado, o lugar onde se origina a repetição constitutiva do sujeito e, de outro lado, o lugar onde se instaura um recurso ao grande Outro, tomado no desconhecimento, pois esse Outro é suposto como não afetado pela marca.

Descartes remete a cargo de um outro, que não estaria marcado, as conseqüências decisivas deste passo que instaura a ciência. Estas não se fazem esperar: por uma parte o descobrimento newtoniano, longe de implicar um espaço partes extra partes dá como essência da extensão o ter cada um de seus pontos religados por sua massa a todos os demais, em quanto a coisa pensante, longe de ser um ponto de unificação, leva pelo contrário a marca da fragmentação, a que se demonstra de algum modo em todo o desenvolvimento da lógica moderna, desembocando na res cogitans fazendo já não um sujeito senão uma combinatória de notações (Lacan [1968] S.15: 56).

Dessa forma Nassif propõe referir a negação à reunião do *eu penso* e o *eu sou* traduzindo suas conseqüências ao **escrever que não há Outro**.

A sigla S (A barrado) vem a ser em efeito constatar que não há nenhum lugar de onde se assegure a verdade constituída pela palavra, nenhum lugar justifica a posta em questão por palavras do que não é mais que palavra, fundindo-se toda a dialética do desejo e a rede de marcas que forma no intervalo entre o enunciado e a enunciação (Lacan [1968] S.15: 57).

O Outro é, portanto, um campo marcado pela mesma finitude que o sujeito. O que faz o sujeito depender dos efeitos do significante faz simultaneamente que o lugar de onde se

assegura a necessidade de verdade esteja fraturado em suas duas faces do enunciado e da enunciação. "É por isto que a reunião do eu penso e do eu sou, ainda que necessária, deve ser a princípio negada por esta negação fundamental (in: Lacan [1968] inédito: 60)". Assim, se apresenta a operação da denegação, como uma defesa sobre a verdade de que não há Outro. A verdade é o próprio ato de dizer. É somente no retorno sobre este ato que se produz a ficção que se articula como saber.

Passamos assim ao quinto ponto do argumento de Nassif, intitulado "forclusão e denegação".

*[...] qualquer tentativa para restabelecer a legitimidade de um **universo de discurso** consiste, uma vez que conseguiu uma marca pela escritura, tachando-a no Outro, **em apresentar este Outro como não afetado pela marca** (Lacan [1968] S.15: 65).*

Se há universo de discurso deve haver Outro. Se esse universo se constitui como Um todo o Outro se apresenta como não afetado pela marca, não afetado pela castração. E se não há Outro a totalidade não é assinalável. Assim, não pode não haver Outro. Então, em cada ato deve se recolocar esta negação fundamental da **forclusão da marca do grande Outro**.

Dizer que há universo de discurso requer a operação lógica da denegação – não pode não haver Outro. Cada universo de discurso constrói suas figuras de Outro que garanta sua própria consistência. Porém, ao apresentar seu Outro como absoluto, como não afetado pela marca, não tiram disso as conseqüências do fato que este Outro esteja barrado, disjunto ao sujeito. Se não há Outro, é porque um e outro são posições insustentáveis.

Essa marca (castração) apresenta-se como forcluída, nas formas complementares, como por exemplo, a do par homem-mulher (ou do par "a - grande Outro"), de rechaçar o ato sexual ora pensado como real e impossível, ora como possível e irreal. Fazer Um com o Outro. Nassif destaca ainda outra modalidade desta forclusão da marca, ao abordar a noção de passagem ao ato, através da segunda parte da equivalência "eu não penso – ou eu não sou", a partir do que intitulou *A gramática ou a lógica*:

A não reunião no Outro do eu penso e do eu sou se traduz simplesmente em uma disjunção entre dois não sujeitos: eu não penso ou eu não sou (Lacan [1968] S.15: 72).

Retoma, então, o "modelo vazio" para "fazer a teoria desta negação do sujeito que a negação do grande Outro supõe" para falar das disjunções entre gramática e lógica, fixando seu estatuto a gramática.

O que a lógica nos deixa pensando é que não temos eleição, precisamente nisto: a partir do momento em que o eu (je) foi eleito como instauração do ser, temos que ir até o eu não penso, porque o pensamento é constitutivo de uma interrogação sobre o não ser justamente, e é a isto que se põe um termo com a inauguração do eu (je) como sujeito do saber no cogito (Lacan [1968] S.15: 74).

O não ser ao endereçar-se ao Outro para ser (garante de seu pensamento) se dirige sobre o próprio eu (je) subtraindo-se do Outro.

Se eu não penso existe algo cuja essência é não ser eu. O *isso*, "que pode definir-se por tudo o que no discurso não é eu (je), é dizer precisamente todo o resto da estrutura gramatical".

A gramática, nesta lógica regida pela negação dirigida por sua vez sobre o Outro e sobre o sujeito, não é mais que um ramo da alternativa no qual está tomado o sujeito quando passa ao ato, e se se definiu por tudo o que, no discurso, não é eu (je), é porque o sujeito resulta em um efeito (Lacan[1968] S.15:78).

Então, o sujeito, para ser, passa ao ato sua "essência de sujeito" no que resta como articulação de pensamento através de uma articulação gramatical, onde o eu (ego) se produz como fantasma (ficção).

*Precisamente por isto o fantasma não é mais que uma montagem gramatical onde se ordena seguindo distintas alterações o destino da pulsão, de modo que **não há outra forma de fazer funcionar o eu (je) em sua relação ao mundo que fazendo-o passar por esta estrutura gramatical, da mesma forma que o sujeito, em tanto que eu (je), é excluído do fantasma, como se vê em "uma criança é sendo batida", onde o sujeito só aparece como sujeito batido na segunda fase, e esta segunda fase é uma reconstrução significativa da interpretação** (Lacan[1968] S.15:79).*

Essa estrutura gramatical deve funcionar de forma a constatar o agramatical "que a língua bem feita do fantasma não pode impedir". Nas "manifestações de verdade que são o

chiste, o ato falho, o sonho, [...] o sujeito só pode colocar-se do lado de um eu não sou (Lacan [1968] S.15: 82)".

Mas se o *isso* está relacionado a esta ausência de significação da qual nos deixa a gramática, o inconsciente se manifesta pela surpresa (na dimensão do eu não sou) que os efeitos de sentido da interpretação psicanalítica faz surgir (na interrogação sobre a verdade do dizer).

Neste lugar onde eu não sou que a lógica aparece totalmente pura, como não gramática e que o sujeito se aliena de novo em um penso-coisa, o que Freud articula sob a forma de representação de coisas, do que está constituído o inconsciente que tem por característica tratar as palavras como coisas (Lacan[1968] S.15:83).

Freud diz que os pensamentos do sonho são agramaticais. Nos sonhos não há conjunções, por exemplo. Esses pensamentos não podem dizer "logo eu sou" ou mesmo "logo eu não sou". O sonhador está disperso em todos os significantes do sonho. Nos sonhos, as conjunções são puramente lógicas e o estatuto do pensamento inconsciente é o de ser coisa.

São as defasagens em relação ao eu (je) gramatical, que devem ser lidas, do mesmo modo que "o hieróglifo se lê e se articula em relação a uma língua já constituída".

O psicanalista se apóia sobre esse eu não gramatical cada vez que faz funcionar algo como Bedeutung, fazendo como se as representações pertencessem as coisas mesmas e fazendo surgir assim esses buracos no eu (je) do eu não sou onde se manifesta o que concerne ao objeto (a). Porque, definitivamente, o que toda a lógica do fantasma vem suprir é a inadequação do pensamento ao sexo e a impossibilidade de uma subjetivação do sexo. Esta é a verdade do eu não sou (Lacan [1968] S.15: 86).³⁰

Se nos pensamentos do sonho as palavras são tratadas como coisas, são nas lacunas do relato que devemos ler a linguagem que estrutura o sujeito. Assim, é através das lacunas do relato que podemos articular o "não eu (je)" do *isso* da gramática (sujeito como produto da gramática) ao "não eu (je)" do inconsciente (sujeito como ausência referida pela lógica).

É neste ponto preciso que se faz sentir a necessidade de abater a lógica sobre a gramática e articular, através da repetição, a possibilidade de um efeito de verdade, efeito de verdade onde o

³⁰ *Bedeutung* = significação.

fracasso da Bedeutung para articular o sexo faz aparecer o $-\phi$
(Lacan [1968] S.15: 89).

Essa letra grega $-\phi$ (*falo imaginário*)³¹ (Cf. Lacan. *Escritos*. [1966]1978:306) se refere à forma como a imagem fálica aparece como um buraco especular (vazio do objeto), indicando que o significante da demanda endereçada ao Outro fracassa em apreender o objeto que faria o sujeito consistir egoicamente. Sendo que o sujeito é puro efeito que se produz a partir de um corte no Outro (um buraco) que provoca a queda deste objeto, indicando a repetição constante do significante no fracasso de sua demanda.

É na medida em que o objeto (a) pode ser pensado como real, ou seja, como coisa, que a relação do sujeito à temporalidade pode ser elucidada precisamente através das relações da repetição ao traço unário (Lacan [1968] S.15: 91).

A falta, vivida como algo perdido, se estrutura pela repetição reinstaurada de sua busca. O que advém é uma marca simbólica que se refere à ausência do objeto. Um traço que permite identificar elementos de um conjunto relativos ao sujeito.

Esse traço é dito unário, pois surge ao se repetir passando do 1 ao 2, (enquanto a repetição de um 1), se constituindo como efeito retroativo onde o 1 volta como supranumerário (não numerável), como um a mais (*plus*) ou um de sobra.

Acontece o mesmo em toda operação significativa onde o traço em que se sustenta o que é repetido na marca volta em tanto que repetente sobre o que repete por pouco que o sujeito contante tenha que contar-se a si mesmo na cadeia, é justamente o que ocorre na passagem ao ato (Lacan [1968] S.15: 96).

Dessa maneira, Nassif sustenta a correspondência alienação: eu não penso e repetição: passagem ao ato. Podemos dizer que ele constrói assim uma quarta proporcional: *Alienação: Eu não penso :: Repetição: Passagem ao ato*³². É que o ato, longe de ser uma descarga motora, é um efeito de corte (enunciativo) no qual a repetição vem fundar o sujeito.

Do ponto de vista topológico a *Banda de Moebius* pode ser tomada para ilustrar o trajeto da repetição simbólica do sujeito. Assim, "entre o repetido e o repetente há o espaço

³¹ A letra grega menos phi ($-\phi$) indica a condição “negativizada” do falo simbólico (Φ) ao ser tomado imaginariamente como objeto.

³² Lê-se: Alienação “está para” Eu não penso “assim como” Repetição “está para” Passagem ao ato.

moebiano, na medida em que ele revela um elemento não mensurável, não contável, mas presente estruturalmente como apoio fundamental, se bem que permaneça ignorado" (S.15: 36), ou seja, só se mostra por seus efeitos.

Trata-se desse elemento supranumerário que "esquecemos" de contar por se definir a partir do vazio e do tempo. Esse um a mais, Lacan o chama de desejo. A dobra moebiana ilustra "o material sobre o qual vai operar a análise: a repetição, manifestação do desejo na cura. Isto torna sensível este espaço, o qual visa operar o ato analítico" (S.15: 27).

O ato se apresenta em efeito como o paradoxo de uma repetição em um só traço, e esse efeito topológico permite representar que o sujeito no ato seja identificado a seu significante ou que a repetição intrínseca a todo ato se exerça no seio da estrutura lógica pelo efeito de retroação (Lacan [1968] S.15: 100).

O ato deve ser situado na linguagem onde o sujeito "[...] está representado como o efeito da divisão entre o repetente e o repetido que são, sem dúvida, idênticos (S.15-11-101/131 de 28 fev. 68)". Uma enunciação significativa equivalente à sua dupla volta realizada na *Banda de Moebius*. Dupla volta que encerra um espaço vazio do desejo enquanto inominável. Representante do irrepresentável. Mas se a repetição engendra o sujeito como efeito de um corte significativo ela também está ligada ao encontro faltoso, da queda do objeto na disjunção temporal entre satisfação obtida e repetição perseguida.

Agora se compreende melhor que, se esta satisfação passa pelo que se da como um ato, este não pode ser pensado como ato mais que em função da ambigüidade iniludível de seus efeitos.

Se um ato se apresenta como corte, é na medida em que a incidência deste corte sobre a superfície topológica do sujeito modifica a estrutura ou pelo contrario a deixa idêntica (Lacan [1968] S.15: 107).

Trata-se, então, de pensar os efeitos que o sujeito não pode reconhecer por estar totalmente transformado como sujeito por seu ato.

A passagem ao ato não é, pois, em relação à repetição, mais do que uma espécie de Verleugnung confessada e o acting out uma espécie de Verleugnung denegada (Lacan [1968] S.15: 107).³³

³³ *Verleugnung* = recusa.

É dessa forma que Nassif apresenta como correlativo ao nível do sujeito o redobramento do reconhecimento pelo qual define a denegação freudiana. É da "impossibilidade de dar ao significante homem e mulher uma conotação assinalável" que se faz equivar à fórmula "o inconsciente não conhece a contradição" com aquela "segundo a qual não há ato sexual".

O que de tudo isso pode ser retido, do que retorna, numa teoria da linguagem? Cremos que uma das "mensagens-código" que se pode deduzir desse momento da obra de Lacan diz respeito à dimensão do ato de linguagem – em seu "fazer algo". A partir da teoria do ato que se depreende do que foi apresentado, pode-se dizer que o sujeito (do inconsciente) é determinado pelos efeitos da linguagem, dito de outra forma é colocado em ato pela linguagem. Destaca-se também um fazer com a linguagem que exerce uma subversão – ou violência – com a língua convencional, no que se aparenta com o fazer poético em seu jogo com o significante, ao fazer ato da repetição e ao convocar a inventividade do sujeito ao voltar de outra forma ao seu ponto de partida.

As subversões se desdobram. Lacan transita nos limites da gramática trabalhando suas bordas, onde o *isso* opera, e seu avesso, onde o inconsciente se manifesta. Ao privilegiar o funcionamento do nível da enunciação em detrimento do enunciado destaca o surgimento do sujeito em sua existência significante. Podemos ainda destacar a rarefação do referente nas representações de coisa que formam o tecido do sonho. Assim como os resíduos dessa operação que se transportam de um texto a outro na passagem do sonho ao relato diante do inconsciente. Hiato que contém o enigma cifrado anagramaticamente para abertura do inconsciente através do ato de enunciação.

Vemos o sonho fazer trabalhar a função poética da linguagem ao assinalar o que há de concreto das representações coisa e o sensível do som e do tom significante ou através da marca de sua materialidade ao deixar seu traço. Letra e música. Ficção e canto da palavra e da linguagem. Escutamos ressoar Pound em sua melopéia, leitura plástica de sua fanopéia. Travessia (do fantasma) pelos significantes de *lalíngua*. Teoria freudiana da leitura que faz "da escultura uma escrita a organizar um texto". Teoria lacaniana da leitura posta pela *letra*, através das marcas feitas de seu "traço unário". Inconsciente que implica o analista a quem se dirige para ser lido. A cadeia significante é lacunar. O texto deseja. A linguagem é demanda que fracassa.

Retornaremos sobre este ponto no item 6 deste trabalho ao tecermos nossas considerações sobre a teoria da linguagem que se depreende deste momento da obra de Lacan.

Assim, se no primeiro momento de Lacan o sujeito estava referido ao sujeito da enunciação do desejo inconsciente, neste segundo momento o sujeito seria um sujeito cifrado no traço unário que se mostra por sua articulação à letra.

Então torna-se possível dizer que enunciar é o próprio ato da dobra – de um retorno ao dizer. Do sujeito da enunciação do desejo inconsciente, que se mostra nas formações do inconsciente por sua costura ao sujeito cifrado no traço unário e deste ao sujeito do ato de anular os registros – um saber-fazer-com-a-linguagem do sujeito identificado ao *sinthomem*.

5.3 Retorno III – A *Traumdeutung* e o fazer literário: a linguagem e o *Sinthomem*.

Da poética à gramática chegamos ao artístico e literário com as referências de Lacan à escrita de James Joyce.

Para continuar, retomemos nosso fio de *Ariadne* das elaborações sobre a linguagem em Lacan. No primeiro item (5.1), destacamos o conceito de significante como representando a representação do sujeito sobre o qual opera a estrutura da linguagem. Depreende-se dessas elaborações os axiomas lacanianos “o inconsciente é estruturado com linguagem” e “um significante é o que representa um sujeito para outro significante”. Desses axiomas decorre uma série de proposições sobre o sujeito, que são necessárias para que a estrutura possa operar sobre ele. Dessas proposições deduz-se uma série de relações de implicação, das quais destacamos uma, que consideramos ser fundamental: o sujeito é definido na estrutura por *faltar em seu lugar* (Dufour, 2000:30) e a estrutura se define por conter essa falta.

No segundo item (5.2), abordamos que uma das formas de lidar com a falta é suturá-la. O sujeito afetado pela falta constrói o fantasma – tela do desejo – na busca de consistir em sua completude. Mas, como o fantasma se estrutura em resposta à falta fundante do sujeito, ele não pode ser abordado na lógica do UM (na qual está estruturada a lógica gramatical, por exemplo), mas exige uma lógica do não-Um (uma lógica da negação, uma lógica do fantasma). Uma falta transformada em algo que, ao não se inscrever, circunscreve um lugar de articulação, uma “casa vazia”, que se preenche por uma interrogação (sobre o desejo) que dará lugar a presença de um sujeito na estrutura da linguagem (do inconsciente). Uma falta que funda, num mesmo ato, a estrutura e o sujeito “nessa / a partir desta” estrutura. Dupla falta, pois é em função de algo faltar na estrutura que é possível que deste lugar faltante surja um sujeito, assim como é porque algo falta ao sujeito que uma estrutura pode se apresentar a ele.

Neste terceiro item (5.3), abordaremos a falta a partir do *Sinthome*. Partimos da idéia de que há um isomorfismo da aventura colocada no processo de análise (do encontro com o inusitado) com a aventura literária tal como nos apresenta, por exemplo, uma escrita como a de James Joyce. Ambas (aventuras) revelam tratar-se de uma travessia que pode ser explicitada pelo preceito freudiano: “lá onde isso era deverei advir” (*wo es war, soll ich werden*) (Freud. Tomo III. 1981:3146³⁴) ou, como propõe a transcrição de Haroldo de Campos, “lá onde iss’estava dev’eurei devir-me (Campos. 1997:15)”.

Retomando o fio d’isso que falta ao sujeito, propomos pensá-lo através do processo de análise, que pode ser apresentado, resumidamente, nos seguintes tópicos:

1. um a priori – para a psicanálise a existência é jogada nos significantes;
2. um momento inicial – onde aquele que procura uma análise sofre por faltar-lhe as condições para enunciar seu sintoma;
3. uma travessia do sujeito na linguagem (e na língua), onde o que lhe era impossível de dizer (Real) passa a ser lido por ele como uma interrogação que se apresenta através da linguagem e que definirá o seu sintoma;
4. uma conclusão – o sintoma se torna um *Sinthoma*, ou seja, aquilo que fala na estrutura. Ao restabelecer sua alteridade com a própria estrutura da linguagem o sujeito passa a ter condições (de enunciação) de (re)criar suas respostas a este vazio de significação que lhe angustiava. Assim, sua capacidade de lidar com a linguagem se renova, produzindo um novo fazer com a língua onde o sujeito encontre sua forma (seu estilo) de responder a esta interrogação que lhe advém de sua estrutura e suportá-la pelo exercício da fala (através de sua enunciação).³⁵

Dessa forma a travessia da linguagem na obra de Lacan é homóloga a travessia da linguagem no processo psicanalítico da cura. Não poderia ser diferente, já que Lacan decanta seus conceitos de sua prática clínica, ou seja, de sua prática artesanal com a linguagem.

Passemos, então, ao nosso próximo item.

³⁴ Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. “Donde era *ello*, ha de se *yo*. Es una labor de cultivo como la disecación del Zuyderzsee” (Freud. Tomo III. 1981:3146).

³⁵ Confira-se Trois 2004: 98. Por um “nó” epistemológico da lingüística e da psicanálise: um estudo sobre Saussure, Jakobson, Benveniste e Lacan. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Teorias do Texto e do Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores.

5.3.1 O fazer clínico e o fazer literário: a linguagem e o *Sinthomem*.

*Todo Pensamento emite um Lance de Dados (Mallarmé)*³⁶.

Coube a Freud desenvolver a teoria do sonho (como um modelo do processo das formações do inconsciente) para mostrar o funcionamento da linguagem na psicanálise³⁷: o pensamento nas “mãos” do inconsciente (artesão) opera segundo as leis da linguagem onírica. Coube a Joyce³⁸ (segundo Serguei Mikhailovitch Eisenstein, em sua teoria do cinema) desenvolver na literatura a linha pictórica do hieróglifo japonês, onde cada palavra contém em sua estrutura um pequeno poema, formando um conjunto de imagens sobreposto a outro a espera de ser aberto pelo leitor. Coube a Lacan formular que o inconsciente é um saber fazer com *lalíngua*.³⁹ Os efeitos de *lalíngua* estão lá – no sonho – como um saber, mas precisam encontrar um ouvinte capaz de fazer letra desta experiência⁴⁰.

Palavra-metáfora, palavra-montagem, palavra-ideograma. Operações de escrita (cifração) inseparáveis de operações de leitura (decifração). Material verbal manipulado através de um saber-fazer-com-a-língua⁴¹.

O isomorfismo Sonho (Freud), Literatura (Joyce) e Linguagem (Lacan) requer do leitor uma operação de leitura nova, que lhe permita ler-escutar uma narrativa de forma não-linear. Essa operação não surge somente de uma teoria sincrônica. É necessário acompanhar como o trabalho de linguagem se desdobra, assim como na estrutura da linguagem onírica, de *Finnegans Wake*, por exemplo, onde “qualquer coisa que pareça ser uma metáfora está sujeito à inversão, o tenor se torna um veículo e vice versa” (Attridge.1992:358). Esta operação de leitura também envolve acompanhar o ritmo, o fluxo (do rio *Liffey*: a linguagem é um rio corrente), os movimentos reversíveis, de vai e vem (*corso - ricorso*), as montagens de palavras-valise, etc. Enfim, uma operação que demanda uma forma de ler que não pode

³⁶ Tradução de Haroldo de Campos (1991) *Mallarmé*. Editora Perspectiva. São Paulo – SP. Brasil.

³⁷ Convém lembrar que a metapsicologia freudiana é elaborada através da construção de uma série de sistemas que apresentam uma estrutura própria de funcionamento. O primeiro desses sistemas (ainda pré-psicanalítico) foi nomeado por Freud de *Aparelho de linguagem* (em seu texto *Sobre as afasias* de 1891) e posteriormente de *Aparelho psíquico*, cuja estrutura e modalidade de funcionamento será desenvolvida no *Projeto de 1895* e posteriormente na *Interpretação dos sonhos* (1900). Confiram a *Introdução a metapsicologia freudiana* volumes 1 e 2 de Garcia-Roza. JZE.

³⁸ Confiram o livro *Panorama do “Finnegans Wake”* de Augusto e Haroldo de Campos (1971) coleção signos, em especial o ensaio *Panorama em português* de Haroldo de Campos (1971: 21-25).

³⁹ Lacan. Seminário 20. Mais Ainda. Jorge Zahar Editor.

⁴⁰ Confira-se. *Como se chama James Joyce*. Roberto Harari. Cia de Freud. 2003.

⁴¹ Cf. Lacan. Sem 23. Le Sinthome. Inédito.

prescindir de uma referência de leitura topológica. Tal como encontramos o exemplo nas palavras de Beckett sobre Joyce:

Aqui, a forma é conteúdo, e conteúdo é forma. Os senhores queixam-se de que este material não é escrito em inglês. Não está escrito de forma alguma. Nem é para ser lido – ou antes, não é só para ser lido. É para ser contemplado e ouvido. Essa escrita não é sobre alguma coisa; é a coisa em si [...] quando o sentido é dormir as palavras dormem (veja-se o final de Anna Livia). Quando o sentido é dança, as palavras dançam. (Beckett 1992:331)

Vejam os três exemplos dessa linguagem onírica-literária retirados da escrita de Joyce: 1) o fragmento nº 3 de *Finnegans Wake* (traduzido por Augusto de Campos); 2) um comentário de Broch (1992:113-138) sobre a escrita de Joyce; e, por fim, 3) uma interpretação de Derrida (1992:17-39) sobre o “*He War*” em *Finnegans Wake*.

1) No fragmento nº 3 de *Finnegans Wake* (traduzido por Augusto de Campos), intitulado *Nuvoletta*, Joyce joga com palavras-valise que operam, para além da condensação metafórica, uma verdadeira compressão de conteúdos semânticos, criando efeitos de reversibilidade entre os níveis temáticos e formais (as palavras-poema que comentamos acima). Encontramos também um exemplo de como Joyce se vale do modelo ideogramático. Segundo a transcrição comentada dos irmãos Campos, *Nuvoletta*, a menina-nuvem, “volta ao céu, sob balaústres (“banisters”) de uma escada imaginária; essa ascensão celeste é apresentada ao leitor sob a forma inaudita de um ideograma onde balaústres e astros se combinam: “baluastros” (“bannistars”)” (Campos. 1971:22).

Neologismos que exigem tanto uma leitura não-linear da narrativa quanto a diluição dos personagens em constelações significantes nas quais o personagem passa a ser a própria linguagem. Como nos esclarece Broch, e nosso segundo exemplo.

2) Broch nos descreve a cena do capítulo “Anna Livia Plurabelle” em que duas lavadeiras encontram-se nas margens do rio Liffey focando sobre a heroína da história.

Sua conversa transcorre ao ritmo do trabalho, do esforço físico, suas conversas são as próprias roupas, elas lavam a roupa suja da cidade. Mas então escurece, a névoa cai, a conversa fica mais descuidada, os movimentos das lavadeiras ficam mais descuidados, o rio, na névoa baixa, fica cada vez mais largo, seu murmurar fica cada vez mais audível, o murmurar do rio penetra nas conversas, pois nada é descrito, tudo se origina na e da conversa das lavadeiras, e quando então não há mais lavadeiras, porém seres de fábula, uma transformada num caule de um arbusto da beira do rio, a outra numa rocha, as duas

enxaguadas pelas ondas crescentes, e finalmente a sua língua é apenas o murmurar do rio, incompreensível a qualquer ouvinte, incompreensível a elas mesmas, música da água, concebidas como ser humano, que quase não é mais palavra (Broch. 1992:127).

Segue-se um interessante testemunho de Broch, que logo após nos descrever esta cena a qualifica de uma *beleza indescritível*, nos indicando com este gesto tratar-se que algo fica fora da cena na própria descrição da cena. Algo que não pode ser descrito, mas que é expresso. Sentimentos expressionistas desprovidos de objeto. Símbolos estéticos que apontam para porosidade da linguagem. Não existem num além da linguagem, mas indicam apenas seu próprio momento de descrição. Queda-para-ser. O imaginário dos personagens que se transformam em seres de fábula e depois se dissipam no som das águas, dá lugar ao simbólico, do próprio jogo de um saber-fazer-com-a-estrutura-da-linguagem “que quase não é mais palavra”. Este fazer, em sua arte (estilo), em sua “beleza” (expressividade), deixa um resto que é (real) “indescritível”. Escombros (da letra-lixo) a margem do rio corrente da linguagem. O inconsciente não está nas profundezas, mas na superfície da linguagem. Como escutar suas palavras é uma questão que se apresenta em nosso terceiro exemplo.

3) Uma interpretação de Derrida sobre o “*He War*” em *Finnegans Wake*.

“*He War*” é uma “expressão” cunhada por Joyce em *Finnegans Wake*. A partir dela, Derrida pergunta-se sobre qual seria o papel da voz e da letra neste texto de Joyce. Aqui não se tratam de palavras compostas, mas de palavras comuns que podem ser lidas de maneira incomum aceitam ou convidam serem lidas em duas línguas simultaneamente (o inglês e o alemão, neste caso).

Em inglês “*He War*” pode se lido literalmente como “ele guerra” ou, conectado ao verbo, “ele faz a guerra”. Em alemão pode-se ler “*War*” como um verbo, e a tradução ficaria “ele foi”. Sobrepondo-se o jogo fônico ao sêmico “*War*” pode ser ouvido como “*Wahr*” (“verdadeiro”). Então passamos a “*He Wahr*”, “ele foi verdadeiro”.

Sem dúvida, “ele” (Joyce) “foi” em várias línguas. Mas, forçando um pouco o jogo fonico-sêmico-associativo, *He War* é quase um anagrama-palíndromo de *Yaweh* (“Ele”, Deus). A guerra d’Ele (Deus) foi a verdade de Babel (confusão – guerra – das línguas). Sabemos das identificações de Joyce com cristo.

Jacques Derrida se pergunta se esta escrita em várias línguas poderia ser lida em voz alta. Formulando-se assim um paradoxo. Se escolho ler numa língua perco parte do potencial associativo da outra e vice versa. Mas também não posso pronunciar as duas línguas ao

mesmo tempo. Além disso, destaca-se algo que não pode ser enunciado. Um resto que não passa da letra para a voz ou que não se dá a ver (a ler) na fala. Assim, Derrida conclui que o leitor deve se colocar num certo lugar entre o ver e o ouvir, entre a fala e a escritura.

Porém restaria ainda saber se se trataria da busca pelo sentido na escrita de Joyce. Parece tratar-se mais propriamente da própria fuga do sentido que não se deixa “pegar”, mas que deixa suas pegadas. Indícios que se oferecem à leitura. É a experiência desta fuga que o texto de Joyce nos dá sua testemunha. E talvez seja isso que interessou a Lacan.

A busca pelo sentido nos mantém no paradoxo de que não é possível traduzir uma língua na outra a partir do que seria um núcleo semântico comum. Mas se pensarmos que todas as línguas ao mesmo tempo equivalem a nenhuma, esta língua passa a ser uma máscara vazia em que diferentes vozes poderão ressoar. Mas, então, como organizar estas vozes, que uma língua não pode fixar? Por uma escrita contínua. Por isso Joyce denomina sua própria escrita como um *Work in Progress*.⁴² É pela via do equívoco que Joyce eleva a linguagem em sua potência inventiva. O inconsciente é uma equivocação (“L’*une-bévue*”) nos dirá Lacan (Seminário 24). Em Joyce a linguagem não é dada para ser lida. Ele abre a língua e joga fora sua casca, produzindo combinações inusitadas cujo produto são “puros” efeitos no jogo de linguagem. “Fonetização poética da letra” que faz “soar outra coisa que não o sentido” (Harari. 2003b:125).

Diríamos, com isso, que Joyce, ao esburacar a língua, produz um arejamento na linguagem (assim como Lacan ao esburacar o universal lógico aristotélico, ou mesmo peirceano, produziu a existência do singular). Seu lugar de enunciação se reduz a letra daquilo que não pode ser nomeado *HCE*. Deus; Pai; Todos os seres. “Impróprios são os nomes que se lhe atribuem, todos (Schüler. In.: Joyce. 1999:117)”.

Movimento, que também encontramos no processo de uma análise, que transcorre do drama à estrutura. Processo de redução minimalista que parte do reconhecimento de determinados significantes relativos à história de um sujeito (Imaginário). Significantes que, posteriormente, revelam sua estrutura de mito (Simbólico). Mito que, por sua vez, se encontra reduzido a uma estrutura (do fantasma), à ser atravessada (Real). Mas se tomarmos a própria escrita⁴³ de Joyce neste paralelo, encontramos um para além deste plano do fantasma, nas reelaborações clínicas do “último Lacan”, a respeito do “saber-fazer-com-seu-sitnhomem”.

⁴² “Work in Progress” foi o primeiro título de *Finnegans Wake*, segundo Edmund Wilson, em seu *Raízes da criação literária*.

⁴³ Não esqueçamos que, para Lacan, o Real do nó Borromeu não se reduz a um de seus elos mas também reside na própria escrita do nó, em seu fazer.

Ao subordinar o significante ao “*sinthomem*” pode-se dizer que Lacan passa de uma lógica do significante à uma “lógica do *sinthomem*”, segundo a feliz expressão de Harari (2003).

É precisamente por isso que o significante, que é também da ordem do sinthomem, é por isso que o significante opera [...] pela intermediação do sinthomem (Lacan. In.: Harari. 2003: 202)

Reencontramos aqui o movimento de retorno de que temos falado. Lacan volta a Freud pela via do texto onírico de Joyce (cujo maior exemplo é *Finnegans Wake* ou *Finnicius Revém* onde lemos *revê* - sonho). Tanto como no sonho o escrito de Joyce apresenta-se com um impasse à leitura que se torna um impasse à ler.

Talvez pudéssemos dizer que Lacan, ao encontrar uma escrita como a de Joyce, onde “o significante vem recheiar o significado”, inventa o que poderíamos chamar de uma linguagem *sinthomica* ou de um funcionamento *sinthomico* da linguagem. Uma função *sinthomica* da linguagem, relativa a uma modalidade de escrita que resguarde sua dimensão de enigma, que aguarda ser decifrado por seu leitor. Seguindo a interrogação afirmativa de Lacan:

Mas esta dimensão do ler-se, não é ela suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico? O de que se trata no discurso analítico é sempre isto – ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa (Lacan [72-73] 1985:52).

Esta tessitura significativa dos textos joyceanos, que implica um predomínio da dimensão estética sobre a semântica, enlaça sua leitura a sua escrita. É um texto que exige do leitor que coloque de si. Que participe do jogo de linguagem que propõe. Diferentemente daqueles textos que servem para nos emprestar uma linguagem para nos identificarmos ou para falar de nossas emoções, Joyce nos apresenta a própria linguagem como estrangeira, onde o “gênio da língua” pode facilmente desfazer o que dissemos, nem que seja por um cacófato ou uma gagueira (formas de tropeçar na língua), produzindo outros sentidos e provocando uma nova experiência através da produção do estranhamento, ou das sensações estéticas (estesia). Na expressão de Mussil (1914) as “imagens do mundo suficientemente firmes” do primeiro perigam desmoronar-se no segundo.

Com Joyce, temos o exemplo do tipo de textos onde o leitor passa ao estatuto de testemunho de como foi “afetado”, de como foi interpelado pela dimensão de alteridade com o próprio texto, com a própria linguagem (As palavras nos movem. As palavras nos comovem).

Abrem-se, então, novas possibilidades de narrativa. Na polifonia de narrativas movidas pelos personagens se estabelecem complexas trocas dialógicas com o leitor. Seu interesse não reside no estabelecimento de um texto monológico (que nunca existiu como tal) ou em uma leitura litúrgica, mas no fato de ser um lugar onde diferentes vozes (da cultura) se encontram para produzir afastamentos, efeitos de sentido e resultados inesperados.

Vejamos um texto menos conhecido de Joyce. Intitulado *Giacomo Joyce*. É seu único texto que foi publicado em seu formato manuscrito. Sua leitura nos mostra algumas formas de possibilidade de realizar este protocolo narrativo em composição com a experiência estética.

A primeira impressão de leitura que temos desse texto de Joyce é de que para conseguir lê-lo é preciso aprender a escutá-lo em seu jogo fônico-sêmico. E para tal é preciso suspender toda e qualquer certeza apriorística, “óculos teóricos” ou grades interpretativas, e deixar-se surpreender⁴⁴. Deixar-se levar pela imaginação criadora do texto nos aproximando de sua natureza intimista e catártica, do universo onírico e metafórico de sua poética. Lá onde a leitura do texto produz suas associações no leitor. Lá onde a dimensão da gramática encontra-se com a dimensão anagramática. Lá onde o trabalho poético encontra suas ressonâncias com o trabalho analítico ao praticarem, ambos, a regeneração da linguagem dos “significantes que estruturam a proliferação dos harmônicos de uma palavra” (Cf. Authier-Revuz. 1978:47).

É o texto que passa a interrogar o leitor. Texto que deve, como tal, ser lido como um enigma, assim como os sonhos, que não contém sua chave interpretativa dada *a priori*, e nos propõem imagens que, através de associações, transformam-se em novas sílabas ou novas palavras, duplicando a cena. Depois é possível escrever, tentar fixar a experiência desta leitura. Desta, pois outras virão.

Giacomo Joyce ([1968]1985). Nome próprio transliterado, ou seja, “reescrito”, na língua de Dante. Rebatismo sob o signo de Dante? Guardemos as interpretações apriorísticas

⁴⁴ Tal como as recomendações de Freud sobre a escuta analítica de suspender as certezas para melhor escutar o que se produz a cada vez (sessão).

para melhor entrarmos neste texto cuja assinatura já encontra-se no começo (título) e não no fim (“estranha” estrutura moebiana).

Já nas primeiras palavras do texto nos encontramos como uma estranha pergunta que surge de um contexto insabido. Curiosa *gestal* de uma figura indeterminada a partir de um fundo indefinido. Uma interrogação que surge do nada e vai para lugar algum.

*Quem? Um rosto pálido circundado por pesadas
peles perfumadas. Os movimentos dela são tímidos
e nervosos. Ela usa um monóculo.
Sim: uma sílaba breve. Um riso breve. Um breve bater
de pálpebras (Joyce [1968]1985:23).*

Encontramos na leitura de *Giacomo Joyce* um verdadeiro “teatro enunciativo”, no qual vemos anolarem-se no mínimo três planos de composição narrativa. Aproximando-se da idéia de uma montagem teatral, “Giacomo” relaciona os planos pictórico, cênico e das ações propriamente ditas imbricados entre si. Assim, vemos surgir a descrição do cenário, por exemplo, (plano pictórico) de modo concomitante a própria descrição da movimentação dos atores em cena (plano cênico) ao tecerem sua trama empírica e reflexiva no texto (plano das ações).

Como, por exemplo, em uma das primeiras descrições que o olhar do narrador nos faz d’ela (sua amada). Espécie de fusão da paisagem com a descrição da personagem, que causa como efeito a possível associação entre o “campo de arroz” com a maquiagem de “pó de arroz” derretendo sob o sol em “cremosa neblina de verão”. O ritmo das palavras criam o movimento da cena e seus efeitos pictóricos de sombra e luz.

*Um campo de arroz perto de Vercelli sob cremosa
neblina de verão. As asas do seu chapéu desabado,
sombra sobre seu sorriso falso. Sombras raiam seu
rosto falsamente sorridente, surrado pela luz quente e
cremosa, estrias de amarelo gema nas sobrancelhas
úmidas, ranço amarelo palpitando dentro da polpa
fofa dos olhos. (Joyce [1968]1985:24)*

Neste texto vemos como Joyce produz um cruzamento na estrutura narrativa quanto a forma, o conteúdo e o estilo. Este cruzamento aparece, por exemplo, através do estilo seletivo de desenhar os gestos de seus personagens, compondo de forma estética as diferentes modalidades de comunicação (mensagens) escritas no texto.

*Ela caminha na minha frente ao longo do corredor e enquanto anda uma mecha preta de seu cabelo lentamente se desata e cai. Lentamente se desatando, cabelos caindo. Ela não sabe e caminha em minha frente, simples e altiva. Assim ela passou por Dante com orgulho singelo e assim, sem sombra de sangue ou estupro, a filha dos Cenci, Beatrice, para a morte: ... Ata
Meu cinto por mim e amarra este cabelo num nó bem simples. (Joyce [1968]1985:33)*

É preciso renunciar a uma leitura convencional que predomine a contextualização espacial ou a representação diacrônica da fala. É preciso ir além da forma convencional na qual reconhecemos a diacronia, ao encontramos no texto uma forte presença da estrutura rítmica e sonora da linguagem que interfere na sua estrutura semântica. Isto exige de nós uma leitura orquestrada que permita o desvio da leitura linear (diacronia) para leitura da organicidade (sincrônica) densa e sedutora do texto. Entrar no jogo e se deixar levar pela força persuasiva do texto como suporte poético pulsional de um texto que se dá a ver, a ouvir, a sentir.

Evocando-nos a seguinte reflexão de Lévi-Strauss:

Uma relação de contraponto se estabelece entre a articulação do discurso musical e o fio da minha reflexão. Ora andam juntos, ora separam-se, e finalmente se reencontram. Quantas vezes não percebi – mas só depois – que, escutando uma obra, eu deixava de ouvi-la enquanto uma idéia nascia! Após essa separação temporária que o torna autônomo, meu pensamento engrena-se novamente na obra, como se o discurso mental, por um momento, tivesse se revezado com o discurso musical, mas permanecendo em cumplicidade com ele (Lévi-Strauss. 1990:229).

São emoções estéticas que põem um pensamento em ação, onde a linguagem não é a roupagem do pensamento, mas o próprio pensamento. Temos o exemplo anteriormente citado (*Ela caminha na minha frente ao longo do corredor e*) referente a página 33. O que nos impede de lê-lo como poesia?

Enquanto anda / uma mecha preta de seu cabelo Lentamente se desata / e cai. / Lentamente se desatando, / cabelos caindo.

Giacomo Joyce está preñe desta dimensão poética. Não lhe faltam ritmos nem rimas marcando simetrias e dissimetrias das sílabas de suas “frases-versos”. Alternam-se sons fortes e fracos, vogais longas e breves. Encontramos homologias sonoras entre “frases-versos” contíguas, aliterações (repetição da mesma consoante ao longo do poema), assonâncias (repetição da mesma vogal), anáforas (repartição de palavras), etc.

Forma poética que reencontramos na passagem da forma manuscrita de *Giacomo Joyce*, para a tradução (trans)criadora da transcrição digital proposta por Leminski, onde encontramos a opção da alinhar o texto à esquerda. Esta forma não “justificada” produz um interessante efeito de leitura. Pode-se optar (ou se deixar levar) por outras relações de combinação sonora (*in absentia*) que produzam novos significantes evocados pela escanção da leitura do texto. Ressaltando assim a dimensão poética e criativa da tradução que “convida” o leitor a outra viagem (paralela ao texto) ao pegar carona no jogo metafórico e metonímico da linguagem onde “o sentido se dá como movimento sem referência”, como nos diz Lévi-Strauss ao falar do paralelismo entre estas “duas grandes formas de expressão” que são a música (que articula sons) e o mito (que articula sentidos) (L-S. 1988:26).

É preciso ler estas clivagens do texto como momentos de abertura da linguagem para a sensibilidade perceptiva do movimento, do ritmo que faz pulsar as tensões e os dramas que movem a existência dos que habitam e co-habitam o texto (autor, narrador, personagens, leitor). Basta ler cada linha do texto com uma frase-verso, escandindo o tempo ao final de cada frase para vermos esboçar-se outras possibilidades de sentido por associação. Logo somos “convidados” a produzir diferentes escansões que subvertem a pontuação “correta” da sintaxe gramatical pelo jogo entre som e sentido.

*Minha voz, morrendo nos ecos de suas palavras,
morre como a voz exaustiva do Eterno chamando
Abraão através dos ecos das colinas. Ela se encosta
contra a parede acolchoada: feições de odalisca no
escuro luxúria. Seus olhos beberam meus
pensamentos: e dentro da úmida morna submissa
escuridão convidativa da sua feminilidade minha
alma, também se dissolvendo, derramou e verteu e
transbordou uma semente líquida e abundante....
Agora coma-a quem quiser!.... (Joyce [1968]1985:36)*

Seus olhos beberam meus (olhos) – penso com o olhar – escuridão convidativa da sua feminilidade minha – sua feminilidade / minha (feminilidade) no espelho líquido da alma (se dissolvendo). Mais uma vez o olhar.

Esta abertura na narrativa passa pela re-invenção evocativa de cada leitura do texto. Uma “transcrição” da experiência sensível oral e visual se dá através do registro escrito onde o leitor passa a “descobrir” e “criar” novas formas de expressividade para além da captação de cenas.

Então, finalmente, o que lemos neste texto de Joyce?

Lemos a superabundância de significantes – os significantes vêm recheiar o significado – que nos mobilizam e que nos permite perceber a carência de significados que nossa leitura não cessa de encontrar sem nos imobilizar.

Retornamos assim a Lacan. Um significante se liga a outro e a mais outro ... até que ... algo se produz. Algo que não cessa (Real) de se “escrever” (Simbólico). Algo que se escreve (na marca que se inscreve) através do artifício de um fazer, um saber-fazer-com-a-linguagem (através do *Sinthomem*).

A linguagem é verdadeiramente o que não pode avançar sem se torcer e se enrolar, sem se contornar de uma maneira da qual não posso dizer que não dê aqui o exemplo (Lacan [1974]1986:35).

O texto de Joyce é escrito na forma desta linguagem topológica, na qual tentamos acompanhar sua leitura através do movimento desta linha imaginária que se torce, contorce, retorce, se enlaça e “escrevendo se anola” (Souza. 2004: 40). É um texto que se desata para voltar a se reatar. Quando o imaginário que constitui seus personagens se desata, é a própria linguagem que cria seus personagens e os faz “personarem”, ou seja, os faz soarem através de suas máscaras. Quando o simbólico que denota o sentido se desata, surge o jogo de encaixe das línguas pelo corte da extensão conotativa que lhe possibilita alguma univocidade. Quando o Real é o que resta, no trabalho com a materialidade da letra, é na fixação do jogo fônico que algo de uma escrita pode se produzir.

Assim, é na própria travessia da escrita que se produz a gestação de seu autor. Criador e criatura desenham-se mutuamente na construção de um nome. Tal como um anagrama de Saussure, encontramos o nome de Joyce escrever-se no decorrer de sua obra, em seu próprio fazer-com-a-linguagem. Joyce, o *sinthomem*. Lá onde o nó-me-do-pai se desata – numa paráfrase a Lacan – é possível prescindir dele, com a condição de saber servir-se dele para, então, saber-fazer-com-o-*sinthomem*.

Se no “Retrato...” Joyce busca fazer-se um nome (próprio) “enquanto identificação com o ‘*Old artificer*’ (Harari. 2003:318), na busca de encontrar neste antepassado (Old father, Old artificer), um arrimo que lhe ampare em sua busca nomade por seu próprio destino pelo mundo, talvez em “Giacomo” Joyce busque fazer-se um nome identificando-se com Dante.

O italiano foi o único idioma no qual Joyce (*Finnegans Wake*) não foi traduzido, mas traduziu-se a si mesmo. E esta atração de Joyce pela língua italiana deve-se a Dante.

Dante não é apenas uma fonte para Joyce, mas sua escrita funciona como um verdadeiro modelo. Tudo se esclarece nesta fala de Joyce a seu discípulo Settanni:

Que pai Dante me perdoe, mas eu parti desta técnica da deformação para atingir uma harmonia que vence nossa inteligência, como a música. Você já parou junto a um rio corrente? Seria capaz de dar valores musicais e notas exatas a esse fluxo que lhe enche os ouvidos e o adormece de felicidade?(Risset. 1992:420)

Segundo Risset, “a análise do texto confirma que a técnica de Dante é utilizada por Joyce em direção ao trabalho fônico, à invenção *radical* e *fora de sentido* [...] (Risset.1992:420)”.

É justamente a partir deste texto (*Finnegans Wake*) que, segundo Lacan, Joyce, ao identificar-se com seu *sinthomem*, se faz um nome. Um nome através de uma obra. *Work in progress*. O caminho se faz ao andar. HCE, o Homem a Caminho Está.

No trecho final do livro surge a voz de Anna que lhe vem em linguagem de sonho como esposa-filha para a qual se volta um marido-filho.

O triste fim! Eu desaparecerei antes que eles cresçam. Eles nunca me verão. Nem me reconhecerão. Nem sentirão falta de mim. É a velhice e a velhice é triste, a velhice é triste e triste eu volto para você, meu insensível pai, meu pai insensível e louco, meu pai insensível, louco e medonho”... Surgem as vozes desesperadas e comoventes dos filhos Earwicker: “Leva-me contigo, paizinho, como fazias no parque infantil” – pois agora ela própria é a criança que se entrega aos cuidados do mar, fluindo para a luz do dia que deve ser o seu aniquilamento ...”um caminho solitário contínuo amado longo ...” (In.: Wilson. Inédito:212-213)

Fim inacabado que encontra sua continuação no sem começo com que inicia.

“Riocorrente, depois de Eva e Adão, do desvio da práia à dobra da baía, devoltemos por um commodius vicius de recirculação devolta a Howth Castle Ecercanias.” (In: Campos. 1971:35⁴⁵).

É deste Real que retorna sempre ao “mesmo lugar” (?) que Joyce tece sua escrita. Este é seu lugar. A linguagem no que para nós é um **muro** é a linguagem na qual Joyce soube tecer, em sua escrita anagramática, seu **rumo**. O Real continua a permanecer sempre no mesmo lugar? Na fuga do sentido Joyce decifra o impasse. Ao escrever ele ri.

Em impasse podemos ler “passe”. Então, passemos.

⁴⁵ Tradução de Augusto de Campos.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA LINGUAGEM QUE SE DEPREENDE DA OBRA DE LACAN.

O inconsciente é um barquinho (Jacques Lacan).

... nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio (João Guimarães Rosa).

Existem muitas formas de ler o movimento da linguagem em Lacan. Assim, ler Lacan não se reduz a produção de determinados efeitos de leitura, mas é antes de tudo realizar escolhas – mesmo que não explicitadas – e trabalhar nos limites de cada escolha, até que outra forma de leitura surja, e com ela novos limites se imponham.

Escolhemos, para conduzir nossa leitura, a metáfora da travessia. Por valer como uma metáfora e por dizer de uma travessia. Dizer metáfora da travessia já é, por si só, indicar o próprio movimento da metáfora, que implica a metonímia. A metáfora pode ser tanto construída metonimicamente como decomposta em metonímias ao referir-se a (e inserir-se em) uma determinada série metafórica. E se uma metáfora vale pelo que diz, por evocação, também vale pelo que não diz. É pela insistência do que não diz que a metáfora se renova e se “remetatoriza”, ampliando suas formas de expressividade na linguagem. Na travessia d’isso – que através ia.

A linguagem é nossa outra metáfora de leitura. Travessia da linguagem. Para ler Lacan é preciso atravessar a linguagem. É preciso acompanhar as formas como Lacan atravessou a linguagem. É preciso acompanhar que linguagem é essa que podemos ler através de Lacan, e com Lacan. É uma linguagem que tanto atravessa a Obra de Lacan – renovando-se em diferentes momentos para dar conta de suas interrogações clínicas (e de suas invenções conceituais) –, quanto é atravessada por ela – levantando interrogações à lingüística, à poética, à literatura, etc., até redefinir-se ao definir seu próprio campo, através da invenção do neovocábulo *lingüisteria* (Lacan. Sem. 20). A linguagem se estende, como uma linha. Se alonga, conduz-se em “elanguescência” e intervém na forma de enunciar os conceitos. Ao forjar o conceito de *lalíngua*, Lacan passa a jogar, ele próprio, com *lalíngua* em seus seminários, fazendo os conceitos entrarem no discurso analítico (mudarem de razão), submetendo-os aos jogos polifônicos e polissêmicos de ressonância da linguagem, onde a razão (*raison*) ressoa (*réssone*) (cf. Lacan. Sem 23). Se a verdade é o exercício discursivo de um dizer, ela não se totaliza neste dizer, mas surge da articulação do que excede (*Si*) a esta

totalização. A razão desta exceção (-1) é o que funda o conjunto de significantes (S_2), que se articulam como saber sobre *isso* que excede. O saber é uma dedução sobre isso que resta ao dizer. Elocubração sobre uma articulação, ou seja, “uma elocubração sobre *lalíngua*” (Lacan. Sem. 20). Um saber-fazer-com-*lalíngua*. Lacan passa, então, a trabalhar com o próprio exercício da linguagem, em seu estatuto de mostração. Posteriormente essa “linha” de linguagem irá se enlaçar topologicamente para transformar-se num fazer, num saber-fazer-com-a-linguagem, em seu estatuto de artefato, abrindo-se a novas formas de fazer-com-a-língua. O saber passa a ser definido por esta possibilidade de saber-fazer novas articulações significantes, sendo o *sinthoma* este elemento de ligação que permitirá diferentes formas de enlace dos registros (R-S-I) cujo nó se sustenta de seu saber-fazer-com-a-linguagem, tendo a função de um saber-fazer-com-o-*sinthoma* que produz suas formas de escritura.

Dessa forma, constrói-se a frase título deste trabalho: A travessia da linguagem na obra de Jacques Lacan: uma leitura.

Parafraseando as belas palavras de Milner diríamos que até o momento “era preciso adotar o ponto de vista do curso d’água que faz advir paisagem à existência” (Milner. 1996:10). Cabe-nos, agora, fazer advir à existência o que desse percurso pela travessia da linguagem na obra de Lacan pode constituir-se em paisagem teórica.

Destacamos três momentos de elaboração teórica sobre a linguagem que foram trabalhados exaustivamente por Lacan. Todos partem do princípio de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Porém, este axioma¹ passa a integrar-se a outros axiomas posteriores que conformam um sistema teórico em elaboração, em Lacan, para dar conta das transformações e recriações realizadas com os conceitos de estrutura e linguagem no decorrer de sua obra. Assim como, suas implicações na rede conceitual que vai sendo tecida por Lacan. Derivam-se desse primeiro axioma, determinados conceitos, tais como o conceito de significante, sujeito e letra².

Caracterizando o que circunscrevemos como sendo o **primeiro momento** da obra de Lacan, poderíamos dizer trata-se de definir um trajeto dos significantes na estrutura da linguagem relativo a uma travessia do sujeito na estrutura da linguagem. E um procedimento de localizar o sujeito a partir de determinados significantes que o representam (indicam seu

¹ Lacan se vale do “método axiomático” do matemático Kurt Gödel, que “consiste em aceitar *sem* prova certas proposições como axiomas ou postulados (ex. o axioma de que por dois pontos podemos traçar uma e uma só reta) e depois derivar dos axiomas todas as proposições do sistema como teoremas. Os axiomas constituem os *fundamentos* do sistema; os teoremas são a *superestrutura* e são obtidos a partir dos axiomas com a ajuda exclusiva dos princípios da lógica” (cf. Newman. In: Prova de Gödel. 1973:14-15).

² Neste momento da obra o conceito de Letra ainda não se constituiu como objeto autônomo.

rastró) na estrutura da linguagem. Retroativamente, é possível dizer que este procedimento define-se por uma teoria do sujeito que é relativa a uma teoria do significante: um significante que representa o sujeito para outro significante.

Num **segundo momento**, esse sujeito, que se modula na linguagem pelo significante, que o recorta na linguagem, se fixa na linguagem através de uma letra que é sua cifra. A linguagem dá lugar a *lalíngua*. Nosso axioma inicial se modula a outro axioma: O inconsciente é um saber que se articula com *lalíngua*.

Se eu disse que linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da alíngua (Lacan. 1982:188).

Num **terceiro momento**, o significante retorna como letra, numa escritura cuja estrutura é topológica. Trata-se, então, de decifrar a letra que fixa o sujeito na linguagem através de seu sintoma. O sintoma (sofrimento) dá lugar ao *sinthoma* (modo singular de invenção). A linguagem é uma linha que se estende e se anola. Ela ata e desata o sujeito. É preciso encontrar, nesse movimento, o seu próprio nó (singular) e costurar nele algo novo (uma invenção). Então, propomos como axioma: O inconsciente está estruturado como uma escrita³, um nó que nomina (R-S-I) e que se anola ao *sinthomem*⁴. Um novo saber-fazer-com-a-linguagem, com o *sinthoma*.

Constitui-se, assim, nestes três movimentos realizados por Lacan na estrutura da linguagem, um campo onde uma teoria de linguagem se depreende e se define: o campo da psicanálise lacaniana.

Esta teoria pode expressar-se no movimento de transformação (na reescrita de sua releitura, e vice versa) operado por um “discurso” (de Roma): Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise. Uma função (da fala, de *lalíngua*, do *sinthomem*) que define o (e define-se no) campo da linguagem. De um dizer (enunciação de uma fala) passamos, a um saber (de *lalíngua*) fazer (com-o-*sinthomem*).

³ “Em resumo: a escrita não comporta simplesmente um mero escrever; é, pelo contrário, um trabalhar com a bo, e com as conseqüências do “fazê-la” (Harari. 2003:297)”.

⁴ Resguardando a homofonia trabalhada por Lacan entre “*Sinthome*” e “*l’homme*” para chegar ao LOM do “composto ‘trinitário’ (*trinitaire*) formado de elementos em que cada elemento faz Um e é equivalente ao traço unário (..) Lacan afirmava que o LOM é também constituído pelo saber inconsciente e assim vai estar relacionado ao Um, ao S1, l’essaim, o enxame” (Prefácio de Aurélio de Souza. In: Harari. 2003:17).

Tal procedimento permite derivar da linguagem uma teoria – um campo – capaz de sustentá-la em relação ao sujeito tal como nos mostra a experiência psicanalítica. Teorização que tentaremos demonstrar em nossos próximos três itens.

Nestes três itens (cf. 6.1; 6.2; 6.3) trataremos desta teoria que se depreende da Obra de Lacan. Como dissemos anteriormente neste trabalho, este é nosso corpus de análise. A partir do qual trabalhamos nossa hipótese de trabalho de que existe uma teoria da linguagem que se depreende da travessia que Lacan realizou em sua obra. Tal demonstração está implicada em si mesma na modalidade de leitura proposta neste trabalho, que apóia-se na referência às figuras topológicas, trabalhadas extensamente por Lacan, da *Banda de Moebius* e do *oito interior* – ou seja, sendo a leitura que Lacan realiza de Freud uma leitura que caracterizamos como enunciativa, é uma modalidade de leitura que se renova a cada vez. Forma de leitura coerente com o procedimento clínico de leitura que foi adiantado por Freud e elaborado por Lacan. Desta forma, podemos dizer que a teoria é sempre renovada, pois exige invenção. Porém, para que esta invenção se produza são necessárias certas condições. Seguem a experiência mesma da travessia de uma análise, que permite a cada um, a cada vez, sustentar e responder as interrogações que se lhe apresentam através da sua estrutura, àquilo que lhe diz respeito. Exercício enunciativo de retorno sobre seu próprio dizer. E, quando um ato de enunciação se produz, nos permite demarcar um antes – quais foram suas condições de enunciação – e um depois – quais foram seus efeitos de enunciado. Mas estas são outras (mesmas) questões.

Foi a partir desse princípio de retornar sobre o próprio texto de Lacan, demarcando três momentos lógicos de leitura de sua obra, que organizamos nossa análise.

6.1 Do primeiro retorno. O inconsciente estruturado como linguagem.

Temos sustentado, no decorrer deste trabalho, que acompanhar o percurso da linguagem na obra de Lacan nos permite situar o próprio processo de enunciação da obra, ou seja, o procedimento discursivo da obra em si. Nela a linguagem é tanto modelo (valor de troca) quanto conceito (valor de uso).

Talvez possamos dizer que a linguagem em Lacan exerça uma função de significante unário (*S₁*) que representa entre outros significantes o lugar de alteridade por excelência da formalização teórica como construto inventivo do fazer clínico.

Dito de outra forma, a linguagem seria este significante que se repete de diferentes formas no decorrer da obra. Tentamos demonstrar que se trata da repetição da mesma marca, que se remarca em três momentos da obra. O que muda não é a marca em si mesma, mas sua modalidade de inscrição diferencial no interior da obra. Ou seja, suas condições de enunciação.

Na passagem de um momento a outro podemos dizer, *a posteriori*, que a linguagem se inscreve em si mesma sobre a forma do que não é, definindo-se positivamente como o lugar que permite inscrever a própria diferença. A linguagem é ela mesma alteridade.

Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é uma totalidade indeterminada. Está aí, existe. Há algo que parte de algo – “esse um” enxame de significantes (S_1) que se organiza pelo movimento de abertura e fechamento da linguagem produzindo efeitos de retorno e recriação. O movimento de abertura corresponde a um significante novo que surge – há algo, Um – e todo o anterior adquire seu valor significante subordinado a este novo. O fluxo metonímico da linguagem é subvertido em sua apreensão temporal empírica onde um elemento de linguagem viria primeiro e depois outro e outro. Não se trata de um processo de soma, aditivo. Trata-se de uma função que retorna. Uma função recursiva que constitui o fluxo da linguagem pelo processo de encaixe do exercício enunciativo – uma série de “aqui” (aqui – aqui – aqui ...). Assim, o fluxo linguageiro já está sempre cortado e sua unidade define-se pelo movimento de negação (marca de um “não é isso”) retroativa.

Ao dizer que a linguagem é corte não estamos dizendo que a diacronia da linguagem seja a sucessão de atos sincrônicos, mas que a diacronia mesma já se encontra na sincronia, assim como o tempo “presente” amarra-se diferencialmente na existência (ou deveríamos dizer ex-sistência) intervalar entre um tempo “passado” e um tempo “futuro”.

As condições de enunciação dependerão da forma como o sujeito (barrado, desejante) é interpelado pela emergência de um significante novo (S_1) na linguagem (no Outro). Já que um ato de enunciação implica e está implicado neste movimento de abertura da linguagem. Este significante de abertura (S_1), ou significante do desejo, marca de carência na linguagem, não poderá existir se não estiver articulado a outro significante (S_2) de fechamento, mas a posição enunciativa do sujeito não se encontra aí (na produção de um saber). Ao enunciar *desidero* o sujeito vai estar sustentado pela barra relativa ao lugar de semi-dizer da verdade (onde tudo não se diz). Esta espécie de proposição inaceitável para a lógica mostra que o real da castração impõe limites à formalização. O real da castração incide, não dependendo da formalização.

Mas, se a linguagem é corte, este corte deixa um traço. Não um traço distintivo relativo aos elementos da linguagem tal como a lingüística o formula. Mas um traço relativo à ausência destes elementos. Não uma ausência em oposição à presença. Mas uma ausência que se apresenta na linguagem por seu vazio (máscara, semblante). Não um traço de rasura, mas um traço que se mostra ao se apagar. Um traço que ao descrever o inabordável na linguagem cria bordas. Que toque o impossível que habita a linguagem, não como um absoluto, mas como um limite (um não-saber do Outro). Se a lógica o busca, a poesia o formula e a análise o articula, ao fazer a lógica dizer seu abso-luto.

Esta “marca” que se repete, mas que não é a mesma, apesar da repetição, funda a idéia de campo da linguagem, não mais a partir da figura de um sistema perfeito, mas de algo que se apresenta como podendo não estar lá, como podendo ser outro do que é. O universo da linguagem passa a ser habitado pelo diverso.

O universo da linguagem transforma-se no *Coup de Dés* de Mallarmé, um corte que produz um Lance de Dados não abole o acaso (Cf. Campos. 1991).

A partir de um fazer-com-a-linguagem jogam-se os dados de um dizer. Entre os possíveis lances, antes dos dados caírem, se esboça um impossível. “Impossível, uma vez caídos, que eles tenham outro número sobre a face visível. Onde vemos que o impossível não está disjunto da contingência, mas dela inclui o núcleo real” (Milner. 1996:52).

O Sujeito está, assim, suspenso na contingência, entre o momento anterior e o momento posterior do lance de dados.

É neste fazer que se dá o jogo da linguagem para Lacan.

Dessa forma, reafirmamos, nos três momentos da obra destacados, que não se trata em nenhum deles de sair do campo da linguagem, abandonando-o – como num movimento de entropia –, mas sim de promover uma nova entrada no campo da linguagem não mais pela função da fala ou da palavra (predominante no primeiro momento da obra), mas pelo(s) buraco(s) do Real (numa referência ao terceiro momento da obra).

Numa leitura *a posteriori* do primeiro momento da obra de Lacan, é possível percebermos a presença de determinados interrogantes levantados no terceiro momento da obra de Lacan, como se estivessem já lá à espera de sua formalização. Dois movimentos se conjugam. Um efeito e uma hipótese – ambos relativos ao sujeito – que daí se deduz.

O inconsciente é tanto um efeito de linguagem, quanto os efeitos que promove nas articulações lingüísticas que mobiliza. Da articulação destes elementos se deduz um sujeito. Não se trata de “extrair” um sujeito da linguagem, mas dela derivar um sistema de axiomas que permita uma definição de sujeito. Em Lacan trata-se de um princípio de solidariedade entre o sujeito e o significante.

Este primeiro momento da obra se marca pelo axioma (Cf. nota 2) do inconsciente estruturado como uma linguagem. Axioma que ao retornar sobre o paradigma onírico produz a cada vez uma nova abordagem.

Pensamos que o paradigma do “sonho”⁵ apresenta uma solução elegante para trabalhar a presença da linguagem na obra de Lacan. Suficientemente elástico para nos permitir acompanhar por aproximações gradativas as recriações teóricas que Lacan realiza no texto freudiano. Suficientemente consistente para abarcar a singularidade que Lacan imprime em sua leitura de Saussure.

Se num primeiro momento da obra Lacan lê Freud a partir de Saussure, o “sonho” lhe permite reler Saussure a partir de Freud. O “sonho” exige novas técnicas de análise que abarquem diferentes formas e intersecções de diversos planos da linguagem (fônico, sêmico, gráfico, imagético, etc.). Planos não apenas lingüísticos, pois o “sonho”: (1) não somente tritura a sintaxe, ao abolir a lógica da contradição, e (2) dilui o “sujeito”, pois o “eu” do sonhador encontra-se disperso em filigrana no “texto” do sonho⁶, mas também (3) contém as dimensões do significante – evocadas na fala do narrador do sonho –, da letra – grafada na presença de elementos literais no sonho, ou seja, na forma de uma escritura – e do objeto (de desejo) – presente no sonho como um elemento não-identificável, um enigma cifrado no enigma sonhado. Tal como a redução do sonho da “injeção de Irma” a sua fórmula minimalista da “trimetilamina”, nos fornece o exemplo e o “método da interpretação onírica” (Freud. Tomo I.1981:406-421). No sonho “não há uma relação direta, natural, entre desejo e objeto” (Costa. 2006:53).

O sonho coloca em ato não somente o signo de um objeto que move o desejo, mas, fundamentalmente, um mais-além que aponta nossa falta mais radical. Essa falta, experienciada nas relações primárias, é resultante da nossa referência à

⁵ Grafado entre parênteses para referir-se de modo condensado a noção de paradigma onírico, cujos princípios foram elaborados por Freud em sua *Traumdeutung* e reinventados por Lacan no decorrer de sua obra.

⁶ A expressão “texto” do sonho refere-se ao fato de que: “Um sonho (...) isso se lê do que dele se diz (...)” (Lacan. 1982:129).

linguagem e acarreta a perda de uma referência mais direta a ciclos naturais. (Costa. 2006:21).

A perda dos ciclos naturais dá lugar a uma circulação simbólica. Este movimento circular – “moebiano” – de leitura permite a Lacan, num mesmo lance, ler Freud via Saussure e ler Saussure via Freud. Já que, no dizer de Lacan, Freud “antecipa” Saussure, sem sabê-lo. Desta forma, de certa forma, Lacan “mergulha” Saussure no “espaço” teórico-clínico da psicanálise. Deste mergulho vemos esboçar-se – por imersão – uma marca, através da diferença teórica do conceito de significante em Lacan. Diferença entre uma concepção axiomática da linguagem – da qual se deriva o teorema do significante em Lacan – e uma concepção do signo centrada no sistema da língua em Saussure, do qual deriva sua teoria do valor.

Sabe-se que em Saussure (do Curso de Lingüística Geral) a língua apresenta-se enquanto um sistema de signos. Uma regularidade – aquilo que se repete – que será chamada posteriormente de estrutura por seus leitores. Dito em termos lingüísticos, as “unidades” só adquirem sentido no jogo relacional que estabelecem pela presença ou ausência de outras “unidades” (pelo que não são) no interior do sistema da língua – daí sua definição do signo como pura negatividade. Como negação fundante: é aquilo que os outros não são.

Deste “todo heteróclito” da linguagem Saussure recorta o objeto língua enquanto sistema, ou seja, enquanto organização de signos (não de palavras). Os signos sendo entidades de dupla face que têm um significante e um significado – uma forma, uma expressão e uma idéia, um conceito, um conteúdo – é um todo com dois lados (significante e significado) que não existem um sem o outro. Como na metáfora da folha de papel, utilizada por Saussure: ao cortá-la, não cortamos um lado sem cortar o outro.

Assim, a palavra “pai”, por exemplo, é um signo porque tem um significado e um significante e porque entra num sistema de associações com outras palavras através de determinadas leis internas que o regem.

Esse sistema de associações, por sua vez, tem dois tipos de relações: paradigmáticas e sintagmáticas. Elas não são justapostas, mas concomitantes, ou seja, é impossível pensarmos uma sem a outra. Tal organização, que Saussure vai chamar de organizações paradigmáticas (eixo das oposições; das associações por ausência, que representam as escolhas virtuais, do que poderia estar “no lugar de”) e sintagmáticas (eixo das somas), estabelecem o conjunto possível das relações associativas com as quais podemos desenhar a língua (ou uma língua,

como a língua portuguesa, por exemplo). São relações que se dão tanto no nível semântico como no nível fonológico da língua. Constituem um método, uma forma de estudar a língua.

De forma esquemática temos uma demonstração por montagem: o objeto da lingüística é a língua; a língua é um sistema; a língua é um sistema de signos; o signo é uma unidade de dupla face: um significante e um significado; os signos (significantes e significados) se relacionam num paradigma e num sintagma; o signo é uma negação fundante: um signo vale o que o outro não vale no interior do sistema; chegamos assim à noção de valor. O conceito que organiza todos os outros conceitos.

Com a noção de valor lingüístico, a língua passa a ser compreendida como “um sistema de valores puros” (Saussure. 1975:130). “Na língua há apenas diferenças sem temos positivos” (Saussure, 1975:139), nenhuma significação é pré-determinada, sendo produzida pelo puro jogo diferencial no interior da Língua. Assim: um signo é o que o outro não é no interior do sistema, ou seja: um signo é o que o outro não é no paradigma; um signo é o que o outro não é no sintagma; um signo é o que o outro não é no significante; um signo é o que o outro não é no significado.

Diferentemente, para Lacan o oposto de um termo não é outro termo, mas o vazio do lugar de sua inscrição – o outro termo vem preencher este vazio da ausência do primeiro. Por exemplo, no lugar da oposição “dia / noite” temos que o “dia” transforma-se na ausência (de dia) aonde a “noite” vem se alojar. Um significante – “dia” – não se opõe a outro significante – “noite” – mas ao fundo de sua possível ausência, de seu vazio. Ausência que se preencherá pela presença de seu oposto. Assim, um significante (S_1) representa uma ausência, uma falta, para outro significante (S_2). Ausência onde o sujeito vem habitar – significante da falta no Outro. (Cf. 5.1 neste trabalho)

Desde o início da obra de Lacan vemos esta preeminência do conceito de linguagem articulada ao conceito de falta. A noção de falta sofrerá transformações e reelaborações teóricas que permitirão repensar, posteriormente, o campo da linguagem, através do registro do Real. Para isso Lacan vai elaborar uma topologia do buraco, que dê conta dos efeitos de esburacamento produzidos na linguagem.

Se, neste primeiro momento da obra, podemos dizer com Lacan, que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, arriscaremos a definição – que consideramos

congruente com este axioma primeiro – de que o sonho está estruturado como uma ANAMORFOSE.⁷

Da qual Escher nos fornece um exemplo em *This one is “Escher I: Double...”*.



[Figura 12: Anamorfose]

Em outras palavras, o sonho, assim como a linguagem, permite deformações, ou mesmo, esta é a sua marca. A estrutura de linguagem do sonho dá elasticidade expressiva à palavra e à letra, enquanto suportes da imagem. Por isso esta deformação deve ser lida no sentido adiantado por Freud de que no sonho as imagens têm valor de escrita, ou ainda, de que o sonho é um rébus. Seu grafismo se ajusta às imagens formando conjuntos visuais, desintegrando das palavras seu significado comum (lingüístico), desmontando e remontando letras, reduzido-as a traços que, por sua vez, tornam-se cifras de um enigma.

Neste sentido, podemos dizer que o “sonho” possui uma tipografia funcional que conforma mensagens poéticas ao evocar jogos de linguagem e apresentar seus elementos de visualização, deformando-se e reformando-se transcriativamente entre si. Jogos de linguagem que expressam movimentos, rítmicos, fluxos e refluxos de associações significantes em fragmentação de imagens. Enfim, metamorfoses intertextuais regradas pelo princípio da anamorfose textual – tendência à dispersão da linguagem vinculada a processos de organização ativa de significantes. O texto latente torna-se a dobra do texto manifesto. Mas, por quais processos produz-se esta dobra? Poderíamos dizer, criando um neologismo que lhe seja expressivo, que este processo se produz por “dobragem” – uma dobra de e na linguagem. O “sonho”, então, produz-se por “dobragem”. Não existe “texto” original e “texto” lido. A ênfase desloca-se para o entrecruzamento textual. Encontra-se o mesmo jogo da função poética, irmã da linguagem onírica, em seu princípio de projeção do eixo paradigmático no

⁷ Na matemática refere-se ao “mapeamento de uma função por meio de um operador funcional”; na óptica corresponde a “deformação de uma imagem formada por um sistema óptico cuja ampliação longitudinal é diferente da ampliação transversal”, Cf. dicionário Aurélio.

eixo sintagmático. Aqui Jakobson encontra-se com Lacan: não há metáfora sem metonímia – e vice versa.

Assim, talvez possamos dar mais um passo e dizer que as leis de composição do “sonho” sejam geométricas e sua composição matemática. Uma matemática poética – na qual o “matema” não “mate(o Poe)ma”⁸, pois o Poema-é-o-melhor-matema (cf. Dufour. 2000)⁹. De acordo com as leis geométricas da anamorfose, os pontos no espaço – plano ou tridimensional – que conformam determinada figura encontram seu correspondente, digamos, transfigurado em “outra cena” – “a cena da escrita”, numa paráfrase a Derrida (*A escrita e a diferença*). Caso parta-se do plano bidimensional, por exemplo, os pontos de determinada figura se alongam ou se encurtam produzindo seu correspondente transfigurado em outro espaço, da tridimensionalidade, onde ganham outra proporção por elasticidade. Função e forma se fundem.

A anamorfose coabita, a nosso ver, com as quatro leis referentes ao mecanismo de formação do sonho, nomeadas por Freud como processos de condensação e deslocamento, figuração e elaboração secundária.

Primeira lei – a condensação.

O processo de condensação de idéias responde pela produção de determinados “pontos-de-fusão” de diferentes termos entre si, formados de “conteúdos” manifestos ou de pensamentos latentes. A condensação podendo conduzir a formação de neologismos ou vocábulos novos, assim como a construção de palavras-valise, etc. O processo de condensação prepara o campo no qual se realizará a metáfora, que, por sua vez, também “produz uma condensação quando opera a serviço do recalçamento” (Porge. 2006:89).

Segunda lei – o deslocamento.

O mecanismo de deslocamento resulta da transferência de intensidade (valor) de alguns elementos de linguagem para outros. Elementos que antes eram indiferentes são supervalorizados ou, contrariamente, são desvalorizados os que eram ricos em interesse

⁸ Em homenagem evocativa ao escritor Edgar Allan Poe, poeta e romancista, cujo texto apresenta uma complexa tessitura matemática. Lacan trabalhou extensamente o conto de Poe – *A carta roubada* – para exemplificar o funcionamento da série significante e seus efeitos de determinação e produção de sujeito. O texto com o qual Lacan abre seus Escritos intitula-se *O seminário sobre A carta roubada*.

⁹ “(...) o exercício poético autêntico repete as condições do nascimento do sujeito na língua. a partir daí, não vejo realmente como poderíamos dispensar um tal testemunho e uma matéria prima tão inteiramente adequados a nosso objeto; por menos que esses textos tomem por objeto este nascimento mesmo, o nascimento (naissance) do sujeito na língua torna-se conhecimento (co-naissance). É precisamente nessa medida que esses textos parecem-me dever ser considerados como textos brutos de alto valor clínico. mesmo que não contenham nenhum conceito comprovado, o poema parece-me aqui ser o melhor matema.” (Dufour. 2000: 286)

(investimento). Deformações que permitem escapar à censura (do que “pode” ser dito). O deslocamento corresponde aos deslizamentos produzidos por metonímia.

Terceira lei – a figuração.

Os processos de figuração dos sonhos são responsáveis por modificar as relações lógicas entre os elementos de linguagem que compõem o sonho. Por exemplo, através do apagamento das relações de contradição ou causalidade. Apagamento este que exige determinadas operações de leitura por parte do analista, que permitam “restabelecer” as relações (conjuntivas e disjuntivas) que foram apagadas pelo trabalho do sonho. Procedimentos de desconstrução e reconstrução no jogo de linguagem do alfabeto poético da linguagem; “(...) inserção do trabalho do sonho na linguagem, já que lhe é confiada a tarefa de figurar (*darstellen*) as relações lógicas de causalidade, de contradição, de hipótese...” (Porge. 2006:89).

A figuração inclui os mecanismos de condensação e deslocamento das figuras (imagens) que surgem no sonho. Por exemplo, duas ou mais pessoas no sonho podem estar representando diferentes traços de uma só pessoa ou atuando como “máscaras” do sonhador. Função e forma juntas, como dissemos anteriormente.¹⁰

Quarta lei – a elaboração secundária.

Soma-se aos processos anteriores aquilo que Freud denominou de elaboração secundária. São fantasias que se apresentam nos pensamentos do sonho através de expressões do tipo “como se...”.

Segundo Porge (2006),

Poder-se-ia mostrar ai também o que a elaboração secundária deve ao jogo de letras que o inconsciente se ornamenta para revestir um sentido aceitável e proporcionar uma sensação de compreensão (Porge. 2006:90).

Sinteticamente, diremos que o valor significante de um sonho decorre não apenas de sua estrutura, mas também da maneira como esta estrutura é lida. Se o “trabalho” do sonho implica num “saber-fazer-com-a-linguagem”, é preciso “saber-ler” esta linguagem onírica, que consiste na ambigüidade da mensagem mediante uma série de processos de adensamento significante.

¹⁰ Cabe aqui a lembrança da função de alteridade das máscaras no teatro grego-romano – através delas constituía-se a *persona*. Não seria o “sujeito” o que surge deste vazio da máscara? Aquele que soa através deste vazio da máscara que *persona*? Personagens que ressoam através de... , que “personam”. A “dobragem” do sonho não seria relativa à encenação deste “personagem”?

Com isso, podemos dizer que o trabalho do sonho questiona os limites da linguagem. Não se trata do gramaticalmente correto. A palavra, no sonho, é essa matéria comum entre a linguagem gráfica – a palavra em si – e sua sonoridade significante (cf. Lacan. 1953). Ficção e canto da palavra e da linguagem, numa glosa a Lacan.

O sonho é a singularização de momentos importantes da história do sonhador. Por isso, nos exemplifica um processo de singularização da estrutura (da linguagem, do inconsciente). Os sonhos (depois de Freud) nos dizem que há pensamentos inconscientes, e que estes pensamentos (depois de Lacan) também são tecidos como linguagem na qual realizam suas próprias formas de expressão e que não se reduzem a ser uma roupagem de pensamentos inconscientes. Chegamos assim ao que poderíamos chamar de subdivisões prismáticas de uma mesma estrutura de linguagem.

Quando o sonho evoca palavras ou quando as palavras evocam sonhos pode-se dizer, em gíria popular, que “pintou” a palavra – transformando a gíria em metáfora, a palavra surge, aparece, pinta-se e ao pintar-se dá forma e sentido a linguagem¹¹. Acompanhar o percurso de sua pintura é seguir o jogo das associações fônico-sêmicas que produzem a visualidade do texto onírico. Suas estranhas (entranhas) imagens – desfiguradas, cubistas, surrealistas – são como um dispositivo de singularização do texto, um modo especial de articulação da linguagem. Os sonhos são o patrimônio cultural do *falasser*.¹²

Lacan ([1957]1978) vai dizer que as imagens do sonho têm o mesmo estatuto de uma escrita figurativa. Tal como os hieróglifos egípcios, “o sonho é um enigma em imagens” (1957:240) que depende de uma estrutura literal – uma escrita – para analisarmos seus significantes no discurso. Não se trata de buscarmos um sentido do sonho, pois ele não pode ser semanticamente interpretado. Seu conteúdo é sua forma. Seu ser (l’être) é sua letra (lettre). Ciframento do inconsciente estruturado como linguagem. Imagens que, através de associações, transformam-se em sílabas, palavras, cifras, enigmas. Enunciados em busca de sua enunciação.

Lacan também dirá que “(...) o sonho tem a estrutura de uma frase (...) ([1953]1978:132)”. Poderíamos nos perguntar de que estrutura se trata? Já que a “frase” se faz presente em diferentes estruturas, como por exemplo, na língua – através da sintaxe –, na matemática – como teorema –, na música – enquanto frase melódica (série de sons e

¹¹ Aqui cabe a referência a outra palavra pintada: a escrita ideogramática chinesa.

¹² Neologismo pleonástico criado por Lacan para designar o ser falante (só existe ser de fala).

intervalos) –, ou ainda, no mito – como mitema¹³ (mínima unidade temática do mito – as frases no mito são elementos sincrônicos, remetem a planos temporais, assim como as do sonho). O trabalho do sonho nos autoriza a responder tratar-se de todas estas formas pelas quais a estrutura se apresenta. Primazia do significante na língua (produzindo efeitos de significação), na música (produzindo efeitos de estesia¹⁴), e no mito (produzindo efeitos de metáfora). Primazia da letra na lógica matemática (produzindo operações de grafia). Estesia e grafia, função e forma no corpo da linguagem (em reglosa a Lacan). É preciso acompanhar o transito entre estas modalidades para localizar seus cruzamentos. Uma topologia? É o que se seguirá destas elaborações. O poema se transmutará em matema¹⁵. Ainda não chegamos lá. Continuemos, então, com o exemplo do poema.

Um poema através do jogo com os sons da língua evoca determinadas imagens produzindo sua estrutura temática por isomorfismo. Som e imagem dialogam em forma de fuga (como na música de Bach), ou seja, por não se encontrarem se realizam na estrutura – num hiato – encadeando-se num mesmo tecido relacional da linguagem. O vazio reside na própria linguagem. A metáfora não apenas designa alguma coisa através de outra, mas circunscreve uma ausência, um impossível de dizer. Daí retira sua força, sua magia, seu *phármakon*¹⁶. Do outro lado da folha de papel o poema produz a dobra que, ao evocar a experiência do vazio, transforma os impossíveis de dizer num possível *dizer o que não se pode dizer*. O vazio se “traduz” em uma poética dos intervalos. Intervalos que se transformam em arejamentos na linguagem que permitem novas composições significantes, produtoras de novas formas expressivas na linguagem. A linguagem só existe em movimento que implica respiração e transpiração. Enunciar implica um corpo falante. Mas também se incluem na linguagem movimentos de degradação da metáfora em séries metonímicas e de construção de novas metáforas por articulação de outras séries metonímicas. Se os limites da metáfora se metonimizam as seqüências metonímicas também podem vir a se metaforizar. O poema nos

¹³ Expressão forjada por Lévi-Strauss, a partir da noção de fonema em Jakobson (signos diferenciais puros e vazios), para analisar as unidades do discurso mítico: “unidades desprovidas de significação própria, mas permitindo produzir significações num sistema em que elas se opõem entre si e devido ao próprio fato dessa oposição” (Levi-Strauss. 1982:210).

¹⁴ Não apenas como sentimento do belo, mas também como sensibilidade – contrária à anestesia, por exemplo. Trata-se de uma referência a dimensão sensível da percepção, para além ou aquém de sua dimensão conceitual. Mesmo que não haja *perceptos* sem *conceitos*, os *perceptos* implicam-se numa dimensão sensível, propriamente corporal. Lá onde “encontram-se” isomorficamente corpo e linguagem.

¹⁵ “A palavra matema foi proposta por Lacan pela primeira vez em 2 de dezembro de 1971. Cunhada a partir do mitema de Claude Lévi-Strauss e do termo grego *mathema* (conhecimento), ela não pertence ao campo da matemática” (Roudinesco e Plon.1998:502).

¹⁶ Numa referência a possibilidade de potência de enigma presente virtualmente em toda construção metafórica, onde algo pode verter-se em seu contrário. Cf. Derrida. *A farmácia de Platão*.

mostra este jogo da linguagem. Não o que ela significa, mas o que ela é: “não tem outro conteúdo senão sua própria estrutura” (Campos. 1976:21).

No ponto aonde chegamos, poderíamos desdobrar nosso axioma, lendo-o num só fôlego. **O sonho enquanto uma formação do inconsciente estruturado como uma linguagem tem a estrutura de uma frase.**

Frases escritas numa “língua” que subverte a sintaxe através do exercício associativo significante – que articula a fala e a escritura – em sua função de remissão a outro significante; frases cuja música remete a musicalidade das imagens traçadas pelo som da voz; frases cuja matemática se compõe dos traços inscritos por sua letra, constituindo seus conjuntos de seqüência significantes; frases nas quais a repetição sêmica do mito de lugar à repetição fônica do poema. Frases que fixam a dispersão dos significantes em movimento aproximando o ser que fala daquilo que é falado. A composição do texto onírico tece letra e som. **A *Traudeutung* é a poética do significante na linguagem.**

Mas se o sujeito é o que se deduz como efeito deste jogo significante na linguagem, seria possível abordar a linguagem sem a tomarmos ela mesma como metáfora? E esta metáfora não seria ela mesma o efeito da articulação de um saber para suportar os efeitos de verdade que constituem as condições de enunciação do sujeito?

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo sua mediação simbólica. (Lacan. 1958:32).

Os *tropos*¹⁷ em Lacan, ou talvez possamos dizer sua “tropologia” – pois sua teoria da metáfora não se reduz ao funcionamento lingüístico –, da qual nos dá o exemplo ao elaborar o “grafo do desejo” – a linguagem em sua função de mediação simbólica ao desejo –, posteriormente dará lugar a sua topologia. Esta lógica dos *tropos*, referida a retórica onírica em Freud, corresponderá posteriormente em Lacan a sua “rede-tórica” (numa referência homofônica a retórica e a figura topológica do toro – câmara de ar – utilizada por Lacan para designar o buraco, a falta, um lugar que é ao mesmo tempo constitutivo do sujeito e que, não obstante, não existe). Neste primeiro momento da obra a linguagem está articulada a lógica do “grafo”. É com este visor analítico que Lacan lê Freud na década de 60.¹⁸

¹⁷ Figuras de linguagem com mudança de sentido, segundo a retórica clássica.

¹⁸ Confira-se o texto do psicanalista Paulo Medeiros intitulado O desejo n’as formações do inconsciente ou a função poética do desejo. In.: Caderno 18. Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre-RS, 1999.

Mas isso ainda é apenas a decifração do instrumento. É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz ser dado na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica. Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula o seu discurso onírico. (Lacan. Escritos[1966]1978:132)

Em uma possível conclusão sintética da teoria da linguagem que se esboça neste momento da obra de Lacan, diremos que Lacan parte da estrutura da linguagem para demonstrar que ela opera através da lógica do significante. Podemos enunciar seu axioma como segue: o inconsciente está estruturado com uma linguagem em sua relação ao significante.

Os fundamentos desta estrutura estão extensamente elaborados tanto nos Escritos “A carta roubada”, “A Instância da letra (...)”, “Função e campo (...)”, “Subversão do sujeito (...)” quanto nos Seminários “As estruturas freudianas das psicoses (1956)”, “As formações do inconsciente (1957)”, “O desejo e sua interpretação (1958)”, “A identificação (1962)”, chegando a seu ápice no Seminário “Os fundamentos da psicanálise (1964)”.

Que seqüência de elaborações se pode deduzir deste percurso?

1. Há uma definição da especificidade da estrutura da linguagem referida ao campo da psicanálise; que permite abordar o funcionamento do desejo na linguagem, ou seja, articular a enunciação do desejo.
2. Esta linguagem opera através da estrutura do significante (séries significantes);
3. Sendo o significante a via pela qual podemos articular o desejo (que é “falta de ser”) na e pela linguagem;
4. O suporte material do significante é a letra – logo, há um laço entre o desejo e a letra.

Assim, neste primeiro momento da obra de Lacan, o acento é posto na estrutura do significante e na forma como o significante impõe-se à estrutura da linguagem. O trabalho do significante nos remete ao estatuto simbólico da linguagem, enquanto alteridade radical e fundante do sujeito. Para que a linguagem se constitua como alteridade possível para o sujeito – como seu Outro – ela deve conter uma falta (afirmada clinicamente como indicativa da dimensão da castração). É pela falta que se torna possível que o desejo se articule a linguagem. Por isso o lugar desta falta será grafado como S(A barrado) Significante da falta no Outro.

Que teoria da linguagem se depreende daí?

Uma **linguagem desejan**te, tributária de uma noção de estrutura que seja relativa aos traços de uma arquitetura subjetiva singular deixados pela travessia de um sujeito na linguagem.

Uma linguagem que podemos chamar de poética, e que inclui uma ética que exige uma prática inventiva e não acomodativa com a linguagem. Que leve em consideração que enunciar implica em e se implica na dimensão do equívoco (gênio da língua), onde podemos ser desditos no ato mesmo de nossa enunciação por um simples lapso. O “ato falho” torna-se um “ato enunciativo” por excelência.

Uma linguagem que seja uma “poesia quase toda” – tal como é nomeada a poesia de Manoel de Barros. Onde algo em sua gramática cai e ao cair cria anagramaticamente. Uma *Gramática Expositiva do Chão* que cultiva a “regeneração do significante”.

O trabalho da análise visa essa revitalização da linguagem, ao criar novas formas de expressividade na língua e na linguagem, através da prática de uma escritura poética. Ao criar o sujeito ex-siste a linguagem.

A linguagem abre-se assim ao segundo momento da obra de Lacan. A falta os articula.

Ainda não se trata da pergunta sobre (o Real) o resto que não pode ser simbolizado, dando, assim, lugar a um vazio, que será ocupado pela função do que não se inscreve no quadro das definições conceituais, a não ser pela dupla negação. Como aquilo que “não cessa de não se inscrever”.

Mas já se trará deste algo que ao não se inscrever circunscreve um lugar de articulação, uma casa vazia que se preenche por uma interrogação. Este ponto de impossível do sonho de uma ciência poética tornar-se-á seu “ponto de poesia” – efeitos possíveis de uma poética da / na existência. Uma espécie de “lugar dos equívocos” para o qual Lacan forjará o termo *lalangue* que nos remete a esta “coleção de lugares, todos singulares e todos

heterogêneos: de qualquer lado que a considere, ela é outra para ela mesma, incessantemente heterotópica” (Milner. 1987:15).

Somente porque *lalangue* opera na língua que algo da ordem do desejo é enunciável. E assim, a travessia de um sujeito é possível.

Esse desafio de ter que se ver com um Real que insiste, de fazer algo com isso, nos remete às elaborações teóricas do segundo momento da obra de Lacan. Passemos a ele, então. Seu segundo retorno: Por um inconsciente estruturado como *lalangue*.

6.2 Do segundo retorno: o inconsciente é um saber fazer com *lalangue*.

“*Quis pegar entre meus dedos a Manhã. Peguei vento ...*”
(Manoel de Barros)

A linguagem em sua relação ao sujeito é isso que escapa entre os dedos. Como no dizer de nosso oleiro poeta, em seu saber-fazer-com-a-linguagem seus potes de Barro(s). Efeitos na linguagem das **mãos nuas** d’el (Manuel de) Barros que produz seu fazer ao dar contorno ao “buraco” da palavra (que a pá-lavra) no campo da linguagem. O trabalho poético toca o corpo da língua (corpo sutil, segundo Lacan), via *lalíngua*. Consiste neste modificar a língua abrindo-a a linguagem, onde matéria e forma transformam-se, afetam-se mutuamente em contínua transformação. *Lalíngua é o próprio gozo da língua*.

Este fazer poético, Lacan o faz passar ao campo do discurso analítico. Produzindo a travessia da razão poética da lingüística à lingüisteria – dizer da / na linguagem em sua afetação (em seus efeitos que são afetos) inconsciente.

A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elocubração de saber sobre alíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. (Lacan. [1972-73]1985:189)

Deslizamentos na travessia da linguagem – d’o inconsciente estruturado como linguagem a linguagem feita de *lalíngua*. O inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalíngua*.

Entrar no inconsciente é interrogar este saber-fazer com *lalíngua*.

Lacan o fez ao formular sua hipótese de que “o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante” (Lacan [1972-73]1985:194).

A hipótese de que o inconsciente faz sujeito de um significante sustenta-se do axioma de que “a verdade fala” e o saber é o que se articula para dar conta dos efeitos deste dizer.

“A única prova que temos de que o sujeito se confunde com essa hipótese e de que é o indivíduo falante que o suporta, é a de que o significante se torna signo” (Lacan [1972-73]1985:194), ou seja, que o significante faça sinal de sujeito.

Mas não sendo o significante senão pura diferença em relação a outros significantes é desta diferença que *lalíngua* vai retirar seus significantes. *Lalíngua* opera neste espaço da integral de equívocos que a história de uma língua, ente outras, deixou persistir nela¹⁹. Lugar contingente onde um significante, “um-entre-outros”, pode tocar o sujeito. Ponto onde um significante ao afetar outro significante, faz dele sujeito, efeito pontual e evanescente desta afetação.

Não há mais **relação** de “ S_1 ” para “ S_2 ” (como no primeiro momento da Obra) na medida em que ele estaria representando um sujeito (cf. Lacan. [1972-73]1985:196). Em seu lugar há **disjunção**, enunciada por Lacan sob a forma “Há Um”. Um unário, da pura diferença significante, mas também Um uniano, contável. Contável no nível onde “há um que falta” (cf. Porge. 2006:338-39).

O saber, não é mais o significante (S_2) que representa o sujeito, mas um saber sem sujeito. Um saber extraído desta elocubração sobre *lalíngua*. Um saber que, no discurso analítico, vem ocupar o lugar da verdade. Ficção e canto da verdade em *lalíngua*, em reglosa a Lacan.

Em *lalíngua* podemos dizer, por “dobragem”, que a linguagem é o “gen” da língua. E nesta genealógica travessia da linguagem (nesta “linguaviagem”), Lacan faz a função poética da linguagem encontrar-se com a função significante que faz signo de sujeito, ou, poderíamos dizer, *design* designativo do sujeito, do que pode vir a fazer traço indicativo de sua presença na linguagem. “D’esse um” do sujeito de um significante a “esse um” do significante Um. Um modo novo de relação da função da fala no campo da linguagem.

“Nosso recurso é, na alíngua, o que a fratura. (...) aquilo que produz como tal a falha, a descontinuidade”(Lacan [1972-73]1985:61).

Aqui a noção de estrutura também sofre modificações. Anteriormente, no lugar do Outro havia o tesouro dos significantes, agora há buraco. O buraco que, definido pela topologia, torna-se equivalente à própria estrutura: lei que causa e ordena a rede de

¹⁹ Esta integral dos equívocos tem seu correspondente clínico preciso n’A Terceira (1974), quando Lacan enuncia que a interpretação, não é do sentido, mas do jogo de equívocos do significante, sendo em *lalíngua* que ela deve operar. (Cf. Che vuoi? Psicanálise e cultura. 1986, ano um, nº zero, p.27)

significantes [S₂]. Passagem que corresponde, em Lacan, ao deslocamento produzido de um Outro ao outro [objeto a], conforme seu seminário de 1969.²⁰

No lugar do Outro teremos “buraco” e no lugar do significante da falta no Outro [S(A barrado)] teremos o *objeto* “pequeno a”.

Desta forma, o *sujeito* [S] que era representado pelo par significante [S₁ → S₂] passa a ocupar outro lugar na, e referir-se a outra modalidade de, estrutura: o *significante do sujeito* [S₁] intervém sobre o lugar do *outro significante* [S₂] produzindo neste lugar um buraco – uma incompletude – que, pela queda do *objeto a*, lhe fornece sua borda. É desta borda que os fios da rede de significantes [S₂] produzirão o seu bordado (e)feito em forma de [a].

Então temos de Um lado o *significante do sujeito* [S₁] e de Outro o “buraco” em forma de [a]. Não existe Um sem o Outro. Ou seja, se, por um lado, a estrutura (da linguagem, do inconsciente, do saber inconsciente) passa a existir pela intervenção do *significante do sujeito* [S₁] ao descompletar o conjunto, e constituir-se em sua exterioridade neste movimento de exclusão interna; por outro lado, o sujeito só inaugura-se quando algo na estrutura faz borda, **correspondente** a noção do buraco.

Este buraco, este resto Real, passará a representar a própria estrutura. No lugar do Outro há um buraco e no lugar do sujeito há o significante Um. Um enxame (S₁) de significantes (como nos indica a homofonia em francês) que constitui uma sincronia de significantes que representam o sujeito entre outros significantes. Assim podemos grafar o sujeito como UM-entre-outros-significantes.

Se os significantes têm sua identidade de posição na estrutura, o sujeito se apresentará como disjunto, ex-centrico desta posição que o representa, descompletando o conjunto. Assim também encontramos o Real do sujeito que retorna sempre ao mesmo “lugar”, absolutamente heterogêneo.

O Um é, então: “um indeterminado”; “um indeciso”; “um que resta”; “um algo”; “um entre”. Um que falta.

Como nos dirá Lacan (1972). “O Um encarnado na alíngua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase e mesmo todo o pensamento” (Lacan [1972-73]1985:196).

Então, o Um existe por não ser. O Um ex-siste. Ou, dito de outra forma, o Um inscreve o surgimento do vazio na linguagem Há Um ... que falta. Há Um Real na estrutura.

²⁰ Jacques Lacan. 1969. Sem. XVI. D’um Autre à L’autre. Não publicado. Escola Freudiana de Buenos Aires. Circulação interna.

Por isso o Um não é UM Todo, mas está fendido por uma falta. Há Um é a posição enunciativa para dizer não há dois, não há relação sexual. (cf. Porge. 2006)

Mas sustentar este dizer depende de uma escrita, da formalização e operacionalização de uma posição enunciativa, que Lacan escreverá, neste momento da obra, através de seus “quatro discursos”. Posteriormente, esta escrita dará lugar ao “nó borromeano”, onde o Um será tratado como “uma operação de nomeação, que nodula várias dimensões, o simbólico, o imaginário e o real” (Porge. 2006:337)

Então, se entrar num discurso produz efeitos de escrita e uma escrita se sustenta por um discurso, este “e” se torna nosso operador moebiano. Mergulhamos, assim, com *lalíngua*, no espaço moebiano lendo este “e” como o ponto onde no enunciado produz-se a dobra moebiana, ou seja, sua condição de implicação mútua: efeitos de escrita que se sustentam por um discurso.

No discurso analítico, o inconsciente é um suposto leitor.

Como Lacan enunciou, toda a linguagem que quebra a intenção de sentido é demanda que fracassa (Sem. 20). E, diríamos nós, se o nível da demanda faz parte do enunciado, um enunciado pressupõe uma enunciação, ou seja, um dizer. Um dizer que diz de um saber insabido, inconsciente, que se articula em um saber-fazer-com-*lalíngua*. Mas, assim como o inconsciente pode ler o sonho para continuarmos dormindo (resguardar nosso sono, como dizia Freud), ele também pode tocar um real no sonho, que nos desperta, desvelando um sujeito, referenciado ao desejo (Cf. Callegari. 1988: 11-12).

Relembremos nosso paradigma onírico. Lá onde a poesia da linguagem encontra *lalíngua*. Lá onde a poesia canta. Ou, dito em *lalíngua*, a poesia **lá canta**.

Nesta mesma linha de linguagem encontramos as palavra de João Alexandre Barbosa (2000), em seu ensaio sobre o universo poético de Haroldo de Campos lido através da ótica de Paul Valéry.

A poesia reconhece-se por esta propriedade: tende a se fazer reproduzir em sua forma, excita-nos a reconstruí-la (...)

(...) um pêndulo que oscila entre dois pontos simétricos (...)

Suponham que uma dessas posições extremas representa a forma, as características sensíveis da linguagem, o som, o ritmo, as entonações o timbre, o movimento – em uma palavra, a Voz em ação. Associem, por outro lado, ao outro ponto, ao ponto conjugado ao primeiro, todos os valores significativos, as imagens, as idéias; as excitações do sentimento e da memória, os impulsos virtuais e as formações de compreensão – em uma

palavra, tudo o que constitui o conteúdo, o sentido de um discurso (...).

Entre a Voz e o Pensamento, entre o Pensamento e a Voz, entre a Presença e a Ausência, oscila o pêndulo poético. (Valéry. In.: Barbosa.2000:10-12)

Acrescente-se ao “Pensamento” – que desde sempre é linguagem – o inconsciente (há pensamentos inconscientes) – que é estruturado como uma linguagem – e evidencia-se nosso “claro enigma”: o saber inconsciente é o que se articula em “presença / ausência” no pêndulo de *lalíngua*. Lá onde escuta-se a Voz que faz sinal de sujeito.

Convidamos o leitor a navegar no riocorrente da linguagem do texto poético de Haroldo de Campos, onde as palavras se movem, e co-movem. Há algo, na qualidade deste texto poético, que co-move texto e leitor ao ser “afetado” pela dimensão de alteridade com o próprio texto, com a própria linguagem.

Leiamos, então, nas palavras poéticas de Haroldo de Campos, em seu texto evocativo do paradigma onírico, as rupturas sintáticas evocativas deste signo-desejo iconizado em sujeito.

*passatempos e matatempos eu mentoscuro pervago por este minuscoleante
instante de minutos instando alguém e instado além para contecontear uma
estória scherezada minha fada quantos fados há em cada nada nuga meada
noves fora fada scherezada scherezada uma estória milnoitescontada
então o miniminino adentrou turlumbando a noitrévia forresta e um drago
dragoneou-lhe a turgimano com setifauces furnávidas e grotantro cavurnosa
meuminino quer-saber o desafio da formesta o desafio da furnesta só dragão
dragoneante sabe a chave da festa e o dragão dorme a sesta entãoquão
meuminino começou sua gesta cirandejo no bosque deu com a bela endormida
belebela me diga uma estória de vida mas a bela endormida de silêncio²¹*

A pontuação da leitura pode envolver ora o ritmo da rima ora o ritmo do próprio corpo, pelas escanções impostas ao fôlego de leitura. A linguagem respira e produz sua própria aeração nas palavras.

*endormia e ninguém lhe contava essa estória se havia meuminino disparte
para um reino entrefosco que o rei morto era posto e o rei posto era morto*

²¹ Mantivemos a forma de diagramação assimétrica para expressar o estilo circular deste texto de Haroldo de Campos, onde podemos iniciar ou suspender a leitura em qualquer momento do texto – sua pontuação modifica-se de acordo com o ritmo de leitura e de respiração do leitor impondo-lhe determinadas escansões e produzindo efeitos de sentido inusitados.

mas ninguém lhe contava essa estória desvinda meuminino é sopoosta a uma prova de fogo devadear pelo bosque forestear pelo rio trás da testa-de-osso que há no fundo do poçono fundo catafundo catafalco desse poço uma testa-de-morto meuminino transfunda adeus no calabouço mas a testa não conta

As palavras, tão logo são proferidas, se estendem a outras palavras, formando cadeias significantes que entram numa relação de desdobramento contínuo. O leitor que procura recriar os conjuntos de possíveis relações, salta da história narrada a uma outra história possível. Como se houvesse uma outra história perdida a ser recuperada na escrita do texto. Nas marcas significantes de uma história em processo (de leitura) a ser contada no instante de ser lida.

*a estória de seu poço se houve ou se não houve se foi moça ou foi moço
um cisne de outravez lhe apareceu no sonho e por cisnepaís o leva num revôo
meuminino pergunta ao cisne pelo conto este canta seu canto de cisne
e cinescanta-se dona sol no-que-espera sua chuva de ouro deslumbra
meuminino fechada em sua torre dânae princês incuba coroada de poeira
irrigou teu tesouro mas a de ouro princesa fechou-se auriconfusa*

A leitura passa a desvelar suas relações internas, imprimindo um certo percurso. Correspondências que se deslocam e se condensam compondo metáforas, a partir do isolamento de determinadas séries metonímicas. O texto mostra o trabalho com a ambigüidade contida nas palavras, que constroem tanto um emaranhado de possíveis fios narrativos quanto as pistas que conduzem a descoberta de como se constituiu determinado sentido, assim como, seus efeitos de destituição de sentido.

*e o menino seguiu no empós do contoconto seguiu de ceca a meca e de
musa a medusa todo de ponto em branco todo de branco em ponto
scherazada minha fada isto não leva a nada princesa-minha-princesa
que estória malencontrada quanto veio quanta volta quanta voluta volada
me busque esta verossímil que faz o vero da fala e em fado transforma a
fada este símil sibilino bicho-azougue serpilino machofêmea do destino
e em fala transforma o fado esse bicho malinmaligno vermicego peixepalavra*

As relações significantes entre os “peixepalavras” (o movimento, a musicalidade da linguagem, etc.) são mais importantes que as próprias palavras. São efeitos de extensão das palavras, que não são fixas. A palavra poética é vertical. Abole as relações fixas. Está na dependência de sua enunciação. É o ato de leitura que produz seus contornos, como um dizer. Seu conteúdo é existencial. Porém, sua leitura nos remete a esta dimensão da linguagem que é

marcada por diferenças. Podemos dizer que ela “aborda” a própria diferença. A explosão da palavra poética dá lugar a uma sucessão de verticalidades, que delimitam as bordas de espaços de ausência. Estas diferenças se articulam de acordo com uma lógica segundo a qual os significantes se encadeiam numa cadeia infinita, posto que não se fecha, como se fechariam os elos em uma pulseira. Dito de outra forma, se a cadeia significante se fecha, o lugar onde ela se fecha é o lugar de uma ausência. Lugar onde a pulseira se solta. Este é o ponto que dá coerência a cadeia. Sua radical alteridade. Que é também o lugar do objeto do desejo. Posto que o objeto do desejo é sempre outro, a tal ponto que não poderemos representá-lo. O inconsciente é um saber-fazer-com-*lalíngua*.

*onde o canto conta o canto onde o porquê não diz como onde o ovo busca
no ovo o seu oval rebrilhoso onde o fogo virou água a água um copo
gazoso onde o nu desfez seu nó e a noz se neva de nada uma fada conta
um conto que é seu canto de finada mas ninguém nemnunca umzinho pode saber
de tal fada seu conto onde começa nesse mesmo onde se acaba sua alma não tem
palma sua palma é uma água encantada vai minino meuminino desmaginar essa
maga é um trabalho fatigoso uma pena celerada você cava milhas adentro e
sai no poço onde cava você trabalha trezentos e recolhe trecentavo troca
diamantes milheiros por um carvão mascavado quem sabe nesse carvão esteja
o pó diamantinário a madre-dos-diamantes morgana do lapidário e o menino
foi e a lenda não conta do seu fadário se voltou ou não voltou se desse ir
não se volta a lenda fechada em copas não-diz desdiz só dá voltas
(Haroldo de Campos. Galáxias)*

No jogo de *lalíngua* encontramos as *Galáxias* em *Campos* e o jarro de *Barros* que a metáfora forjou no vazio da palavra. Onde a fala ecoa em sua concha acústica auditiva. Onde o falar ressoa o sentido evocativo do que foi (e)feito do não-sentido, sensitivo. Espacialidade lingüística do discurso – pontuação. Efeitos de marcação significante na linguagem. O que se perde do que se repete – Real. O inconsciente só ex-siste articulado em um discurso. Efeitos d’isso. Efeitos de sentido que aparecem como um vento. Um suspiro. Demanda que fracassa. O sujeito se reconhece em sua ex-sistência. Em queda. Em efeitos significantes do que se articula da letra. Em efeitos de buraco na linguagem. Para a escuta não há separação, somente para o conceito. Palavras soltas no in-vento.²²

²² Lembramos aqui que a expressão de Lacan “Função da fala” não exclui a dimensão da palavra na fala ao realizar com ela uma série de correlações associativas entre a parte gráfica e a parte sonora da linguagem. Desta liberdade associativa com a linguagem advém a possibilidade de estabelecermos o jogo fônico-sêmico com o título de Lacan. Produzindo séries em deslocamento, como por exemplo:

1º deslocamento: A função da palavra no campo da linguagem; 2º deslocamento: A pá lavra o campo da linguagem; 3º deslocamento: A ficção da palavra no campo da linguagem; 4º deslocamento: A ficção da palavra

Neste momento, Lacan passa do inconsciente estruturado como uma linguagem aos efeitos do trabalho com o significante em *lalíngua*. Um saber-fazer-com-*lalíngua*. Partição do sujeito na partitura da linguagem.

No discurso do analista, o saber vem ocupar o lugar da verdade que se (d)enuncia por um semi-dizer.

Da palavra poética que explode e dá lugar ao vazio, ao indefinido na linguagem, evocando o trabalho do significante com a própria diferença inscrita na linguagem, chegamos ao momento onde as próprias relações se tornam o sinal lógico de uma operação (como na matemática), de diferença, de abertura, de fechamento, etc.

As relações não se manifestam mais por significantes – a matriz poética fonemática cede seu lugar a letra –, mas por lugares definidos através de funções lógicas – de uma escritura. Formam os fios de uma rede que se anolam, e neste ato de anolamento formam um nó que nomina, diferenciando (e diferenciando-se em) os registros *R-S-I*.

Passamos, assim, da *lalíngua* ao paradigma joyceano do *sinthoma*.

6.3 Do terceiro retorno: o inconsciente estruturado como um nó que nomina.

Não há letra sem alíngua, é o problema, como é que alíngua, pode se precipitar na letra? Nunca fizemos nada sério sobre a escritura. Mas valeria a pena, porque está completamente ali uma junção (Lacan. A terceira.).

Passemos, então, a linguagem em sua relação à letra e a escritura.

Lacan nos diz, n' A terceira (1974) que, se a função significante é representar o sujeito, ela somente se confirma ao decifrá-lo. Decifrá-lo onde sua cifra retorna e faz sintoma. Mas, se o sintoma é o que fornece algum sentido ao sujeito, que goza ao referir-se neste sentido (na intersecção do Simbólico com o Imaginário), é o jogo de palavras realizado na análise, ao trabalhar com o equívoco, que permite abolir o sentido, e suspender o sintoma. Ao desencapar o sentido, “se agarra o que há – como dizer – de mais vivo ou de mais morto na linguagem, a saber, a letra, é unicamente a partir daí que temos acesso ao real” (Lacan. [1974]1986:41).

no canto da linguagem; 5º deslocamento: A fricção da palavra nos 'cantos' da lingua(gem); 6º deslocamento: A fricção da pá lavra o campo da linguagem; 7º deslocamento: A fricção do gem da língua em Ph'alavra; Etc.

É enquanto na interpretação, é unicamente sobre o significante que traz a intervenção analítica, que algo pode recuar no campo do sintoma. É aqui no simbólico, o simbólico enquanto seja alingua que o sustenta, que o saber inscrito d'alíngua que constitui para falar propriamente o inconsciente se elabora, ganha sobre o sintoma, isso não impedindo que o círculo marcado com S não corresponda a algo que, desse saber, não será jamais reduzido, é a saber o Urverdrängt de Freud, o que do inconsciente não será jamais interpretado (Lacan. [1974]1986:40).

A este lugar jamais interpretado, corresponde o ponto de exclusão do sentido (cf. L'Étourdit), que será definido, não mais por relações entre significantes, mas ao nível da lógica, por relações de letra a letra. Uma escrita topológica, onde o “sentido” passa a ser vetorial – dextrógiro ou levógiro, por exemplo, descrevendo ou criando (escrevendo) as relações possíveis entre os registros. Do sintoma como adjetivo passamos ao *sinthoma* como elemento de ligação, enlace.

Uma escrita é, portanto, um fazer que dá suporte ao pensamento.

Para dizer a verdade, o nó bo muda completamente o sentido da escrita. Ele dá a tal escrita uma autonomia, ainda mais notável por haver uma outra escrita, aquela que resulta do que poderia ser chamado de uma precipitação do significante. (Lacan. [1975-76] 2007:140)

Lacan nos diz, n'ó *sinthoma* (1975-76) que, tal “escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante (p.141). Lá onde a cadeia significante dá lugar a fabricação do nó. Um nó “que é preciso escrevê-lo para ver como ele funciona” (140).

É seguindo a pista de Joyce que Lacan vai se interrogar sobre esta modalidade de escrita.

Pois bem, penso que, graças a Joyce, tocamos alguma coisa que jamais eu tinha considerado.

Não tinha considerado isso de imediato, foi vindo com o tempo. O texto de Joyce é todo feito como um nó borromeano. (Lacan.[1975-76] 2007:149)

É na via deste novo *mos géométricus* que Lacan abordará a linguagem, a partir de Joyce: Através desta “(...) substância que resulta da eficácia própria da linguagem, e que é suportada pela função do furo” (Lacan. [1975-76] 2007:32).

Ao acompanharmos a configuração do *nó borromeu* (em sua passagem do nó de três círculos ao nó de quatro círculos), realizada por Lacan durante seu Seminário d’O *sinthoma*, obtemos um novo giro na teoria da linguagem que se depreende de sua obra.

Podemos verificar, em sua formulações, a definição de um novo axioma – que contrariamente a anular os anteriores possibilita compor com estas novas proposições sobre a linguagem –, e de um método de observação e de abordagem da linguagem.

Passemos a ele.

6.3.1 A linguagem come o real.

É por essa noção de furo que a linguagem opera seu domínio sobre o real.

Aliás, a linguagem come o real. (Lacan [1975-76] 2007:30)

Podemos dizer que a lógica do *sinthoma*, elaborada por Lacan, no Seminário 23, é uma lógica da linguagem. Com Lacan²³ ([1975-76]2007) podemos resumi-la nos seguintes passos.

1. Primeiro enuncia-se uma verdade de princípio:

“A linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo” (1975-76:31).

2. Segue-se que deste princípio (axiomático) deriva-se um método:

“O método de observação não poderia partir da linguagem sem que ela aparecesse como fazendo furo no que pode ser situado como real” (1975-76:31).

3. Destaca-se uma noção operadora.

“É por esta noção de furo que a linguagem opera seu domínio sobre o real” (1975-76:31).

4. Conclui-se então que:

“A linguagem (...) se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real” (p.32)

²³ Seminário livro 23. O *sinthoma*. Aula de 9 de dezembro de 1975.

Lacan vai dizer que a função deste furo também é a de suportar alguma coisa de físico – os buracos no corpo são o eco de que há um dizer (cf. Lacan). Temos então um furo (simbólico) que permite a linguagem que ex-sista no real e ao corpo que consista no imaginário. Resta acompanhar o trabalho da linguagem, que exige “seguir o rastro do real, que consiste e que ex-siste apenas no nó” (1975-76:64).

Os registros exercem funções na linguagem, mas, como os registros não se equivalem, eles devem ser anolados (fazer nó) para estabelecermos as relações entre suas funções. Este elemento de enlace, será definido como *sinthoma*, que será o elemento de ligação, quarto círculo que irá articular os registros, caracterizando-se ele mesmo por suportar a relação de não equivalência ente eles. A linguagem passará a estruturar-se justamente por este não haver equivalência. Invariante lógico, como dissemos, que tem a função de elemento de ligação que sustenta as diferentes permutações entre os registros (RSI). Ou seja, o conceito de nó refere-se a esta consistência de montagem relativa aos próprios significantes do Nome-do-pai. O pai é este elemento. Por isso é conveniente chamá-lo de *sinthoma*.

Esta montagem estará referida por um saber-fazer-com-a-linguagem (um fazer artesanal) concernente a verdade singular do *falasser*, ou seja, referida as suas condições de enunciação. O que há de mais singular em cada um – *uom, lom, homme, homem, sinthomem*.

Qual teoria da enunciação deriva-se daí?

Que a verdade – enquanto condição de enunciação – ao ser suposta ao sujeito (\$) divide o saber S_2 que o define na linguagem, produzindo um resto (*a*) que não advém na fala. Assim, o dito do sujeito somente pode sustentar-se em sua enunciação na condição de um desmentido: o que diz-mente.

As vias de enunciação do sujeito são as vias da descontinuidade na linguagem. Disjunto entre o dito e o dizer o artifício do sujeito será dar consistência a este “falso furo” – hiância entre o significante que é índice (que faz signo) de sujeito na linguagem (S_1) e a falta de um saber (S_2) sobre a verdade de sua ex-sistência – ao fazer passar por ele sua questão. A verdade só pode manifestar-se em um semi-dizer, onde o sujeito que se representa por sua enunciação encontra-se dividido entre o que foi dito e o ato de dizer. Dito de outra forma, entre o ato de enunciar e os efeitos de sua enunciação.

O artifício do sujeito na linguagem não consiste nem em referir, nem em co-referir. As condições de enunciação estão para o sujeito da enunciação assim como o zero está para o um, juntos suportam o dois apenas como efeito de enunciado. No conjunto primeiro com o Outro a junção sujeito-linguagem não se faz.

O Símbolo índice 2 (S_2) indica que somente faz um par na medida em que introduz a divisão do sujeito entre o dito e o dizer. Este enigma da enunciação é o que faz buraco na linguagem.

Marquemos sua seqüência lógica.

1. Se no que se enuncia de fato, o próprio fato de enunciar permanece suspenso no enigma de sua enunciação.

2. Então o fato de enunciar faz limite ao que foi enunciado.

3. Assim o símbolo (sintoma) de sua junção (enunciado-enunciação) é uma peça quebrada.

4. A enunciação (1) disjunta do enunciado (2) constitui sua relação (3) por um forçamento imaginário (efeito de sentido) – um molesta o outro sem estar ligado a nenhum deles.

5. Três funções separadas que são ligadas pelo *sinthoma*.

O Ato de enunciar – que não pode ser compartilhável – faz furo no real (R);

O Fato da enunciação (S) – que indica a divisão entre enunciação e enunciado, assim como seu enigma, faz limite ao dito. Dimensão do dizer.

Os efeitos de enunciado (I), que são a busca de junção entre dito e dizer, se reabrem ao fechar.

Mas: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”(Lacan. 2003:448).

Entre o ato e o efeito há o fato de enunciar ou semi-dizer a verdade do sujeito. Se o sujeito se representa neste ato (S_1), é pelo fato de sua enunciação suportar a verdade de sua ex-sistência de sujeito e de sua consistência corpórea ao produzir algo no que se fazer ouvir, ver (na busca de consistir como objeto); ao produzir um artifício para a (sua) conjunção na linguagem, entre o dito e o dizer. Esta conjunção produzida é aquela que indica a disjunção sobre a qual opera para produzir o par entre o símbolo e o vazio que o reflete em sua divisão estrutural de sujeito, um significante entre outros na linguagem.

Isso permite que possamos reler, a posteriori, o axioma fundante em Lacan de que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, e posteriormente, “(...) como *lalíngua* que ele habita”. Ou seja, linguagem e inconsciente se sustentam, ambos, desta equivocidade, desta não equivalência. Função e furo no real. Enunciar na linguagem (pleonasma) se sustenta em sua condição de enunciação de que “não há relação sexual”. Como dirá Lacan o inconsciente participa de um equívoco entre o real e o imaginário. “(...) é nisso que (...) estamos engajados a título de *sinthoma*” (1975-76:98).

Esta teorização da linguagem em Lacan corresponde a diferentes reorientações da clínica. De uma clínica marcada pela recorrência aos cortes e escansões significantes, passamos a uma clínica onde o corpo ecoa *lalíngua*, para chegamos a uma clínica do real, dos furos, das bordas da letra que não advém no dito. Em seu conjunto compõem a *Poiësis* de um fazer na e com a linguagem.

Então, teremos três teorias da linguagem em Lacan, se o lermos escolhendo e isolando um dos três momentos lógicos de sua obra, ou podemos ter apenas uma teoria da linguagem que se depreende da trajetória realizada por Lacan e de como a linguagem atravessa sua obra.

O recorte de cada momento corresponderia a uma teoria da linguagem tributária da lógica do significante – num primeiro momento –, do trabalho realizado com *lalíngua* – num segundo momento – e da escrita dos nós – referente ao terceiro momento da obra. A seqüência de predominância temporal ordenar-se-ia pela função da fala – em sua dimensão significante –, no campo da língua(histeria) que – pelo trabalho com *lalíngua* – estende-se na linguagem, definida-o em sua modalidade de escritura topológica.

Tomada em seu conjunto, nos indica justamente em que ela não pode se fechar. A cada vez mais um elemento para definição do Real.

Concluir torna-se, então, reabrir – voltar a dizer desde outro lugar. Renovando nossas condições de enunciação.

“Então, aí, o fecho se fecha” e “o futuro da psicanálise é algo que depende do que advirá desse real (...)” (Lacan. [1974]1986:42) e de como nosso saber-fazer-com-a-linguagem possa se renovar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A TRAVESSIA DA LINGUAGEM EM LACAN. O FECHO SE FECHA – um porto de chegada

Como na sinfonia, os primeiros acordes anunciam o desenvolvimento futuro. Acompanhem algumas das repercussões. Só algumas. Se déssemos atenção a todas, não sairíamos do primeiro parágrafo. (Schüler)¹

Este desfecho deverá situar nosso ponto de partida e de chegada, que resumidamente pode ser enunciado da seguinte forma: A linguagem em Lacan parte do poema para chegar ao matema. Porém, por paradoxal que possa parecer, este último não exclui o primeiro. Em Dufour (2000:286) encontraremos uma feliz consonância a esta argumentação ao dizer que o poema é o melhor matema. Consonância que nos permitirá encaminhar nossa conclusão. Ler Lacan através da sucessão de três momentos de retorno ao seu próprio texto, para que, então, do matema possamos voltar a dizer o poema, desde outro lugar.

Este movimento define, em nossa leitura, a modalidade de travessia teórica de Lacan pela via da linguagem, tal como dissemos anteriormente neste trabalho. Para ler esta travessia da linguagem na obra de Lacan é preciso substituir o pensamento lógico-linear por uma sucessão de movimentos temporais que suspendem a segurança estabelecida pela sucessão diacrônica de leitura. É acompanhar o movimento analítico que Lacan realizou na linguagem e com a própria linguagem. É seguir seu movimento de perseguir a “linguagem dentro da linguagem” (Valéry. 1991: 208), virando-a pelo avesso. Avesso que se produz a cada vez que retiramos determinados elementos da linguagem com a luva furada, seja ela de Kant ou de Joyce.

Para Lacan, a linguagem não pode ser compreendida como sendo algo exterior a ela mesma. Ele nunca a abandona e nem dela pode se afastar. Sua busca de reduzi-la a seus princípios essenciais é minimalista. Desconstrução das ilusões de um realismo binário que divide o que seria uma linguagem da verdade e uma linguagem da criação.

Sendo a verdade da linguagem a própria estrutura da linguagem, seu sentido torna-se o próprio movimento de sua intrincada malha relacional, tecida no movimento pendular entre a formalização de determinados operadores de leitura (símbolos uma escrita, que atribuem letras a determinadas funções) e a invenção-criação própria de um saber-fazer-com-a-

¹ In: Finnegans Wake / Finnicus Revém. Livro 1 Introdução, versão e notas de Donaldo Schüler. Porto Alegre: Casa de Cultura Guimarães Rosa e São Paulo: Ateliê Editorial. 1999.

linguagem, assim como a do poeta inventor, que reúne num mesmo ato o conteúdo, a forma e o método de seu processo de criação, no fazer que realiza na e com a linguagem. Em cada um dos três momentos lógicos que situamos na obra de Lacan, encontramos este movimento pendular. Em cada momento, dois movimentos. Quando, de um lado, encontramos a linguagem dos lingüistas – Saussure, Jakobson e Benveniste, por exemplo –, de outro lado, temos a linguagem dos poetas – Poe, Mallarmé e Joyce, por exemplo. E vice versa. Acompanhar este movimento é perceber as marcas de uma interferência recíproca, que, ao implicarem-se um no outro, produzem uma leitura científica (lingüística, lógica, topológica) da arte e uma leitura artística (literária, poética, criativa) da ciência.

Se a “forma de ciência” (método de Saussure) retorna na “forma de arte” (método de Poe), este retorno, por sua vez, produzirá uma “ciência da forma” (uma topologia) que retorna em uma “arte da forma” (a escrita de Joyce – seu fazer arte com arte). A forma se transforma de objeto da linguagem em significante de um fazer-com-a-linguagem. Assim, o que passava por atributo de uma predicação (forma de ciência-arte) funciona como sujeito de um fazer (ciência-arte da forma)².

Mas se o universo da linguagem está repleto de formas, possibilitando uma ciência da forma, também possibilita que o “homem”, seu artífice, ao não definir seu ato por sua forma científica crie na linguagem e com esta própria linguagem a sua forma artística. E se a linguagem da arte nada mais é do que uma forma de linguagem, a arte da linguagem (em seu fazer-arte-com-arte) pode, por esta mesma via, aceder à arte da forma.

Passemos ao que, num primeiro momento, corresponde a este movimento pendular que Lacan realiza na linguagem, onde a linguagem toma a forma de uma ciência do significante (quando Lacan retorna a Freud via Saussure, Jakobson e Benveniste) que se mostra na forma de arte (quando Lacan se apóia no método de Edgar Allan Poe).

Neste momento encontramos o axioma primitivo (fundante do sistema teórico) de Lacan:

1. O inconsciente está estruturado como uma linguagem³.

² Se num segundo momento das elaborações de Lacan, a estrutura é topológica, então: “A linguagem é topológica”. E se “a linguagem é um saber-fazer-com (o significante, a letra, *lalangue*, o *sinthome*)”, a topologia é um saber-fazer-com-a-linguagem. Assim, a ciência da forma se encontrará com a arte da forma. Num terceiro momento-movimento, a ciência do significante e a arte da poesia transformam-se em ciência da forma (uma geometria que dá lugar a uma topologia), que se encontra na arte da forma na escrita de Joyce, via Lacan.

³ Nos apoiaremos nas proposições de Jean Claude-Milner (2003: 143-170) para lermos este axioma lacaniano.

Este axioma remete a lógica interna de um sistema de proposições das quais são derivados determinados teoremas que devem sustentar a consistência do sistema teórico elaborado por Lacan.

Tais teoremas, por sua vez, mobilizam determinados termos ditos primitivos que, em si mesmo, são indemonstráveis, mas sustentam as relações que permitem demonstrar a consistência lógica deste postulado axiomático.

Dito de outro modo, em uma dada proposição, podemos isolar determinados elementos, estabelecendo aqueles que são fixos e os que são variáveis, como numa função matemática, por exemplo, $F(x)$ em que x é uma variável. Assim, o que muda são as variáveis, e não a função, permitindo estabelecer as modalidades de relação dos elementos (x).

Nós também não nos perguntamos pelos fundamentos dos axiomas. Nós os tomamos como uma função de verdade, que consiste num *a priori*.

Então, podemos ler nosso axioma fundante, “O inconsciente está estruturado como uma linguagem” (está estruturada), construindo uma proporcionalidade:

Inconsciente : Estrutura :: Linguagem : Estrutura

Lê-se:

A noção de inconsciente está para noção de estrutura assim como a noção de linguagem está para a noção de estrutura.

Então:

Se a linguagem tem propriedades de estrutura;

E o inconsciente tem as mesmas propriedades (de estrutura);

E se as propriedades mínimas de uma estrutura qualquer formam um sistema.

Então:

A linguagem tem propriedades mínimas de um sistema.

O inconsciente tem propriedades mínimas de um sistema. Mesmo que de outra “natureza”, que será definida quando um elemento dito qualquer do sistema for convertido em um elemento não qualquer que defini o sistema em sua especificidade.

Então, se:

Um elemento qualquer, tendo o estatuto de propriedade mínima, é convertido em um elemento do sistema.

E se:

A estrutura reduzida a um sistema com propriedades mínimas é uma cadeia.

A cadeia é constituída de elementos que considerados em sistema formam uma cadeia.

Assim:

Definir estes elementos mínimos é delimitar no que este sistema se define.

Então:

O sistema de linguagem que define um sistema lingüístico, ou as propriedades mínimas de um sistema lingüístico que o distinguem de qualquer outro sistema de linguagem, não podem ser as mesmas deste outro sistema.

Desta forma, o axioma “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” pode ser estendido a “está estruturado como um sistema de linguagem que não é passível de especificidade lingüística”.

Assim, o conceito de significante, ao designar o elemento que define este sistema, define-se por ser aquilo que num elemento lingüístico (o signo, por exemplo) não é específico do lingüístico.

Por conseqüência, se a cadeia é constituída de significantes (os elementos mínimos do sistema), só há cadeia de significantes.

Diferença com Saussure (onde predomina o conceito de signo)⁴.

E se os significantes se organizam em cadeia, a metáfora e a metonímia são os nomes desta articulação.

Diferença com Jakobson⁵.

Então, se o inconsciente estabelece estas relações por ser estruturado como uma linguagem, o inconsciente é a estrutura.

O inconsciente é a estrutura cujo sistema mínimo de significantes se articula metafórica e metonimicamente em cadeia.

Mas Lacan também nos diz que o significante é o que representa o sujeito para outro significante. Então como podemos definir o sujeito aqui? O sujeito é definido por abstração – por faltar em seu lugar ou por surgir no lugar da falta.

Assim, o sujeito “é o termo da cadeia que suporta o “não idêntico a si” de todo o termo da cadeia” (Milner. 2003:170).

Dito de outra forma, o sujeito se produz no próprio movimento de abertura (não-senso, inconsciente) e fechamento (sentido, recalque) da linguagem. No mesmo momento que se fecha abre. Ele fecha abrindo. E vice versa. Este movimento, pela repetição, define

⁴ Confira-se parte 6.1 desta tese, página 128.

⁵ Para Jakobson, a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. E, para se ter uma idéia geral dessas funções, é preciso uma perspectiva geral dos fatores constitutivos de todo o processo lingüístico, de todo o ato de comunicação verbal. Sendo que, essa dinâmica está organizada através de dois dos termos polares: o Código e a Mensagem. Tais termos encontram-se ligados por duas operações fundamentais da Língua: a seleção e a combinação. Para Lacan, a linguagem não pode ser ela mesma uma mensagem pois se sustenta de uma falta que posteriormente será definida como um furo no real.

determinados invariantes (não intencionais) na estrutura. O inconsciente é esta produção em ato da estrutura. Aquilo que estando dado em Outro lugar, é acionado no momento sincrônico da produção de um ato de linguagem, quando determinado significante produz um laço com outro significante, passando a existir no instante mesmo de sua própria evocação.

Assim, em análise, a estratégia de falação do analisante, que busca responder suas interrogações em sua acepção semântica, pela escuta escansiva do analista, passa ao jogo com os laços evocativos que destacam os elementos significantes que pontuam a série de interrogações da relação que o sujeito constitui com este lugar Outro que o simboliza na linguagem.

Isso fala no Outro, dizemos, designando por Outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que intervém. Se "isso" fala no Outro, quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar do significado, encontra seu lugar significante. (Lacan, J., [1966]1998: 696.)

Assim, o que o sujeito falante fala é também uma fala que lhe fala, logo é uma fala que advém na alteridade da própria linguagem. A análise se realiza neste espaço-tempo entre esta fala que se enuncia e a leitura do que ela permite escutar.

A análise que Lacan realiza do conto “A carta roubada” de Edgar Allan Poe (na abertura dos Escritos), pode ser lida como uma alegoria (sucessão de metáforas) desse processo, onde podemos acompanhar como Lacan situa a trajetória de determinado significante (carta, letra) que os personagens do conto buscam controlar, mas que, de fato é ele (o significante letra, carta) que define os lugares (de enunciação) em jogo, indicando os efeitos de determinação estrutural do sujeito em fuga – lá onde a letra designa o sujeito.

Lacan mostra, com este conto, ser um equívoco buscarmos o significante (que diz do sujeito) do lado do sentido. É justo o contrário disso. O significante que diz do sujeito não só não está aberto a todos os sentidos (Lacan.[1964]1979), mas abole a todos os sentidos, indicando o elemento, a letra excluída, na qual o sujeito está assujeitado, em exclusão interna, descompletando o conjunto.

É na estrutura matemática deste conto de Poe, onde “(...) se vê de que modo, em um sistema possível, emergem regularidades e propriedades (Milner. 2003:147)”, que Lacan encontra uma forma de descrever o processo de confecção realizado pelo significante na estrutura. Aspectos que reencontraremos no interesse de Lacan pela criação poética ao trabalhar a passagem da mudança de ênfase do semântico ao métrico. Trabalho de

adensamento do significante mediante a singularização da estrutura, do qual Lacan compartilhou no segundo movimento que realizou pela linguagem neste primeiro momento de sua obra.

O inconsciente está estruturado como uma linguagem, tal como o sujeito, por ser falante, se define nela, ao falar. A função da fala mobiliza uma ordem aleatória (de significantes) composta de diferenças (suportadas pelo sujeito) no campo da linguagem.

A ciência passa ao domínio da contingência de um fazer, quando a *práxis* psicanalítica passa a habitar o seio da *theoria*.

Neste primeiro momento “A linguagem é a estrutura” decorrente do axioma “O inconsciente está estruturado como uma linguagem”.

Num segundo momento, a linguagem é feita de *lalíngua*.

Se *lalíngua* produz na linguagem efeitos de saber, que vão além do que o ser falante pode enunciar.

Se “o inconsciente é um saber fazer com *lalíngua*”.

Então o inconsciente “ultrapassa de muito o que podemos dar conta a título de linguagem (Lacan. Sem. 20:190).

Assim, o inconsciente está estruturado como um saber-fazer-com-*lalíngua*.

É em *lalíngua*, no que ela é interrogada como linguagem (e no que ela permite interrogar a linguagem), que se destaca o que a lingüística designou com o termo elemento.

O elemento de uma estrutura não se define por pertencer a estrutura, ele é deduzido da própria ação da estrutura. É sobre a ação da estrutura que se fundam os traços reconhecidos como pertinentes a ela. E a ação da estrutura define-se por produzir diferença, por diferir. Ou seja, a estrutura não se deixa definir, somente podemos mostrá-la por seu funcionamento. Mostrar como funciona o elemento é mostrar como funciona a estrutura. E vice versa.

Segundo Milner (2003), para Lacan, este elemento mínimo é o significante e suas propriedades mínimas formam uma cadeia de significantes. Sendo que a cadeia significativa mínima é definida como uma frase.

Não é a palavra que pode fundar o significante (...) eu poderia falar da frase, que é mesmo aí, também ela, a unidade significativa, que ocasionalmente se tentará coletar em seus representantes típicos para uma mesma língua (...) (Lacan. [1972-73]1982: 20:29)

Porém, tal frase não deve ser confundida com a diacronia, pois “(...) a significância é algo que se abre em leque (Lacan. [1972-73]1982:30)”. Digamos que Lacan faz valer o funcionamento poético da linguagem, no qual a sincronia se projeta na diacronia, configurando o modo sincrônico em uma perspectiva diacrônica, no qual a frase, ela mesma, pode ser considerada como uma cadeia significante. Tal frase não deve ser confundida com um recorte de unidade característico de determinado nível de análise lingüística (Signo – palavra – frase – discurso)⁶.

Ela mesma não tem significação em si mesma. Sua significação se produz pela relação de antecipação retroativa entre seus termos (significantes).

A frase (...) não produz sua significação a não ser com seu último termo, estando cada termo antecipado na construção dos outros, e inversamente selando seu sentido por seu efeito retroativo (Lacan. [1966]1998:805).

Segundo Milner (2003), para Lacan

Na verdade não há diferença hierárquica entre elemento e sistema (...) Na cadeia significante, os significantes e a cadeia não são senão a mesma ação pura que se distribui em significantes e em cadeia. Cada significante se projeta nessa linha que é a cadeia (linearidade do significante), a cadeia como linha se projeta nesse ponto que é um significante qualquer (Milner. 2003:163).

Qualquer elemento (significante) da estrutura só existe por sua diferença (em ato), por não ser idêntico a si. O sujeito é esta posição lógica que resulta desta diferença.

Paradoxalmente, então, o sujeito se constitui por sua exclusão interna a linguagem (se é exclusão interna sem dúvida é porque o sujeito já estava incluído na linguagem – no sentido de que não haveria linguagem sem sujeito ou sujeito sem linguagem), constituindo o exterior que fornece sua consistência lógica, o ao menos um que funda o conjunto. Há uma coexistência de significantes na linguagem onde o sujeito habita como um elemento que excede ao conjunto. Se a estrutura define-se pelo movimento onde um significante difere de outro significante, ao menos um significante deve ficar fora para que se constitua o conjunto. Esse Um será o significante do sujeito (S_1).

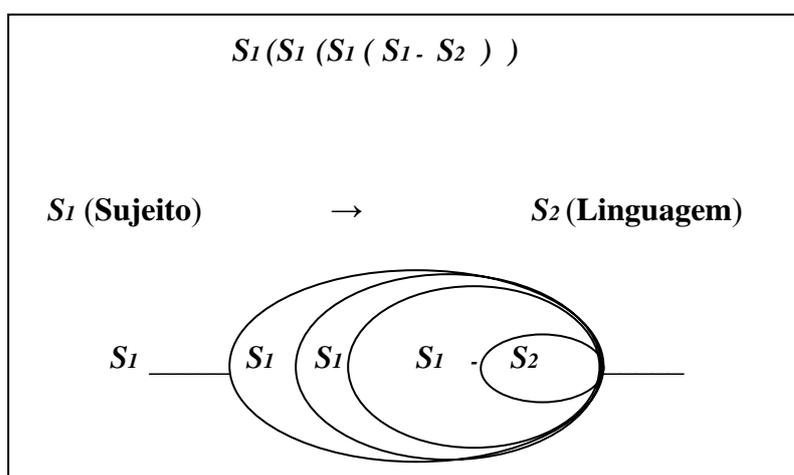
⁶ BENVENISTE, E. (1988) Problemas de lingüística geral I. Campinas: Pontes.

É um significante que está fora, mas permanece ligado a estrutura, numa relação de implicação mútua. Marca-se como um furo no tecido da linguagem – um lugar vazio – que lhe permite virá-la pelo avesso. O sujeito é esse Um traço significativo na estrutura – é tanto esse Um a mais em relação a ela quanto o menos Um da fenda na estrutura.

Se esta relação de implicação na diferença – diferir – define a estrutura, que defini-se pela cadeia de significantes mínima, que, por sua vez, define-se por uma frase, então a frase deve ser compreendida como tendo as características da

existência de uma cadeia articulada (...) compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis (...) (Lacan. [1957-58]1998:34).

Se a frase é uma linha (diacronia) a linha é um ponto (sincronia). Um ponto (no infinito) que demarca um impossível encontro do significante do sujeito (S_1) com o outro significante da linguagem (S_2). O sujeito faz furo na linguagem. Este Outro significante do campo da linguagem se apresenta ao sujeito estruturalmente em perda (buraco). Ao responder a esta perda o sujeito se constitui como tal em sua ex-sistência (menos um). Lá onde a cadeia se fecha, abre novamente. O que é interior ao conjunto também se encontra fora dele.



[Figura 13: O furo na linguagem]

Há Um. Um-entre-outros. Esse um, S_1 , de cada significante, se eu coloco a questão, é deles, dois, dos, que eu falo?, eu a escreverei primeiro por sua relação com S_2 . e vocês poderão ver quantos quiserem. É o enxame que eu falo. $S_1(S_1(S_1(S_1-S_2)))$ (Lacan. [1972-73]1982:196).

Assim, se num primeiro momento, a linguagem é a estrutura (tal como a que o inconsciente está estruturado) da cadeia significante que representa (inclui) o sujeito (S_1 - \$ - S_2), agora a noção de estrutura passa a equivaler a um buraco e a linguagem passa a estar estruturada como a topologia⁷ deste buraco (disjunção: $S_1 // S_2$), onde o sujeito (\$) habita (engendrado por uma perda).

Deslocamento que indica a passagem de um sujeito que fala na estrutura (função e campo da fala e da linguagem) para um sujeito que falta na estrutura (função e campo da falta na linguagem). A estrutura será este espaço topológico – “O significante deve ser estruturado em termos topológicos”(Lacan. [1972-73]1982:29) –, onde o sujeito se inscreve ao dar contorno ao buraco na linguagem.

Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernente à função da alíngua. (Lacan. [1972-73] 1982: 189).

E o inconsciente é o testemunho disso que escapa ao ser falante. É um saber que lhe interroga da estrutura.

A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elocubração de saber sobre alíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem (Lacan. [1972-73] 1982: 190).

Se a linguagem é feita de *lalíngua*, o significante (S_1) não pode ser o recorte de uma unidade da linguagem, ou mesmo lingüística, como dissemos anteriormente. Pois não está referido a alguma estratificação de níveis de linguagem⁸. “O Um encarnado na alíngua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento (Lacan. Sem. 20:196)”. No lugar de uma unidade lingüística temos uma “unidade de copulação do sujeito com o saber”, garantida pelo significante Um (S_1). Um significante que opera por traços, que são seus elementos de acesso a linguagem. Sendo que o inconsciente será este saber que se artricula com *lalíngua* os traços de escritura da “história” de um sujeito. Pelo efeito de um trabalho analítico, cabe acrescentar.

⁷ Segundo Porge (2006) é a partir de 1972, com “O aturdido”, que Lacan “identifica topologia e estrutura, estrutura e real. (p.226)”. “A topologia atualiza o resto que se constitui fora da linguagem, mas não sem ela. (Porge. 2006:227)”.

⁸ Conforme Benveniste. Os níveis da análise lingüística. PLG I.

“Certamente, o inconsciente é suposto pelo fato de que no ser falante há em algum lugar algo que sabe mais do que ele (...) de que não é possível dizer” (Lacan. Sem. 20:119). Sendo “a introdução da diferença enquanto tal, no campo, que permite extrair da alíngua o que é do significante (Lacan. [1972-73]1982:194)”.

O movimento da diferença enquanto tal funda a cadeia significante:

O significante Um, será que ele vem de o significante como tal não ser jamais senão um-entre-outros, referido a esses outros, não sendo senão a diferença para com os outros? (Lacan. [1972-73]1982:195).

E ao mesmo tempo em que funda a cadeia significante, funda também o sujeito como “ex-sistência do dizer” (Lacan. Sem. 20:161).

Um dizer onde se situa a ex-sistência do sujeito. Um semi-dizer, onde “a linguagem se inscreve como verdade (Lacan. [1972-73]1982:165)”, no que falta para que a verdade fosse dita. Onde o saber que é colocado nesta posição (no lugar da verdade) encontra sua função de enigma.

Esse enigma nos é presentificado pelo inconsciente tal como se revelou pelo discurso analítico. Ele se enuncia assim – para o ser falante, o saber é o que se articula. (...) é evidente que nada é, senão na medida em que é dito disso que isso é. S₂ eu chamo isso (Lacan. [1972-73]1982:188).

Lalíngua é o que permite que a cifragem do inconsciente seja articulada em linguagem. Uma linguagem que, evidentemente, não se reduz a comunicação, mas “(...) uma linguagem sempre hipotética em relação ao que a sustenta (...) (Lacan.[1972-73]1982:190)” – um significante que se torna signo (sinal) de um sujeito. Dizer que há um é dizer que há o significante Um sujeito. “O signo não é portanto signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante (...) isto é, o sujeito (Lacan. [1972-73]1982:68)”.

A articulação dos efeitos de *lalíngua* no “fala-ser” “(...) já estão lá, como saber” e “vão bem além de tudo que o ser de fala é suscetível de enunciar (Lacan. [1972-73]1982:190)”.

A língua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta, como efeitos que são afetos (...) O ser falante (...) apresenta toda a sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resultam da presença da língua no que, de saber, ela articula (...) (Lacan. [1972-73]1982:190).

O inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas é em *lalíngua* que a interpretação do analista opera pelo jogo de equívocos, possibilitando desfazer o sentido do sintoma, dando lugar ao trabalho com o sem sentido tomado no jogo da linguagem – ao articular um saber deste sem sentido com *lalíngua* – “(...) o saber inscrito de língua, que constitui, propriamente falando, o inconsciente, elabora-se, triunfa sobre o sintoma (...) (Lacan. [1974] 1986:20)⁹

A linguagem é demanda que fracassa. Fracassa em responder a pergunta do que faria a consistência do ser falante. “Sobre o ser ... nada pode ser dito senão por contornos em impasse (...) (Lacan. [1972-73]1982:20)”. Chegado ao final do caminho, encontra-se diante de um objeto em fuga. A intenção de apresentar não se completa – o objeto que definiria o sujeito é um objeto que não se apresenta, ou apresenta-se por não ser (perdido?) –, reabrindo-se “aquilo que supõe de vazio um pedido (Lacan. [1972-73]1982:171)”. Diferença entre o buscado e o obtido.

Lacan enuncia que “(...) o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual (Lacan. [1972-73]1982:17)”. Então, pode-se dizer que esse Um (do sujeito) não é, pois “(...) o sujeito se manifesta em sua hiância, ou seja, naquilo que causa o seu desejo (Lacan. [1972-73]1982:20)”.

Movimento que se estrutura ao marcar-se em sua própria repetição:

“Eu te peço – o quê? – que recuses – o quê? – o que te ofereço – por quê? – porque não é isso (...) (Lacan. [1972-73]1982:170)”.

O ser de fala torna-se o “ser” de falta ou, melhor dito, a “falta-em-ser”. Anolamento de três verbos – pedir, oferecer, recusar – cuja consistência está em “ser esta falta no ponto de cruzamento das três rodela¹⁰ (Porge. 2006:223)”: *não é isso*.

Assim, poderíamos dizer que, se a referência à linguagem, durante o primeiro momento da obra de Lacan vincula-se ao predomínio do conceito de Outro (tesouro dos

⁹ Título original: La Troisième. (A terceira). Texto falado por Lacan no Congresso de 1974 em Roma. Publicado em *Lettres de l’Ecole freudienne de Paris*.

¹⁰ Referindo-se ao nó borromeano.

significantes), posteriormente, este Outro passa ao outro (cf. Lacan. Sem. 16), enfatizando-se a criação do conceito de ‘objeto a’:

(...) o interesse de Lacan não se restringe à estrutura da linguagem como lógica do funcionamento inconsciente e progride na direção de acentuar a importância de estabelecer as relações entre a linguagem e a escrita, campo ao qual vai retornar para apreender a diferença entre o significante e a letra. É nesse momento que propõe que a letra é litoral entre o saber do significante e o gozo do objeto, fazendo a borda do buraco no saber (Leite. s/d)¹¹

A linguagem passa a ser tributária deste “buraco no saber” – referia a um paradigma topológico –, afetada pela marca do que “resta irredutivelmente Outro”.¹²

Eu insisti nisto, que o parceiro desse eu que é o sujeito, sujeito de qualquer frase de pedido é, não o Outro, mas o que vem se substituir a ele na forma da causa do desejo. (...) É enquanto substitutos do Outro que esses objetos são reclamados e se fazem causa do desejo (Lacan. [1972-73]1982:171).

Assim, o Outro só se apresenta ao sujeito na forma de objeto de desejo, ou seja, em falta.

Como situar a função do Outro? Como se, até certo ponto, é simplesmente em nós de Um que se baseia o que resta de qualquer linguagem quando ela se escreve, como colocar uma diferença? Pois é claro que o Outro não se adiciona ao Um. O Outro apenas se diferencia. Se há algo pelo que ele participa do Um, não é por adicioná-lo a si. Pois o Outro – como já disse, mas não há garantia de que vocês tenham ouvido – é o Um-a-menos (Lacan. [1972-73]1982:174).

Neste percurso da linguagem pela obra (que passa pelos seminários 17 e 18) a linguagem se matematiza ao passar ao discurso: “Inserção da linguagem sobre o real matemático (Lacan. [1969-70]1992:139). Até chegar (nos seminários 19 e 20), a formar suas “rodinhas de barbante”, seu saber-fazer-com-*lalíngua*. Ápice do segundo momento da obra de

¹¹ Nina Virginia de Araújo Leite. “As letras da transmissão”. Instituto de Estudos da Linguagem UNICAMP. Escola de Psicanálise de Campinas.

¹² Aqui o campo deixa de ser especificamente freudiano e passa a ser denominado como campo lacaniano, com a criação do conceito de *objeto a*

Lacan e passagem ao terceiro, em seu saber-fazer-com-o-*sinthoma*, com os nós, as tranças e os anéis borromeanos.

Neste segundo momento da obra, a “insistência do real”, faz de um dizer na linguagem um fazer-com-a-linguagem. Já vemos esta elaboração esboçar-se nos discursos (do mestre, da histórica, analítico, universitário). O discurso analítico é um discurso sem palavra, mas que determina posições enunciativas regradadas pela circulação de determinados termos ou letras (S_1 , S_2 , $\$$, a) ao ocuparem determinados lugares (agente, outro, verdade, produção ou, posteriormente, semblante, gozo, verdade, mais de gozar). Sendo que Lacan definirá que o discurso analítico emerge a cada passagem de um discurso a outro. Então, talvez possamos deduzir daí que o discurso analítico possa ser definido como sendo a condição de enunciação dos discursos.

Em análise, o discurso analítico solda o analisante ao analista. Do lado do analista temos os lugares: agente (semblante) / verdade, e do lado do analisante temos os lugares: outro / produção. Então, uma forma de leitura possível seria a de que o analista ao suportar o lugar de semblante do *objeto a*, causa no lugar do outro (analisante) sua divisão de sujeito ($\$$). Posicionando o inconsciente como um saber sem sujeito (S_2) no lugar da verdade que opera na fala do analisante a produção do significante Um (S_1), ao sustentar o sujeito no semi-dizer da verdade.

Em síntese, os discursos são uma escrita da clínica, “(...) um suporte que vai além da fala sem sair dos efeitos mesmos da linguagem” (Lacan. [1972-73]1982:126). Efeitos de linguagem que Lacan definirá em sua pura articulação, montagem. Uma montagem que se definirá como um saber-fazer-com-a-linguagem (um fazer que é um ato de linguagem). Neste momento da obra (Mais, ainda. [1972-73]), trata-se de um saber-fazer-com-*lalíngua*, que posteriormente se enlaçará em um fazer-nós (A terceira. [1974]; O *sinthoma*. [1975]).

E “*lalíngua* mesma é nó” (Milner. 1999:40). Conta imaginária (I) que integra o que é passível de ser representado. Calculo simbólico (S) além das representações. Resto real (R) onde as palavras faltam. “Assim, pois, é tanto como ao menos Um e Um a mais que o real insiste nas redes de *lalíngua*” (Milner. 1999:41). Ao menos Um que funda o conjunto, Um a mais da repetição – presença em falta do sujeito. Verdade (em seu “semi-dizer-se”) e *lalíngua* (constituída da “integral dos equívocos”) se encontram no não-todo.

Então, o analista, ao operar em seu discurso, opera um saber-fazer-anolamentos com a linguagem – um fazer semblante do Imaginário para que o analisante possa fazer Um

simbólico do significante (uma enunciação que pode ter efeitos de verdade) em relação ao Um real do desejo (onde a verdade fala). A verdade se situa por um saber-fazer-com o “furo no saber”.¹³ O Outro passa ao estatuto de pura diferença. É o Um-a-menos no Um.

Anolamentos que constituem letras que funcionam como ajuntamentos de um fazer-com-a-linguagem. Um fazer que é um dizer, já que **não há** ser se não de linguagem. Eis a condição de enunciação do discurso analítico.

*(...) **enunciação** que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que **não há**, de que é impossível colocar-se a relação sexual. É nisso que se escoram os avanços do discurso analítico, e é por isso aí que ele determina o que é realmente do estatuto de todos os outros discursos (Lacan. [1972-73]1982:17).*

Se o **não há** é a condição de enunciação do discurso analítico, o discurso analítico passa a condição de enunciação dos outros discursos por sustentar este lugar.

O **não há** também é o que permite relacionar o registro do dizer ao registro do fazer, onde o exercício do “dizer-se” passa ao exercício do “escrever-se”. “Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito do discurso que se chama escrita” (Lacan. Sem. 20:49).

A linguagem transfere, então, sua ênfase na relação ao significante à ênfase em sua relação à escrita, pela operação efetuada pelo conceito de letra – o que faz litoral entre o saber (do significante) e o gozo (do objeto).

O litoral é o que coloca um domínio inteiro fazendo a um outro, se assim o quiserem, uma fronteira. Mas justamente por não terem absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca.

A letra não é, em comum, litoral?(Lacan. [1971]1985: 22).

¹³ Poderíamos nos permitir brincar um pouco com a metáfora da senha de entrada na rede (Internet) da linguagem através da articulação das letras de um nome próprio seguidas de um matema @ (“objeto a” que faz rombo na linguagem) seguido de um provedor de ingresso (“um saber fazer”) na linguagem através da escrita de uma cifra (letra) referida a uma determinada língua (ponto com “ponto Br”, por exemplo). Aliás, este poderia ser um “matema” substituto do significante da falta no Outro pelo significante-letra do furo no Outro = @. O furo de entrada do sujeito na rede de linguagem. Assim, S1 @ S2 – teríamos S1: “um significante sujeito na linguagem”, @: “a letra-objeto” furo na linguagem, S2: “um saber fazer.com” são situados através de mais um ponto na linguagem, por onde se define uma determinada língua (ponto com “ponto br”, por exemplo). Se, como nos diz Milner (1987), a linguagem é “um ponto a partir do qual as línguas podem ser reunidas em um todo”, e a língua é “o núcleo que, em cada uma das línguas, suporta sua unicidade e sua distinção” (1987:11-12).

A letra é o que faz borda no buraco do saber, produzindo uma redução do Outro (A) ao designá-lo por uma letra (a). O litoral vira o traço literal de uma ausência – vazio entre saber e gozo. Mas, enquanto o exercício da palavra faz semblante deste vazio (ao simbolizá-lo pelo próprio exercício de um dizer), a referência à escritura, por sua “sulcagem” Real, torna-se “um receptáculo sempre pronto para acolher o gozo” (Lacan. [1971]1985:31). A escritura é este além presente na linguagem, que o discurso não apanha em sua rede significante. Habita a linguagem como um artefato, efeito de um fazer (arte – fato). O pincel arqueológico que busca sob as camadas de areia o rastro deixado pelo traço que designa o sujeito na linguagem, é o mesmo pincel que busca o traço ideogramático que faz de sua pintura o movimento da letra.

Mas se na linguagem há Um-não-saber, há um enigma, o sentido insiste em tamponar sua falta, alimentando o sintoma – que permanece, desta forma, ligado ao gozo do sofrimento. “Ao alimentar o sintoma, o real, de sentido, o que fazemos é lhe dar continuidade de substância” (Lacan. A terceira.[1974]1986:39). Desta forma, buscar responder a este não-saber com um saber, não permite transformá-lo em uma interrogação. Para produzir esta interrogação, a interpretação analítica busca reduzir o sentido (do sintoma) ao operar no jogo do equívoco significante – procedimento minimalista de redução da ficção a estrutura.

Mas, se o gozo é que decide sobre o sentido (I), que se apresenta sempre em fuga – um sentido metonímico, isto é, que não se deixa aprisionar, referindo-se ao objeto perdido da linguagem, ao Real da linguagem. Então, a fuga de sentido toca um Real ao escoar pela região aberta do nó (Borromeu), centro vazio onde localiza-se o “objeto a”. Este movimento da fuga¹⁴ nos permite definir o *sentido como real* implicado na busca pelo encontro entre o sentido e o gozo.

O sentido e o gozo estariam assim como dois personagens míticos, na busca da reconstrução contínua do sentido (I) ao perseguir o gozo (R), aproximando-se dele, mas não o atingindo nunca em definitivo – assim como o dia não pode encontrar-se com a noite ou o

¹⁴ Impossível aqui não fazer a correlação com a forma de escrita musical da Fuga, cujo apogeu encontra-se em J.S. Bach. Baseia-se num curto movimento melódico, chamado **sujeito** ou **tema**, que é exposto inicialmente na tônica (primeira nota de uma escala, da qual o tom em que a escala está construída recebe o nome, por exemplo, nota sol para escala de sol) pela primeira voz, desacompanhada. Esse tema é imitado por outra voz, o que corresponde à resposta na dominante, ou quinta nota acima da tônica (em que o tema é transposto para outro grau da escala), que altera os intervalos do sujeito, ou seja, a primeira voz constitui-se em contraponto a um contra-sujeito que se opõe à resposta. (Cf Dicionário de Música org. por Isaacs e Martin). O conceito de fuga envolve tanto a permanência de um determinado tema quanto seu desdobramento em transformações temporais. Confira-se uma audição da fuga em *Cravo bem temperado* de Bach.

homem não atinge a mulher –, alcançam a solução mítica de sua conjugação ao “encontrar-se” em fuga na forma evanescente de seu momento de disjunção.

Porém, será apenas no terceiro momento de sua obra que Lacan, ao realizar sua leitura de Joyce, nos falará de uma escrita que abole o sentido.

Enquanto não chegamos lá, continuemos ainda, mais um pouco, com a passagem do segundo ao terceiro momento da travessia da linguagem na obra de Lacan. Retomemos o enlace. O **não há** situa o impossível do gozo do sentido em sua busca de plenitude; o impossível do gozo fálico no desejo de ser Um; o impossível do gozo do Outro em inscrever-se fora da linguagem.

Se, de um lado o sujeito (do significante; S) se constitui em alteridade ao corpo próprio (no enlace do R e do I), de outro lado o corpo (I) se constitui em alteridade a linguagem (no enlace do R e do S). Então, este “alter” (fora) – buraco no espelho¹⁵ da linguagem – deve ser enlaçado pelo significante (Simbólico). Este enlace permite situar o gozo do Outro como sendo um gozo do corpo próprio, ligado as zonas de borda da pulsão, que faz “(...) eco no corpo da presença do significante (Porge. 2006:254)”. Mas, ao ser enlaçado, liga o gozo a algo fora-do-corpo, ou seja, liga-o a linguagem sobreposta ao corpo (junção do Simbólico ao Real), estabelecendo, assim, uma relação de implicação na e pela alteridade corpo-linguagem (gozo fálico, ligado a linguagem).

Assim, no lugar do sentido que procura responder a falta constitutiva do sujeito por um querer ser (algo) – que o fixa no gozo de sua ficção – e da falta (não menos constitutiva) do objeto, que viria positivar este ser (algo) – que encarna um elemento de gozo –, a psicanálise responde que não existe ser se não de linguagem. Um “ser” que entra na linguagem pela queda do objeto que separa o sujeito do sentido. É pelo equívoco que o sentido (significado, pensamento, conceito) pode transformar-se em sentido (sentimento, sensação, percepção), estesia que afeta o corpo do sujeito falante.

A impossibilidade de fazer-se objeto adequado para fazer UM com o outro (parceiro(a) de gozo) se enlaça com a impossibilidade de abordá-lo(a) integralmente na linguagem. Três modos de falta se articulam: a falta do sujeito, a falta do objeto, a falta da relação (“não há relação sexual”). A relação é ela mesma um buraco, onde a falta de objeto (buraco no corpo) corresponde à falta de um significante do sujeito na linguagem (buraco na linguagem). As tentativas suprir este não há absoluto, produzirão diferentes formas de gozo.

¹⁵ Parafraseando Philippe Julien (1993).

Como nos ilustra as palavras finais da ficção de Cortazar, em seu conto “Orientação dos Gatos” ao buscar fundir o olhar e o objeto do olhar: (...) desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação (...) dos [d’eux] quem? – dois [deux] sexos. (Lacan. [1972-73]1982:14).

Chegávamos ao fim da galeria, me aproximei da porta de saída ocultando, todavia o rosto, esperando que o ar e as luzes da rua me voltassem ao que Alana conhecia de mim. A vi deter-se frente a um quadro que outros visitantes me haviam ocultado, ficar longamente imóvel olhando a pintura de uma janela e um gato. Uma última transformação fez dela uma lenta estátua nitidamente separada dos demais, de mim que me acercava indeciso buscando-lhe os olhos perdidos na tela. Vi que o gato era idêntico a Osíris e que olhava ao além algo que o muro da janela não nos deixava ver. Imóvel em sua contemplação parecia menos imóvel que a imobilidade de Alana. De alguma maneira senti que o triângulo se havia rompido, quando Alana voltou para mim sua cabeça o triângulo já não existia, ela havia ido ao quadro, mas não estava de volta, segui do lado do gato olhando mais além da janela onde ninguém podia ver o que eles viam, o que somente Alana e Osíris viam cada vez que me olhavam de frente. (Cortazar)

Óleo sobre tela ... , olho sobre a tela ... , olho sobre a tela – olhar ... tê-la.

“Algo de gozo se perde quando o sujeito acede a seu significante” (Porge. 2006:260). Então, “se houvesse um outro gozo que não o fálico, não teria que ser aquele” (Lacan. [1969-70]1992:81). Então, talvez pudesse ser Outro – um gozo além do sentido, um gozo além do fálico, um gozo do Outro. Mas, não há.

Há Um não há na linguagem. Há estrutura de linguagem operando em função de *lalíngua* que permite estabelecer o laço entre o significante Um e o buraco no Outro.

Talvez o primeiro esteja para uma exterioridade interna à linguagem – esse Um significante do sujeito que está fora, mas marca um dentro da linguagem, pelo significante que falta para ser, marca do furo no Outro, – enquanto o segundo esteja para uma interioridade externa à linguagem – um buraco dentro que marca um fora da linguagem, constituído pelo objeto a. O gozo fálico estaria para o significante da falta (Um irreduzível) assim como o gozo do Outro estaria para a falta do significante (UM impossível). Não há unidade do ser na união dos corpos – dois corpos jamais farão Um –, assim como também não há unidade do sentido – “o referente, é propriamente que o significado o rateia” (Lacan. [1972-73]1982:31).

No lugar de uma lógica binária (seja de inclusão - um e outro, de exclusão - um ou outro, de dupla exclusão - ou um ou outro) onde a síntese dialética não se completa (ou se deixa marcar por sua incompletude), temos uma lógica unária (um no outro), onde o Um surge em exclusão interna ao outro, ao descompletar o conjunto, como um efeito de implicação interno / externo relativo a um ato de enunciação do sujeito. O interior será sempre constituído por este furo que marca a exterioridade do objeto a. Os gozos corresponderão as diferentes formas desta exterioridade.

Desta perspectiva, os discursos podem ser lidos como diferentes modos de tamponar a fuga de sentido. No discurso psicanalítico, o analista atua como semblante de objeto a, para que o analisante experimente essa “fuga de sentido” até testemunhar um Real.

No terceiro momento da obra de Lacan, o inconsciente se situará ao nível do Real, definido em termos de uma equivocação, fora do sentido. Assim, antes de dar sentido há inconsciente. Logo se trata de ordenar um Real prévio àquele da estrutura do sentido.

Mas, se o gozo é sentido, o Outro deve estar implicado, pois o sentido não tem valor senão para o Outro. A partir do Seminário 20, Lacan reconhece que, em todo efeito de sentido, o gozo está incluído: *onde isso fala, isso goza*. Daí, não há sentido sem gozo, pois trata-se sempre de sentido gozado.

Este terceiro momento de Lacan é sem o Nome do Pai, que é justamente o nome do significante que dá sentido ao gozo. O sentido aparece, dessa forma, desanolado do Real. Sem o Nome do Pai, o que há são três (Real-Simbólico-Imaginário) e o anolamento estaria assegurado pelo *sinthomem* (Nome-do-pai).

Passemos a acompanhar a leitura deste terceiro momento da travessia da linguagem realizada por Lacan.

Como vimos, as últimas proposições de Lacan sobre a linguagem são construídas por via negativa, evocando o *Tractatus* de Wittgenstein ao sustentar que “Aquilo que não podemos falar, devemos calar”¹⁶. Porém, com Lacan, é possível dar um passo a mais, e interrogar este lugar, produzindo a via de sua interrogação afirmativa: “o fato de que um impossível deva dar lugar a uma proibição explícita prova que existe ao menos um lugar onde se fala do que não se pode falar: este lugar é alíngua” (Milner. 1987:49).

¹⁶ Não se trata de confrontar concepções de linguagem da filosofia com concepções de linguagem da psicanálise. Aliás o passo dado por Lacan segue outra via, ao seguir o fio do discurso analítico.

O que escapa a Wittgenstein, em sua proposição, é que o silêncio fala¹⁷. Sendo, ele mesmo, um antes e um depois, relativo às condições de enunciação do ato enunciativo. Dito de outra forma, o que supostamente escapa a linguagem é próprio à linguagem. Não se trata da linguagem tomar-se como objeto de si mesma produzindo uma metalinguagem. Podemos dizer, então, com Lacan, que “não há metalinguagem”, porque o objeto linguagem é, propriamente, “isso” que escapa a linguagem. Assim, com um passo a mais, chegamos à proposição de que o “Não há” se inscreve na própria linguagem.

Esse “não há” é também o que permite o surgimento do sujeito na linguagem, cuja identidade só se sustenta desta ausência. O sujeito se constitui em queda – ele é queda do ser (des-ser). Há Um que não é. Ele é esse Um significante da diferença em cada um dos significantes em sua relação aos outros significantes. Não há dois, se não em aparência.

Assim, o “não há” pode corresponder ao “há Um”. Ambos remetem a uma tarefa comum: dizer o que não pode ser dito. Cessa a busca pelo sentido. E o saber passa a resultar de um fazer-com o sem-sentido, com o equívoco, uma invenção. Que, como tal, coloca em jogo o singular de cada Um. Uma nova forma de fazer com a linguagem, de estar na linguagem. Tanto no que esse Um (é) porta da linguagem – como abertura de entrada e saída – quanto no que esse Um porta de linguagem – como veículo que a conduz.

A questão torna-se, então, a de estabelecer a operação da passagem: *Wo es war, soll ich werden*. Lá onde isso estava deverei – como Um (*Si*) – devir-me. Vir a ser na linguagem.

Talvez este tenha sido um dos interesses de Lacan pela escrita de James Joyce. Principalmente por suas obras *Ulisses* e *Finnegans Wake*, que trabalham com fragmentos de linguagem em progressivas combinações e (re)encaixes significantes. Uma escrita cuja estrutura deve muito a este movimento de descompletude na linguagem. Desde sua configuração mais geral, onde Joyce opta em deixar partes indefinidas em determinados capítulos do romance, esperando para nascerem das experiências de leitura de seu leitor. O leitor surge, então, no texto, assim como o sujeito surge na linguagem, lá onde não está. Como um “a” *mais* (supranumerário) a partir de um a menos (faltante) produzido no interior do texto. A leitura surgindo desta articulação de duas faltas – uma externa ao texto e outra interna a ele. A escrita de Joyce vai se complexificando até chegarmos à construção de uma língua própria aos seus personagens em *Finnegans Wake*. Sua *Dublíngua – lalíngua* de sua

¹⁷ Se o *Tractatus* encontra seu limite no “calar”, nas *Investigações Filosóficas* Wittgenstein introduz sua noção de “jogo de linguagem”, primário ao uso da linguagem (656). Para que é que eu digo a uma pessoa que tive anteriormente este e aquele desejo? – Vê o jogo de linguagem como aquilo que é *primordial!* E considera as sensações, etc., como consideradas um ponto de vista uma interpretação do jogo de linguagem” (Wittgenstein. 1987:448).

Dublinlândia. Uma escrita que nos causa estranheza. Que maneja a presença de *Unheimlich* na linguagem. Um real (dito não, *Un*) familiar. Um que só se designa por ser distinto. A leitura nunca se completa, sempre há um “mais um” (que não faz dois). Mil e Uma noites de leitura.

Atenção a este som de Eiriado sentido. Realmente? Aqui o Inglês pode ser visto. Realeza? Um soberano punido a penada penitência. Regalado? O silêncio segue a cena. Acorda!

Então esta é Dublinlândia?

Hescuta! Cautela! Ecolândia!

Ó charme estranho! Lembra-te as deslavadas engravuras que costumávamos jazigar no manchamuro de sua barcampada casa. (Finnegans Wake. James Joyce / Finnicius Revém. Donaldo Schüler. 1999 [13]51¹⁸).

É preciso Hescutar com Cautela na terra do Eco aqueles significantes que se repetem em filigrana no tecido do texto joyciano, no bordado de sua letra: HCE . Iniciais do nome próprio do “herói” do romance, Humphrey Chimpden Earwicker, tecidas no texto na forma de um monograma (Cf. Burgesss.1994).

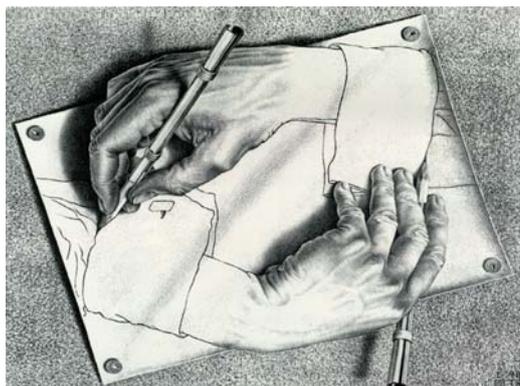
Arriscaríamos em dizer que o texto de Joyce opera várias torções na linguagem. É preciso modular sua frequência para dissipar suas distorções. Acompanhar as palavras em seu jogo de anamorfoses, quando se esticam, se encolhem, se dobram, se desdobram, tornam-se opacas e atravessam a tela do “enquadramento lingüístico” em direção à outra cena (da lógica onírica). Uma destas (dis)torções operadas na linguagem pela escrita de Joyce, é relativa ao sentido. Em Joyce, produz-se um sentido associativo, infinitesimal, que não se deixa pegar. Sempre em fuga. No lugar de uma definição, supostamente buscada pelo leitor, que tornaria específico o sentido de determinada frase do romance, Joyce apresenta uma indefinição. Ao invés de fixar atributos aos objetos, Joyce os dispersa, desmontando-os em fragmentos (estilhaços) que possam ser reencaixados, através de sua constante *mudança* de foco – seu texto torna-se um caleidoscópio. No encaixe de suas palavras-valise, nada é tudo – Arco-íris branco. Princípio da incerteza. Estranhamento.

Se *Ulysses* é um dia na vida de Bloom, que parece chegar ao fim ao encontrar a noite, em *Finnegans Wake*, ele retorna em sonho, novamente: *Fin again*.

¹⁸ Os destaques em negrito são nossos.

Este princípio circular onde o começo do fim encontra-se no fim do começo, desdobra-se em outros princípios que lhes são correspondentes, tais como o do escrever dentro do escrever.

Ao acompanharmos as observações de Kenner (1992) sobre a modalidade de organização do texto de Joyce, surge facilmente a evocação da imagem moebiana de Escher em *Drawing Hands*, onde vemos uma mão desenhando (escrevendo) outra mão.



[Figura 14: Mãos desenhando-se]

Mas então, qual seria uma e qual seria outra? No *Retrato*¹⁹, encontramos o personagem Stephen imaginando-se escrevendo, gerando palavras. Em *Ulysses* isso se repete, e encontramos o personagem Leopold Bloom, imaginando-se escrevendo no episódio “Eumaeus” (eu mais eus?). Segundo Kenner (1992),

Joyce, dando forma ao livro que escrevia, ansioso por delimitar seu herói, tinha usos para uma retórica de repetição que algumas vezes serve mais a seus propósitos do que descreve os movimentos dos pensamentos de Stephen (Kenner. 1992:232).

A quais propósitos refere-se Kenner? A do objetivo de Joyce em escrever o escrever (e não apenas descrever o escrever), remetendo-se a própria montagem do texto²⁰.

Segundo o biógrafo de Joyce, Richard Ellmann (1989), desde o *Retrato do Artista* Joyce desenvolve seu projeto de tornar o narrador independente do autor, “com estilo ajustado a ele” (Ellmann.1989:446), narrador. Em *Ulisses*, com a técnica do monólogo interior, chega ao ápice de sua experiência textual. A técnica do monólogo interior dos personagens visa

¹⁹ Retrato do Artista quando Jovem. Publicado em 1914. Considerado o *Bildungsroman* de Joyce.

²⁰ Movimento que nos evoca uma imagem surrealista de inversão das posições do “eu” que se olha no espelho, da imagem de si refletida no espelho, e próprio do espelho. Se o “eu” pode reconhecer-se na imagem de si como um outro, projetada no espelho plano, é como se Joyce quisesse ocupar, ele próprio, o lugar do espelho (da linguagem), substituindo os lugares do eu e do outro, cada um por um espelho plano, onde sua própria imagem passasse a ser projetada infinitamente entre dois espelhos paralelos. Autor e obra se (con)fundem. Criador e criatura. Assim, ele está e não está em todo lugar no texto.

mostrar a transcrição “do movimento real do pensamento de um personagem” (Kenner. 1992:233). Com isso, Joyce buscava “capacitar seus leitores a entrarem na mente de um personagem sem acompanhamento do autor (...)” (Ellmann. 1989:447).

Quanto mais aprimora sua técnica mais seus personagens vão se diluindo e sendo construídos pelo próprio fazer com a linguagem.²¹ Assim, o estilo de Joyce se constitui, ele próprio, num sistema de escrita. Para Kenner (1992), além do estranhamento causado ao leitor ao se perguntar de quem seriam as palavras que está lendo, se do personagem ou do autor, existiria ainda um outro. A escrita de Joyce seria conduzida por “uma figura que não pode ser identificada com o autor nem com seus narradores, mas que excede um grau cada vez maior de visível controle sobre seu material cada vez mais desafiador” (Kenner. 1992:237).

Esta figura sem rosto que conduziria a mão de Joyce nas alterações infundáveis realizadas em sua (re)escrita, Kenner propõe chamá-la de “O Organizador”.

Assim, à medida que o Organizador assume posição cada vez mais destacada, o Ulysses de dez episódios, da ironia “objetiva”, o livro que termina em “Wandering Rocks” se transforma numa obra totalmente diferente. Não há, todavia, uma ruptura violenta. O Organizador estava lá todo o tempo, e os princípios segundo os quais ele agora começará a alterar Ulysses existiam em potencial desde o início, obedecendo a uma estética de adiamento (Kenner. 1992:236).

Resta-nos situarmos em que registro estaria operando tal Organizador em Joyce. Seguindo as observações de Kenner, poderíamos hipotetizar, a partir de sua expressão “estética do adiamento”, ao referir-se, de alguma forma, a algo que não se conclui, que esteja relacionada ao Real²², enquanto instância do inatingível. E, sendo a figura do Organizador algo que se impõe, tratar-se-ia, então, da insistência de um real que “impõe um gozo que não tem fim” (Melman. 1991:15). O Organizador ri (juntamente como Joyce ao escrever) ao sumir diante do olhar-escutar atento do leitor.

Outra questão. Se o Organizador vem comandar o jogo na linguagem em Joyce, ele não diz como isso deve ser feito – não é um modelo de linguagem ideal –, apenas prescreve que “isso” deve ser feito – “cada vez mais desafiador” –, mantendo sua função de instigar ao gozo. E ainda, se existe um organizador em Joyce, ele não é um sujeito, mas um efeito produzido pelo manejo da letra realizado por Joyce, que faz passar seus significantes da fala

²¹ “Quando indagaram porque dera a seu livro o título *Ulysses*, Joyce respondeu: ‘É meu sistema de trabalho’.” (Ellmann.1989:448).

²² Para diferenciá-la de uma evitação imaginária obsessiva que visaria manter um pai incastrado.

(tanto da narrativa de seus personagens – cujas máscaras *personam* através de Joyce – quanto das próprias relações fonéticas implicadas no jogo fônico-sêmico da linguagem) à escrita (letra), em sua arte caligráfica. É o Real que interroga a Joyce e o intima (“desafia”) a fazer algo com sua arte. Uma escrita que vai ganhando mais consistência na mesma medida em que vai destituindo-se de sentido – um sentido que quando está para surgir se torna pura forma e se deforma. Assim, Joyce vai trabalhando artesanalmente os elementos da linguagem um a um, a cada vez. Até não precisar sustentar mais sua escrita no sentido, mas no seu próprio fazer com a escrita, em seu manejo inventivo com as línguas – *l'élangues* – ao alongá-las umas nas outras, produzindo o enlace de várias línguas.

O leitor que se propuser a acompanhar as 997 páginas da biografia de James Joyce, escrita por Richard Ellmann, poderá compreender como se dá este movimento de entrelaçamento da escrita joyceana. Além da transliteração da realidade que Joyce realiza em seu texto, onde encontramos fragmentos de sua experiência de vida, de suas relações pessoais, de suas leituras, de sua posição frente as mais diversas situações de seu cotidiano familiar, social, sentimental, etc., seus próprios escritos são tomados por ele como sua experiência de vida e ressurgem na forma de fragmentos em seus textos posteriores. O que acaba evocando uma leitura destes fragmentos calcados de um texto a outro, que seja evocativa de uma “vida anterior” de seus personagens, ao serem reconhecidos em textos subseqüentes. Como, por exemplo, quando Stephen do *Retrato do Artista* abandona sua versão juvenil para ressurgir em *Ulisses* em sua forma adulta na figura de Bloom.²³ O inconsciente cultural de Lévi-Strauss vira o Real do sonho em Joyce. Cada um responde – inscreva sua interrogação – como puder. A “cultura” torna-se uma palavra-valise, mala de viagem de Joyce, de onde retira seus cabides de letras para pendurar seus significantes. Mala com a qual Joyce atravessa seu Dublinundo em sua Dublândia.

É como se este movimento mostrasse como Joyce vai construindo novas formas de organização da realidade, entendida como aquilo que sempre escapa as nossas diversas modalidades de tentativa de simbolização, ou seja, novas formas de responder ao Real que o interroga. Até *Ulisses* ainda encontramos um personagem realizando este nexos, mas em *Finnegans Wake* esse personagem se dissolve, reduzindo-se ao jogo de letras operando na linguagem: HCE – princípio masculino – ALP – princípio feminino. Não há elemento que realize o nexos. Não há ... relação sexual.

²³ Confira-se “James Joyce”. De Richard Ellmann (1989). Capítulo XXII intitulado Os fundamentos de Ulisses. Cabe notar um comentário dos leitores da época que não conseguiram se reconhecer nos personagens de Ulisses, e continuavam indagando-se uns aos outros onde cada um poderia estar figurado no romance.

Então, ao retornarmos ao Organizador veremos, agora, que não podemos situá-lo nem como um suporte da ordem simbólica, um (pai) operador da função metafórica do universo da escrita joyceana, nem como uma suplência à falha da metáfora paterna neste mesmo universo (já que em *FW* toda metáfora pode degradar-se metonimicamente até dissolver o sentido). Esta organização simbólica, em Joyce, passa a ser sustentada por um fazer.

Assim, se formos situar a figura do Organizador proposta por Kenner, a situaríamos neste elemento a mais que habita a própria estrutura, como sua “realidade operatória”, na expressão de Lacan. Operatória de que? De um “saber-fazer-com-a-linguagem” que permita inventar uma outra forma de responder a interrogação que advém da própria estrutura da linguagem. Essa resposta se dá, em Joyce, por uma escritura que institui um fazer – na formulação de um indizível na própria linguagem.

O que faz o Organizador senão “pedir” para organizar em significantes este corpo fragmentado (em *Ulisses*), para que passe a fixar seus referentes, organizando o tecido do romance na forma de uma seqüência de episódios. O que passa a ser o Organizador, a partir daí, a não ser a origem do significante mestre (S_1), de onde as coisas se originam. A originalidade de Joyce, em sua arte, seu “fazer-com-a-linguagem”.

Em topologia de *lalíngua* o Organizador – artifício joyceano – corresponderia a um artefato discursivo, que se suporta de uma escrita. Uma escrita que possa situar esse Organizador como (esse) Um significante (S_1) que nos permita lê-lo, não enquanto pautado em um discurso do mestre, mas como operador do significante mestre. Então, poderíamos percebê-lo como operando uma posição na linguagem. Uma figura discursiva que não necessariamente estaria em posição de arrumar, de ordenar que o outro produza o objeto de um saber, exilando-o no território da verdade. O movimento que Joyce realiza na linguagem é justamente o avesso disso. Ele sustenta um lugar que permanece inominado – o que Beckett mostra de “inominável”, Joyce realiza. É este lugar do inominado que o faz trabalhar, e produzir esse Um Organizador (S_1) que funcione como Real. Que mostre o impossível de ser dito, ao formular o indizível por sua escrita (em suas epifanias – súbitas manifestações do espírito –, por exemplo). O que ele produz com seu fazer é justamente um furo Real no saber. Então, se é um saber que surge neste lugar da verdade, é um saber esburacado por um fazer – manejo da letra. No lugar de um semi-dizer (a verdade) temos um saber-fazer-com o que resta “a” dizer. Manejo que Joyce realiza ao inventar seu *Um* a partir de seu *Umheimliche*.

Na expressão de Harari (2003), Joyce “morde o familiarmente estranho através do inesperado”. Sendo que, sua “(...) tentativa de fazer letra é a de domesticar, a de tornar

tratável a experiência. E é ao avesso a um ponto tal que a experiência simplesmente o possui” (Harari. 2003:83).

Substitui-se então, a relação do som e do sentido, pelo laço do som com a letra, e os efeitos do som no corpo, através dos jogos rítmicos, mudanças temporais, procedimentos formais de escansão significativa, etc. Isto se dá através de uma escrita que decompõe o sentido em fragmentos, que, em sua própria articulação “faz ver”, “faz ouvir”, transforma o sentido em “sentido” (ligado ao corpo), o saber – no lugar da verdade “que se diz, mente” (*qu'on dit ment*) – em sabor – no lugar do “fazer-com” condimento (*condiment*). Onde o sentido passa pelas papilas gustativas da *lalíngua*, diríamos, com Lacan.

Os personagens de Joyce transfiguram-se em puros seres de linguagem que reúnem todas as qualidades sensíveis da existência, sejam qualidades animais, vegetais, orgânicas, corporais. Deste lugar surge a interpelação humana. Cada episódio de *Ulisses* está organizado na referência a um órgão do corpo – coração, fígado, etc.

Tomemos o capítulo 10 (p.249), como exemplo. O episódio dos “rochedos errantes” (numa clara referência a Odisséia. É preciso passar entre duas rochas – em Joyce, trata-se da Igreja e do Estado Imperial da Inglaterra). A cena se passa na rua, às 15 horas. O órgão é o sangue, numa referência ao fluxo das pessoas. A arte é a mecânica – as pessoas se aproximam e se afastam mecanicamente. O símbolo são os cidadãos cuja narrativa é labiríntica.

Todo o romance está organizado pelo transcorrer de um dia cujas horas expressam determinados estados de espírito dos personagens – *Stephen olhava através da vitrina de teias de aranha os dedos do lapidário provar uma corrente tempotrabalhada*. A palavra é uma pedra a ser lapidada.

O romance surge mais da própria escrita do que do pensamento de Joyce.

Joyce não tinha o livro todo em mente desde o começo. Ele mais tarde insistiu com um amigo para que não planejasse tudo de antemão, pois, disse, “Ao escrever virão as boas coisas” (Ellmann. 1989:449).

Segundo Ezra Pound, em seus ensaios sobre James Joyce, o objetivo de Joyce em usar a Odisséia é meramente estrutural, na busca de uma sustentação da trama de uma obra relativamente sem trama. Sendo a estrutura que costura os episódios do romance a própria travessia de Bloom por Dublin (durante o dia de 16 de junho de 1904) assim como a de Ulisses em sua Odisséia. Com uma diferença importante, mas não pontuada por Pound, a

narrativa oral em Homero transforma-se pela escrita de Joyce, na mescla de efeitos sonoros e visuais. Nos desfia a ouvir o canto das Sereias.

Para ler Ulisses de Joyce é preciso dispor-se a ouvir o canto das Sereias. “A voz que toma corpo, assim poderíamos caracterizar o canto das Sereias” (Fleig:05). Efeitos corpóreos da voz.²⁴

Do ponto de vista pulsional, de acordo com Fleig (s/d), (...) a fala requer um suporte, tão ou mais enigmático que esta, que é a voz(...). Acompanhemos um pouco mais o autor, em sua leitura de Lacan sobre a “pulsão invocante”.

Acrescento a pulsão escópica e aquela que será quase preciso chamar de pulsão invocante» que tem, acrescenta, «esse privilégio de não poder se fechar » (Lacan, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 188). O se fazer ver, circuito da pulsão escópica que se vira para o próprio sujeito, segue o mesmo padrão das demais pulsões já descritas por Freud, pulsão oral, pulsão anal e pulsão genital. Em contrapartida, a pulsão invocante, cujo circuito se organiza no ato de se fazer ouvir, vai em direção ao outro e seu retorno se dá como pulsão de escuta. Este é o privilégio e a especificidade desta pulsão: instaura um circuito que não pode se fechar.(Fleig:3)

Então, se a fala requer o suporte da voz, a voz requer o suporte do corpo. Escutar, então, seria escutar as marcas da voz escritas na história sensível do corpo. O sopro da voz em sua origem²⁵ traz consigo a energia do corpo. Então, ao ler Joyce seria preciso organizar em séries este feixe de pulsões, na orelha do livro que se abre para ser lido²⁶. O que a voz dissipa a letra fixa. Assim, no corpo, o ouvido responde a voz ao fazer eco de um dizer. A letra escreve (por seu traço, sua marca) a concha vazia onde a enunciação (do texto) ressoa. O corpo da letra torna-se, então, o suporte material de um fazer. “Gozo opaco, por excluir o sentido” (Lacan. [1975-76]2007). Operação poética por excelência.

Em *Finnegans Wake* este procedimento se torna ainda mais exacerbado. E a escrita de Joyce consegue furar em torno de “nós” a opacidade do Real, onde somos instalados por nossa leitura em nosso “pedaço”. As personagens fundem-se a natureza. Formam-se e diluem-se. Tornam-se uma árvore, uma pedra, uma nuvem, um rio ou até mesmo a própria Dublin.

²⁴ Sabemos da importância da música para Joyce que adapta “figuras de composição ao desenvolvimento de suas técnicas de escrita” (Nestrovski. 1992:267). Também é possível conferir a tradução brasileira de seus poemas intitulados “Música de Câmara” (*Chamber Music*).

²⁵ Em latim ori-gine = saído da boca.

²⁶ Lembremos das pesquisas musicais, como as de Cage, onde o ruído transforma-se em som ao ser organizado em séries de intervalos que se repetem.

Em alguns leitores e críticos, a dificuldade de Finnegans Wake inspira uma vontade de domar seu sentido, impulso que pode ser disfarce para o desejo de que Finnegans Wake pudesse ser realmente mais domesticável e convencional do que parece ser. Mas outros leitores e críticos dão vivas ao experimentalismo de Finnegans Wake e se deleitam em tratá-lo como uma obra de vanguarda [...]. Tais leitores se contentam em aceitar o Wake como impossível de ser dominado ou totalmente compreendido e a “ilegibilidade” do texto se torna para eles não um obstáculo mas causa de apreço (Noris.1990:170).²⁷

Sem dúvida, em toda formação caótica há um princípio de organização. Porém, ler Joyce muitas vezes nos deixa “embaralhados”. E para sairmos deste “embaraço” temos que fazer nosso lance, embaralhar nossas cartas, para produzirmos alguma seqüência. Mas, então, veremos que neste baralho existem muitos curingas. É preciso aprender a usá-los. Usar dois curingas numa seqüência de cartas (letras – para evocar a homofonia francesa utilizada por Lacan) inviabiliza a seqüência. Pois a característica do curinga é a de poder valer ao mesmo tempo por todos e também por nenhum – confunde-se com a própria noção de valor das cartas (uma é o que a outra não é no interior da seqüência) que permite organizar as seqüências. Duplicá-los seria inviabilizar o jogo da diferença, pois não há diferença da diferença.

Sempre sobrarão curingas em Joyce. Curingas que usamos e outros que perdemos ao lê-lo. Mas, é justamente ao perdê-los que seus curingas podem transformar-se em enigmas a serem lidos, relançando-nos no jogo de leitura.

O Organizador é simplesmente este princípio que nos ensina a fazer as seqüências. Um saber-fazer-com-seqüências (conseqüências). Um saber-fazer²⁸ que tenha conseqüências de leitura. Conseqüências que permitem dar seqüência a leitura e que também sejam formas de resposta ao enigma – a interpelação –, de se fazer responsável²⁹ pela seqüência de cartas, letras que tal leitura produziu.

Repetimos, com Lacan (Sem. 11), que a interpretação não está aberta a todos os sentidos, justamente porque ela se dá a partir do não-sentido, do jogo do e com o equívoco. Princípio de *lalíngua* em Lacan e operador textual em Joyce. Não se trata de um saber referencial, que visaria extrair um gozo do sentido. Mas de um saber-fazer com o gozo-sentido (eu ouço sentido) – de acordo com os deslocamentos homofônicos propostos por

²⁷ In: Joyce com Lacan, Joyce mais Lacan, JoyceLacan. Cláudia de Lemos. Universidade Estadual de Campinas.

²⁸ O hífen indica implicação mútua, inseparabilidade.

²⁹ “Por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis” no diz Lacan em *A ciência e a verdade*. Escritos ([1966]1998).

Lacan (1977): *jouissance, jouis-sens, j'ouïs-sens*. Indicando, este último, tratar-se de uma operação singular (*je*) realizada com a linguagem a partir de uma forma singular de estar na linguagem: Um saber-fazer-ali-com isso que ex-cede ao sentido. Um saber-fazer-com-seqüência com essa voz que ex-siste a seqüência da cadeia significante.

Se podemos dizer que Joyce consiste (I) em sua obra através de seus personagens, suas ficções de linguagem, e que ele também ex-siste (S) a ela – em seus personagens que fazem cifra na qual decifra seu próprio enigma – através de seu fazer inventivo, artifício de escrita capaz de responder ao que se lhe impõe (R) através de sua obra, então podemos ler Joyce com Lacan para lermos Lacan com Joyce. Situamos, assim, Um no outro (buraco no saber que dá lugar ao fazer). Um “mais Um” da literatura – em Joyce com Lacan –, e da psicanálise –, em Lacan com Joyce. E um a menos, que faz o limite, real de *lalíngua* que ressoa em cada campo – Joyce ecoa em Lacan que ecoa em Joyce ... “menos isso”, *sinthoma* (ou seja, o limite de seu *savoir-faire*).

Se há do Um, é porque algo se sucede a partir de que há Um. E como sempre há mais um. A leitura nunca se completa sempre há mais um.

O Um só se designa por ser distinto (Lacan. Sem. *Ou pior*).

Leitor – corte – descontinuidade. Repõe-se o lugar do enigma, onde fala seu desejo, presente no texto no registro da falta. Ler é reler. É reler-se. O leitor se transforma constantemente em releitor. Como no fluir do último livro de James Joyce, em constante transformação, o fim revém em *Finnegans Wake* e “o rio nos devolve (brings us ... back) – todos os que navegamos, vivemos lemos – ao **Howth Castle and Environs** (Schüler. 1999:91)”.

Mas para ler é preciso afinar o ouvido. Dispor-se a acompanhar a leitura mesmo onde ela se densifica ao passarmos por onde as palavras ganham corpo de escritura em forma de traços sobrepostos em estrutura folhada. É preciso ler a letra. Encontrar os significantes pelos quais a pá-lavra o campo da linguagem, renovando-se mutuamente. A sinfonia se faz ouvir em ficção e canto da palavra e da linguagem.

O leitor-releitor, indo e vindo na linguagem, prepara seu roteiro. A cada folhar da página uma pincelada suave sobre a superfície arqueológica do texto em busca da descoberta de uma forma (de) escrita. Decifração. De fração em fração, descobrir o que faz cifra. Roçar o real. A ficção se transforma em fricção. Fricção da palavra no campo da linguagem. Letra que se transforma em suporte material do *sinthoma*. Literalidade corpórea. O traço (unário) torna-se hífen, que se enlaça e torna-se nó: Nome-do-pai.

Se Lacan, no fim de sua obra, realiza uma leitura joyciana de Freud, talvez possamos ler a obra de Lacan através de seu dizer sobre Joyce: um nome que se fez através de uma obra. A errância de Joyce se fez herança em Lacan. Herança de Joyce a Lacan (reivindicada por ele próprio, como qualquer herança)³⁰. Um saber-fazer-com-a-linguagem que se dá através de um saber-fazer-com-o-*sinthoma*. Da competência chomskiana (evocada no Seminário O *Sinthoma*) à excelência joyciana, chega-se a Joycelência lacaniana.

(...) a linguagem é verdadeiramente o que não pode avançar sem se torcer e se enrolar, sem se contornar de uma maneira da qual não posso dizer que não dê aqui o exemplo. Só é preciso acreditar no tirar a luva para ela (...) (Lacan.[1974]1986:35).

É através deste buraco da luva virada ao avesso, seja esta de Kant (em sua estética transcendental) ou de Joyce (na carta que escreve à sua mulher Nora), que podemos voltar ao campo da linguagem não mais pela função da palavra, mas pelo buraco do Real para atá-la com o nó do *sinthoma*. Para concluir é preciso encurtar. Puxar os fios para encurtar o nó, até chegar ao ponto, onde o nó se fecha, para chegar ao porto onde nossa travessia ancora. Ancoragem em terra das Letras de um percurso possível pelo *riocorrente* da linguagem. Nosso rio deságua no már. A heterogeneidade da linguagem não se deixa confundir com as terras em que ela deságua e na qual nos banhamos. É do litoral que recolhemos não somente o lixo, mas a letra (carta) que retorna em sua mensagem, guardada em sua garrafa lançada em alto mar. Resta-nos abrir a garrafa e ler em voz alta para que o gênio da língua se manifeste. Para que a linguagem habite aquele que fala nela. Moramos no vazio das conchas que o mar escreve na poesia concreta de seu fazer literal litoral. Como diz o poeta pantaneiro : “Meu canto reboja. Não tem margens a palavra” (Manoel de Barros).

Mas se as palavras não têm margens, talvez nos permitam traçar os contornos realizados pelo poeta. Já que Lacan, dizendo que “poesia não é somente efeito de sentido, mas também de buraco, corte, cesura, nos diz a seguinte frase: “não sou (estou) bastante empoatado” (...) empoetado (Souza.1987b:7).³¹

O que nos indica o retorno do “matema” no “poema”.

Deduzir este contorno, ao percorrer os momentos de corte que o produziu, é realizar uma leitura desta travessia realizada por Lacan na e pela linguagem. Espírito que nos acompanhou neste difícil caminho de buscar as concepções de linguagem que melhor se ajustassem a linguagem de Lacan, mantendo ao mesmo tempo a coerência e a dicção poética

³⁰ Sobre esta questão da reivindicação da herança confira-se o livro de Jacques Derrida “Espectros de Marx”.

³¹ Em diálogo com Julia Kristeva durante o seminário *L'insu* (aula do dia 10 de maio de 1977)

de uma obra que é bem maior do que a soma de suas partes. Acompanhar uma trajetória de leituras é também realizar uma travessia. Aqui está a nossa. Exposto está nosso itinerário de leitura. Esperamos que ele não tenha tido momentos longos demais ou rápidos demais que possam por ventura ter cansado o leitor. Desejamos, assim, que ele tenha possibilitado ao leitor algo do que nos permitiu ao percorrê-lo: arejar velhas questões e criar novas.

8. PARA CONCLUIR

Sustentamos neste trabalho a hipótese de que a noção de “dobra” expressa uma operação de leitura possível da travessia da linguagem na obra de Lacan. Utilizamos o neologismo *dobragem* (dobra – obra – linguagem) para expressar numa única palavra esta operação de leitura da travessia da linguagem na obra de Lacan. Sendo a dobra na linguagem o correspondente do movimento de enunciação que permite ler a linguagem na obra de Lacan.

Sustentamos ainda que a noção de dobra tem seu correspondente topológico nas figuras da *Banda de Moebius* e do *oito interior*. Desta forma, o ato de enunciar implica no movimento de dobra na linguagem (*dobragem*) cujo ponto de torção indica o momento de retorno sobre o próprio dizer, onde a linguagem se opacifica e se constitui como um enigma a ser decifrado.

A partir daí a linguagem na obra de Lacan se fez enigma a ser decifrado. Ir em busca da travessia da linguagem na obra de Lacan se constituiu, por aproximações gradativas a seu texto, em nossa travessia de leitura.

Realizamos, então, uma leitura de leitores de Lacan, circunscrevendo um contexto enunciativo da leitura realizada por estes leitores para apoiarmos nossa leitura da obra de Lacan. Optando, desta forma, por uma abordagem lógica em detrimento de uma abordagem histórica (cronológica) de leitura.

A partir dessa leitura dos leitores (externa), passamos a estabelecer nossa leitura (interna) de determinados textos que compõem a obra de Lacan. Definimos três momentos lógicos (enunciativos) no interior da obra de Lacan para situarmos três momentos da travessia da linguagem em sua obra. O próprio conceito de obra que utilizamos (Cf. Milner.1996), como intervenção na cultura, guarda suas correlações com as noções de linguagem que encontramos em Lacan, tanto em suas modalidades expressivas quanto em suas modalidades inventivas, em seu “fazer-com”.

Nesta travessia pela “linguaviagem” de leitura dos textos de Lacan, acompanhamos a metamorfose da linguagem que vai discretamente se formando nos primeiros textos de Lacan em cadeias de uma “paisagem-sujeito”, cujo discurso se define no espaço de rupturas próprio a operação do significante. Posteriormente a linguagem passa a ser transtecida de *lalíngua*, podendo fazer ressoar palavras amortecidas pela sintaxe, produzindo efeitos de marca, restos, letras que desafiam a leitura. A opacidade se torna sua condição de leitura. As palavras “amor-tecidas” passam a recompor-se em seu jogo, em sua cifra.

O texto de Lacan vai se tornando mais denso. Torna-se mais difícil acompanharmos sua multiplicidade de referências (ou mesmo sua heterogeneidade) ancoradas em sua consistência de princípios. A cifra se re-cifra. A partir daí, a linguagem torna-se o lugar mesmo de um fazer. Não é senão este fazer. Sendo assim, a linguagem torna-se um “meio” onde o fim encontra o começo.

O enigma feito linguagem situa sua dobra: um enunciado em busca de uma enunciação.

Todos nós estamos banhados pela linguagem. Mas é preciso que cada um (leitor) coloque de si para realizar sua travessia.

Se ler é banhar-se no *riocorrente* da linguagem, a linguagem é a senha da “palavra-travessia”.

Riverrum.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCH, J. (1995) *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro – RJ. Campo Matêmico.
- ANDERSON, C.G. (1989) James Joyce. Coleção Vidas Literárias. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- ANTUNES, A. (1988) *Poesia sem título*. Revista 34Letras nº 1, Setembro, p. 33.
- ARRIVÉ, M. (1994) *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____ (1999) *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar..
- ATTRIDGE, D. (1992) *Desfazendo as Palavras-Valise, ou Quem Tem Medo de Finnegans Wake?* In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro – RJ : Imago Editora.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1978) *Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. D.R.L.A.V., n. 26. p. 91-151.
- BARROS, M. (1990) *Gramática Expositiva do Chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BECKETT, S. (1989) *O Inominável*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- _____ (1992) *Dante ...Bruno ...Vico ... Joyce*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- BENVENISTE, E. (1988) *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes.
- _____ (1989) *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes.
- BOUQUET, S. (2000) *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix.
- BLANCHOT, M. (s/d) *Thomas L'obscur*". Fotocópia.
- BROCH, H. (1992) *A atualidade de James Joyce*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- BURGESS, A. (1994) *Homem Comum Enfim. Uma introdução a James Joyce para o leitor comum*. São Paulo. Companhia Das Letras.
- CABAS, A.G.(1982) *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Editora Moraes.
- CALLIGARIS, C. (1986) *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- CAMPOS, H. (1970) *O poeta da linguística*. In: Jakobson. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____ (1997) *O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua*. In: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, n. 13, dez. p. 3 – 30.
- _____ (1991) *Um relance de dados*. In: Campos (org.). *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva: Coleção Signos, p. 115 – 149;
- _____ (1991) *Lance de olhos sobre Um Lance de Dados*. In: Campos (org.). *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva: Coleção Signos, p 187 – 193.

- _____ (1971) *Panaroma em português*. In: *Panaroma de Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva : Coleção Signos, p.21-25.
- CAMPOS, A e CAMPOS, H. (1971) *Panaroma do "Finnegans Wake"*. São Paulo: Perspectiva. Coleção Signos
- CARUSO, P. (1969) *Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan*. Barcelona : Editorial Anagama.p. 95-124.
- CHATELARD, D.S. (2005) *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Brasília. Editora UnB.
- CHEMAMA, R. (1995) *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- COSTA, A. M.(2002) *Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará.
- _____ (2006) *Sonhos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahae Editor.
- COUTINHO E. F, (1991) *Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem*. In.: Col. Fortuna Crítica. p.202-242. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. RJ.
- DARMON, M. (1994) *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- DERRIDA, J. (1992) *Duas palavras por Joyce*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- _____ (1971) *Freud e a cena da escritura*. In.: A escritura e a diferença. São Paulo. Editora Perspectiva.
- DUFOUR, D-R. (2000) *Os Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____ *O Espelho Sofiânico de Bohème* . Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- ELLMANN, R. (1989) *James Joyce*. São Paulo. Editora Globo.
- FLEIG, M. (2005) *A Fala e sua Função em Psicanálise*. Congresso Internacional Linguagem e Interação; PPG-Linguística Aplicada e PPG-Filosofia, UNISINOS.
- FLORES, V. (1999) *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre : EDIPUCRS.
- _____ (2006) *Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação* Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Volume 20, Número 40-41, p. 61-76
- FRANK, J. (1992) *Pelo Prisma Russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- FREUD, S. (1981) *Obras completas*. Tomo I. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- _____ (1981) *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- _____ (1981) *Obras completas*. Tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- GARCI-ROZA, L.A. (2001) *Introdução à metapsicologia freudiana 1. Sobre as afasias e o projeto de 1985*. 5ª ed. Rio de Janeiro - RJ : Jorge Zahar Editor.
- _____ (1991) *Introdução à metapsicologia freudiana 2. A interpretação do sonho (1900)*. 1ª ed. Rio de Janeiro - RJ : Jorge Zahar Editor.

- _____ (1995) *Introdução à metapsicologia freudiana 3. Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917)*. 1ª ed. Rio de Janeiro - RJ : Jorge Zahar Editor.
- GIROUD, F.; BRISSAC, M-P.; LAURENT, E.; COLETTE, S. (1998) *Lacan, você conhece?* Palestras do encontro Jacques Lacan. SP. Cultura Editores Associados.
- GRANON-LAFONT, J. (1990) *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- HARARI, R. (2003) *Como se chama James Joyce. A partir do seminário Le Sinthome de Lacan*. Salvador - Bahia : Ágalma e Rio de Janeiro - RJ : Companhia de Freud. Coleção Discurso psicanalítico.
- _____ (2003b) *As dissipações do inconsciente*. Porto Alegre: CMC Editora.
- _____ (2001) *O que acontece no ato analítico ? A experiência da psicanálise*. Rio de Janeiro - RJ : Companhia de Freud
- _____ (2006) *Por que não há relação sexual*. Rio de Janeiro. Companhia de Freud.
- HOLANDA, A. B. (1986) *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revisada e ampliada.
- ISSACS, A. e MARTIN, E. (1985) *Org. Dicionário de Música*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- JAKOBSON, R. e POMORSKA, K. (1980) *Diálogos*. São Paulo: Cultrix.
- JAKOBSON, R. (1969) *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- _____ (1996) *El marco del lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, Lengua y Estudios Literarios.
- _____ (1992) *Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal*. México: Fondo de Cultura Económica, Lengua y Estudios Literarios.
- _____ (1977) *Seis lições sobre o som e o sentido*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1972) *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- JOYCE, J. (1999) *Finnegans Wake / Finnicus Revém. Livro I*. Introdução, versão e notas de Donald Schüler. Porto Alegre : Casa de Cultura Guimarães Rosa e São Paulo : Ateliê Editorial.
- _____ (1980) *Ulisses*. Trad. Antônio Houaiss. São Paulo. Abril Cultural.
- _____ (1985) *Giacomo Joyce*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo : Editora Brasiliense.
- _____ (1987) *Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.
- _____ (1993) *Dublinenses*. São Paulo : Editora Siciliano.
- JULIEN, P. (1993) *O retorno a Freud de Jacques Lacan – a aplicação ao espelho*. Porto Alegre : Artes Médicas.
- KENNER, H. (1992) *O Organizador*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- KIEFER, B. (1990) *História e significado das formas musicais*. Porto Alegre-RS. Editora Movimento.

- _____ (1985) *Música Alemã. Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Schumann.* Porto Alegre-RS. Editora Movimento.
- LACAN, J.([1966]1989). *Escritos 1.* México : Siglo Veintiuno Editores.
- _____ ([1966]1988) *Escritos 2.* México : Siglo Veintiuno Editores.
- _____ ([1966]1998) *Escritos.* Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1966]1978) *Escritos.*São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Debates.
- _____ (2003) *Outros Escritos.* Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor. Campo Freudiano no Brasil.
- _____ ([1971]1986) *Lituraterra.* In.: Che vuoi ? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano um , nº um, p.17-32.
- _____ ([1974]1986) *A terceira.* In.: Che vuoi ? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano um , nº. zero, out., p.16 – 42.
- _____ ([1975]1986) *Joyce o sintoma.* Portugal. Ed. Escher.
- _____ ([1955-56]1985) *O seminário - livro 3 : As psicoses.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1957-58]1998) *O seminário - livro 5 : As formações do inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1958-59]1998) *O seminário - livro 6 : O desejo e sua interpretação.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1960-61]1992) *O seminário - livro 8 : A transferência.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____ ([1961-62]inédito) *O seminário - livro 9 : A identificação.* Inédito.
- _____ ([1964]1979) *O seminário - livro 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1966-67]inédito) *O seminário - livro 14 : A lógica do fantasma.* Inédito.
- _____ ([1967-68]inédito) *O seminário - livro 15 : O ato psicanalítico.* Inédito.
- _____ ([1968-69]inédito) *O seminário - livro 16 : De um Outro ao outro.* Inédito.
- _____ ([1969-70]1992) *O seminário - livro 17 : O avesso da psicanálise.* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1970-71]1996) *O seminário - livro 18 : De um discurso que não seria do semblante.* Publicação não comercial. Centro de Estudos Freudianos de Recife.
- _____ ([1972-73]1982) *O seminário - livro 20 : Mais, Ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ ([1974-75]inédito) *O seminário - livro 22 : R.S.I.* Inédito.
- _____ ([1975-76]inédito) *O seminário - livro 23 : O sintoma.* Inédito.
- _____ ([1975-76] 2007) *O Seminário – livro 23: o sintoma.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- LAIA, S. (2001) *Os escritos fora de si. Joyce, Lacan e a Loucura.* Belo Horizonte : Autêntica. Faculdade de Ciências Humanas. FUMEC.

- LALANDE, A. (1996) *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- LEITE, N. (2006) *As letras da transmissão*. II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1974) *Introdução à obra de Marcel Mauss*. In.: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP.
- _____ (1989) *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MAJOR, R. (2002) *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- MARINI, M. (1990) *Lacan a trajetória de seu ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- MAUSS, M. (1974) *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP.
- MEDEIROS, P. (1997) *Um certo saber de Sócrates e o não saber do analista*. In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, n. 6, jun., p. 3 – 51.
- MELMAN, C. (1991) *Estrutura lacaniana das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____ (2004) Org. *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro. Companhia de Freud.
- MILNER, J-C. (1987) *O amor da língua*. Porto Alegre : Artes Médicas.
- _____ (1996) *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (1999) *Los nombres indistintos*. Argentina : Manantial.
- _____ (1998) *Lacan, pensamento e saber*. In.: Giroud, F. (org.) Lacan, você conhece? Palestras do encontro Jacques Lacan. Cultura Editores Associados. p. 153-159.
- _____ (2003) *El periplo estructural. Figuras e paradigmas*. Buenos Aires. Amorrortu editores.
- MILLER, J-A (1996) *Matemas 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Campo Freudiano no Brasil.
- NASIO, J.D. (1991) *Os olhos de Laura – o conceito de objeto a na teoria de J.Lacan. Introdução a topologia psicanalítica*. Porto Alegre : Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- NESTROVSKI, A. (1992) *James Joyce. A crítica da música*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- NORRIS, M.(1992) *A estrutura Narrativa*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- POMMIER, G. (1990) *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PORGE, E. (1998) *Os nomes do pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro - RJ : Companhia de Freud.
- _____ (1998) *Psicanálise e tempo – o tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro - RJ : Companhia de Freud.
- _____ (2006) *Jacques Lacan, um psicanalista. percurso de um ensino*. Brasília. editora UnB.

- QUINET, A. (2000) *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- RABATÉ, J-M. (1992) *Broch e Joyce*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro –RJ : Imago Editora.
- REGANULT, F. (1985) Dieu est inconscient. Paris: Navarin. p. 98 – 101.
- RICKES, S.M. (2006) *No fio da palavra*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Volume 20, Número 40-41, p. 17 - 28
- ROUDINESCO, E. ; PLON, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SAUSSURE, F. (1975) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SCHÄFFER, M. “Eu” conta a “tu” histórias que ouviu d’ele”. *Quem é ele ?* Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 4, dez/2001. P. 69-95.
- SCHÄFFER, M.; SETTINERI, F.; BARBISAN, L.; TEIXEIRA, M.; NÓBREGA, M.; FLORES, V.N.; BRAUER, M.(2002) *A constituição da subjetividade: a questão do significantes*. In: Aventuras do Sentido: Psicanálise e Lingüística. Schäfeer, M.; Flores,V.N.; Barbisan, L. (org.) Porto Alegre. EDIPUCRS.
- SCHÜLER. D. (1997) *Um lance de nadas na épica de Haroldo*. In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, Set., p. 31 – 58.
- SETTINERI, F. *Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem na interpretação psicanalítica*. In.: SCHÄFFER, M. (Org.) As aventuras do sentido: psicanálise e lingüística. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 247 – 364.
- SOLER, C. (1998) *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro : Contracapa.
- SOUZA, A.M. (2003) *Precisões clínicas em psicanálise*. Fotocópia.
- _____ (1985) *Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo)*. Porto Alegre : Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- _____ (1988) *Transferência e interpretação – ensaio clínico lacaniano*. Porto Alegre : Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- _____ (1996) *Os impasses do amor*. Porto Alegre : Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico.
- _____ (1987) *Sobre a interpretação e a finitude da análise*. In.: Che vuoi ? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano dois , n°. 3 e 4, p. 49 – 65.
- _____ (1987b) *Empoetamento*. Revista *Che vuoi?* Psicanálise e cultura. Porto Alegre. P.7.
- _____ (1996) *A questão do sujeito: ensaio de psicanálise infame – existiria incompatibilidade entre o sujeito poético e o sujeito da ciência ?* In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, Set., p. 1 – 20.
- _____ (1997) *Delírios: a porosidade da língua na aeração da linguagem*. In: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, Dez., p. 4 – 63.
- SOUZA, A.S. (2003) *Os Discursos na psicanálise*. Riode Janeiro. Companhia de Freud.
- TAGLIAFERRI, A. (1992) *Joyce e Beckett: Leitura terminável e Interminável*. In.: Riverrun: ensaios sobre James Joyce (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro – RJ : Imago Editora.

- TEIXEIRA, M. (1999) *O objeto língua: uma unidade constituída pela ausência*. In.: Letras de Hoje. Porto Alegre, vol.34,nº2, p.31 – 64
- _____ (2000) *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- TROCAN, L. (2005) *Dialética do SER e do REAL na poesia francesa*. Oficina Editorial. Instituto de Letras UnB. Brasília.
- TROIS, J.F.M. (2003) *Interrogações sobre uma falta comum: o sintoma na fala*. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Linguística e o sintoma da/na fala na aquisição desviante da linguagem*, coordenada por Valdir do Nascimento Flores (UFRGS), no 6º Encontro Nacional Sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1-3 outubro.
- _____ (2004) *Por um nó epistemológico da lingüística e da psicanálise: um estudo sobre Saussure, Jakobson, Benveniste e Lacan*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Teorias do Texto e do Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, atendendo requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.
- VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- WALDMAN, B. (1990) *Poesia ao Réis do Chão*. In.: BARROS, M. Gramática Expositiva do Chão (poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- WALTER, M. (1930) *Freud ais Schriftsteller*. In.: Campos. O afreudisiaco Lacan na galáxia de *lalíngua*. Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, 1997, n. 13, dez. p. 3 – 30.
- WILSON, E. (s/d) *O sonho de H.C. Earwicker*. In.: Raizes da criação literária. (Mimeo).
- WITTGENSTEIN, L.(1987) *Tratado Lógico-Filosófico e Investigações Filosóficas*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- WILSON, E. (inédito) *O sonho de H.C. Earwicker*. In.: Raizes da criação literária. Mimeo.